

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



As duas versões da *Passio S. Cucufatis*
Estudo, edição crítica e tradução

Ivan Paulo Neves Figueiras

Orientador: Professor Doutor Paulo Jorge Farmhouse Simões Alberto

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Estudos Clássicos,
na especialidade de Literatura Latina

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



As duas versões da *Passio S. Cucufatis*
Estudo, edição crítica e tradução

Ivan Paulo Neves Figueiras

Orientador: Professor Doutor Paulo Jorge Farmhouse Simões Alberto

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Estudos Clássicos,
na especialidade de Literatura Latina

Júri:

Presidente: Doutora Maria Cristina de Castro Maia de Sousa Pimentel, Professora Catedrática e
Membro do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Vogais:

- Doutor Paolo Chiesa, Professor Ordinario, Dipartimento di Studi Letterari Filologici e Linguistici, Università di Milano, Itália;
- Doutora Paula Cristina Barata Dias, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
- Doutor Arnaldo Monteiro do Espírito Santo, Professor Catedrático Emérito da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutor Paulo Jorge Farmhouse Alberto, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutor Rodrigo Miguel Correia Furtado, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/78937/2011).

AGRADECIMENTOS

Quero, em primeiro lugar, expressar a minha gratidão ao Professor Paulo Farmhouse Alberto por ter sido um orientador incansável e sempre presente. Devo-lhe, antes de mais, o despertar para a importância fundamental da transmissão textual quando nos propomos abordar com seriedade uma obra antiga e, conseqüentemente, o meu interesse pelo trabalho filológico com base nas fontes manuscritas. Agradeço-lhe, demais, as várias oportunidades de enriquecer a minha investigação fora de Portugal e a ajuda bibliográfica que sempre me facultou prontamente. Não menos importante foi ter-me ensinado a descomplicar o processo de escrita da tese, para mim amiúde tão doloroso, motivando-me constantemente ante as minhas frequentes inseguranças.

Não posso deixar de mencionar o Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, e em particular os seus antigos directores, os Professores Doutores Arnaldo do Espírito Santo e Cristina Pimentel, por tão cedo no meu percurso académico me terem acolhido calorosamente na equipa de investigadores e incentivado o meu trabalho.

A todos os professores, colegas, familiares e amigos que, de alguma forma, me apoiaram nesta fase da minha vida, deixo o meu profundo agradecimento.

A investigação que culminou na presente tese não teria sido possível sem o financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/78937/2011).

RESUMO

O núcleo do presente trabalho consiste no estudo da transmissão textual seguido da edição crítica das duas variantes da *Passio S. Cucufatis*. No caso da versão considerada hispânica (*BHL* 1999), trata-se de apresentar um texto crítico a partir de um conjunto de códices mais alargado do que aquele utilizado nas duas edições do *Passionário Hispânico*. A *passio* é assim abordada como uma peça independente que, após a sua composição, circulou também fora do âmbito daquela colecção hagiográfica de origem peninsular. Quanto à versão catalogada como *BHL* 1998, representando uma reescrita de origem muito provavelmente parisiense, composta no século IX, é aqui objecto de uma primeira edição crítica moderna.

A primeira secção pretende delinear os contextos culturais de que as duas versões da *passio* foram a principal manifestação literária, desde as suas origens na antiga *Barcino* até à sua introdução na Gália carolíngia. Reserva-se o último capítulo aos poucos indícios da presença do culto a São Cucufate no território actualmente português.

Os demais capítulos, precedendo o conjunto crítico de cada variante, procuram oferecer análises textuais mais aprofundadas. Destes destacam-se, pela sua relevância para a compreensão dos textos, a discussão em torno das origens de *BHL* 1999 – questão para a qual possuímos escassos elementos, e o ensaio que tem por objectivo identificar os principais processos que operaram na redacção de *BHL* 1998 a partir de *BHL* 1999, e que poderão revelar alguns dos motivos que levaram o hagiógrafo ao esforço da reescrita.

Palavras-Chave: Hagiografia, Mártires, *Passionário Hispânico*, Transmissão Textual

ABSTRACT

The core of this dissertation consists of a critical edition and a study of the textual transmission of the two versions of the *Passio S. Cucufatis*. Regarding the so-called Hispanic version (*BHL* 1999), I aimed to present a critical text based in a larger group of manuscripts than that used in the two previous editions of the Hispanic Passionary. The *passio* is therefore approached as an independent piece that circulated on its own separately from that peninsular hagiographical collection. As for the version catalogued as *BHL* 1998, which represents a 9th century rewriting most likely of Parisian origin, it is herein treated to its first modern critical edition.

The first section outlines the cultural contexts whose main literary output were the two versions of this *passio*, from its beginnings in Barcelona to its introduction in Carolingian Gaul, including some considerations regarding the scarce traces of S. Cucufas' cult in Portuguese territory.

The chapters introducing the critical text of each variant intend to provide a deeper textual analysis of both versions of the *passio*. Among these, because of their importance to our understanding of the texts, we highlight the discussion concerning the origins of *BHL* 1999, for which we have meagre evidence, and an essay where I endeavour to identify the main processes at work in the composition of *BHL* 1998, which may reveal some of the author's motivations for his rewriting of an older text.

Key words: Hagiography, Martyrs, Hispanic Passionary, Textual Transmission

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
1. O CULTO A SÃO CUCUFATE	4
1.1 Prudêncio	4
1.2 O Martirológio Jeronimiano	5
.....	
1.3 Barcelona e Sant Cugat del Vallès	7
1.4 O culto a Cucufate na Gália carolíngia	12
1.5 Cucufate em Portugal	20
2. A <i>PASSIO</i> HISPÂNICA (<i>BHL</i> 1999)	26
2.1 Uma narrativa tripartida	26
2.2 Os perseguidores	29
2.3 Possíveis modelos da <i>Passio S. Cucufatis</i>	36
2.4 Data da composição	53
3. A TRANSMISSÃO MANUSCRITA DE <i>BHL</i> 1999	60
.....	
3.1 Os códices α (<i>L P2</i>)	66
3.2 Os códices β (<i>P1 M Mo Lo To UP4</i>)	66
3.3 <i>PC 8, perductus est</i> : um erro de copista ou um indício de interpolação tardia?	73
4. <i>BHL</i> 1999: TEXTO CRÍTICO	75
5. <i>BHL</i> 1999: TRADUÇÃO	89
6. PROCESSOS DE REESCRITA DE <i>BHL</i> 1999 A <i>BHL</i> 1998	94
6.1 Antes do martírio: Cucufate e Félix	99
6.2 Transformações semânticas no relato do martírio	109
6.3 Algumas tendências nas transformações estilísticas de ordem lexical e sintáctica	123
7. AS ANTÍFONAS E RESPONSÓRIOS PARA O CULTO DE CUCUFATE EM SAINT-DENIS DE PARIS	128
.....	
8. A TRANSMISSÃO MANUSCRITA DE <i>BHL</i> 1998	130
.....	
8.1 Os códices γ (<i>Fl Ca O Ma Co A P2 B1 B2 B3 Fo H Ch Cl P3 R</i>)	130
8.2 Os códices ϵ (<i>P1 Fe D1 D2 Or¹ Or²</i>)	138
8.3 Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 15437: Um testemunho isolado?	141
8.4 Resumo da circulação de <i>BHL</i> 1998: Uma tentativa de <i>stemma</i>	140
8.5 A transmissão das <i>translationes</i>	143
9. <i>BHL</i> 1998: TEXTO CRÍTICO	144
10. <i>BHL</i> 1998: TRADUÇÃO	162
11. <i>TRANSLATIONES</i> : TEXTO CRÍTICO	170
12. <i>TRANSLADAÇÕES</i> : TRADUÇÃO	175
BIBLIOGRAFIA	176
INDEX LOCORUM SACRAE SCRIPTURAE	186
INDEX LOCORUM	188

INTRODUÇÃO

A publicação, em 1955, da primeira edição do *Passionário Hispânico* por Ángel Fábrega Grau, que se seguiu a um primeiro volume de estudo dado à estampa dois anos antes, foi um marco fundamental para o conhecimento do *corpus* hagiográfico hispânico. Em particular no que respeita ao género das paixões, uma grande maioria dos textos passou a estar disponível pela primeira vez numa edição de contornos críticos modernos.

Concedida esta importância incontestável, os critérios que nortearam o trabalho de Fábrega apresentavam, pelo menos, dois grandes problemas. O primeiro foi desde cedo observado por Manuel Díaz y Díaz¹ e reside na primazia atribuída, sem fundamento filológico sólido, ao *passionário* de São Pedro de Cardeña (London, British Library, Add. 25600). A esta decisão acresce a de se considerarem apenas testemunhos de origem hispânica, isto é, aquém-Pirinéus, deixando de parte manuscritos que representam igualmente o *Passionário*, mas produzidos fora da Península, como o importante *legendário* de Moissac (Paris, BN, lat. 17002).

O segundo não pode ser entendido como um verdadeiro problema se tomarmos a edição de Fábrega por aquilo que pretende ser: o estudo de uma colecção de textos hagiográficos que circulou como tal na Península Ibérica (mas também fora dela) do século VIII em diante. É-o, contudo, para a compreensão das peças individuais contidas no *Passionário*, que existiam já antes da constituição daquela compilação e continuaram a existir fora dela. Para cada uma delas, o *Passionário* representará apenas uma fase concreta, de maior ou menor importância consoante os casos, da sua história independente.

Assim, para que possamos compreender verdadeiramente o lugar do *Passionário* no panorama geral da história da transmissão dos textos que nele foram incluídos, e para que os possamos conhecer enquanto obras com identidade própria, é forçoso levar a cabo um trabalho de edição de natureza diferente, que abarque não só a totalidade dos testemunhos relevantes para cada peça, mas que tenha também em conta todas as formas que um mesmo texto foi assumindo ao longo dos séculos.

¹ M. C. Díaz y Díaz, “Correcciones y conjeturas al *Pasionário Hispánico*”, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 63, 1957, p. 454.

O primeiro esforço neste sentido para a tradição textual hagiográfica dedicada a um mártir hispânico foi realizado por Víctor Saxer para São Vicente. Os resultados, reunidos na obra *Saint Vincent, diacre et martyr. Culte et legendes avant l'An Mil*, publicada em 2002, são, no nosso entender, o modelo por excelência do tratamento exaustivo de um *dossier* hagiográfico, abrangendo o estudo do culto e a edição crítica, segundo critérios filológicos rigorosos, de todas as versões da *passio* e *translationes*.

Até à data, nenhum outro mártir hispânico foi alvo de um estudo semelhante, nem existem edições críticas de outras *passiones* hispânicas de que tenhamos conhecimento². Um trabalho na linha do de Víctor Saxer foi, no entanto, feito por Rosa Manfredonia e Edoardo D'Angelo para a *Passio S. Felicis Nolanis*, texto cuja versão mais difundida parece ser de origem hispânica³.

São Cucufate, mártir menor na paisagem hagiográfica da Península Ibérica pela reduzida difusão do seu culto e pela qualidade pouco excepcional da sua tradição textual, é, todavia, um caso filológico interessante. A existência de apenas duas versões da sua *passio* com âmbitos geográficos bem delimitados é um exemplo claro de como a exportação pontual além-Pirinéus de um culto de origem hispânica se repercute no êxito e na forma do texto que apoia esse culto. A história da sua edição não é muito diferente da de tantos outros relatos de martírio.

Não é a versão hispânica (BHL 1999) a primeira a deixar o pergaminho. Em 1480, quando Bonino Mombrizio publica o seu *Sanctuarium seu Vitae Sanctorum*, é a versão a que chamaremos carolíngia (BHL 1998) aquela que encontramos na coleção hagiográfica quatrocentista. Não seria, no entanto, um texto fiel aos manuscritos, mas antes uma adaptação muito abreviada da *passio* que Mombrizio terá tido à sua disposição nas fontes manuscritas, encabeçada pelo título *Passio Sanctorum Cucufatis et Felicis Martyrum*, também ele desconhecido dos manuscritos.

² Refira-se, porém, o trabalho de José Carlos Martín, que produziu edições críticas de duas versões inéditas da *Passio S. Zoili* e de uma *inuentio*: J. C. Martín, “Dos versiones inéditas de la *Passio S. Zoili* (BHL 9022) y la *inuentio S. Zoili* (BHL 9024d) em manuscritos de origen leonés”, *Habis*, 44, 2013, pp. 305-322.

³ R. Manfredonia, E. D'Angelo, E. (eds.), *La Passione di Felice martire, vescovo di Nola* (BHL 2869), Florença, SISMEL: Edizioni del Galluzzo, 2013.

Cerca de um século mais tarde, Lorenz Sauer incluiria também São Cucufate no santoral do quarto volume do seu *De probatis sanctorum historiis*. Desta feita, encontramos uma versão completa da paixão, com os dois prólogos que Mombrizio omitira, mas com alterações estilísticas assumidas (*mutato passim stylo*) introduzidas por Sauer.

Só em 1775 foi publicada pela primeira vez a versão do Passionário Hispânico, reproduzida num volume póstumo da *España Sagrada* de Henrique Flórez⁴, a partir do manuscrito de São Pedro de Cardena (ex *codigo gothico Caradignensi prope Burgos, nunc primum edita*). Pretendendo facultar um *corpus* completo dos textos sobre o mártir barcelonês, Flórez incluiu também a *passio* carolíngia em duas versões: a de Mombrizio e a de Sauer. Ao texto de Mombrizio acrescentava-se o capítulo final e uma *translatio* com base nos Bolandistas (*Addunt ex Mss. Bolandiani*). A edição preparada por estes últimos foi dada à estampa apenas em 1868, no sexto volume para o mês de Julho dos *Acta Sanctorum*⁵.

Se a edição de Fábrega veio melhorar a qualidade crítica do texto disponível para *BHL* 1999, a sua reescrita carolíngia permaneceu privada de um tratamento filológico moderno. O presente trabalho tem justamente como objectivo seguir os passos de Víctor Saxer, ao fornecer um primeiro texto crítico de *BHL* 1998, acompanhado das duas versões de *translatio* que com ele circularam, bem como uma nova edição de *BHL* 1999, baseada na colação do maior número possível de testemunhos relevantes.

O estudo que enquadra o núcleo filológico procura recuperar de forma aprofundada, tanto quanto a escassa informação existente nos permitiu, a identidade da tradição em torno de São Cucufate, desde as suas origens hispânicas até ao impulso que o seu culto conheceu após a deposição de relíquias em Paris, que fez com que a memória de um mártir local secundário encontrasse o seu lugar na tradição hagiográfica europeia.

⁴ *España Sagrada*, t. XXIX, Madrid, 1775.

⁵ *AA. SS.*, Iul. VI, pp. 161-162.

1. O CULTO A SÃO CUCUFATE

1.1 Prudêncio

Todos aqueles que, de forma mais ou menos demorada, procuraram traçar a história do culto antigo a São Cucufate, viram-se forçados a tomar como ponto de partida a magra alusão ao mártir feita por Prudêncio, em *Peristephanon*, 4, 33-34⁶:

Barchinon claro Cucufate freta
surget et Paulo speciosa Narbo.

Os versos inserem-se no périplo pela geografia martirológica da Hispânia romana com que o poeta prefacia o hino dedicado aos dezoito mártires de Saragossa. O catálogo de mártires configura-se, *grosso modo*, num percurso circular, abrindo com uma significativa menção de Cartago e ao seu eminentíssimo doutor da Igreja e mártir, Cipriano, e terminando também em África, na cidade natal do mártir Cassiano, Tânger. De permeio, as províncias hispânicas. Primeiro a Bética, representada por Córdova, onde foi vertido o sangue venerando de Acisclo, Zoilo e os três mártires Fausto, Genaro e Marcial, não nomeados. Depois, a Tarraconense, província natal de Prudêncio, merecendo menção de três cidades: em Tarragona, Frutuoso e os seus dois companheiros não nomeados, Augúrio e Eulógio; em Girona, Félix, o futuro companheiro de viagem de Cucufate; em Calahorra, também não nomeados, Emetério e Celedónio; por fim, em Barcelona, Cucufate. Este passo faz a transição para a Gália Narbonense, enaltecida por Paulo, em Narbona, e Genésio, em Arles. O trajecto aproxima-se do seu fim passando pela Lusitânia, coroada em Mérida com Eulália, cujo nome é omitido, e pela Cartaginense, onde, na cidade de Complutum, Justo e Pastor receberam a palma do martírio.

Brevíssimo e vago, o testemunho de Prudêncio é tanto mais precioso por ser a única evidência indiscutível para a devoção a Cucufate anterior ao século VII. O texto do poeta hispânico parece dizer-nos que, menos de dois séculos depois do martírio, Cucufate era ainda naquele tempo o único mártir venerado em Barcelona. O caso de

⁶ Para o texto de Prudêncio, seguimos a edição de M. P. Cunningham, *Prudentius Carmina*, Corpus Christianorum Series Latina 167, Turnhout, 1966.

Córdoba, cidade para a qual Prudêncio faz questão de aludir a vários mártires, todos eles com tradições hagiográficas independentes, leva-nos a crer que, se tivesse notícia do culto a Eulália em Barcelona, não teria deixado de a incluir junto a Cucufate. Afigura-se-nos, por outro lado, difícil acreditar que o poeta estivesse mais bem informado a respeito da distante Córdoba do que de uma cidade da Tarraconense, a ponto de desconhecer a existência de uma devoção que nos séculos seguintes acabaria por ter tanto ou mais sucesso do que aquela dedicada a Cucufate.

1.2 O Martirológio Jeronimiano

A presença problemática de Cucufate no Martirológio Jeronimiano (*MH*) não parece ter chamado a atenção de Fábrega Grau nas páginas que dedica ao estudo da tradição textual do santo barcelonês⁷. García Rodríguez⁸, por sua vez, desvaloriza-a ao considerá-la uma provável interpolação tardia influenciada pela transladação de relíquias para a Gália no século VIII. Foi Victor Saxer o primeiro a alertar para a possibilidade de o *MH* conter a segunda mais antiga evidência do culto ao mártir⁹. Mas vejamos, antes de mais, o que nos revela a transmissão manuscrita.

O *dies natalis* de Cucufate é assinalado no mais antigo testemunho do *MH*, o códice Paris, BN, lat. 10837¹⁰, produzido em Echternach entre 703 e 710, sendo ainda abade o seu fundador Willibrord. A primeira referência ocorre na entrada para o dia 15 de Fevereiro (XV Kal. Mart.), com variantes bastante corrompidas quer do nome do mártir quer da cidade de Barcelona: *arciana in spaniis passio locufati*. Em menção menos deturpada, voltamos a encontrar Cucufate na entrada para o dia seguinte, 16 de

⁷ Fábrega Grau 1953.

⁸ García Rodríguez 1966, p. 312-313.

⁹ V. Saxer, “Archéologie et hagiographie à propôs des martyrs de la Tarraconaise inscrits dans le Martyrologe Hiéronymien”, in *III Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica. Maó, 12-17 de setembre de 1988*, Institut d’Estudis Catalans, Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica II, Barcelona, 1994, p. 460. Cf. Também V. Saxer, “Les notices hispaniques du martyrologe hiéronymien: première approche et bilan provisoire.”, in *Spania. Estudis d’antiguitat tardana oferts en homenatge al professor Pere de Palol i Palellas*, Publicacions de l’Abadia de Montserrat, 12, Barcelona, 1996, pp. 238, 240.

¹⁰ CLA 605.

Fevereiro (XIV Kal. Mart.): *in spaniis barcilone natalis cucubatis*. Na entrada para a data tradicional do martírio a 25 de Julho, não há qualquer traço do nome de Cucufate.

As mesmas duas notícias são transmitidas pelo manuscrito Wolfenbüttel, Herzog-August-Bibliothek, Weissenburg 81¹¹, copiado provavelmente no ano 772, talvez em Weissenburg. No dia 15 de Fevereiro (f. 22v), lê-se *uuarciiana in spaniis passio sancti loquumfas*, e no dia seguinte (f. 23r), *in spaniis barcinola passio sanctis quoquofatis*. É igualmente preservada a omissão a 25 de Julho. Um texto muito próximo ao deste testemunho é o apresentado pelo códice Bern, Burgerbibliothek, 289¹², redigido em Saint-Avold, perto de Metz, no primeiro terço do século IX (f. 66).

Um pouco mais tarde, mas ainda na primeira metade do século IX, o nome de Cucufate encontra-se preservado, em redacção mais abreviada, no manuscrito St. Gallen, Stiftsbibliothek, Cod. 914¹³, na entrada para o dia 15 de Fevereiro (p. 244), onde se lê apenas *quoquofates*, desaparecendo, no entanto, do dia 16.

A suposição de García Rodríguez, que mencionámos acima, é invalidada por estas evidências. Se Cucufate se encontra já inserido no texto do códice de Echternach, na primeira década do séc. VIII, então de modo algum podemos pensar numa adição motivada pela primeira trasladação de que temos notícia, a de Fulrado, por volta de 777. De resto, a associação feita pela autora repousa nas estranhas datas em que encontramos o mártir hispânico no *MH*, uma vez que o dia 16 de Fevereiro é referido na bibliografia como a data em que Cucufate seria celebrado em Lièpvre, correspondendo ao dia da *depositio* por Fulrado, segundo uma das versões da *translatio*¹⁴.

A ter havido influência mútua entre as entradas do *MH* e a deposição de relíquias em Lièpvre, esta ter-se-á exercido no sentido inverso. Se a informação fornecida pela *translatio* for fidedigna, Fulrado poderá ter escolhido o dia da *depositio* de acordo com a informação de que dispunha no *MH*¹⁵, desconhecendo muito provavelmente a paixão hispânica ou qualquer outro texto que transmitisse o dia 25 de

¹¹ CLA 1393.

¹² CLA 861; Bischoff, *Katalog*, I, 570.

¹³ Bischoff, *Katalog*, III, 5974.

¹⁴ García Rodríguez cita a data da celebração de Cucufate a 16 de Fevereiro a partir de Georg Schreiber, “Katalanische Motive in der deutschen Volksfrömmigkeit”, in *AST* 12, 1936, p. 92-93: *In leberau vollzog sich die Verehrung des Heiligen am 16. Februar als kultischen. Diese Devotion erhielt sich bis zum Jahre 1542, bis zur Aufhebung des Klosters.*

¹⁵ É também esta a opinião de Saxer.

Julho. Quanto à entrada duplicada no dia 15 de Fevereiro, com as suas lições desfiguradas do antropónimo, se acaso não passasse despercebida, não seria seguramente a escolha mais fidedigna.

Mas quando e porque foi Cucufate associado aos dias 15-16 de Fevereiro, são questões a que, com os documentos de que dispomos, não é possível responder sem especulação, como assume Saxer, pelo menos para a segunda entrada¹⁶. No que diz respeito à datação da notícia, Saxer fá-la remontar a 592-593, isto é, à data da recensão do *MH* produzida em Auxerre, tornando-a, como dissemos, a segunda mais antiga alusão a Cucufate, depois de Prudêncio. Esta data recuada não esclarece, porém, a origem e razão da inserção do mártir no *MH*. Pelo contrário, torna-a mais difícil de compreender. Resta-nos referir a hipótese avançada por Saxer de se tratar de uma primeira transladação para a Gália, da qual nenhum outro vestígio sobreviveu.

1.3 Barcelona e Sant Cugat del Vallès

Embora Barcelona seja confiada, desde Prudêncio, à protecção de Cucufate, a área urbana da capital catalã não produziu, até à data, evidências arqueológicas ou documentais que se refiram explicitamente ao culto antigo do seu patrono.

O texto da versão hispânica da *Passio* é a primeira fonte a situar o martírio no lugar de *Obatiano, quod situm est a ciuitate octabo miliario*. Adiado a discussão em torno das implicações que este passo poderá ter para determinarmos a origem e a data de composição da paixão, centremo-nos por agora na identificação tradicional daquela notícia geográfica com o actual mosteiro de Sant Cugat del Vallès, implantado no local a que as fontes medievais chamam *Octavianum*. Quer possamos ou não ali situar o martírio e o sepulcro de Cucufate, é pelo menos o mais antigo centro hispânico de culto ao mártir confirmado em fontes documentais. É, contudo, uma antiguidade pouco satisfatória, por ser posterior à transladação para a Gália, por um lado, e, por outro, por remeter para um momento em que o centro monástico se encontra na esfera do poder carolíngio.

¹⁶ V. Saxer 1994, p. 460: *Pour celle du 15/16 février, si le 16 est sans doute le jour à retenir, on ne peut émettre que des conjectures sur son object.*

De feito, a primeira alusão à comunidade monástica de San Cugat está contida num documento de 9 de Setembro de 878¹⁷, no qual o monarca carolíngio Luís II confirma à sede de Barcelona, representada pelo bispo Frodoíno, os direitos sobre a *domum sancti Cucuphatis et sancti Felicis, ad locum Octavianum, cum aprisionibus et adiacenciis et omnibus ibidem pertinentibus*. Estas posses atribuídas ao mosteiro são, por sua vez, confirmadas por menção de um documento anterior – *sicut Ostofredus abba per preceptum tenuit* - concedido entre 875 e 877 por Carlos, o Calvo, a Ostofredo, abade de Sant Cugat, e cujo original se perdeu¹⁸. Esta é a primeira e última vez em que vamos encontrar aquela igreja dedicada também a São Félix. Toda a documentação posterior refere-se ao cenóbio como *sancti Cucufatis*.

A convicção de que o corpo do mártir se encontrava em San Cugat é manifesta apenas em quatro documentos anteriores ao ano 1000, datados entre 953 e 959, e todos, excepto o mais recente, redigidos por um certo *Auriolus presbiter*. Os dois primeiros, dos anos 953 e 956¹⁹, referem-se ao destinatário da doação como *ad domum sancti Cucuphatis martir ubi sanctum corpus quiescit in locum que dicunt (H)Octaviano*, enquanto o terceiro, do ano 957²⁰, apresenta a variante *ubi sanctum corpus eius qui estat in locum que dicunt Hoctaviano*. Por fim, no quarto documento, do ano 959²¹, lemos *in cuius baselica corpus eius requiescere uidetur, et est situm in loco que nuncupant omnes Octaviano sicuti et facio*.

Apesar dos limites cronológicos das fontes documentais, duas campanhas de trabalhos arqueológicos²² realizados em San Cugat del Vallès confirmaram que a

¹⁷ M. Pardo i Sabartés, *Mensa episcopal de Barcelona (878-1299)*, Barcelona, Fundació Noguera, 1994, pp. 27-29.

¹⁸ José Rius, *Cartulario de “San Cugat” del Vallés*, t. I, Barcelona, 1945, doc. nº 1, p. 3-4. Ter-se-á perdido após o saque de Barcelona por Almansor, em 985. Num documento de 986, o rei franco Lotário confirma de novo as posses do mosteiro. Os diplomas precedentes são atribuídos ao próprio Carlos Magno e a Luís, talvez o Piedoso, que voltam a ser referidos em documento do ano 1012.

¹⁹ José Rius 1945, doc. 34 e 43.

²⁰ José Rius 1945, doc. 50.

²¹ José Rius 1945, doc. 61.

²² A primeira campanha de escavações, dirigida por Pere Bosch-Gimpera, decorreu entre 1931 e 1936, tendo sido interrompida pelo início da Guerra Civil. Os resultados, cujo estudo aprofundado nunca chegou a ser dado à estampa, e em particular um conjunto fotográfico da

ocupação do lugar de implantação do actual mosteiro remonta pelo menos ao período alto-imperial, de que apenas restam vestígios dispersos. A primeira estrutura definida consiste num forte romano que terá começado a ser edificado no segundo quartel do século IV, de acordo com os resultados da segunda intervenção arqueológica²³.

No interior deste recinto muralhado, na área do claustro do mosteiro posterior, desenvolveu-se, em meados do século V, um complexo funerário que acaba por assumir a configuração de uma basílica cristã com abside. Na sua fase inicial, trata-se simplesmente de uma sala rectangular funerária, de cujo muro lateral, na extremidade norte, se destaca uma pequena câmara sepulcral. Na sua leitura dos registos da primeira campanha de escavações, Barral i Altet considera que esta construção, que designa por mausoléu, é anterior à sala rectangular. Assim, quando da edificação desta última, Barral i Altet crê entrever um esforço de preservação da primeira estrutura. Para o autor, este aparente sinal de reverência apontaria para a presença ou a crença na presença de uma sepultura de grande importância, como a de um mártir²⁴. A construção da nave da futura basílica nasceria assim de um contexto de *depositio ad martyrem*. Esta hipótese sedutora é, contudo, rejeitada pelos responsáveis pela intervenção de 1993-1994. Segundo as relações estratigráficas verificadas pelos arqueólogos, nave e mausoléu terão tido uma construção contemporânea²⁵.

A evolução arquitectónica da basílica ter-se-á prolongado até ao século VI, mas após a fase de construção iniciada em meados do século V, o registo arqueológico torna-se de difícil datação, pelo que é difícil avaliar a vitalidade do centro cultural em

intervenção arqueológica, foram interpretados e sintetizados por Xavier Barral i Altet, no artigo “La basilique paléochrétienne et visigothique de Sant Cugat del Vallès (Barcelone). Dossier archéologique et essai d’interprétation.”, *Mélanges de l’Ecole française de Rome. Antiquité*, t. 86, n° 2, 1974, pp. 891-928. Novas escavações só tiveram lugar na década de 90, nos anos 1993 e 1994, culminando na publicação dos resultados em dois artigos de conteúdo essencialmente idêntico, motivo pelo qual nos referiremos apenas ao mais recente: Artigues, P. L., M. Blasco, E. Riu-Barrera e M. Sardá, “La fortaleza romana, la basílica i el monestir de Sant Cugat del Vallès o d’Octavià (Cataluña). Les excavacions de 1993-1994, *Annals de l’Institut d’Estudis Gironins* 37, *Hispania i Roma. D’August a Carlmay. Congrès d’Homenatge al Dr. Pere de Palol*, Girona, pp. 1081-1115.

²³ Artigues et al. 1996-1997, p. 1095.

²⁴ Barral i Altet 1974, p. 898.

²⁵ Artigues et al. 1996-1997, p. 1098.

período visigótico. É, assim, impossível precisar em que momento terá assumido os contornos monásticos com que emerge nas fontes documentais sob a invocação dupla de Cucufate e Félix somente no século IX²⁶. A antiguidade desta associação aos dois mártires tarraconenses permanece também, forçosamente, por determinar.

Nesta última questão, Artigues et al.²⁷ assumem uma posição radical, ao defenderem que a identificação de Sant Cugat com o local de martírio de Cucufate é uma elaboração não anterior ao século IX, que terá por sua vez motivado a inserção no texto da *passio* do pormenor da sepultura em *Octavianum*, fazendo portanto de *BHL* 1999 uma composição do século IX. Os argumentos apresentados partem da possibilidade da existência de uma *passio* primitiva, sugerida por Fábrega Grau. Os arqueólogos, porém, levam ao extremo as palavras do editor do *Passionário Hispânico*, falando da existência de várias versões primitivas, cada uma resultando de acrescentos sucessivos à versão anterior. Em momento mais oportuno, discutiremos a necessidade de pressupor ou não uma *passio* primitiva. Por agora, diremos apenas que os argumentos apresentados por Artigues et al. carecem de bom senso crítico, sendo por vezes baseados numa leitura inaceitável de alguma da tradição textual sobre o mártir de Barcelona²⁸.

Mesmo rejeitando a argumentação, não afastamos por completo a hipótese de a associação de San Cugat del Vallès ao local da morte de Cucufate ser uma construção

²⁶ Artigues et al. 1996-1997, pp. 1103-1104.

²⁷ Artigues et al. 1996-1997, pp. 1085-1089.

²⁸ Para além do argumento do silêncio dos textos litúrgicos em relação a alguns episódios transmitidos pela *passio*, que abordaremos ao falar da datação deste texto, os arqueólogos dos trabalhos da década de 90 fazem afirmações surpreendentes. Talvez a mais incompreensível seja a de que o hino a São Cucufate transmita uma versão primitiva do martírio, que desconhecisse quer outro suplício que não o do fogo, quer a morte por decapitação (Artigues et al. 1996-1997, p. 1087). Semelhante afirmação só pode resultar ou da não leitura da totalidade do hino ou de uma fraca compreensão da língua latina, já que o hino alude a todos os tormentos da *passio* e que o verso 35 fala explicitamente da cabeça decepada de Cucufate (*decisi capitis*). Do mesmo modo, a ideia de que muitas fontes anteriores ao século IX apresentem Cucufate como natural de Barcelona (Artigues et al. 1996-1997, p. 1089) não tem qualquer fundamento textual. Por fim, não podemos deixar de sorrir quando os mesmos autores sugerem que a multiplicação dos suplícios na versão tardia da *passio* talvez correspondesse a uma necessidade de justificar a presença de relíquias em vários centros de culto.

carolíngia ou, pelo menos, de ter sido especialmente promovida neste período, em virtude da presença de relíquias em Saint-Denis. Isto poderia até explicar o desaparecimento de São Félix enquanto patrono da fundação monástica, com o fim de trazer Cucufate para primeiro plano, sem implicar, porém, que o mosteiro não pudesse estar sob a protecção de ambos os mártires muito antes da segunda metade do século IX.

Outras localizações para o sepulcro original de Cucufate têm sido propostas. A desaparecida igreja de Sant Cugat del Rec²⁹ é associada, na sua carta de doação de 1023, ao local onde Cucufate terá sofrido o suplício da fogueira, *extra ciuitatem* segundo a *passio*³⁰. Alguns anos mais tarde, o monge Garcies de Cuixà, em carta redigida entre 1043 e 1046, inclui Cucufate no elenco das relíquias preservadas naquela mesma igreja³¹. Uma sepultura encontrada na área adjacente à igreja poderá apontar para uma origem tardo-antiga³².

Não muito longe do local de implantação de Sant Cugat del Rec, situa-se a Praça d'Antoni Maura, onde, em 1954, foi trazida à luz do dia parte de uma *uilla* romana, sobre a qual foi edificada, no século V, uma estrutura funerária absidal com várias inumações. Uma destas destaca-se por possuir uma laje funerária em mosaico, representando no seu centro uma coroa de cor púrpura com as letras alfa e ómega. Tem, por este motivo, sido interpretada como a sepultura de um eminente personagem cristão, cuja veneração terá dado origem à área funerária em seu torno³³. Tal como no caso da estrutura de Sant Cugat del Vallès, uma datação do século V não permite, obviamente, pensar que estejamos perante a sepultura original de um mártir da Grande Perseguição como Cucufate.

²⁹ Erguia-se, antes da sua destruição em 1936, na actual Praça de Sant Cugat, em Barcelona.

³⁰ Artigues et al. 1996-1997, p. 1088.

³¹ E. Junyent, *Diplomataris i escrits literaris de l'abat i bisbe Oliba*, Anscari M. Mundó (ed.), Institut d'Estudis Catalans, Barcelona, 1992, p. 376.

³² Cf. R. Járrega, "Transformaciones urbanísticas a las ciutats de la costa central catalana durant l'Antiguitat Tardana", VI Reunión de Arqueología Cristiana Hispánica (Valencia, 2003), Barcelona, 2005, p. 155.

³³ J. Beltrán de Heredia, "La cristianización del suburbium de Barcino, in D. Vaquerizo (ed.), *Las áreas suburbanas en la ciudad histórica. Topografía, usos, función*, Monografías de Arqueología Cordobesa 18, Grupo de investigación Sísifo de la Universidad de Córdoba, Córdoba, 2010, pp. 382-384.

Ante este panorama delineado pelas fontes textuais e pelo registo arqueológico, julgamos ser mais sensato aceitar que quase tudo permanece em aberto quanto à localização original de um sepulcro martirial atribuído a Cucufate pela comunidade cristã da *Barcino* dos séculos IV e V. Não cremos que o facto de fontes poéticas e litúrgicas, como Prudêncio e o hino visigótico, mencionarem simplesmente Barcelona exclua forçosamente Sant Cugat del Vallès como primeiro centro de culto. Inversamente, a inexistência de fontes epigráficas e documentais anteriores ao século IX, que especifiquem o lugar do martírio e da inumação de Cucufate, não permite que ponhamos de parte a hipótese de uma origem tardia da ligação a Sant Cugat, que se teria introduzido no texto de uma *passio* preexistente. Mas a esta última questão, voltaremos de forma mais aprofundada.

1.4 O culto a Cucufate na Gália carolíngia

A trasladação de relíquias de São Cucufate para a Gália, primeiro para a Alsácia e depois para Saint-Denis de Paris, são os únicos momentos bem atestados da difusão do culto do mártir para fora da Península Ibérica e da Narbonense³⁴. Contudo, a origem precisa das relíquias e o contexto da sua aquisição permanecem por esclarecer, pesem embora as fabulações tecidas em torno da trasladação a partir do século XIII. No presente capítulo, interessa-nos sobretudo considerar os testemunhos mais antigos da presença de relíquias de Cucufate em território carolíngio a partir, pelo menos, da segunda metade do século VIII. Inevitavelmente, repetiremos em grande medida a exposição já feita por Baudouin de Gaiffier³⁵, à qual poderemos acrescentar apenas algumas considerações suscitadas pelo nosso estudo da tradição manuscrita de *BHL* 1998.

A mais antiga menção da presença de relíquias de Cucufate fora da Hispânia encontra-se no testamento de Fulrado, abade de Saint-Denis de 750 até à sua morte em

³⁴ Da presença do culto a Cucufate no território da Narbonense apenas restam as evidências toponímicas de Saint-Couat-D'Aude e Saint-Couat-du-Razès, comunas do departamento de Aude.

³⁵ B. de Gaiffier, "Relations religieuses de l'Espagne avec le Nord de la France. Transferts de reliques (VIII^e-XII^e), in *Recherches d'hagiographie latine*, Bruxelas, 1971, pp. 8-11.

784. Nas várias versões deste documento redigido por volta do ano 777³⁶, e no qual o arcebispo de Carlos Magno lega parte dos seus bens a Saint-Denis, Fulrado afirma que Cucufate repousa numa sua fundação monástica (*cella*) em Lièpvre, na Alsácia³⁷:

Versões A e C (ChLA XVI 623 e ChLA XVI 624):

et tertia cella infra vasta Vosgo edificavi, ubi sanctus Cocouatus requiescit, super fluvium Laima, quae dicitur Fulrado cella.³⁸

Versão B (ChLA XVI 622):

et tertia cella infra vasta Vosago, quem aedificavi, ubi sanctus Cucufatus et sanctus Alexander martyres requiescunt.

Não voltamos a encontrar as relíquias de Cucufate nas fontes até à segunda metade do século IX, entre 855 e 860³⁹, quando Adon, na primeira recensão do seu martirologio, remata a entrada que dedica ao mártir hispânico com uma alusão à trasladação para Paris:

Unde postmodum translatum non longe a Parisiorum ciuitate, in ecclesia beatorum martyrum Dionysii, Rustici et Eleutherii cum honore tumulatum est.

Do ano 862 data um acto de Carlos, o Calvo, em que Cucufate é mencionado entre os santos cujas relíquias se encontram em Saint-Denis:

Refectiones fratribus, quas pia memoriae Hludovicus abba nobiliter ordinavit atque constituit de praefixis ministerialibus in festivitibus sanctorum quorum corpora in hoc loco sunt humata, hoc est sancti Dionysii, sancti Ypoliti, sancti Innocentii, sancti

³⁶ Ver uma discussão das várias datações possíveis entre 776 e 778 em A. Stoclet, *Autour de Fulrad de Saint-Denis (v. 710-784)*, Genebra, 1993, pp. 5-7.

³⁷ Citamos a partir de Stoclet 1993, p. 9, n. 2. Gaiffier cita a variante de A-C.

³⁸ Acto n° 2949 in *Chartes originales antérieures à 1121 conservées en France*, Cédric Giraud, Jean-Baptiste Renault et Benoît-Michel Tock, eds., Nancy : Centre de Médiévistique Jean Schneider; edição electrónica : Orléans : Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, 2010. (Telma).

³⁹ J. Dubois, G. Renaud 1984, p. xx.

Cucuphatis atque anniversario Dagoberti regis ex Auriciaco inrefragabiliter subministrentur.⁴⁰

Neste ponto do documento, como Gaiffier notou, deve ler-se *Hilduinus* em lugar de *Hludovuicus*, uma vez que Ludovico, sucessor de Hilduíno, se encontrava em vida e era abade de Saint-Denis em 862, sendo correctamente nomeado em outros momentos do referido acto.

Por fim, a trasladação é novamente referida num texto composto entre 860 e 877⁴¹, a *Translatio Sanctae Pusinnae*, quando, no parágrafo 4, Hilduíno é mencionado, a seguir a Eginardo, como exemplo de um eminente promotor do culto aos santos por meio da veneração de relíquias:

Hilduinus etiam religiosus quondam et famosus abbas monasterii sancti Dionysii martyris et sacri palatii ea tempestate archicapellanus, beati Sebastiani martyris a memorata regione, et sancti Tiburtii, ut ferunt, sed et sanctorum martyrum Cucufatis et Innocentii, qui fuerant beati Mauritii socii, ab Hispanis Burgundiaque cum honore summo transferre curavit.

Este conjunto de testemunhos, confirmando a existência de relíquias de Cucufate na Gália desde o séc. VIII, diz-nos, contudo, pouco sobre como aquelas ali chegaram. Do testamento de Fulrado apenas podemos depreender que ele as tinha deposto em Lièpvre, mas não onde e como as obtivera. Adon de Viennes e o autor anónimo da *Translatio S. Pusinnae* afirmam a origem hispânica das relíquias. Mas se Adon conhecia certamente uma *passio*, o mesmo não podemos dizer do autor do segundo texto, que, inexplicavelmente, faz de Cucufate um companheiro de Maurício, mártir de *Acaunum* (Saint-Maurice, Valais, Suíça)⁴². Mais difícil é dizer com certeza se Adon

⁴⁰ Acto n° 3019, l. 16, in *Chartes originales antérieures à 1121 conservées en France*, Cédric Giraud, Jean-Baptiste Renault et Benoît-Michel Tock, eds., Nancy: Centre de Médiévistique Jean Schneider; edição electrónica: Orléans : Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, 2010. (Telma); Tessier, G., *Recueil des Actes de Charles II le Chauve*, t. 2, Paris, 1952, p. 63.

⁴¹ MGH SS 2, p. 682.

⁴² A *passio* da autoria do bispo Euquério de Lyon diz o seguinte a respeito dos nomes dos companheiros de martírio de Maurício: *Haec nobis tantum de numero illo martyrum sunt*

conhecia os nomes dos responsáveis pelas trasladações, Fulrado e Hilduíno, omitindo-os por motivos de concisão, ou se os omitiu por desconhecimento.

Apenas a *Translatio S. Pusinnae* responsabiliza directamente Hilduíno, abade de Saint-Denis de 814 a 841 e arquiapelo de Luís o Piedoso desde 819, pela obtenção das relíquias na Hispânia, criando um problema no confronto com o testamento de Fulrado. Se Hilduíno foi responsável pela trasladação de relíquias de Cucufate da Hispânia para Paris, então estas não poderiam ser as mesmas a que Fulrado se referia cerca de 37 anos antes. Dado o desconhecimento que o autor da *Translatio* parece demonstrar a respeito da identidade de Cucufate, não surpreende que desconhecesse também o papel de Fulrado, cuja menção seria, de resto, irrelevante no contexto em que Hilduíno é citado.

A acção dos dois abades de Saint-Denis é, porém, conciliada na versão longa da *translatio* que circulou, em alguns manuscritos, com a *passio BHL* 1998. Neste texto, a Fulrado é atribuída a aquisição do corpo de Cucufate na Hispânia e a sua deposição, no dia 16 de Fevereiro, na *cella* de Lièpvre, propriedade de Saint-Denis. Quanto a Hilduíno, coube-lhe transferir, a 25 de Agosto de 835, as relíquias da Alsácia para Saint-Denis, colocando-as, segundo a *translatio*, aos pés das de São Dionísio e dos seus companheiros Rústico e Eleutério, na cripta que mandara edificar dedicada à Virgem⁴³.

Esta notícia de contornos plausíveis, precisando datas que nenhum dos textos acima citados menciona, é, todavia, difícil de situar no tempo com exactidão. Gaiffier pôde apenas sugerir um *terminus post quem* com base no imperfeito *erat* referindo-se a Hilduíno, que aponta para uma composição posterior à sua morte, ocorrida em ano incerto entre 840 e 855⁴⁴. O bolandista não teve, contudo, oportunidade de estudar aprofundadamente a tradução manuscrita da paixão e da *translatio*, de que diz ter observado uma dezena de testemunhos e consultado as descrições de outros em catálogos⁴⁵, limitando-se por isso a afirmar que a relação da versão longa da *translatio* com a *passio* só poderia ser eventualmente estabelecida após um estudo completo da

comperta nomina: id est beatissimorum Mauricii, Exsuperii, Candidi atque Victoris; caetera uero nobis quidem incognita. (MGH SS rer. Merov. 3, p. 38).

⁴³ Esta capela foi erigida no ano 832.

⁴⁴ Gaiffier 1971, p. 10.

⁴⁵ Gaiffier 1971, p. 10, n. 3.

transmissão de ambas⁴⁶. Tendo sido agora levado a cabo por nós o trabalho de edição crítica quer da paixão quer da *translatio*, o que podemos acrescentar à discussão sobre a datação da segunda é, na verdade, muito pouco.

Do conjunto de 23 manuscritos que colacionamos para *BHL* 1998, apenas 13 contêm uma de duas versões de *translatio*. O testemunho mais antigo, o códice Paris, BN, lat. 5310, do século IX, encontra-se entre os que não transmitem qualquer alusão à trasladação.

O códice mais antigo a transmitir uma *translatio* – Orléans, BM, 331 (280) – data do século X e contém a versão breve da notícia de trasladação. Este texto vago, que omite os nomes de Fulrado e de Hilduíno, apresenta-se muito próximo da ainda mais breve notícia de Adon. Não é, contudo, possível estabelecer se foi Adon que o retomou abreviado no seu martirologio, ou se, inversamente, foi a notícia de Adon a ser reelaborada para acompanhar uma cópia da paixão⁴⁷.

A versão longa só se encontra atestada a partir do século XI. Deste século datam os códices Paris, BN, lat. 11884, de Saint-Maur-des-Fossés, e Paris, BN, lat. 15437, produzido em Paris. A proveniência destes dois testemunhos sugere uma origem parisiense para a *translatio* longa, provavelmente em Saint-Denis, o que explicaria o seu maior grau de pormenor e de coerência em relação às fontes anteriores já citadas. A remissão *ut diximus*, que se refere ao dia da inumação de Cucufate mencionado no parágrafo final da *passio*, parece identificar o autor desta última com o da *translatio*. Este elemento textual não é, porém, prova contundente de que a *translatio* tenha sido redigida como parte integrante de *BHL* 1998 pelo hagiógrafo responsável por esta última. Por outro lado, parece pelo menos confirmar que a *translatio* foi composta com o fim de acompanhar a *passio*, à qual se encontra textualmente ligada pela expressão *ut diximus*. Assim, mesmo que situemos o seu autor em Saint-Denis, provável local da composição da própria *passio*, este pode ter composto a *translatio* tão tarde quanto o século XI a partir de tradições anteriores ali preservadas, introduzindo aquela remissão para conferir maior unidade ao conjunto, ainda que uma unidade forjada.

⁴⁶ Gaiffier 1971, p. 10: *Dès lors le problème de son appartenance à la rédaction primitive ne pourra être tranché que par l'étude des témoins.*

⁴⁷ Cf. J. Dubois, G. Renaud 1984, p. 235. Os editores, em nota à entrada de Cucufate, comentam a possibilidade de atribuir a notícia a Adon: *La finale, consacrée à la translation de 835 alors toute recente, peut être d'Adon.*

A julgar por aquilo que o autor da *translatio* nos diz, e também pelo que fica por dizer, estas hipotéticas fontes parisienses documentariam melhor a trasladação feita por Hilduíno. Como vimos, para esta é-nos dada uma data precisa, o dia 25 de Agosto do ano 835. Já Gaiffier comentara que nada obsta à veracidade desta datação, ainda que o dia 25 de Agosto não esteja associado a Cucufate em nenhum calendário litúrgico conhecido⁴⁸. Talvez Hilduíno, não tendo tido oportunidade de realizar a deposição das relíquias no *dies natalis* de Cucufate, a 25 de Julho, tenha julgado apropriado fazê-la exactamente um mês depois.

As dificuldades emergem sobretudo em torno dos pormenores da primeira trasladação por Fulrado. O ano em que se deu a trasladação para a Alsácia parece ter sido desconhecido do autor da notícia. Acaso tenha consultado o testamento de Fulrado, este dizia-lhe que as relíquias estavam em Lièpvre por volta do ano 777, mas não em que ano foram para ali levadas. Mais problemática é a atribuição da deposição em Lièpvre ao dia 16 de Fevereiro. Embora Gaiffier afirme que esta data também não se encontra nos calendários litúrgicos, é justamente na entrada de 16 de Fevereiro que encontramos Cucufate no códice de Echternach do Martirológio Jeronimiano, Paris, BN, lat. 10837, de inícios do século VIII, que transmite a redacção do martirológio originária da Borgonha, de finais do século VI. Tivemos já oportunidade de comentar a interpretação avançada por Saxer, que sugere que se trate de uma antiga trasladação para lugar incerto da Gália, anterior aos finais do século VI. Fulrado, encontrando-se na posse de relíquias do mártir de Barcelona e não dispondo de nenhuma outra fonte de informação sobre o seu culto que não aquela contida no martirológio, teria escolhido aquele dia para a deposição, pensando porventura que se tratasse do *dies natalis*.

Por sedutora que esta hipótese possa parecer, carece, todavia, de elementos que a comprovem. A *translatio* é a única fonte antiga a associar esta data à trasladação para Lièpvre, mas para além desta mesma data o autor não parece saber mais do que aquilo que é dito no testamento de Fulrado. Conheceria o autor da *translatio* uma fonte onde este dia já aparecia associado à trasladação? Ou, tendo conhecimento de uma celebração em honra de Cucufate em Lièpvre neste mesmo dia, terá suposto que aquela seria a data da antiga deposição levada a cabo por Fulrado? Cremos ser impossível sair do campo da especulação para decidir entre estas possibilidades.

⁴⁸ Gaiffier 1971, p. 10.

À especulação permanece também entregue a questão das circunstâncias em que Fulrado obteve as relíquias. A *translatio* afirma apenas, de modo genérico, que o abade de Saint-Denis as trouxe de Barcelona, mas aqui estamos também provavelmente ante uma suposição do autor, suscitada pelas linhas finais da *passio*, e que não nos esclarece sobre os contornos da aquisição.

A este respeito, merece menção a hipótese proposta por Alain Stoclet⁴⁹, pese embora a inexistência de fontes que a possam sustentar. O autor de *Autour de Fulrad de Saint-Denis* relembra a submissão simbólica da cidade de Barcelona a Carlos Magno, feita em Paderborn, no ano 777, pelo *wali* de Saragoça e de Barcelona, Sulaiman ibn al-Arabi, sugerindo que este acto do governador árabe possa ter sido acompanhado da oferta de relíquias de Cucufate ao rei franco, que as teria confiado ao seu arcebispo. Este cenário hipotético depende, contudo, da confirmação de uma das datações possíveis do testamento, entre 9 de Outubro de 777 e Junho de 778, situando-o assim numa data posterior à da assembleia de Paderborn, reunida no verão de 777.

Alternativamente, a cedência de relíquias poderá ter acontecido alguns anos antes, por volta de 756-757, quando, segundo os *Annales Mettenses Priores*, Suleiman fez uma submissão semelhante a Pepino⁵⁰. Esta possibilidade é especialmente interessante, uma vez que, como Stoclet observa, terá sido por volta deste período que Fulrado adquiriu em Roma relíquias de Vito, Hipólito e Alexandre. As relíquias de Alexandre foram depositadas também em Lièpvre, como o atesta uma das versões do testamento acima citadas.

A origem hispânica das relíquias deve, em todo o caso, ser preferida à proveniência romana alegada num texto anónimo da primeira metade do século XIII (1223-1233), associado à *Vita et actus Dyonisii* transmitida pelos manuscritos Paris, BN, lat. 2447 e BN, nouv. acq. lat. 1509. Segundo esta versão dos factos, teria sido o próprio Carlos Magno a arrebatá-las em Roma, que, três anos depois da morte do imperador, Fulrado teria trasladado para Saint-Denis⁵¹. A reduzida

⁴⁹ Stoclet 1993, p. 7-9.

⁵⁰ MGH SS rer. Germ. 10, p. 43-44: *Solinoan quoque dux Sarracenorum, qui Barchilonam Gerundamque civitatem regebat, Pippini se cum omnibus quae habebat dominationi subdidit.*

⁵¹ Cf. Ch. J. Liebman, *Étude sur la Vie en Prose de Saint Denis*, Nova Iorque, 1942, p. 106, 112, 204-205. A Liebman recorrem também De Gaiffier, 1971, p. 11, n. 3, e Stoclet, 1993, p. 7, n. 5. Stoclet resume de forma muito útil o reaproveitamento do relato da aquisição das relíquias em Roma por autores do séc. XVII em diante. Ver também Y. Mulon, “Les voyages de saint

fiabilidade deste relato é desde logo traída pela sua cronologia deturpada, pois à data da morte de Carlo Magno haviam já passado 30 anos desde a morte de Fulrado, ocorrida em 784.

Certo é que a trasladação levada a cabo por Hilduíno introduziu um novo culto ao mártir de Barcelona em Saint-Denis, relativamente bem atestado na segunda metade do século IX. No sacramentário de Saint-Denis, Paris, BN, lat. 2290, copiado em Saint-Amand-en-Pévèle no terceiro quarto do século IX⁵², Cucufate é incluído na lista dos bem-aventurados a invocar na *laetania pro quacumque tribulatione* (f. 8v), sendo nomeado também na *missa specialium sanctorum* transmitida nos fólhos 129v-130r, já citada por De Gaiffier⁵³. Outro exemplo encontra-se no códice Laon, BM, 118, produzido em Saint-Denis no terceiro terço do século IX⁵⁴. No fólho 238r, duas notas nas margens superior e exterior adicionam ao texto do *Liber Sacramentorum* de Gregório Magno, após a entrada do dia 25 de Julho dedicada à celebração de Santiago Maior, uma menção de São Cristóvão e de São Cucufate. Na margem superior lê-se a seguinte oração: *Tibi Domine pro sanctorum martirum tuorum Christophori atque Cucufatis commemoratione deferimos suppliciter obsecrantes ut et indulgentia nobis pariter conferant et salutem*. O elemento mais expressivo da liturgia dedicada a Cucufate em Saint-Denis é, sem dúvida, o conjunto de antífonas transmitido no manuscrito LXXXVIII da Biblioteca Capitular de Verona, de meados ou segunda metade do século IX⁵⁵. Resta-nos, por fim, mencionar a observação que Notker, de finais do século IX, acrescenta à entrada dedicada a Cucufate no seu martirologio. A

Cucufat: Espagne, Alsace, Ile-de-France”, in *Actes du 92^e congrès national des sociétés savantes*. Strasbourg e Colmar, 1967, p. 233.244, onde a autora aborda também resumidamente as trasladações antigas, mas detém-se sobretudo na origem de um culto mais recente ao mártir nos arredores de Paris, atestado no topónimo *bois de Saint-Cucufa*, em Rueil-Malmaison.

⁵² Bischoff, *Katalog*, III, no. 4156.

⁵³ Gaiffier 1971, p. 11. Transcrevemos, contudo, a partir do manuscrito: *Propitiare, Domine, quaesumus, nobis famulis tuis per beatorum martyrum tuorum Stephani, Vincentii* [acrescentado a vermelho sobre a linha], *Dionysii, Rustici et Eleutherii, Sebastiani, Laurentii, Ypoliti, Cucuphatis, Innocentii necnon et sanctorum confessorum Martini, Hilarii, Germanii* [acrescentado a vermelho na margem], *Ambrosii, Hieronimi, Augustini, Benedicti, Gregorii, Hilari, merita gloriosa ut eorum pia intercessione ab omnibus protegatur aduersis. Per...*

⁵⁴ Bischoff, *Katalog*, II, no. 2077.

⁵⁵ Bischoff, *Katalog*, III, no. 7064.

seguir ao epítome da *passio* e à notícia de trasladação que retomam o texto de Adon, Notker diz-nos que Cucufate *et ad usque haec Nortmanorum tempora omni cum honore cultum est*⁵⁶.

1.5 Cucufate em Portugal

As evidências de uma veneração antiga, anterior ao ano 1000, em território português resumem-se a três menções, na documentação, a pelo menos duas igrejas distintas dedicadas ao mártir de Barcelona, na região de Coimbra.

A mais antiga encontra-se no documento nº 22 do Cartulário do Lorvão⁵⁷, copiado de um original do ano 943. Nele, um presbítero de nome Pedro Bahalul (*Petrus prebister cognomento Bahalul*) vende a um presbítero Daniel a sua igreja de São Cucufate, com todos os bens a ela pertencentes, situada na *uilla* de Arcos. Os termos de venda determinam que a igreja seja legada ao mosteiro de Lorvão após a morte de Daniel. Dezoito anos depois, em 961, a propriedade da igreja (*deuesa de Sancti Cucufati*) é referida no acto de venda⁵⁸ de um terreno agrícola (*senara*) com que confinava.

Creemos que esta igreja se devesse situar perto da actual freguesia de Arcos, no concelho de Anadia. Na freguesia limítrofe da Moita, a igreja paroquial, agora consagrada a São Tiago, teve outrora Cucufate como orago, como o atesta uma lápide com inscrição comemorativa da sua edificação em 1195⁵⁹. Não temos, todavia, como saber se a igreja de finais do século XII terá sido uma reabilitação de um edifício anterior, porventura o mencionado em 943 e 961, ou se não terá sido construído para substituir este último, ainda que não exactamente no mesmo local. A aparente raridade do culto a Cucufate em Portugal e a coincidência geográfica verificada neste caso levam-nos a considerar como muito provável qualquer uma das duas hipóteses.

Parece-nos igualmente verosímil que seja esta mesma igreja de São Cucufate a mencionada num elenco de bens do mosteiro de Vacariça em 1064⁶⁰. A sua localização

⁵⁶ *PL*, t. 131, col. 1125. O texto de Notker é também citado por De Gaiffier.

⁵⁷ *LT*, doc. 22 (29 de Março de 943), pp. 627-628.

⁵⁸ *LT*, doc. 23 (18 de Dezembro de 961), pp. 628-629.

⁵⁹ Na lápide lê-se: *In nomine Sancte Trinitatis edificatum est hoc tenplum ad honorem Sancti Cucufati martiris era MCCXXXIII.*

⁶⁰ *Livro Preto*, doc. 73.

na *uilla* de Arcos não é especificada, mas se atentarmos à distribuição geográfica das propriedades referidas no documento, veremos que são descritas numa ordem que descreve um círculo no sentido inverso aos ponteiros de um relógio, partindo de Vacariça para norte, passando por Monsarros (*Muzarros*) e atingindo o seu ponto mais setentrional com a menção de Sangalhos, descendo depois para sudoeste. Ora, a igreja de São Cucufate encontra-se justamente referida entre Monsarros e Sangalhos, o que está de acordo com a situação geográfica de Arcos e da Moita⁶¹. Se, como pensamos, esta é a igreja de Arcos, permanece, porém, por esclarecer o porquê de a encontrarmos na posse do mosteiro de Vacariça em 1064, quando surge destinada ao Lorvão na venda de 943. Podemos apenas imaginar que a conquista de Coimbra por Almançor, em 987, tenha perturbado de alguma forma o destino desta igreja, fazendo com que passasse para o domínio de Vacariça, no qual a vamos descobrir precisamente no ano da retomada de Coimbra aos mouros. Em todo o caso, quando, em 1116-1117, os documentos de 943 e 961 foram copiados para o cartulário laurbanense, a igreja, como todos os bens de Vacariça, estaria na posse do bispado de Coimbra desde o ano da sua doação por D. Raimundo e D. Urraca, em 1094⁶².

O mesmo presbítero Pedro possuía aparentemente uma segunda igreja de São Cucufate *in arrualde de Conimbrie*, segundo outro documento do *Liber Testamentorum*, que leva data do ano 957⁶³. O documento consiste no testamento de um presbítero Samuel, que se identifica como *uicarius* do já falecido Pedro (*fui uigario de Petro presbítero, cognomento Baleuli*) e que deixa ao mosteiro do Lorvão duas igrejas que haviam pertencido a este último: a de São Cristovão, reconsagrada a S. Bartolomeu, e a de S. Cucufate, ambas no arrabalde de Coimbra. Antes do texto do testamento propriamente dito, Samuel explica como as recebera: Pedro havia legado as igrejas ao seu sobrinho Afonso, no caso de este seguir uma carreira sacerdotal; se não a seguisse, aquelas passariam então a ser administradas por Samuel, o qual, após a morte de Pedro, não tendo Afonso enveredado pela vida eclesiástica, apelou ao abade do Lorvão para que a vontade do seu superior fosse cumprida. Tal como a sua igreja em

⁶¹ Jorge de Alarcão situa a igreja do documento de 1064 em Vila Nova de Monsarros, parecendo implicar que se trata de uma segunda igreja de São Cucufate, distinta da de Arcos. Cf. Jorge de Alarcão, *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Coimbra, 2008, pp. 272-273.

⁶² *Livro Preto*, doc. 73.

⁶³ *LT*, doc. 17 (2 de Novembro de 957), pp. 619-621.

uilla de Arcos, também esta deveria ser por fim entregue ao Lorvão, após a morte de Samuel.

Também como parece ter acontecido com a igreja de Arcos, ambas as igrejas terão sido perdidas pelo cenóbio laurbanense após 978, já que, como Jorge de Alarcão fez notar ao comentar este testamento, a igreja de S. Cristovão / S. Bartolomeu surge em 1109 na posse de um presbítero de nome Ariano, que a devolve ao mosteiro. Assim, o autor propõe identificar a igreja de S. Cucufate com a igreja de S. Tiago, que teria sido doada por Fernando Magno à catedral de Santiago de Compostela depois da reconquista de Coimbra⁶⁴, saindo definitivamente do controlo do Lorvão. A reconsagração é sem dúvida provável, dada a coincidência do *dies natalis* de ambos os santos e a impossibilidade de o culto de um mártir pouco conhecido como S. Cucufate rivalizar com a proeminência de S. Tiago. Porém, como Jorge de Alarcão observa, só temos prova dos direitos do arcebispado de Compostela sobre esta igreja em documento de 1187⁶⁵.

Em 1116, sete anos depois de ter sido doado pelo Conde D. Henrique e por D. Teresa à Sé de Coimbra, o mosteiro do Lorvão é reabilitado pelo bispo D. Gonçalo, que nomeia novo abade, Eusébio, e devolve ao cenóbio todos os seus bens. No documento que firma este acto⁶⁶, é mencionada entre as propriedades devolvidas uma *ecclesiam beati Cucufati*, sem especificação da sua localização. A sua identificação com uma das duas igrejas anteriores não é clara. Jorge de Alarcão, talvez com razão, argumenta contra a possibilidade de se tratar da igreja situada no arrabalde de Coimbra⁶⁷. Das hipóteses de localização propostas pelo autor, julgamos ser preferível pensar que se trate

⁶⁴ Jorge de Alarcão 2008, p. 272.

⁶⁵ *Livro Preto*, nº 7.

⁶⁶ *Livro Preto*, doc. 61, pp. 105-107; *LT*, doc. 65 (19 de Março de 1116), pp. 690-694.

⁶⁷ O argumento baseia-se essencialmente na suspeita de que a reconsagração da igreja de S. Cristovão não tivesse ainda ocorrido em 957, mas fosse uma actualização introduzida pelo copista de 1116-1117. Assumindo que nesta altura também a igreja de S. Cucufate tivesse mudado de orago, Jorge de Alarcão questiona-se sobre o motivo pelo qual o copista não refere o novo título. A resposta estaria no facto de a igreja de S. Cucufate / S. Tiago ter já sido doada ao arcebispado de Compostela e não interessar ao Lorvão. Assim se explicaria também, diz o autor, a ausência da igreja no título que introduz a cópia do testamento, que se refere somente a S. Bartolomeu.

da igreja da *uilla* de Arcos, que estaria na posse do bispado de Coimbra desde 1094 e que agora se via em parte devolvida ao seu justo possessor, o mosteiro do Lorvão.

Por esclarecer ficará sempre a verdadeira antiguidade destes dois lugares de culto ao mártir de Barcelona em Portugal. O facto de terem ambas pertencido ao mesmo presbítero Pedro, poderia levar-nos a pensar que se trataria de uma devoção pessoal e que a sua fundação a ele se devesse, situando-se, portanto, na primeira metade do século X. A este respeito, é curioso observarmos que, além de duas igrejas dedicadas a Cucufate, Pedro tinha uma terceira dedicada a S. Cristovão, cujo *dies natalis* se celebrava igualmente a 25 de Julho, de modo que a *passio* deste mártir precede a de Cucufate em vários legendários. Relembremos ainda que, como já vimos, ao ser introduzido na liturgia carolíngia de Saint-Denis, Cucufate é por vezes evocado em conjunto com Cristóvão. Perguntamo-nos, pois, se o culto de Cucufate testemunhado na documentação do século X não terá chegado a Portugal vindo da Gália carolíngia, num momento posterior a meados do século IX. Esta talvez seja uma hipótese preferível à da persistência de um culto introduzido no período visigótico.

Merece a pena ser mencionada outra possível evidência de um culto antigo ao mártir no nosso país, ainda que não se encontre atestada documentalmente antes de meados do século XIII. Falamos das ruínas da *uilla* de S. Cucufate, situadas na única freguesia portuguesa que tem Cucufate como orago oficial, Vila de Frades, no concelho da Vidigueira.

A existência ali de um *monasterium Sancti Cucuphati* é comprovada num documento do ano 1254, no qual a comunidade monástica é cedida pelo concelho de Beja ao mosteiro de S. Vicente de Fora⁶⁸. Em documento do ano seguinte, é relatada a visita que o bispo de Beja, D. Martinho, fez às ruínas em data incerta, mas necessariamente anterior a 1254⁶⁹. Foi no seguimento desta visita que o bispo fez restaurar o edificio interpretado como antiga igreja, no qual consagrou um altar a S.

⁶⁸ ANTT, *S. Vicente de Fora (1ª incorp.)*, m.3, nºs 16 e 20. Gavetas, I, 4-5.

⁶⁹ Sobre esta visita, veja-se Hermenegildo Fernandes, *Entre Mouros e Cristãos. A sociedade de fronteira no sudoeste peninsular interior (séculos XII-XIII)*, Universidade de Lisboa, 2009, pp. 49-57. Hermenegildo Fernandes identifica Cucufate não com o mártir de Barcelona, mas com um suposto homónimo de Braga. Não julgamos, contudo, que D. Martinho pensasse num mártir bracarense, por motivos que exporemos abaixo.

Cucufate – *in dicto monasterium ad honorem Sancti Cucufate martyris ecclesiam edificauimus, ymo edificatam inuenimus et altare ibidem ereximus ad honorem laudem gloriosi martyris Cucufati*⁷⁰. Se acreditarmos na justificação dada por D. Martinho para a escolha do orago para o altar, já antes desta consagração a tradição popular associava o nome de Cucufate ao antigo lugar de culto: *que nom solum auctoritate propria fecimus sed nos ad hoc induxit quare a maioribus nostris fauctum fuisse didiscimus antiquorum fama publica confirmante*. Como Jorge de Alarcão comenta⁷¹, seria com efeito surpreendente que ocorresse espontaneamente a um bispo português do século XIII consagrar um altar a um mártir menor como Cucufate, de cujo culto temos tão poucas notícias neste período tardio fora da Catalunha.

As intervenções arqueológicas em S. Cucufate não produziram elementos de datação concretos para o momento de implantação do edifício cristão sobre a *uilla* romana ali activa entre meados do século I d.C. até meados do V⁷². Os arqueólogos responsáveis pelos trabalhos podem apenas sugerir um largo intervalo entre a segunda metade do século V e o século XII. Jorge de Alarcão avança a hipótese de a antiga comunidade monástica, se de facto se tratava de um mosteiro, ter sido abandonada nos anos conturbados entre 1159 e a primeira reconquista de Beja, em 1162. Mas, como para grande parte dos outros lugares de culto ao mártir de Barcelona, a sua antiguidade precisa pode apenas ser especulada.

Deixamos para o fim uma breve menção da não menos incerta questão de Cucufate de Braga. Pouco nos interessa atardarmo-nos a desconstruir a ideia, tardia e sem verdadeiro fundamento textual, de que um mártir de nome Cucufate pereceu em Braga sob a perseguição de Diocleciano e Maximiano. Tal já o fez com toda a lucidez Enrique Flórez, em 1759, no décimo quinto volume da sua *España Sagrada*, e com ele

⁷⁰ ANTT, *S. Vicente de Fora (1ª incorp.)*, m.3, nº 23. Gavetas, I, m. 5, nº 2. Citamos o documento a partir de J. Alarcão, R. Etienne, F. Mayet, “Os monumentos cristãos da villa de S. Cucufate”, IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica (Lisboa, 1992), Barcelona, 1995, p. 385.

⁷¹ J. Alarcão, R. Etienne, F. Mayet 1995, p. 385.

⁷² J. Alarcão, R. Etienne, F. Mayet 1995, pp. 383-386. Sobre os resultados dos trabalhos arqueológicos veja-se sobretudo Alarcão, J., Etienne R., Mayet, F., *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990.

poderíamos exclamar a respeito das elucubrações sobre os supostos mártires bracarenses: *Yo admiro la facilidad con que se escriben estas cosas*⁷³.

De feito, tudo aquilo que podemos saber de certo sobre Cucufate em Braga é o que nos é dito da *Historia Compostellana* acerca do famoso *pium latrocinium* perpetrado pelo arcebispo de Santiago de Compostela, Diego Gelmírez⁷⁴. A história é bem conhecida: o arcebispo compostelano, em visita pastoral a Braga nos últimos meses do ano 1102, terá abusado da hospitalidade de D. Geraldo, arcebispo de Braga, ao subtrair, entre outras, as relíquias de S. Cucufate à hoje desaparecida igreja de Santa Susana, e que após o furto passaram a repousar na catedral compostelana, mais precisamente no altar de S. João Evangelista⁷⁵.

Serve este episódio apenas para afirmarmos que nos primeiríssimos anos do século XII existiam em Braga relíquias atribuídas a S. Cucufate, certamente o de Barcelona, sem que possamos, todavia, no estado dos nossos conhecimentos, estabelecer quando e como ali terão chegado.

⁷³ H. Flórez, *España Sagrada*, XV, 1759, pp. 287-294.

⁷⁴ *Historia Compostellana*, I. 15.

⁷⁵ Para uma discussão recente sobre este episódio, veja-se Ermelindo Portela Silva, “La piedad impía: Sobre el uso político del culto a las reliquias”, in Carlos Guardado da Silva (coord.), *O Imaginário Medieval*, Turrets Veteras XVI, Torres Vedras, 2014, pp. 101-107.

2. A *PASSIO* HISPÂNICA (*BHL* 1999)

2.1 Uma narrativa tripartida

O núcleo narrativo de *BHL* 1999 apresenta uma estrutura explicitamente tripartida. Este tríptico resulta da *mise en scène* das três personagens que assumem sucessivamente o papel de antagonistas de Cucufate: Galério, Maximiano e Rufino. O desfilar de juízes que se substituem uns aos outros é alheio a qualquer outra *passio* hispânica. Por outro lado, a morte de um juiz, a *ultio diuina*, encontrando-se o mártir ainda em vida, é um elemento também ele ausente de qualquer outra narrativa de martírio de origem peninsular.

Remetendo as problemáticas em torno da origem dos três juízes e das mortes de dois deles para outro ponto da nossa dissertação, importa-nos por agora observar que o autor não logrou articular de uma forma orgânica as diferentes secções da narrativa. Para que isto se torne evidente, analisemos a estrutura de cada uma delas.

Antes de o fazermos, é necessário esclarecer que designamos por núcleo narrativo o conjunto de dez parágrafos que descrevem o martírio propriamente dito. Isolamos, portanto, os parágrafos 1 e 12, que enquadram o corpo principal da narrativa.

O primeiro não consiste num prólogo, mas sim numa contextualização introdutória do martírio. Começa-se por louvar genericamente o milagre manifestado sobre os dois mártires, Cucufate e Félix. Prossegue-se aludindo muito brevemente à naturalidade cilitana de ambos, à sua dedicação comum ao estudo das letras e à sua viagem conjunta até Barcelona. Resume-se a actividade taumatúrgica de Félix em Girona e o seu martírio naquela cidade. Daqui em diante, Félix não mais voltará a ser mencionado. De Cucufate diz-se apenas que permaneceu em Barcelona praticando exorcismos e operando milagres indiscriminados, antes de também ele se entregar ao combate do martírio.

O parágrafo 12 consiste simplesmente no *topos* do corpo furtado e sepultado pela comunidade cristã, seguido de uma alusão passageira ao poder divino que continua a actuar junto ao túmulo nos dias do autor. A encerrar, a doxologia final.

A primeira secção do tríptico desenvolve-se ao longo dos parágrafos 2 e 3. Ao abrir o segundo parágrafo, somos de imediato informados da presença de um procônsul Galério em Barcelona e da sua ordem para que Cucufate seja conduzido à sua presença. Dá-se então o primeiro momento de interrogatório, composto por apenas uma pergunta

do juiz e da respectiva resposta do mártir. Este é, logo depois, violentamente agredido por doze soldados. A intenção do procônsul de dar a morte a Cucufate, manifesta na sua ordem – *torquendo exalate eius spiritum* – é frustrada pela intervenção da graça divina: as entranhas espalhadas por terra, como que repletas do poder de Deus actuando por intermédio do seu atleta, provocam a cegueira dos soldados que as contemplam, para em seguida serem devolvidas ao ventre do mártir. Cucufate, completamente curado das sevícias, pede a Cristo a morte de Galério, que lhe é de imediato concedida, dando-se em simultâneo a destruição dos ídolos.

O terceiro parágrafo coroa em tom litúrgico esta primeira secção da *passio*, com a acção de graças proferida por Cucufate, a resposta da multidão louvando ao Senhor e, por fim, com as palavras do mártir exortando ao abandono dos ídolos e à crença no Deus vivo.

A segunda parte é a mais extensa das três, correspondendo aos seis parágrafos (4-9) em que Maximiano substitui Galério na qualidade de *iudex*. No parágrafo 4, a transição é brusca, introduzida por um simples *tunc*. Maximiano ordena que Cucufate seja preso e acorrentado, como se o mártir tivesse, entretanto, sido libertado, ou como se nunca tivesse sido detido de todo. É também repetido o interrogatório, mas agora de forma mais completa, sem que o perseguidor dê a entender saber o acontecido entre o mártir e o seu predecessor. Começando por procurar saber a naturalidade de Cucufate com as palavras de Pilatos em Io 19, 9 (*Vnde est tu?*), as suas questões são lugares comuns das cenas de interrogatório: a que divindade presta o mártir culto? Se é verdadeiro deus, porque não o arrebatada das mãos do juiz e dos suplícios iminentes? A conclusão é igualmente tópica, constatando a obstinação inflexível do mártir e atribuindo o seu poder a artes mágicas. Neste último ponto, temos a única possível referência aos acontecimentos da primeira parte. As palavras de Maximiano – *quia per artem maleficii tui deos nostros conculcasti* – parecem referir-se à destruição dos ídolos no parágrafo 3.

Os parágrafos que se seguem descrevem a sucessão de tormentos infligidos a Cucufate: é colocado na grelha e temperado com vinagre e mostarda, mas o fogo vira-se contra os carrascos, deixando o mártir ileso (5); é lançado à fogueira, que por milagre se apaga em resposta a uma prece (7); duramente acorrentado, é atirado para o cárcere, onde a aparição de uma luz divina leva à conversão dos guardas (8); as suas carnes são dilaceradas por cardas de ferro e chicoteadas por correias de couro (9). Tudo isto por entre as manifestações iradas de Maximiano e os insultos e orações de Cucufate.

Justamente, a última oração de Cucufate, no final do parágrafo 9, reitera para Maximiano o pedido de destruição antes direcionado a Galério. A resposta chega no parágrafo 10, com a morte súbita de Maximiano em pleno fórum. Do mesmo modo, o povo repete o seu louvor a Deus e o mártir o seu agradecimento. Assim, a segunda parte da narrativa termina como a primeira.

A terceira e última secção, correspondendo aos parágrafos 10 e 11, é também ela introduzida pelo advérbio *tunc*, seguida do nome do novo antagonista, Rufino. Aqui, porém, parece existir alguma continuidade com o parágrafo anterior. A primeira intervenção de Rufino é dirigida não ao mártir, mas ao povo, que acabáramos de ver louvando o Deus cristão. O recém-chegado juiz repreende a multidão por esta ter abandonado os deuses dos seus antepassados em prol de um deus desconhecido. Depois de ouvir em resposta uma profissão de fé unânime, lança uma só questão ao mártir, procurando confirmar ser ele o responsável pelo comportamento do povo. O parágrafo 10 termina com nova profissão de fé no Deus vivo, que mais uma vez faz contrastar com os ídolos inertes.

No parágrafo 11, o martírio precipita-se para o desfecho. Rufino não perde tempo com suplicios inúteis, optando por decretar a sentença mais expedita da morte pelo gládio, mais concretamente, por decapitação, a que nenhum mártir parece ter sido imune. O ambiente psicológico entre condenado e verdugos altera-se nestes últimos momentos: o mártir, levado para fora da cidade, pede resignado que lhe seja concedido tempo para rezar, súplica que não lhe é recusada.

Ressalta desta exposição que as duas primeiras partes que definimos quase podiam subsistir individualmente. Na verdade, para que pudessem funcionar como se se tratassem de duas *passiones* distintas, faltaria apenas completá-las com a morte do mártir. Experimente-se retirar uma delas da narrativa e nunca se suspeitaria que a outra faltava. Qualquer uma delas poderia transitar com naturalidade para o episódio com Rufino.

Repare-se também que a sua organização estrutural é essencialmente a mesma: apreensão; interrogatório; suplicios; castigo dos carrascos; vitória do mártir sobre os suplicios; súplica do mártir a Deus; morte do juiz; louvores e graças prestadas a Deus pelo povo e pelo mártir, respectivamente. A primeira parte constitui, porém, como que uma versão resumida da segunda, que é muito mais extensa e variada, com a introdução do episódio do cárcere, no parágrafo 7.

2.2 Os perseguidores

Ao abordar a questão desconcertante dos perseguidores de Cucufate, Fábrega Grau começa por dizer que “lo que verdaderamente choca de la Pasi3n de san Cucufate en la versi3n de nuestros mss. es el detalle de que no fuera juzgado por Daciano”⁷⁶. Este choque 3 provocado pela informa33o que nos 3 fornecida pela chamada *Passio de communi*⁷⁷, cujo texto ter3 sido preservado, em grande medida, na *Confessio S. Leocadiae* (BHL 4848) e na *Passio SS. Vincentii, Sabinae et Christetae* (BHL 8619), e que o editor do Passion3rio cr3 datar dos finais do s3culo VI ou in3cios do VII⁷⁸.

Com efeito, na *Confessio S. Leocadiae* 3 descrito todo o percurso sanguin3rio do impi3ssimo Daciano, desde a G3lia at3 M3rida⁷⁹. Na Hisp3nia, respeitando-se uma l3gica geogr3fica na enumera33o, a suas v3timas foram F3lix em Girona, Cucufate e Eul3lia em Barcelona, os Inumer3veis em Sarago3a, Justo e Pastor em Compluto, Leoc3dia em Toledo, Vicente, Sabina e Cristeta em 3vila e, por fim, em M3rida, Eul3lia.

Fixar a composi33o deste texto numa data anterior 3 reda33o das paix3es pr3prias destes sete m3rtires, nas vers3es transmitidas pelo Passion3rio Hisp3nico, implicava considerar a *Passio de communi* como o primeiro momento em que a figura de Daciano teria sido transportada para fora da tradi33o textual de S3o Vicente, a que se encontrava indiscutivelmente associada j3 nos in3cios do s3culo V. Assim, convencido desta cronologia, F3brega Grau prop3s ver naquela breve narrativa um elemento fundamental na g3nese das sete paix3es *sub Datiano praeside*, frequentemente reunidas sob a designa33o de “ciclo de Daciano”. Assumi-la como ponto de refer3ncia comum a todos estes textos explicaria nelas n3 s3 a presen3a do juiz de Vicente, mas t3mb3m todo um conjunto de semelhan3as estruturais, lexicais e tem3ticas entre aqueles textos. Da3 a perplexidade do autor perante a aus3ncia de Daciano n3 s3 na *Passio S. Cucufatis*, mas t3mb3m na *Passio S. Eulaliae Emeritensis* (BHL 2700).

⁷⁶ F3brega Grau 1953, p. 141.

⁷⁷ Assim lhe chama F3brega Grau 1953, p. 72. Segundo o autor, esta seria uma “f3rmula general de Pasi3n [...] para ser le3da en el oficio lit3rgico de alguno de aquellos santos que se mencionan expresamente en ella.”

⁷⁸ F3brega Grau 1953, pp. 73-75.

⁷⁹ Na *Passio SS. Vincentii, Sabinae et Christetae*, M3rida e a sua m3rtir ficam por referir.

Ainda assim, preferiu não prescindir da hipótese da existência de uma *Passio de communi* nos finais do século VI ou inícios do VII e da sua influência na composição posterior das restantes paixões nela associadas a Daciano. Para contornar o problema colocado pela paixão de Eulália de Mérida, propõe que o nome do juiz Calpurniano seja uma invenção do compilador de *BHL* 2700. Numa provável versão primitiva da paixão, nenhum perseguidor seria nomeado ou, se o fosse, mencionar-se-ia já Daciano⁸⁰. A explicação apresentada para Cucufate vai no mesmo sentido, ainda que neste caso o autor se mostre mais surpreendido, tendo em conta a dependência da *Passio S. Felicis*, em que o perseguidor Rufino é descrito como um agente de Daciano. Mas também aqui, Fábrega Grau supõe a existência de uma versão anterior perdida, na qual não se mencionaria nenhum juiz.

Note-se, contudo, que é difícil perceber como é que a existência de versões primitivas que omitiam os nomes dos juizes pode explicar convincentemente o porquê de os hagiógrafos responsáveis pelas versões posteriores, transmitidas pelo Passionário, terem preferido criar novos perseguidores a utilizar a informação disponível na *Passio de communi*, isto é, a introduzirem o nome de Daciano nas suas narrativas. Se de facto Calpurniano, no caso de Eulália, e os três perseguidores de Cucufate são inovações das versões que sobreviveram, não é mais verosímil pensar que os hagiógrafos não tinham à sua disposição qualquer alusão a Daciano associado a estes dois mártires? Ou então, não será igualmente mais convincente pensar que aqueles nomes se encontrariam já, de alguma forma, ligados a Eulália e a Cucufate nas versões primitivas, pelo que os responsáveis pelas reescritas não tinham qualquer motivo para os substituírem por Daciano?

No ano seguinte à publicação do volume de estudo sobre o Passionário Hispânico, de Fábrega Grau, Baudouin de Gaiffier dava à estampa, no número 72 dos *Analecta Bollandiana*, um artigo em que expunha as fragilidades dos argumentos para a datação recuada da *Passio de communi*, que provavelmente nunca terá existido enquanto texto independente, correspondendo simplesmente à *Confessio S. Leocadiae*⁸¹. Numa exposição sóbria sobre o que de facto podemos dizer com segurança a respeito deste texto, o eminente estudioso de hagiografia mostra como o único elemento seguro

⁸⁰ Fábrega Grau 1953, pp. 83-84.

⁸¹ De Gaiffier, “Sub Daciano Praeside: étude de quelques passions espagnoles”, *AB* 72, 1954, pp. 379-396.

para a datação da *Confessio* é a menção que dela se faz em alguns manuscritos de Floro, na entrada de Eulália de Barcelona, a 12 de Fevereiro, onde também são referidos Félix e Cucufate, mártires sob Daciano. A fonte é explicitada na frase final *scriptum est in passione sanctae Leocadiae*⁸². Temos assim um *terminus ante quem* em meados do século IX. Quanto ao único *terminus post quem* que apresenta alguma credibilidade, temos o século V, já sugerido por Fábrega com base nos empréstimos feitos à paixão de São Saturnino de Toulouse (*BHL* 7495-7499)⁸³. Em tão vasto intervalo, a prudência de Gaiffier parece-nos recomendável, quando diz não ousar afirmar uma datação do século VI ou dos inícios do VII⁸⁴.

Como alternativa à influência de uma *Passio de communi* na composição de um conjunto de paixões próprias posteriores, este autor propõe a hipótese de um percurso inverso na disseminação da figura de Daciano na hagiografia hispânica, percurso em que a *Confessio S. Leocadiae* constituiria não o ponto de partida, mas antes, nas palavras do autor, “l’aboutissement d’une évolution qui peu à peu faisait de lui le persécuteur principal des martyrs espagnols sous Dioclétien et Maximien.”⁸⁵ Assim, o amplo sucesso da *Passio S. Vincentii* teria sido o responsável directo pela introdução de Daciano nas paixões de outros mártires hispânicos: Inumeráveis de Saragoça, Félix de Girona, Eulália de Barcelona e Justo e Pastor de Compluto. Os hagiógrafos que terão seguido este caminho, tê-lo-ão feito convictos de que confeririam maior eminência aos mártires que desejavam exaltar, se a eles associassem o infame perseguidor do mais glorioso soldado de Cristo de origem hispânica, já há muito celebrado também por toda a Cristandade ocidental. Quando da composição da *Confessio S. Leocadiae*, que Baudouin de Gaiffier situa no século VIII, o hagiógrafo conheceria já aquele conjunto de paixões que terão servido de fonte à sua enumeração das vítimas de Daciano.

Não é, portanto, difícil perceber como Cucufate terá também entrado na lista, se colocarmos como hipótese que o autor conhecesse já a *passio BHL* 1999, ou um texto muito semelhante. Nela, Cucufate era feito companheiro de Félix e era executado por um certo Rufino. Na *Passio S. Felicis*, o juiz chamava-se também Rufino e era descrito como um delegado de Daciano. Então, nada mais fácil do que concluir que Cucufate, tal

⁸² H. Quentin, *Les martyrologes historiques du Moyen age*, Paris, 1908, p. 368; Cf. Fábrega Grau 1953, pp. 77-78.

⁸³ Fábrega Grau 1953, p. 72; Gaiffier 1954, p. 384.

⁸⁴ De Gaiffier 1954, p. 385.

⁸⁵ De Gaiffier 1954, p. 393.

como Félix, fora vítima da autoridade de Daciano, ainda que a sua *passio* omitisse o pormenor.

A solução para a perplexidade de Fábrega Grau parece assim encontrada: o nome de Daciano nunca terá estado presente na tradição textual própria de Cucufate; a associação dos dois personagens é, com toda a probabilidade, uma inovação do hagiógrafo de Santa Leocádia, com base na sua interpretação da *Passio S. Cucufatis*.

O autor desta última teve, porém, oportunidade de inserir Daciano na sua narrativa, a partir da *Passio S. Felicis*. Afinal, como já acima referimos, foi a este texto que parece ter ido buscar o terceiro e último juiz de Cucufate, Rufino. Esperaríamos que com Rufino importasse a menção do seu superior, Daciano. Mas não o faz, preferindo descrever o estatuto de Rufino com um vago *qui ciuitati praeesse uidebatur*⁸⁶. Do mesmo modo, poderíamos esperar que, ao inserir Rufino na narrativa, aludisse de novo a Félix. Contudo, como veremos também para as figuras de Galério e Maximiano, o autor de *BHL* 1999 é dado a semelhantes indefinições.

Podemos, porém, questionarmo-nos se estas omissões derivarão efectivamente de uma atitude autorial, deliberada ou apenas desleixada, perante as fontes, ou se não seriam as próprias fontes a conter já as omissões. Terá o hagiógrafo realmente ido buscar o nome de Rufino à *Passio S. Felicis*, ou estaria o nome já presente de alguma forma na tradição em torno de Cucufate, facilitando posteriormente a associação dos dois mártires? Se, pelo contrário, este é de facto o Rufino tomado por empréstimo à tradição de Félix, conheceria o autor da *PC* um texto em que Daciano ainda não se tinha imiscuído?⁸⁷ Cremos que os textos de que dispomos não nos permitem dar respostas definitivas a estas perguntas.

Ainda quanto ao momento da introdução de Rufino na narrativa do martírio de Cucufate, Fábrega avança a possibilidade de esta se ter dado quando da composição de uma suposta versão anterior, que já se inspiraria na *Passio S. Felicis*⁸⁸, e onde não entrariam em cena nem Galério, nem Maximiano.

⁸⁶ *PC* 10.

⁸⁷ A este respeito, Fábrega mostra-se desfavorável à hipótese de uma versão anterior da *passio*, proposta por Quentin. Em todo o caso, a hipótese de Quentin baseia-se na notícia do Martirológio de Lyon, que o editor julga inspirada numa *passio* anterior, de que a versão do *PH* seria uma amplificação, mas onde Daciano seria já mencionado. Cf. Fábrega Grau 1953, p. 148; Quentín 1908, p. 167.

⁸⁸ Fábrega 1953, p. 142.

Na incerteza, talvez seja mais seguro pensar que o hagiógrafo de *BHL* 1999 se tenha limitado a inserir na sua narrativa o perseguidor de Félix tal como ele surgia em *BHL* 2864, sem o cuidado ou a vontade de especificar de quem se tratava.

Os dois primeiros juízes não suscitam menos questões aparentemente irresolúveis. Apenas no códice *L* e na sua cópia (*P2*) ambos figuram em conjunto no título que introduz a *passio*. Galério é dito *praeses*, palavra que nunca encontramos no texto, que usa sempre *proconsul*, mas que é comum nos títulos do passionário de San Pedro de Cardeña (*L*). Maximiano é, como esperaríamos, identificado como *imperator*, mas este termo não ocorre na narrativa, onde Maximiano é referido uma única vez como *princeps*⁸⁹. É, portanto, mais verosímil ver neste título uma redacção feita sobre o texto preexistente da *passio* e alheia ao autor original.

Fábrega, de novo com base na existência da *passio* primitiva, supõe que o hagiógrafo que a reescreveu tenha interpretado mal o título, no qual o martírio seria situado no tempo sob o imperador Maximiano e sob um procônsul Galério. Não compreendendo que se tratavam de meros pontos de referência cronológicos, terá entendido estes personagens na qualidade de perseguidores do mártir, fazendo-os desempenhar um papel na sua narrativa ampliada da paixão⁹⁰. Esta leitura é, de certo modo, apologética do hagiógrafo, reconhecendo nele uma vontade de transmitir, tanto quanto possível, elementos factuais do martírio de Cucufate, ainda que tenha falhado por uma compreensão limitada da fonte de que dispunha. Mas será prudente fazer esta apreciação do autor de *BHL* 1999, tomando em consideração a estrutura incongruente da sua obra, o carácter fantasioso da narrativa, que, como veremos, recorre a inúmeros empréstimos de outras paixões mais bem conhecidas?

Consideremos então por momentos a hipótese de um autor que, perante uma maior escassez de pormenores sobre o martírio de Cucufate do que a pressuposta por Fábrega, redige com plena consciência uma narrativa ficcional em todos os seus elementos, incluindo os nomes dos perseguidores. Que referências poderia a sua imaginação evocar, no momento de escolher os nomes Galério e Maximiano?

Para o segundo, a resposta parece ter estado sob os olhos do primeiro editor do *PH*, mas ter passado despercebida. O imperador Maximiano é frequentemente mencionado nas *passiones* que remetem para os anos da Grande Perseguição, sobretudo

⁸⁹ *PC*, 8.

⁹⁰ Fábrega Grau 1953, pp. 142-143.

em conjunto com Diocleciano⁹¹, e para o encontrar o hagiógrafo de Cucufate não teria de ir mais longe do que a primeira frase da *Passio S. Felicis*. Mas o verdadeiro modelo para o Maximiano da *PC* poderá encontrar-se num outro texto: a *Passio S. Adriani atque Nataliae et comitum* (BHL 3744). Em momento mais oportuno, abordaremos a utilização que o nosso autor parecer ter feito desta paixão, que já existiria em meados o século VII. Por agora, importa dizer que os indícios desta proximidade se encontram precisamente nos episódios em que Maximiano conduz o martírio. Ora, de todos os textos transmitidos pelo *PH* em que o imperador é mencionado, a *Passio S. Adriani* é o único que o coloca numa posição idêntica à que iria assumir na *PC*. É, com efeito, Maximiano que dirige o julgamento de Adrião e companheiros, em Nicomédia. E, como veremos mais tarde, algumas das palavras colocadas na boca do imperador pelo hagiógrafo do mártir oriental são quase as mesmas que encontramos dirigidas pelo impiíssimo Maximiano ao mártir hispânico. Em suma, o autor da *PC* não se terá limitado a construir de raiz um episódio em torno do nome do imperador que encontrava amiúde citado nas paixões que conhecia. Terá antes transposto e recriado para a sua narrativa o personagem já elaborado pelo hagiógrafo de Adrião de Nicomédia.

Mas será o Maximiano da *passio* do mártir oriental o mesmo que figura nas *passiones* hispânicas, como a de Félix? Certamente não. Se a narrativa BHL 3744 preserva algum traço de acontecimentos ocorridos em Nicomédia, por volta do ano 306, então a presença de um imperador Maximiano só pode reflectir a figura de Galério, Augusto desde 305. Já o imperador referido nas paixões ocidentais presentes no *PH* será Aurélio Maximiano, Augusto com Diocleciano e actuando sobretudo nos territórios de Ocidente, entre os quais a Hispânia e o Norte de África. Que Galério surja referido como Maximiano não deve surpreender. Com efeito, este é o nome sob o qual mais frequentemente figura em textos de cariz hagiográfico. Já o seu contemporâneo cristão, Lactâncio, nunca se lhe refere, no seu *De mortibus persecutorum*, como Galério, mas sim como Maximiano.

⁹¹ Nos textos incluídos no *PH*: *Passio S. Romani et comitum*, 2; *Confessio S. Leocadiae*, 3; *Passio S. Eulalia Emeritensis*, 7; *Passio SS. Iuliani atque Basilissae et comitum*, 13; *Passio S. Sebastiani et comitum*, 2; *Passio S. Theodosiae*, 2; *Passio S. Felicis Gerundensis*, 2; *Passio S. Cosmae et Damiani*, 2; *Passio SS. Vincenti, Sabinae et Christetae*, 3; *Passio Innumerabilium Caesaragustanorum*, 4.

Alguns textos hagiográficos que fazem eco da sua actividade na Panónia e nas províncias balcânicas, que tinha já a seu cargo enquanto César, referem-se-lhe sempre como Maximiano⁹². Um destes textos, a *Passio S. Erasmi* (BHL 2578), coloca-o numa posição muito semelhante à que assume na *Passio S. Adriani*⁹³. De especial interesse é o bispo de Siscia, Quirino. As suas actas, consideradas *sincera* por Ruinart, que as editou a partir de Súrrio e de Mombrício⁹⁴, situam o martírio sob Diocleciano, ajudado no Ilírico por Maximiano (*addito tyrannidi suae Maximiano in regno particeps*⁹⁵). No seu *Chronicon*, Jerónimo insere uma breve notícia da morte de Quirino no ano 308⁹⁶. A entrada seguinte, a primeira para o ano 309, regista a morte de Galério, aqui, como sempre que é referido no *Chronicon*, sob o nome de *Galerius Maximianus*. Se não temos evidências manuscritas da circulação de uma *passio* na Hispânia, nem de que o mártir da Panónia recebesse algum culto aquém-Pirenéus, temos, todavia, o hino de Prudêncio a Quirino (*Peristefanon*, 6), onde, nos versos 5-7, o poeta hispânico nos diz que o martírio se deu *sub Galerio duce, / qui tunc Illyricos sinus / urgebat dicionibus*.

Teria então o hagiógrafo de Cucufate conhecimento da verdadeira identidade do Maximiano que pedira emprestado à *Passio S. Adriani*? Se sim, terá criado a

⁹² Cf. Rajko Bratož, “Christenverfolgung in den Donau- und Balkanprovinzen”, in *Diokletian und die Tetrarchie. Aspekte einer Zeitwende*. Alexander Demandt, Andreas Goltz e Heinrich Schlang-Schöningen (ed.), Berlin – New York, 2004, pp. 115-140.

⁹³ *AA. SS.*, Jun. I, 1695, pp. 213-216. Os dois textos apresentam, a uma primeira leitura, evidentes semelhanças. Mas a tradição textual de ambos encontra-se deveras mal estudada, o que impossibilita, por agora, fundamentar qualquer hipótese sobre possíveis relações na sua composição. O bispo mártir Erasmo é primeiro retido e martirizado por Diocleciano, em Antioquia, mas é em seguida transportado milagrosamente do cárcere para a cidade de *Sidugridum*, talvez uma corruptela de *Singidunum*, a actual Belgrado (assim supõe Bratož 2004, p. 243). É aí retido pelo César Maximiano (Galério) e por fim levado para a cidade de *Sirmium* (*Passio S. Erasmi*, 8-9).

⁹⁴ O que recomenda cautela na utilização do texto. Mais uma vez, faltam edições críticas modernas baseadas num estudo aprofundado da transmissão manuscrita das várias versões listadas pelos bolandistas. A julgar pela base de dados da *BHL*, todos os manuscritos que contêm as diferentes versões datam do século XII em diante. Mas alguma *passio* antiga deveria ser já conhecida por Jerónimo e, mais tarde, por Prudêncio.

⁹⁵ T. Ruinart, *Acta martyrum*, 1859, p. 522.

⁹⁶ Hieron., *chron. a.* 308 (GCS Eusebius VII, ed. Helm, Rudolf, p. 229)

personagem do procônsul Galério por desdobramento consciente do nome deste imperador?

Estas parecem-nos hipóteses mais difíceis de defender. Não será mais verosímil que o autor de *BHL* 1999 acreditasse que aquele era o mesmo Maximiano de outras paixões bem conhecidas que circulavam na Hispânia, julgando por isso não ser demasiado descabido associá-lo ao martírio de Cucufate? O nome do procônsul Galério poderá, também nesta conjuntura hipotética, explicar-se a partir de Maximiano. Vimos como Jerónimo se lhe refere usando ambos os nomes, Galério Maximiano. Não será certamente impossível que o nosso hagiógrafo tivesse sob os olhos uma *Passio S. Adriani* com a expressão *sub Galerio Maximiano* no título, mas também não o podemos afirmar. A ser assim, e para recuperar o espírito do argumento de Fábrega Grau, não teria percebido que se tratava de uma só pessoa, mas de duas, um Galério e um Maximiano.

Resta-nos mencionar uma outra possibilidade para a origem da personagem do procônsul Galério, possibilidade que, na imaginação do hagiógrafo, se poderá ter conjugado com a que acima expusemos, ou que, pelo contrário, poderá dispensá-la de todo. Trata-se de avançar a hipótese de o nome do primeiro dos juízes de Cucufate ter sido sugerido pelo executor do mais célebre mártir africano, o bispo Cipriano de Cartago. Com efeito, segundo o relato daquela que é umas das *passiones* mais difundidas no Ocidente, a sentença que conduziu à decapitação de Cipriano é proferida por um procônsul de nome Galério Máximo⁹⁷. Ainda que o texto de *BHL* 1999 não pareça conter indícios que apontem no sentido de uma influência dos *Acta Cypriani*, a homonímia dos procônsules poderá não ser coincidência. A proveniência africana de ambos os mártires poderia ter contribuído para esta aproximação.

2.3 Possíveis modelos da *Passio S. Cucufatis*

Procurar identificar com segurança os modelos que um hagiógrafo terá tido em mente ao compor uma nova *passio* é uma tarefa difícil, que exige grande cautela no momento de tirar conclusões. Mais ainda do que as *uitae*, o género hagiográfico das *passiones* é, na grande maioria dos casos e nas suas linhas gerais, caracterizado por uma

⁹⁷ O texto transmitido pelos manuscritos do *PH* corresponde à versão *longior* dos *Acta Proconsularia* (*BHL* 2037-2038).

marcada homogeneidade formal, temática e lexical. É elevado o número de motivos e de expressões que recorrem num igualmente elevado número de textos, ao ponto de parecer impossível determinar que texto ou textos serviram de fonte para um elemento ou conjunto de elementos que encontramos numa *passio* em particular. Para uma boa parte destes elementos, um autor de uma *passio* poderia nem ter um modelo preciso em mente. O seu conhecimento de um conjunto mais ou menos vasto de *passiones* levá-lo-ia a interiorizar, consciente ou inconscientemente, as cenas, os modos de expressão e o vocabulário que mais amiúde encontrava nas suas leituras, e que acabariam, de um modo ou de outro, por transpirar nas suas próprias composições. É claro que a medida em que um hagiógrafo se deixava levar pela tradição hagiográfica que conhecia e a forma como reelaborava essa mesma tradição dependeriam em muito da sua própria erudição e das suas capacidades criativas, para além de todo um conjunto complexo de outros factores, como, a título de exemplo, a preexistência de narrativas sobre o mártir em questão ou eventuais intencionalidades específicas que motivassem a escrita ou a reescrita de uma *passio*.

A *Passio Cucufatis* não deixa transparecer motivações mais complexas do que a de prover um suporte narrativo ao culto de um mártir sobre o qual, à data da composição, pouco se saberia para além do nome e do local tradicional do seu martírio. Talvez por isso encontremos nela o que parece ser um emaranhado pouco homogéneo de lugares comuns, a maior parte dos quais o hagiógrafo tinha à sua disposição em muitas paixões anteriores aos finais do século VII, inícios do VIII.

A reduzida bibliografia em torno da *passio BHL* 1999 tende a ser deveras vaga nas asserções que são feitas a respeito dos modelos utilizados pelo autor. Fábrega afirma que o texto da *passio* “está evidentemente emparentado con las recensiones de las Pasiones de san Vicente y, sobre todo, de san Félix de Girona”⁹⁸, apresentando alguns paralelos textuais. García Rodríguez mostra-se também assertiva, reiterando a convicção de Fábrega: “La «Passio» que figura en los códices de Cardeña y de Silos, la recensión más antigua que se conoce, depende indiscutiblemente de la de San Vicente, con la que coincide en varios pasajes. Pero sobre todo de la de San Félix [...]”⁹⁹. No entanto, a autora não sustenta a sua declaração com exemplos textuais concretos.

⁹⁸ Fábrega Grau 1953, p. 138.

⁹⁹ García Rodríguez 1966, p. 314.

Contudo, uma leitura atenta da *PC* em cotejo com as duas *passiones* supramencionadas revela que as semelhanças textuais são menos significativas do que depreenderíamos daquilo que é dito pelos dois estudiosos. Isto torna-se tão mais evidente quando alargamos o nosso estudo comparativo à totalidade do conjunto textual transmitido pelo *PH*, interessando-nos neste caso apenas aquelas *passiones* que sabemos com alguma certeza serem anteriores à composição da *PC*. Com efeito, entre elas, identificámos dois textos que parecem ter desempenhado um papel tão ou mais importante na criação de uma narrativa para Cucufate do que os já referidos: a *Passio SS. Xysti, Laurentii et Yppoliti* (*BHL* 7811-7812) e a *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum* (*BHL* 3744). Mas antes de procurarmos demonstrar que o hagiógrafo de Cucufate pode ter utilizado estes textos, analisemos as correspondências com a *Passio S. Vincentii* (*BHL* 8628-8631) e com a *Passio S. Felicis* (*BHL* 2864).

Como já vimos, o texto de *BHL* 1999 é a primeira instância em que Cucufate e Félix são descritos como conterrâneos e companheiros na sua viagem ao encontro do martírio na Hispânia. Ao construir esta associação no parágrafo introdutório da *PC*, o autor trai uma muito provável inspiração nas informações fornecidas em *BHL* 2864:

***BHL* 1999**

1 [...] Et quia ab Scillitana ciuitate oriundi erant atque in eadem se parili sensu litteris imbuebant, contigit eis Barcinonensem contingere ciuitatem.

***BHL* 2864**

2 Sanctus igitur Felix de Scillitana ciuitate oriundus fuit. Qui cum ad ciuitatem pergeret Cesaream, quae est in Mauretaniae litore constituta, quae eius metropolis nuncupatur, ubi liberalium litterarum studia praefulgebant [...].

3 Igitur nauem, quae cum diuersis mercimoniis ire ad Spaniam properabat, Deo fauente, conscendit, quo auxiliante, prospera nauigatione in Barcinonensem adpulsus est ciuitatem. [...]

Inde sanctus Felix, diuina miseratione protectus, in Gerundensem ciuitatem se contulit ibique multa magnalia gerens, digne martyrium consummauit.

6. Igitur cum bonas margaritas seminaret in populo, in Gerundensi ciuitate successit, ibique similia gerens [...]

É manifesto que o texto de *BHL* 1999 resume drasticamente em poucas linhas um percurso que em *BHL* 2864 é descrito ao longo de seis parágrafos. Neste esforço de abreviação, parece haver também o de variar o vocabulário em relação ao modelo. O autor da *PC* incorre até numa imprecisão, que pode resultar da omissão da estadia de Félix em Cesareia, onde se deslocara para aperfeiçoar a sua erudição: na versão de *BHL* 1999, Cucufate e Félix dedicam-se aos estudos na sua cidade natal, Cilo.

Vimos já como o juiz de Félix, Rufino, é reutilizado na *PC* como último perseguidor de Cucufate. No entanto, encontramos pouco do Rufino da *PF*, para além do nome. Nas poucas palavras que dirige a Cucufate não ecoa a sua interacção com Félix. Enquanto o Rufino de Félix espelha o seu superior Daciano, tal como representado na *PV*, oscilando entre acessos de ira desenfreada, que motivam os mais cruéis suplícios, e tentativas de subjugar o mártir com *blanditiae*, o Rufino de Cucufate é representado como uma personagem mais controlada na sua intervenção sumária e eficaz, que se resume a uma admoestação ao povo, a uma única pergunta ao mártir para confirmar a sua responsabilidade pela blasfémia aos deuses e, por fim, à sentença da decapitação.

Fábrega Grau apresenta também as seguintes correspondências: *PF*, 11, *qui tibi et patri tuo diabolo similes adprobantur*, e *PC* 7, *qui patris tui diaboli iussa perficis*¹⁰⁰; *PF*, 12, *gratias tibi ago Domine Iesu Christe quia adpropinquauit mihi gratia tua*, e *PC* 8, *gratias tibi ago, omnipotens Deus, quia adpropinquauit ad me gratia tua*; *PF* 19, *adhuc excogitabo crudeliora genera tormentorum*, e *PC* 6, *dum excogitamus noua genera tormentorum*¹⁰¹.

¹⁰⁰ Expressão comum que encontramos, por exemplo, na *Passio S. Eulalia Emeritensis* 8: *et patrem tuum diabolum qui dicitur Satanas*.

¹⁰¹ A expressão *genera tormentorum* encontra-se também em *Passio SS. Iuliani atque Basilissae*, 52 e 61; *Passio S. Sebastiani* 3; *Passio S. Thyrsi et comitum* 12, 63 e 67; *Passio S. Eulalia Barcinonensis* 5.

O episódio da aparição do esplendor divino no cárcere, em *PC* 7, um tópico hagiográfico comum¹⁰², poderá ter sido também em parte inspirado na *PF*:

BHL 1999

7 Retruditur sanctus Dei martyr cum graui ferri pondere catenarum; cum ingrederetur carcerem, beatus ille psallebat dicens: “Dirigatur oratio mea, Domine, sicut incensum in conspectu tuo, eleuatio manuum mearum sacrificium uespertinum.” Et clauso ostio carceris, tantus splendor gratiae in eodem loco apparuit, ut custodes carceris, uidentes hoc, statim crederent in Dominum Iesum Christum.

BHL 2864

16 [...] Post solis autem occasum iussit eum in carcerem mitti et artius custodiri. Vbi statim talís splendor luminis illuxit et nectareus odor suauitatis apparuit, ut custodes ipsius carceris crederent se balsamo fuisse perfusos. Voces etiam angelorum psallentium modulata suauitate omnibus resonabant. Custodes autem mox aperto carcere exeuntes, cucurrerunt ad Rufinum dicentes: “Vere seruus Dei fidelissimus est, quem nos custodire iussisti. Nam multa mirabilia uidimus in hac nocte, quae non licet nobis ulli hominum indicare. Sed et uoces angelorum psallentium per totam noctem audiuimus.”

Apesar da equivalência temática e de algumas correspondências lexicais, o passo da *PC* demarca-se em pormenor da sua possível inspiração. Do cárcere de Cucufate está ausente o *nectareus odor suauitatis*¹⁰³. Na *PC*, a conversão dos guardas é declarada abertamente, enquanto permanece apenas suspeitada nas palavras dos carcereiros de Félix, quando se dirigem a Rufino relatando o que acabaram de testemunhar. Por fim, se Cucufate salmodia, Félix é confortado pela voz doce e harmoniosa dos anjos que entoam salmos durante toda a noite.

¹⁰² O motivo tem as suas raízes na visitação angélica a São Pedro no cárcere, em Act 12, 6-7.

¹⁰³ Expressão bíblica que encontramos metaforicamente associada à luz divina que invade as trevas do cárcere em Tertuliano, *Ad mart.* 2, 4: *Quo uos, benedicti, de carcere in custodiarum, si forte, translatos existimetis. Habet tenebras, sed lumen estis ipsis; habet uincula, sed uos soluti Deo estis. Triste illic exspirat, sed uos odor estis suauitatis.*

Ambos os passos podem facilmente ser colocados em relação com um episódio equivalente na *Passio S. Vincentii*¹⁰⁴: as trevas impenetráveis da prisão são invadidas por uma luz invulgarmente intensa emitida por círios (*flagrantes cerei ultra solitum fulgorem radiant*), enquanto o mártir salmodia e canta um hino, com *uocis organo modulata suauitate*, expressão próxima à que descreve as vozes dos anjos na *PF*. Do *odor suauitatis* não é feita menção¹⁰⁵.

De resto, é questionável o impacto directo que a *PV* terá tido sobre a *PC*. Ao contrário de Fábrega Grau e de García Rodriguez, ousaríamos dizer que pouco ou nenhum. O estilo elevado daquele texto seria difícil de emular para o hagiógrafo de Cucufate, a julgar pela qualidade do seu latim. Tematicamente, não encontramos pontos em comum suficientemente expressivos, para além do episódio do cárcere, que, como vimos, apresenta maior parentesco lexical com o da *PF*. Algumas expressões coincidentes merecem a pena ser referidas, ainda que sejam, por si só, fracos argumentos para defender uma influência preponderante: a descrição do mártir acorrentado em *PV* 4, *cum summa poena carceris [...] stridore catenarum, ut manibus, collo et ceruicibus uix ferri pondera sustinerent*, e em *PC* 7, *retruditur sanctus Dei martyr cum graui ferri pondere catenarum*; o sorriso do mártir em *PV* 11, *tunc denuo ille subridens ait*, e em *PC* 4, *Sanctus itaque Cucufas subridens ait*¹⁰⁶; e a invectiva ao juiz em *PV* 13 e em *PC* 5, *o uirosa diaboli lingua*, que surge também em *PF* 10,

¹⁰⁴ *PV* 18-19.

¹⁰⁵ É oportuno citar um outro exemplo presente no *PH*, nos parágrafos 35-36 da *Passio SS. Iuliani atque Basilissae et comitum*: 35 [...] *Illic introducuntur beati martyres, quos praecedens gratia Domini locum horrendum delectabilem reddidit, et tenebras conuertit in lucem, exhibens cereorum officia, nectareum odorem reddes, ebulliens poena evanuit*. Tal como na *PC*, os carcereiros que testemunham estes sinais divinos convertem-se à fé cristã: *ad pedes uoluuntur sancti Iuliani, laudantes et confitentis Christi nomen*. Note-se, assim, como este passo reúne elementos dos seus análogos nas paixões acima referidas, para além do aparecimento da luz divina, que constitui o eixo deste tópico hagiográfico: o *odor nectareus* da *PF*, os círios da *PV* e a conversão dos guardas da *PC*.

¹⁰⁶ Este caso é notado por Fábrega Grau 1953, p. 138. É, no entanto, um motivo que surge também na *Passio S. Eulalia Emeritensis*, 13: *Beata Eulalia subridens ait*. Encontramos outros exemplos não hispânicos no *PH*, de que citamos apenas alguns: *Passio SS. Valeriani, Tiburtii, Maximi et Ceciliae*, 43; *Passio S. Sebastiani et comitum*, 61; *Passio S. Thyrsi et comitum*, 11.

variando o adjectivo, *o uiperina diaboli lingua*¹⁰⁷; as vísceras do mártir postas à vista, em *PV 12, uiscerum interna patefacta*, e em *PC 2, uisa sunt uiscera eius effundi in terra*; por fim, o passo em *PV 17*, notado por Fábrega, *rebellis nostrorum principum expiret*, colocado em paralelo com *PC 11, Cucufatem rebellem principum nostrorum*.

Consideremos agora as correspondências entre a *PC* e a *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*. Tivemos já oportunidade de comentar a presença do imperador Maximiano (Galério) em ambas as narrativas e o papel idêntico que nelas desempenha, mas outros elementos textuais suportam a hipótese da *PA* ter sido um dos textos que inspiraram o hagiógrafo de Cucufate.

A primeira instância corresponde justamente às primeiras palavras proferidas por Maximiano nas duas paixões, numa dirigida a Cucufate, na outra, ao grupo de cristãos cuja constância na tortura conduz à conversão de Adrião:

BHL 1999

4 [...] Cui Maximianus ait: “Vnde es tu? De his locis an de alia regione?” Sanctus Cucufas, accinctus Dei potentia, constanter respondens ait: “Cur inquiris generationem uel patriam meam, quam tibi Dominus manifestare noluit?”

BHL 3744

4 [...] Et dum adpropinquassent curru eius sancti, dixit ad eos: “Vnde estis? De his locis an de alia regione?” Et illi respondentes dixerunt: “Nati quidem de hac patria, secundum fidem tamen christiani sumus.”

A questão, provavelmente uma reencenação das palavras de Pilatos a Cristo em Io 19, 9 (*unde es tu*), surge com a especificação secundária – *de his locis an de alia regione* – apenas nestas duas paixões, de entre as reunidas no *PH*¹⁰⁸. As respostas dos mártires, porém, divergem: Cucufate assume uma atitude mais próxima do silêncio de Jesus, retorquindo com nova pergunta que se configura como uma recusa de resposta. Já os

¹⁰⁷ Fábrega Grau 1953, 138, faz o paralelo com a *PF* e não com a *PV*. Ver também *Passio S. Thyrsi et comitum* 51: *o prauida diaboli lingua*.

¹⁰⁸ Outras paixões, porém, contêm a pergunta *unde estis*: *Passio SS. Facundi et Primitivi*, 5; *Passio SS. Cosmae et Damiani*, 3.

mártires de Nicomédia, respondem directamente, aproveitando desde logo para afirmarem a sua identidade cristã.

Na mesma secção da *PA* e no parágrafo 6, as ameaças de Maximiano proferidas em resposta à insolência dos mártires¹⁰⁹, têm um paralelo nas palavras do seu homónimo da *PC*, no parágrafo 5, em reacção à invulnerabilidade de Cucufate ao suplício da grelha, cujas chamas consomem os carrascos:

BHL 1999

5 [...] Cui et dixit: “Multa malorum tuorum praestigia uel maleficia praeualent. Per deos magnos, quoniam faciam te per iniqua tormenta interimi!”

BHL 3744

4 [...] Rex uero dixit eis: “Ausi estis dicere stultam iussionem nostram? Per deos magnos tormentis amarissimis consumam corpora uestra.”

6 Audiens haec tyrannus, dixit: “Per magnos deos, quoniam linguas uestras faciam abscidi [...]”

O autor de *BHL 1999* parece, pois, conjugar elementos de ambos os passos da *PA*, ainda que a construção com a expressão adverbial *per deos magnos* seguida de verbo no conjuntivo ocorra noutras *passiones* do *PH*, não, porém, com o mesmo grau de afinidade que aqui verificamos¹¹⁰.

A continuação do diálogo entre juiz e mártires, no parágrafo 6 da *PA*, ecoa também uma troca de palavras entre Maximiano e Cucufate, no parágrafo 4 da *PC*:

¹⁰⁹ A construção *per magnos deos quoniam* repete-se, em contexto diferente, no parágrafo 22 da *PA*.

¹¹⁰ Cf. *Passio S. Christophori et comitum*, 28: *Sin autem, per deos magnos male te finiam [...]*; *P. SS. Syriaci et Paulae*, 4: *Per deos magnos [...] diuersis poenis eos interficiam*. Esta última *passio* é, de resto, uma adição tardia ao *PH*, cf. Fábrega Grau 1953, p. 240.

BHL 1999

4 [...] Maximianus dixit: “Si uerus deus est quem dicis, ueniat et eripiat te de manibus meis uel de tormentis, quae tibi praeparata sunt.” Respondens sanctus Cucufas dixit: “Quae mihi praeparata sunt, nefande?”

BHL 3744

6 Martyres dixerunt: “Audi, nequissime tyranne: si tu eos, qui secundum seculum suos dominos contemnunt odio habes, uel tormentis affligis, quomodo nos cogis contradicere Domino nostro, ut merito patiamur illa tormenta quae tibi praeparata sunt?” Maximianus rex dixit: “Quid enim mihi praeparatum est, puniendi?”

Da *PA* para a *PC* os papéis invertem-se: as palavras aplicadas aos tormentos do castigo eterno que os mártires de *BHL 3744* afirmam esperarem Maximiano no dia do Juízo Final são transferidas na *PC* para a boca de Maximiano, aludindo aos suplícios a que Cucufate será em breve submetido¹¹¹. Do mesmo modo, a resposta que denota o desprezo pela ameaça troca de lado no diálogo entre o bem e o mal.

Aqui, no entanto, poderá ter concorrido com a *PA* um passo da *PF*, no parágrafo 16:

BHL 2864

16 Et dicit ad sanctum Felicem: “Accede, et facito sicut nos facere conspexisti, ut possis euadere tormenta, quae tibi praeparata sunt.”

Mas a resposta de Félix a esta ordem, ainda que contenha elementos que ressurgem num outro momento da *PC*, nada tem que ver com o seguimento do passo em questão, mais próximo, como vimos, da *PA*.

Quando finalmente Adrião entra em cena na *PA*, a sua interacção com Maximiano oferece-nos novos paralelismos com a *PC*:

¹¹¹ Voltaremos a encontrar a mesma expressão proferida pelo *comentariensis officii*, em *PA*, 19: [...] *et si modo interrogati fuerint, expirant, et finient uitam, et non percepiunt, quae eis praeparata sunt tormenta.*

BHL 1999

7 [...] dum ei oblatus fuisset, Maximianus eum interrogauit dicens: “Adhuc perseueras in insania, quam coepisti, et non reuerteris ad sanam mentem?” Sanctus Cucufas respondit: “Insania te possidet, qui patris tui diaboli iussa perficis et quis sit uerus Deus non agnoscis, unde et hanc multitudinem, quam tibi congregasti, tecum perire facis.”

BHL 3744

9 Qui, cum uenisset, Maximianus dixit ad eum: “Insanis, Adriane! Numquid et tu uis uitam tuam male perdere?” Adrianus dixit: “Non insanio, rex, sed ex multa insania ad sanam mentem conuertor.”

21 Et dum intromissus fuisset Adrianus, uidens eum Maximianus dixit ad eum: “Adhuc permanes in tua insania, et uis de hac uita male exire?” [...] Adrianus sanctus respondit: “Quare dum tu erras, alios facis errare, et temetipsum perdis, et multitudinem hanc populi, quam facis adorare eos, qui sine anima sunt, ut derelinquant Deum, qui fecit caelum et terram, mare et omnia, quae in eis sunt?”

Creemos, também aqui, entrever um processo de composição em que o autor da *PC* entretece num mesmo passo reminiscências de momentos distintos, mas temática e lexicalmente afins, da *PA*¹¹².

¹¹² Note-se ainda que a citação bíblica – *Deum, qui fecit caelum et terram, mare et omnia, quae in eis sunt* (Ex 20, 11; Act 4, 24 e 14, 15) com que Adrião conclui a sua pergunta é a mesma evocada por Cucufate ao professar a sua fé a Maximiano, no parágrafo 4 da *PC*. Esta é, contudo, uma das fórmulas de credo mais frequentes nas *passiones*, sendo a sua presença um elemento inútil para determinar relações com outros textos.

A estes três elementos de maior consistência, que acabamos de evidenciar, acresce um outro conjunto de evidências mais dispersas nos textos, que reforçam a hipótese da *PA* como uma das principais fontes de inspiração para o autor da *PC*.

A composição do episódio das vísceras do mártir espalhadas por terra, como resultado dos golpes infligidos por um grupo de soldados, pode ter sido também ele influenciado pelo narrado no parágrafo 23 da *PA*:

BHL 1999

2 Et dum sanctus Cucufas a militibus duodecim torqueretur et grauius eum caederent, sic uisa sunt uiscera eius effundi in terra et omnes milites, qui eum torquebant, uidentes ea, obcaecati sunt, ac subito ita Domini misericordia illum reddidit sanum, ut quasi nullam perpessus fuerit poenam.

BHL 3744

23 [...] Audiens haec Maximianus, iterum iratus est, et iussit eum a quattuor militibus in uentrem cedi. Et dum uidisset effundi uiscera eius, iussit eum dimitti.

Nestes passos, com a afinidade lexical contrasta, no entanto, o desfecho dos episódios, pois o hagiógrafo de Cucufate introduz os elementos milagrosos da cura do mártir, da cegueira dos carrascos e da morte do procônsul Galério, quando na *PA* o derramar das entranhas de Adrião motiva o imperador a conceder-lhe o perdão e a oferecer-lhe os cuidados dos médicos do palácio, que o mártir recusa. Ao contrário de Cucufate, Adrião não recebe a graça de ser sarado por intervenção divina, nem vê castigados os seus verdugos.

O *topos* da caracterização do estado psicológico alterado do juiz é expresso pela expressão *furore repletus* por três vezes na *PC*, nos parágrafos 5, 8 e 11, nos dois primeiros descrevendo Maximiano, enquanto no último é aplicado a Rufino. Também na *PA* é esta a expressão utilizada em três instâncias para caracterizar Maximiano, nos parágrafos 7, 9 e 22¹¹³.

¹¹³ De entre todos os textos do *PH*, só voltamos a encontrar a expressão na *Passio S. Romani et comitum*, 3 e 8.

Difícilmente será coincidência que, na prece de Cucufate em *PC* 8, o mártir se refira a Maximiano como *tyrannus princeps*. Uma leitura da *PA* deixa bem gravado na memória o adjectivo *tyrannus*, aplicado a Maximiano em não menos de 12 instâncias.

A expressão *ferro uinctum* é usada duas vezes na *PC* para descrever o mártir acorrentado por ordem de Maximiano, encontrando-se também em dois passos da *PA*, no plural *ferro uinctos*, no parágrafo 3, referindo-se ao grupo de mártires com que abre a narrativa, e no singular, no parágrafo 9, quando Adrião é preso pela primeira vez. Podemos acrescentar ainda o sintagma *ferri pondere (catenarum)* em *PC*, 7, que, como vimos, poderia remeter para a *PV*, mas que encontramos invertido em *PA*, 17 – *pondere ferri*.

A *Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti* parece ter contribuído com um conjunto de elementos importantes para a composição da *PC*. Não surpreende, em todo o caso, que o hagiógrafo de Cucufate tenha tido como referência a paixão daquele que desde cedo se tornou um dos mais célebres mártires do Ocidente.

No segundo parágrafo da *PC*, as palavras da única questão que Galério dirige ao mártir são em parte decalcadas das primeiras palavras que o juiz Valeriano dirige a Lourenço:

BHL 1999

2 Dum sedule in eadem ciuitatem permaneret impiissimus Galerius proconsul, directis militibus suis, sibi eum iussit offerri, cui et dixit: “Cuius te muniri existimas patrocinio, quia principum iussa non obaudis neque deos magnos adoras?”

BHL 7811-7812

8 Valerianus sedens pro tribunali, hoc initium sermonis arripuit: “Cuius te muniri existimas patrocinio, ut neque deos neque caesarem uelis habere propitios?”

O autor de *BHL 1999* terá assim copiado literalmente a primeira oração interrogativa e reformulado com uma estrutura sintáctica simplificada a oração consecutiva seguinte.

Dois dos suplicios a que Cucufate é sujeito poderão ter origem nas narrativas dos martírios de Lourenço e de Hipólito. Em primeiro lugar, encontramos na *PC* uma reencenação do famoso episódio de São Lourenço na grelha:

BHL 1999

5 Maximianus accensus furore iussit eum in craticula assari et super eum acetum et sinapem perfundi.

BHL 7811-7812

8 [...] Tunc iussit eum Valerianus in conspectu suo uiuum in craticula assari.

A relativa sobriedade da narrativa do martírio de Lourenço, adornada sobretudo por uma das mais notáveis frases de indiferença à tortura em toda a hagiografia – *assatum est, uersa et manduca*¹¹⁴ –, é substituída na *PC* por *mirabilia*: enquanto Lourenço, apesar da sua notável constância, acaba por sucumbir ao suplício, Cucufate permanece ileso e os verdugos são, por sua vez, consumidos pelo fogo.

Em segundo lugar, a dilaceração de Hipólito com cardos de ferro ecoa, ainda que de forma mais subtil, na *PC*:

BHL 1999

8 Tunc Maximianus furore repletus militibus dixit: “Caedite eum ad cardos ferreos et taureis neruis, ut exterminetur caro eius.”

BHL 7811-7812

9 [...] Quo audito, Decius caesar iussit os eius contundi ad lapidem, et exiit eum ueste, qua habitu christiano indutus erat, et extensum a cardos ferreos cedi.

A expressão *a(d) cardos ferreos caedere* não ocorre em nenhuma outra paixão transmitida no *PH*¹¹⁵. Mais frequentes são os *nerui* aqui mencionados, referidos, por

¹¹⁴ Esta tirada não se encontraria, todavia, no texto original da *passio vetus*, reconstituída por G. N. Verrando, “*Passio SS. Xysti Laurentii et Yppoliti*. La trasmissione manoscritta delle varie recensioni della cosiddetta *Passio vetus*”, *Recherches Augustiniennes* 25, 1991, pp. 181-221. É possível que o hagiógrafo de Cucufate conhecesse este texto, que existiria já no séc. VI, e não a versão com algumas adições que é transmitida nos manuscritos do *PH*.

¹¹⁵ A única outra referência a *cardi ferrei* encontra-se na *Passio SS. Apostolorum Petri et Paulo* (BHL 6657), 31: [...] *et ideo cardis ferreis iubeo eos inaumagia consummi [...]*.

exemplo, como um dos meios de tortura do grupo de mártires da primeira parte da *PA*¹¹⁶.

As circunstâncias da morte de Maximiano no fórum, em *PC* 9, inspiradas em grande medida na descrição bíblica da morte de Judas, em Act 1, 18, relembram também a cena afim em *PXLH* 10, na qual o imperador Décio e o perfeito Valeriano são tomados por uma morte súbita em pleno anfiteatro:

***BHL* 1999**

9 Maximianus autem aras ornari iussit, ut eis sacrificium offerret cum sacerdotibus, et sedens in curru in medio foro ex praecepto Dei et gloria diuinitatis cecidit in terra, crepuit et mortuus est.

***BHL* 7811-7812**

10 Diem autem septima passionis eius dedit munera Decius, et sedente eo in curro una cum Valeriano praefecto, ut iam descenderent et anfiteatrum intrarent, uno momento utrique expirauerunt.

Ainda que lexicalmente os dois episódios tenham pouco em comum, são ainda assim mais próximos entre si do que dos únicos outros dois exemplos de *ultio diuina* sobre os perseguidores que encontramos no *PH*: a *Passio SS. Iuliani atque Basilissae et comitum*¹¹⁷ e a *Passio S. Thyrsi et comitum*¹¹⁸.

Na *PC*, a formulação do argumento da natureza inane dos ídolos¹¹⁹, contraposta à do *Deus uiuus*, parece reutilizar parcialmente as palavras do papa Xisto ao imperador Décio, no parágrafo 5 da *passio*:

¹¹⁶ Cf. *PA*, 4: *Nam et adiuncti sunt alii tres questionarii ad cedendum eos neruis crudissimis*. O adjectivo que os qualifica, *taureus*, encontra-se apenas, no *PH*, no parágrafo 55 da *Passio S. Thyrsi et comitum*, onde Tirso é agredido com *taureis flagellis*.

¹¹⁷ A morte de Marciano, *uermibus ebulliens*, no parágrafo 63, evoca a descrição da morte de Galério feita por Lactâncio, *De mortibus persecutorum*, 33.

¹¹⁸ Tal como na *PC*, nenhum dos três perseguidores de Tirso sobrevive: no parágrafo 45, Silvano e Cumbrício têm uma morte semelhante à de Marciano (ver nota anterior); no parágrafo 66, Baudo sofre subitamente os efeitos de todos os tormentos a que submetera Tirso.

¹¹⁹ O arquétipo bíblico deste argumento encontra-se em Dt 4, 29 e Ps 113, 12-15.

BHL 1999

3 Sanctus uero Cucufas ait ad populum: “Ecce uidetis quanta mirabilia fecit Dominus et ideo relinquit manufacta hominum, quae sunt sine uoce et absque auditu uel sine gressu et credite in Deo uiuo aeterno, qui omnia plasmavit ex nihilo.”

Porém, neste passo da *PC*, o autor terá conjugado o empréstimo da *PXLH* com reminiscências da *PF*:

BHL 2864

16 Tunc beatus Felix dixit: “[...] discedite, infelices, a manufactis uestris, quos impie adoratis, et cognoscite Deum uiuum, qui uos de limo terrae plasmavit: quoniam omnia, quae sunt manufacta hominum, pro eis rationem reddituri estis Deo uiuo omnium saeculorum.”

Cumulativamente, é lícito perguntarmo-nos se a estrutura do *incipit* da *PC* não terá sido sugerida pelas palavras iniciais da *PXH*, ainda que o conteúdo e sentido sejam substancialmente distintos¹²⁰:

BHL 1999

1 Magnum et admirabile ualdeque perspicuum ingensque miraculum cunctis apparuit super sanctos Dei famulos Felicem et Cucufatem martyres [...].

BHL 7811-7812

2 Magna martyrum et praecelsa sunt testimonia, quae adtenuat potius quam explicat sermo:

¹²⁰ O *incipit* da *Passio SS. Iustae et Rufinae* constitui o único outro exemplo deste tipo de construção entre os textos reunidos no *PH*: *Magna est et plurimum laudabilis constantia uirtutis* [...].

Seja como for, o início da *PC* demarca-se do mais frequente *in diebus illis*, com que abrem, por exemplo, a *Passio S. Felicis* e a *Passio S. Adriani*.

O desfecho da *PC* contém alguns elementos que ressoam em outros textos do *PH* e que merecem ser aqui mencionados, embora sejam menos consistentes do que os casos que acabámos de analisar.

A sentença final ditada por Rufino e os derradeiros momentos de Cucufate antes da decapitação, tal como narrados no parágrafo 11, parecem-nos, em alguns pontos, particularmente próximos do narrado na *Passio S. Columbae* (*BHL* 1893), mártir da cidade francesa de Sens, cujo culto visigótico está bem atestado no século VII¹²¹:

***BHL* 1999**

11 Tunc crudelissimus Rufinus dictavit sententiam dicens: “Cucufatem rebellem principum nostrorum, qui diis nostris sacrificare noluit, gladio percuti praecipimus.” Spiculatores uero, accepta sententia, eicientes eum extra ciuitatem, ut praeceptum eis fuerat, ad locum hunc Obtatiano, quod situm est a ciuitate octauo miliario, perductus est. Sanctus uero Cucufas rogauit eos, ut spatium ei orandi praestarent. Cumque ei spiculatores praebuisent adsensum, prosternens se in terram orauit dicens. Completa oratione, amputatum est caput eius ab spiculatoribus.

***BHL* 1893**

7 [...] Tunc Aurelianus imperator, ira accensus, iussit eam duci extra ciuitatem, dicens: “Columbam, quae diuinis legibus adsensum noluit adcomodare, ut omnipotentibus diis debita sacrificia clementer exhiberet, gladio percuti iubeo.

8 Cumque egressi fuissent milites, et deducerent eam miliarium unum semis extra ciuitatem, rogauit eos, ut eam permitterent orare, qui fecerunt ita. [...] et abstulit caput eius.

¹²¹ Fábrega Grau 1953, pp. 187-188; García Rodríguez 1966, pp. 188-190.

As correspondências lexicais entre os dois passos são, é certo, pouco conclusivas¹²², mas ganham algum relevo quando conjugadas com a proximidade dos motivos presentes nos dois episódios: o mártir condenado à decapitação, conduzido para fora da cidade a uma distância especificada em milhas, pede aos carrascos um momento para orar, que lhe é concedido¹²³.

Uma outra referência para o hagiógrafo de Cucufate neste ponto da sua narrativa poderá ter sido a *Passio S. Christophori et comitum* (BHL 1764)¹²⁴. No parágrafo 31, Cristovão dirige-se aos soldados pedindo-lhes que esperem enquanto ora – *sustinete me modicum ut orem* –, ao que os soldados respondem *habe spatium sicut uis orare*. O episódio, muito mais elaborado do que em BHL 1999, termina no parágrafo 33, com a decapitação do mártir às mãos de um *spiculator*: *amputatum est caput eius*.

Muitas outras expressões e motivos dispersos pela *PC* ressurgem num número de textos demasiado elevado para que seja válido propor convincentemente outras relações. Por um lado, são um indício de que o hagiógrafo de Cucufate dominava um *corpus* relativamente vasto de *passiones* cuja linguagem soube manipular para a construção de uma nova narrativa. Parece, porém, ter tido mais presentes alguns textos, que porventura conheceria melhor, dos quais, como vimos, terá retirado conjuntos mais consistentes de elementos que nos permitem retrazar hipoteticamente alguns percursos de intertextualidade.

Cingimo-nos, no nosso estudo, aos textos do *PH* que se pensa que circulassem já na Hispânia antes do século VIII, inclusive. É falacioso, contudo, pensar que um hagiógrafo, provavelmente escrevendo na Catalunha entre os finais do século VII e inícios do VIII, não conhecesse e tivesse à sua disposição outras *passiones* que nunca

¹²² A expressão *ira accensus*, que descreve o estado do imperador Aureliano ao proferir a sentença, e já antes utilizada no texto, ocorre também uma vez em *PC* 2, caracterizando Galério. Não detectámos, em todos os textos do *PH*, nenhuma outra ocorrência da expressão, sinónima do bem mais frequente *furore accensus*, também utilizado na *PC*. Não podemos deixar de nos perguntar se este não será mais um indício de que o autor conheceria relativamente bem a *Passio S. Columbae*.

¹²³ A versão BHL 1893, transmitida por todos os manuscritos de origem peninsular, diverge aqui em pormenor da versão BHL 1892, contida no vetusto manuscrito hagiográfico de Corbie, do século VIII, Paris, lat. 12598. Nesta versão, a recusa inicial dos soldados ao pedido da mártir motiva a oferta que esta lhes faz do seu véu novo (*anabologium*).

¹²⁴ Note-se que São Cristovão era venerado no mesmo dia que São Cucufate, a 25 de Julho.

lograram ser integradas naquela compilação litúrgica, simplesmente porque os mártires de que preservavam a memória não seriam objecto de um culto significativo aquém-Pirenéus. É, portanto, possível que paralelos mais convincentes entre a *PC* e outros textos tenham ficado por identificar.

É, ainda assim, interessante constatar que, no momento de escolher os modelos para a sua própria narrativa, se de escolha se tratou, o autor de *BHL* 1999 terá virado a sua atenção sobretudo para mártires não-hispânicos, ao contrário do que se afirmara até agora, avançados injustificadamente Vicente e Félix como principais pontos de referência da *PC*.

Se foi o hagiógrafo de Cucufate a forjar a associação a Félix, porque não seguir mais de perto a *PF*? Talvez para contornar o que constituiria o reverso da moeda de tal associação. Fazer de Cucufate, mártir provavelmente pouco conhecido até então fora do seu centro de culto, o companheiro de viagem de Félix de Girona, cujo culto estaria já generalizado na Hispânia no séc. VII e presente na Gália desde o séc. VI, conferiria maior solidez à tradição do mártir de Barcelona que, ao que tudo indica, pouco mais seria do que um nome. Mas transpor sem grandes alterações as peripécias do martírio de Félix para a lenda de Cucufate diluiria a identidade deste, que era precisamente o que se pretendia criar. Conterrâneo e companheiro de viagem de Félix, seu par na nobreza das origens e nos méritos da fé, Cucufate tinha, ainda assim, que se destacar de Félix, combatendo o seu próprio *agon*. Seria assim mais seguro recorrer aos exemplos de mártires mais distantes, mas eminentes, como São Lourenço ou Santo Adrião.

2.4 Data da composição

Fábrega Grau propõe para *BHL* 1999 uma composição da primeira metade ou meados do século VIII, datação seguida por García Rodríguez¹²⁵. O *terminus ante quem* avançado por ambos os estudiosos é o ano 777, de que data a primeira trasladação atestada de relíquias para a Gália, por Fulrado. O argumento repousa na ausência de qualquer notícia de trasladação na tradição manuscrita da versão hispânica da *passio*. Ainda que válido, não se nos afigura um “argumento concluyente”, como diz Fábrega.

O nosso estudo da transmissão manuscrita de *BHL* 1998 deixa suspeitar que a *translatio* nem sempre foi entendida como parte integrante do texto daquela versão da

¹²⁵ Fábrega Grau 1953, p. 143; García Rodríguez 1966, p. 315.

passio, sendo omitida em vários manuscritos e circulando em duas versões bem distintas. Apenas na versão longa da *translatio*, cujo testemunho mais antigo data do séc. XI, é explicitamente referida a dupla trasladação de Fulrado. A versão breve, talvez a mais antiga, é vaga, não aludindo especificamente nem à trasladação de 777, nem à de 835, por Hilduíno. Neste sentido, é muito próxima da notícia que nos dá Adon de Vienne, que ou se inspirou nela, ou foi a fonte a partir da qual foi introduzida a seguir à doxologia final da *passio*.

É justamente a primeira recensão do Martirológio de Adon que nos dá o único *terminus ante quem* seguro para a existência de uma narrativa completa do martírio de Cucufate, pois o epítome que dela é feito na entrada para o dia 25 de Julho contém todos os elementos principais da *passio* tal como a conhecemos. Não é, no entanto, possível afirmar com segurança de qual das versões Adon se terá servido, ainda que alguns indícios deixem suspeitar que tenha sido já a reescrita *BHL* 1998. Em todo o caso, *BHL* 1999 tem de ter sido redigida antes do ano 855, se aceitarmos a datação proposta por Jean Dubois para o Martirológio¹²⁶.

Estabelecer um *terminus post quem* indiscutível é, por sua vez, tarefa mais difícil, se não impossível. A solução tem sido procurada na comparação da *passio* com os textos litúrgicos e levou primeiro Fábrega Grau e depois García Rodríguez a discutirem a hipótese de uma paixão primitiva¹²⁷.

Para Fábrega Grau, a necessidade de pressupor uma versão anterior parte sobretudo do silêncio de todos os textos litúrgicos a respeito dos três perseguidores. Assim, todas as peças litúrgicas se baseariam numa *passio* na qual não se faria menção de nenhum perseguidor. A este argumento opõe-se García Rodríguez, que faz notar que na missa para o dia de Cucufate é mencionado o castigo dos perseguidores, na “Ad orationem dominica”. Com efeito, naquela secção da missa lemos *Christe Dei Filius, qui uictoriam Martyris in ultionem persecutorum eius ostendis propagatam, dum eo superstitite et paratos ignes exstinguis, et cruentos carnifices perimis*. É, contudo, preciso assumir aqui que os *persequutores* a que se faz alusão são distintos dos *carnifices*

¹²⁶ Dubois e Renaud 1984, xx.

¹²⁷ Comentando de forma mais superficial a tradição textual dedicada a Cucufate, Víctor Saxer segue em grande medida Fábrega Grau e García Rodríguez, aceitando a existência de uma versão primitiva do século VII, da qual derivariam quer *BHL* 1999 quer *BHL* 1998. V. Saxer 1994, pp. 458-459.

mencionados logo a seguir. É verosímil que assim seja, e nesse caso temos já no núcleo principal da missa uma referência a mais do que um juiz (*persequutores*) e aos carrascos (*carnifices*) consumidos pelo fogo (PC 5). Como García Rodríguez também refere, na variante desta parte da missa transmitida pelo códice de San Domingo de Silos, British Library, Add. 30845, de finais do século X, lê-se uma alusão directa a Maximiano, omitindo-se os *carnifices*: [...] *dum Maximianum debito igne precipitio ignis eterni dimergendo prostrasti, et paratos illi ignes extingueres*. Por outro lado, o peso que Fábrega atribui à omissão dos nomes dos perseguidores parece denunciar as expectativas falaciosas que o autor tem em relação às peças litúrgicas. De Gaiffier, comentando semelhantes suposições de Fábrega a respeito da *Passio S. Eulaliae Emeritensis*, observara já que aqueles textos “ne mentionnent que très rarement le nom des juges”¹²⁸.

A favor da existência da *passio* primitiva, Fábrega diz ainda que “de no admitirse la refundición de la versión original, de manera que nuestros mss. no den una versión algo distinta de la primitiva, no se explica la brusca entrada en la narración del primer interrogatorio inmediatamente después del prólogo, así como ciertas frases intercaladas que tienen visos de no remontarse en su redacción a un tiempo tan antiguo como todo el resto de la Pasión.”¹²⁹ Lamentamos que o autor não tenha aqui desenvolvido as suas afirmações. Concordamos com a estranheza causada pelo início abrupto do interrogatório a seguir ao parágrafo introdutório. Mas, como já tivemos oportunidade de comentar, a mesma brusquidão é observada na introdução do segundo perseguidor, Maximiano, e, ainda que de forma mais matizada, no início da última secção da narrativa, com a entrada em cena de Rufino. Não entendemos, portanto, o que implica Fábrega com esta afirmação, pois não propõe uma reconstituição dos elementos que se encontrariam já na versão original. Não se trata, parece-nos, de excluir o prólogo, pois afirma que o original dependeria já da *Passio S. Felicis* e da *Passio S. Vincentii*. Quanto às frases que suspeita serem interpolações posteriores não podemos tecer comentários, uma vez que a afirmação que faz não é apoiada por exemplos textuais.

García Rodríguez¹³⁰, ainda que com menos convicção do que aquela demonstrada por Fábrega, não põe de parte a possibilidade da existência de uma versão

¹²⁸ De Gaiffier 1954, p. 389, n. 2.

¹²⁹ Fábrega Grau 1953, p. 143.

¹³⁰ García Rodríguez 1966, pp. 314-315.

mais antiga do que *BHL* 1999. Mas, ao contrário do editor do *Passionário*, a autora considera que, a ter existido, a *passio* primitiva distinguir-se-ia sobretudo por não conter a associação de Cucufate a Félix¹³¹. Para sustentar esta hipótese, aduz argumentos que se prendem também com os silêncios de algumas peças litúrgicas a respeito de Félix. De feito, a duas orações transmitidas pelo Oracional Visigótico não mencionam o mártir de Girona. Já as missas se afiguram um caso mais complexo. As duas missas conhecidas para Cucufate diferem substancialmente apenas nas primeiras quatro orações, convergindo a partir da “Inlatio”. A “Inlatio”, partilhada pelas duas missas, é justamente estruturada em torno da dicotomia Félix / Cucufate. Na missa “Ad martyrem”, extante no Sacramentário de Toledo do século IX (Toledo, Archivo y Biblioteca Capitular, 35.3), esta é a única alusão a Félix. Contudo, a missa “Ad geminis”, transmitida apenas pelo códice Toledo, Archivo y Biblioteca Capitular, 35.6, composto entre os séculos IX e X, explora a parceria entre os dois mártires, a que se refere como *fratres*, também na primeira oração.

Assim, García Rodríguez supõe ter existido uma missa primitiva, contemporânea das orações do Oracional, que desconheceria qualquer ligação entre Cucufate e Félix, e da qual apenas se teriam preservado algumas orações. Estes textos dependeriam talvez de uma recensão primitiva da *passio*. A paixão tal como a conhecemos, o hino e as partes da missa que fazem menção de Félix seriam então produtos mais tardios, porventura do século VIII, de um culto conjunto aos dois mártires, provavelmente em San Cugat del Vallès, mencionado pela primeira vez nos registos documentais sob a protecção de ambos.

A autora, porém, mostra-se mais prudente do que Fábrega, reconhecendo que “no es fácil decidir la cuestión” e chamando a atenção para a frase *Scillitana nobis hoc pignus civitas missit*, presente na primeira oração da missa “Ad martyrem”, que considera poder ser um fragmento da hipotética missa primitiva. Com efeito, este parece ser um indício de que mesmo esta oração poderá ter sido composta com conhecimento da tradição textual que une Cucufate a Félix, já que é marcadamente próxima do primeiro verso e meio da segunda estrofe do hino, onde lemos *Munus hoc clarum tibi Scillitana / ciuitas misit [...]*, remetendo também para o primeiro parágrafo da *passio*, que, como vimos depende da *PF*.

¹³¹ Cf. García Rodríguez 1996, p. 315: “Para Fábrega la versión primitiva dependería ya de la «Passio» de San Félix: en ese caso no veo la necesidad de suponer una versión primitiva.”

À semelhança de Fábrega Grau, García Rodríguez não adianta muito mais sobre qual seria o conteúdo da versão primitiva. Na verdade, a sua hipótese põe em causa apenas o primeiro parágrafo, a única secção do texto que nos fala de Félix. Podemos pensar que afectasse também aquelas partes da narrativa que parecem depender da *PF*, mas também aqui não estaríamos perante grandes alterações à *passio* tal como a conhecemos.

Ante todas estas incertezas, julgamos mais prudente assumir simplesmente que tanto o hino como as missas se basearam numa *passio* muito próxima de *BHL* 1999, ou até mesmo na própria *BHL* 1999. Todavia, a utilidade destes três textos litúrgicos afigura-se-nos limitada para a discussão em torno da datação a atribuir à paixão. A composição do hino em particular tem sido situada no século VII¹³², com García Rodríguez a propôr pela primeira vez o séc. VIII. Mas nenhum dos textos se encontra atestado em manuscritos anteriores ao séc. IX, e provavelmente ao séc. X, no caso da variante “Geminis te” da missa.

Ficamos assim reduzidos às duas breves peças transmitidas pelo códice LXXXIX da Biblioteca Capitulare de Verona, que sabemos com alguma certeza ter sido composto entre c. 680 e 731-732¹³³. Estes são, com efeito, os únicos argumentos incontestáveis para defender a existência de uma narrativa sobre o martírio de Cucufate num determinado momento da segunda metade do século VII ou na primeira do século VIII.

Mas seria esta narrativa já *BHL* 1999? As duas orações transmitem apenas alguns pormenores do martírio: a “Benedictio” menciona a tortura às mãos dos doze soldados, o suplício da fogueira, com a extinção milagrosa das chamas e a morte dos carrascos consumidos pelo fogo; a oração para “Completurna” é mais vaga, referindo a vitória do mártir sobre vários tormentos não especificados (*de inlatis poenis dedisti*

¹³² J. Pérez de Urbel, “Origen de los himnos mozárabes”, *Bulletin Hispanique*, 28, 1926, p. 218; M. C. Díaz y Díaz, *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*, Salamanca, 1958, p. 94 (nº 343).

¹³³ M. C. Díaz y Díaz, “Consideraciones sobre el Oracional Visigótico de Verona”, *Petrarca, Verona e l’Europa. Atti del Convegno internazionale di studi (Verona, 19-23 sett. 1991)*, G. Billanovich - G. Frasso (eds.), Padova, 1997, p. 16; M. C. Vivancos Gómez, “El oracional visigótico de Verona: notas codicológicas y paleográficas”, *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios Latinos*, 26, nº 2, 2006, p. 133.

ferre victoriam) e contendo uma alusão igualmente vaga ao cárcere (*vinclis mancipatus et carcere*).

Poderíamos avançar a hipótese de o laconismo dos textos do Oracional denunciar uma versão anterior, mais breve, da *passio*, posteriormente reelaborada na narrativa mais extensa de *BHL* 1999¹³⁴. Suporíamos, assim, que este texto primitivo relataria apenas o suplício às mãos dos doze soldados, o tormento da fogueira e um episódio de encarceramento ligeiramente diferente do que conhecemos. Nada se saberia da origem cilitana de Cucufate, da sua ligação a Félix, dos três juízes e do suplício da grelha.

Parece-nos, no entanto, ingénuo pensar que as duas orações nos digam tudo aquilo que se encontrava na fonte em que se inspiraram e que todos os seus silêncios sejam prova daquilo que ainda não era conhecido na tradição em torno de Cucufate. Não corresponderia certamente à natureza desta categoria textual relatar exhaustivamente um martírio ou a vida de um santo. Se nelas tivéssemos uma versão completa do martírio de Cucufate, como explicar que não contenham nenhuma menção da sua morte, por decapitação ou por outro meio? Ambas as orações se configuram, pelo contrário, como uma selecção de motivos retirados de uma narrativa completa.

Neste sentido, a escolha e insistência no suplício das chamas justifica-se por este elemento em particular se prestar ao desenvolvimento da retórica que estrutura as súplicas contidas nas duas orações: na oração para “Completuria”, as chamas lançadas pelos perseguidores, suprimidas pelas preces do mártir, são contrapostas à chama da justiça, que deve arder nos fiéis graças à mediação de Cucufate¹³⁵; na “Benedictio”, as mesmas chamas são comparadas às tentações da carne, que Cristo pode aniquilar com o mesmo poder com que extinguiu a ímpia fogueira preparada para o seu eleito, e o sofrimento dos carrascos consumidos pelo fogo (*ignitiis supliciiis*) é contraposto à felicidade do povo cristão (*obtabilis letitia populis christianis*), ambos dádivas distintas de Cristo.

¹³⁴ Assim pensa Victor Saxer. Cf. V. Saxer 1994, p. 458: “Au sujet de S. Cucufat, seul l’Oracional de Tarragone reflète un texte hagiographique antérieur à l’invasion arabe et, par conséquent, indemne d’infiltrations tardives.”

¹³⁵ [...] *ut, eo intercedente, luceat in nobis flamma iustitiae, quo supplicante truces persequentium evicte sunt flamme.*

Não parecem, pois, existir argumentos probatórios para a existência de uma versão primitiva da *passio* que fosse substancialmente diferente de *BHL* 1999. Do mesmo modo, não podemos afirmar de forma concludente que *BHL* 1999 tenha estado na base de todos os textos litúrgicos. Porém, nada obsta verdadeiramente a que a *passio* mais antiga fosse já um texto muito próximo do que encontramos nos manuscritos do Passionário Hispânico, deixando espaço para prováveis diferenças devidas às vicissitudes da transmissão manuscrita dos finais do século VII até ao século X.

Em suma, eis o que é possível concluir em termos de datação: por um lado, uma narrativa do martírio de São Cucufate de Barcelona, com contornos já muito próximos aos que nos chegaram, existiria certamente num dado momento entre meados do séc. VII e os anos 731-732, o intervalo que nos é fornecido pelo manuscrito do Oracional. Por outro lado, *BHL* 1999 não pode ser posterior a 855, ano da composição do Martirológio de Adon, que transmite um resumo do martírio que corresponde rigorosamente em conteúdo ao texto da *passio*. Ora, na impossibilidade de encurtar com segurança este intervalo cronológico, a datação proposta por Fábrega permanece válida, sem que possamos rejeitar a hipótese de uma datação mais recuada, de meados do séc. VII.

3. A TRANSMISSÃO MANUSCRITA DE *BHL* 1999

3.1 Os códices *α* (*L P2*)

L LONDON, British Library, Add. 25600.

Passionário copiado por Endura, em São Pedro de Cardeña, na região de Burgos, em meados do século X¹³⁶. A *PC* encontra-se nos ff. 220v-223r, entre a *Passio S. Christophori et comitum* (*BHL* 1764) e a *Passio S. Felicis Nolensis* (*BHL* 2869). Título: *Passio beatissimi martyris Cucufatis, qui passus est Barcinona in ciuitate sub Maximiano imperatore et Galerio preside, die VIII kalendas agustas. Deo gratias.*

P2 PARIS, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 2179.

Passionário do século XI, proveniente de São Domingos de Silos, na região de Burgos, onde terá sido produzido por um copista de nome João, que tomou como modelo o códice de Cardeña, a cujo repertório acrescentou 41 textos novos¹³⁷. A *PC* encontra-se nos ff. 234v-236r, entre a *Passio S. Bartolomei Apostoli* (*BHL* 1002) e a *Passio S. Christinae* (*BHL* 1752). Título: *Passio beatissimi martyris Cucufatis, qui passus est Barcinona in ciuitate sub Maximiano imperatore et Gallerio preside, die VIII kalendas agustas. Deo gratias.*

¹³⁶ Fábrega Grau 1953, p. 25-33, p. 35-50; M. C. Díaz y Díaz, *Códices Visigóticos en la Monarquía Leonesa*. Fuentes y Estudios de Historia Leonesa, 31, León, 1983, pp. 313-314 (códice nº 20); Riesco Chueca 1995, p. XV; J. C. Martín, “Códices hagiográficos latinos de origen hispánico de los siglos IX-XIV, con un apéndice sobre el siglo XV. Ensayo de inventario.”, *Analecta Bollandiana*, 127, nº 2, 2009, p. 326.

¹³⁷ *Catalogus Codicum Hagiographicorum Latinorum antiquiorum saeculo XVI qui asservantur in Bibliotheca Nationali Parisiensi*, vol. 3, 1893, pp. 476-506; Fábrega Grau 1953, p. 225-237; Díaz y Díaz 1983, p. 460-461; Riesco Chueca 1995, p. XVI; Millares Carlo, A. et al. (eds), *Corpus de Códices Visigóticos, I: Estudio*, Las Palmas, 1999, p. 170 (nº 266); J. C. Martín 2009, p. 329.

O texto do passionário de San Pedro de Cardeña apresenta o seguinte conjunto de lições errôneas e omissões partilhadas com a sua cópia, *P2*, contra todos os outros testemunhos:

- 1, 1.9 in agone] in agonem
- 2, 1.4 illos *om.*
- 2, 1.9 ea] eam
- 3, 1.6 quae] qui
- 7, 1.1 ferri] ferro
- 7, 1.10 quam] qua
- 11, 1.6 obtatiano] obtiano

L e *P2* demarcam-se dos demais manuscritos também por algumas lições alternativas, que não podemos, no entanto, considerar como erros:

- 1, 1.10 ostenderet] demonstraret
- 2, 1.3 patrocínio] *add.* praesidio uel *ante* patrocínio
- 2, 1.10 poenam] iniuriam
- 3, 1.1 fundens] effundens
- 4, 1.11 proconsul *om.*
- 6, 1.5 impiissimo] impio
- 6, 1.5 completa] facta
- 7, 1.11 *add.* diaboli *post* patris tui

Da nossa colação, emerge apenas uma única instância em que *P2* não segue rigorosamente *L*:

- 8, 1.2 *add.* nudo *post* neruis *L*

Esta adição própria de *L*, com toda a aparência de uma glosa grosseiramente enxertada no texto¹³⁸, constitui o único erro que *P2* corrigiu por omissão. Por si só, é um fraco argumento para defender que *P2* não teria tomado como modelo *L*, mas sim o

¹³⁸ Como já fizera notar M. C. Díaz y Díaz 1957, p. 460.

manuscrito a partir do qual *L* foi copiado e que sobreviveria ainda no século XI na área de Burgos¹³⁹. Parece-nos mais sensato pensar que a impossibilidade de encaixar na sintaxe deste passo o ablativo do adjectivo *nudus* tenha sido justamente percebida como um erro evidente pelo copista de *P2*, que a eliminou.

O pequeno conjunto de erros propriamente ditos transmitidos por *L* é indiscutivelmente pouco relevante, mas ainda assim não nos parece infundado afirmar que apresenta um texto ligeiramente menos correcto do que aquele que resulta da concordância dos restantes códices.

Neste sentido, a atitude dos editores que nos precederam sofre de algumas incoerências. Quer Fábrega Grau quer Riesco Chueca privilegiam notoriamente o manuscrito de San Pedro de Cardeña, uma vez que para este uma datação de meados do século X é indiscutível, fazendo dele o provável testemunho mais antigo do Passionário Hispânico. Contudo, se o único dado cronológico que temos sobre o segundo mais antigo códice, Paris, BN, Nouv. Acq. lat. 2180 (*PI*), é o da sua doação no ano 992, nada obsta a que a sua composição possa recuar a alguns anos antes, tornando-o quase contemporâneo de *L* e colocando-o cronologicamente em pé de igualdade com *L* quanto à sua importância para a transmissão dos textos que ambos contêm em comum.

A escolha de Fábrega Grau talvez se justifique pelo número limitado de testemunhos a que recorreu. Uma vez que o texto da *PC*, em particular, apresenta várias pequenas omissões e inúmeros outros erros de cópia, tomado por si só não se apresenta preferível ao texto transmitido por *L*. É a colação da totalidade dos testemunhos conhecidos que ressalta o isolamento de *L P2* em relação ao conjunto dos restantes códices, permitindo-nos pôr a sua relevância em perspectiva.

No caso da edição de Riesco Chueca, onde a predilecção pelo texto de *L* é ainda mais evidente, encontramos uma justificação adicional. Na introdução que acompanha a sua edição, a autora mostra-se sobretudo preocupada em fazer um levantamento das idiosincrasias morfológicas, sintácticas e ortográficas do latim utilizado na redacção das paixões hispânicas do Passionário, como se este se tratasse de um todo orgânico em

¹³⁹ Na sua edição da *Passio S. Felicis Nolensis* (BHL 2869), Rosa Manfredonia e Edoardo D'Angelo não admitem a possibilidade de *P2* (códice F naquela edição) ser cópia de *L* (*X* naquela edição), apesar de apresentarem evidências que apontam justamente nesse sentido: R. Manfredonia, E., D'Angelo, *La Passione di Felice mártire, vescovo di Nola* (BHL 2869), Florença, SISMEL: Edizioni del Galluzzo, 2013, p. 19.

que todos os textos podem ser avaliados em pé de igualdade¹⁴⁰. Ora, em nenhum outro manuscrito do passionário são tão manifestas essas características como em *L*. Um semelhante critério de edição de uma obra em que se compilam textos com proveniências e datações tão diversas não pode pretender uma aproximação ao que seria a versão original de cada uma das peças hagiográficas.

A adição de *L* em 8, 1.2, *nudo*, é um exemplo dos problemas levantados pela escolha de *L* para a *constitutio textus*. Reflectamos, antes de mais, sobre como interpretar esta lição de *L* contida na seguinte ordem de Maximiano aos verdugos:

Caedite eum ad cardos ferreos et taureis neruis **nudo** ut exterminetur caro eius.

Mesmo assumindo a hipótese de uma *lectio difficilior*, parece-nos impossível chegar a uma interpretação sintaticamente justa para a presença do adjectivo em ablativo. Esperaríamos antes o acusativo *nudum* a concordar com *eum*, ou então, solução mais rebuscada, um ablativo absoluto com o participio *nudatus*. Não seria inverosímil que *nudo* correspondesse a uma deturpação de uma lição original *nudum*, mas a verdade é que a tradição manuscrita não sustenta esta suposição. É mais fácil pensar que o modelo de *L* apresentasse uma glosa *nudo* ou *nudum*, incorporada em *L* pelo copista Endura, explicação já suspeitada por Díaz y Díaz nas suas correcções à edição de Fábrega Grau¹⁴¹; ou então que *nudo* já fizesse parte do texto transmitido pelo arquétipo e tenha sido acriticamente copiada para *L*¹⁴².

¹⁴⁰ Vejam-se as linhas introdutórias ao capítulo “La lengua del Pasionario Hispánico”, Riesco Chueca 1995, p. xxi: “Los escritores del *Pasionario Hispánico* intentan escribir un latín correcto y fiel a las normas clásicas. Sin embargo no pueden sustraerse al influjo de la lengua hablada.” Assim, fica claro que a autora parte do falaz pressuposto de que todos os hagiógrafos cujas obras acabaram compiladas no Passionário partilhavam um mesmo nível de erudição.

¹⁴¹ Díaz y Díaz 1957, p. 460.

¹⁴² Curiosamente, o mesmo parece acontecer no parágrafo 104 da *Passio S. Sebastiani et comitum* (BHL 7543), num contexto muito próximo do passo da *PC*. No texto editado por Fábrega Grau exclusivamente a partir de *L*, lemos a seguinte ordem de Diocleciano em discurso indirecto: *Tunc iussit eum in hippodrimo palatii duci, et tandiu fustigari nudo quamdiu spiritum exhalaret*. A vastíssima tradição manuscrita deste texto, para o qual Cécile Lanéry listou recentemente não menos de 498 testemunhos, no artigo “La tradition manuscrite de la *Passio S. Sebastiani* (Arnobe le Jeune, BHL 7543), *Revue d’histoire des textes*, t. VII, 2012, pp. 37-116, e

Quaisquer que tenham sido as verdadeiras circunstâncias por detrás da adição, nas duas edições modernas da *Passio* não encontramos nenhuma reflexão que justifique as opções feitas pelos editores. A mais surpreendente, como acima notámos, é a de Fábrega Grau. O editor lê em *L nudosa* e não *nudo*. A leitura *nudo* é de tal modo indiscutível se olharmos para o manuscrito, que não podemos deixar de suspeitar que Fábrega Grau tenha corrigido intencionalmente o texto, uma vez que *nudosa* resolve o problema ao concordar com *caro* mais adiante na oração¹⁴³. O hipérbato criado por esta alternativa sem fundamento seria já de si motivo de perplexidade quando visto à luz do estilo avesso a grandes rupturas nos sintagmas, como o é o de *BHL* 1999.

Riesco Chueca, por sua vez, inclui *nudo* no texto, traduzindo-o como se tratasse de um ablativo de modo, mas sem que depois o justifique na sua análise à língua do Passionário. A autora mostra-se, no entanto, mais fiel ao manuscrito de San Pedro de Cardeña, corrigindo a partir de *PI* apenas *eam* em 2, 1.9, e *ferro* em 7, 1.1¹⁴⁴.

A relação da *Passio S. Cucufatis* com a *Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti* deixa suspeitar uma outra potencial glosa inserida no texto. Referimo-nos à adição, em *L P2*, de *praesidio uel* antes de *patrocinio* em 2, 1.3:

Cuius te muniri existimas patrocinio] Cuius te muniri **praesidio uel** patrocinio existimas

Apesar da redundância causada pela sinonímia entre *praesidium* e *patrocinium*, à primeira vista nada inviabiliza por completo a possibilidade da repetição semântica se

a ausência, até ao momento, de uma edição crítica, não nos permitem fazer afirmações de carácter definitivo quanto à pertença da lição *nudo* ao texto original. No entanto, suspeitamos que também aqui se trate de uma inovação de *L*, pois tal como no caso da *PC*, a sua cópia de Silos, *P2*, omite *nudo*. Verificámos a mesma omissão de *nudo* em três outros manuscritos dos séculos X e XI que pudemos consultar: Paris, BNF, lat. 3779, séc. X, Châlons-sur-Saône; Paris, BNF, 5324, Saint-Germain-des-Près, séc. X; e o *membrum disiectum* do legendário de Moissac do séc. XI, o códice Paris, BNF, lat. 5304. É, assim, possível que adição de *nudo* na *Passio S. Sebastiani* seja o resultado da actividade de um mesmo revisor que glosou com o mesmo adjectivo em ablativo dois passos semelhantes, em duas *passiones* distintas.

¹⁴³ Díaz y Díaz não parece ter confirmado a leitura *nudosa* no manuscrito, pois não a corrige nas suas breves considerações sobre o passo.

¹⁴⁴ Fábrega Grau faz as mesmas correcções ao texto de *L P2*, reintroduzindo ainda a omissão *illos* em 2, 1. 4 e rejeitando o erro de concordância *qui* em 3, 1. 5.

encontrar na versão do autor de *BHL* 1999, de quem não esperamos um estilo cuidado. Mas trata-se aqui de um empréstimo à *Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti*, onde, no parágrafo 8 da versão editada por Fábrega Grau a partir de *L*, a mesma interrogação se lê:

Cuius te muniri patrocínio existimas [...]

Não será então possível suspeitar que *praesidio uel* seja uma glosa a *patrocínio*, o vocábulo original retirado pelo hagiógrafo de *BHL* 1999 de uma paixão mais antiga que conhecia bem? Se aqui o copista de *P2* não omitiu a adição, terá sido por não encontrar nela qualquer inconveniente, ao contrário do que acontecia com *nudo*.

Estas duas possíveis glosas levam-nos a supor, no *stemma*, um arquétipo α , no qual terão sido introduzidas pela primeira vez, para depois serem inseridas no interior do texto em *L* ou em uma cópia intermédia.

A lição *obtiano* em 11, l. 6, adoptada em ambas as edições, merece uma breve reflexão. Como é bem sabido, o lugar em que se encontra implantado Sant Cugat del Vallès, onde muito provavelmente foi composto o nosso texto, é mencionado, na documentação mais antiga relativa ao mosteiro, como *locum Octavianum*. Não será então difícil pensar que um membro daquela comunidade monástica, ao redigir a paixão que fixaria a memória do seu patrono, e com ele a do próprio alegado local da sua morte, tenha escrito *in loco optiano* em vez de *in loco octauiano*? Neste sentido, a lição *optatiano* é uma menor deturpação de *octauiano* e, em nosso entender, deve ser preferida na edição crítica da *passio*, se não quisermos recuperar o apesar de tudo hipotético *octauiano* que a tradição manuscrita ignora.

Assim argumentada a superioridade do texto resultante da concordância dos manuscritos β , que abaixo abordaremos em pormenor, optámos por inserir no nosso texto crítico também as lições alternativas não erróneas daquela mesma família. Fazemo-lo em prol da coerência da edição, não tanto por podermos afirmar com segurança que sejam aquelas as opções do próprio hagiógrafo de *BHL*1999.

São excepção ao que acima dissemos apenas duas instâncias:

4, l. 11 proconsul *om*.

7, l. 11 *add. diaboli post patris tui*

Galério é o único dos três juizes a quem é consistentemente atribuído o título de *proconsul*. Das três vezes que é referido pelo narrador, no parágrafo 2, é-o como *Galerius proconsul*. Nas palavras de Cucufate, no mesmo parágrafo, o título é compreensivelmente omitido. Já a Maximiano e a Rufino nenhum cargo específico lhes é conferido, excepto no passo supramencionado. Parece-nos, assim, mais aceitável pensar que se trate de um descuido de um copista que acabara de copiar por três vezes no parágrafo anterior *Galerius proconsul*, tendo inadvertidamente contaminado o passo relativo a Maximiano com o vocábulo ainda fresco na sua mente.

A omissão de *diaboli* é difícil de aceitar porquanto a expressão *pater tuus diabolus* é comum nas invectivas aos juizes. Com efeito, encontramos-la três vezes num dos modelos da *PC*, a *Passio S. Felicis Gerundensis* (*BHL* 2864), nos parágrafos 4, 10 e 19¹⁴⁵. Cremos, assim, ser preferível suprir com a lição de α a omissão dos restantes códices.

3.2 Os códices β (*P1 M Mo Lo To U P4*)

P1 PARIS, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 2180.

Passionário doado em 992 a um mosteiro de São Pelágio *in Baldem de Abellano*, talvez San Pelayo de Cerrato, perto de Palência. Poderá ter sido produzido no mosteiro de Arlanza ou em São Domingos de Silos. É incerto o quão antes da data da sua doação terá sido copiado, talvez no mosteiro de Arlanza ou em São Domingos de Silos¹⁴⁶. O manuscrito Madrid, Bibl. Nac., 494 é seu *membrum disiectum*. A *PC* encontra-se nos ff. 217v-220r, entre a *Passio S. Bartolomei Apostoli* (*BHL* 1002) e a *Passio S. Christinae*

¹⁴⁵ Também, por exemplo, na *Passio S. Eulaliae Emeritensis*, 8.

¹⁴⁶ Díaz y Díaz pensa que a doação será “bastante posterior a su ejecución”, Díaz y Díaz 1983, p. 349, n. 122. Sobre este códice e o seu *membrum disiectum* ver *Catalogus codicum hagiographicorum*, vol. 3, p. 506-512; Fábrega Grau 1953, pp. 33-35, 50-57; J. Janini – J. Serrano, *Manuscritos Litúrgicos de la Biblioteca Nacional*, Madrid, 1969, pp. 19-21 (nº 21); F. Dolbeau, “Anciens possesseurs des manuscrits hagiographiques latins conservés à la Bibliothèque nationale de Paris.”, *Revue d’histoire des textes*, 9, 1979, p. 133; Díaz y Díaz 1983, pp. 348-349 (nº 50), 419-429 (nº 145); Riesco Chueca 1995, pp. XVI-XVII; A. Millares Carlo 1999, pp. 104-105, 170-171; J. C. Martín 2009, pp. 327-328.

(BHL 1752). Título: *Passio sancti ac beatissimi Cucufatis martyris Christi, qui passus est in ciuitate Barcinona sub Maximiano imperatore, die VIII kalendas augustas.*

M PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 17002.

Segunda parte do importante legendário de São Pedro de Moissac, cuja primeira parte se encontra parcialmente preservada nos ff. 1-61 do códice Paris, BNF, lat. 5304. Aparentemente modelado – pelo menos substancialmente – a partir de um passionário hispânico, terá começado a ser copiado no início do século XI¹⁴⁷. A *PC* encontra-se nos ff. 24r-25r, entre a *Passio S. Christophori et comitum* (BHL 1764) e a *Passio S. Felicis Nolensis* (BHL 2869). Título: *Passio sancti Cucufati martiris, qui passus est VIII kalendas augustas.*

Mo MOYÁ, Archivo Notarial, capas do manual nº 4 (anos 1289-1294).

Fragmento de passionário catalão, datado do séc. XI. Dada a impossibilidade de consultarmos directamente o manuscrito, para a nossa colação confiamos na transcrição que dele fez Ainaud de Lasarte¹⁴⁸. A *PC* segue-se à versão BHL 1756 da *Passio S. Christinae* e a algumas notícias martirológicas¹⁴⁹, mas encontra-se truncada no parágrafo 8, após as palavras *quia adpropinquauit ad me gratiam*. Título: *Passio sancti Cucufati martiris, qui passus est Barchinona ciuitate sub Galerio proconsule.*

¹⁴⁷ *Catalogus codicum hagiographicorum*, vol. 3, p. 364-376; J. Dufour, *La bibliothèque et le scriptorium de Moissac*, 1972, pp. 147-148 (o códice, referenciado com o número 100, é várias vezes mencionado ao longo desta obra; as páginas que indicamos contêm a sua descrição codicológica detalhada); Dolbeau 1980, pp. 200, 230.

¹⁴⁸ J. Ainaud de Lasarte, *Supervivencias del Pasionario Hispánico en Cataluña*, in *Analecta Sacra Tarraconensia*, 28, 1995, p. 21-24 (fragmento VII). A proximidade do texto deste fragmento ao transmitido por *PI* é já aqui apontada pelo autor.

¹⁴⁹ Entre as quais a do próprio Cucufate, depois de São Tiago, a 25 de Julho: *eodem die natali sancti Cucuphati martiris.*

Lo LISBOA, ANTT, Lorvão, C. F. Livr. 16, s. XII.

Legendário proveniente do mosteiro de Santa Maria de Lorvão e datado do século XII¹⁵⁰. Embora pareça ter tido como modelo principal um passionário, contém também *uitae* e alguns excertos homiléticos. A *PC* encontra-se nos ff. 147v-149v, precedida da *Passio S. Christophori et comitum* (BHL 1764) e seguida de um excerto da homilia CIX de Rabano Mauro (PL 100, 350A). Título: *Passio sancti ac beatissimi martiris Christi Cucufati, qui passus est in urbe Barcinona sub Maximiano et Rufino consulibus, die octauo kalendarum augusti*.

To TOLEDO, Archivo y Biblioteca Capitular, 44-11.

Passionário do século XII, proveniente de Toledo¹⁵¹. A *PC* encontra-se nos ff. 105r-106r, entre a *Passio SS. Iustae et Rufinae* (BHL 4566) e a *Passio S. Fabii* (BHL 2818). Título: *Passio Cucufatis martyris in Barchinona sub Galerio preside, VIII kalendas augustas*.

U MADRID, Biblioteca Nacional, 1547.

Passionário do século XIII, produzido em Castela e talvez associado ao mosteiro de Uclés¹⁵². A *PC* encontra-se nos ff. 127r-129r, entre a *Passio S. Christophori et comitum*

¹⁵⁰ Aires A. Nascimento, “Um novo testemunho do Passionário Hispânico: um códice lorvanense da primeira metade do século XII (Lisboa, ANTT, Lorvão, C. F. Livr. 16)”, in Manuela Domínguez García et al (ed.), *Sub luce forentis calami – Homenaje a Manuel C. Díaz y Díaz*, Santiago de Compostela, 2002, pp. 452-477.

¹⁵¹ J. Janini, R. González (con la colaboración de A. M. Mundo), *Catálogo de los manuscritos litúrgicos de la Catedral de Toledo* (= *Publicaciones del Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos. Serie Tercera. Estudios, Catálogos, Repertorios*, 11), Toledo, 1977, pp. 184-186 (nº 175); Riesco Chueca 1995, p. XVII; J. C. Martín 2009, pp. 330-331.

¹⁵² *Inventario general de manuscritos de la Biblioteca Nacional*, vol. 4: 1101 a 1598, Madrid, 1958, p. 436-443; J. Janini – J. Serrano 1969, p. 72 (nº 50); J. C. Martín 2009, p. 332; Gregorio Almodóvar Chaparro, “Un pasionario protogótico en la Biblioteca Nacional de España: breve aproximación al estudio del ms. 1547”, in *Funciones y Prácticas de la Escritura. I Congreso de*

(BHL 1764) e uma versão da *Passio S. Pantaleonis*. Título: *VIII kalendas augustas. Passio Cucufatis martyris in Barchinona sub Galerio preside*.

P4 PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 5306.

Primeira parte de um legendário do século XIV, oriundo do sul da Aquitânia¹⁵³. A segunda parte corresponde ao códice Paris, BNF, lat. 3809. A *PC* encontra-se nos ff. 180r-181r, entre a *Passio S. Christophori et comitum* (BHL 1764) e a *Passio Donati episcopi et Hilariani monachi* (BHL 2289). Título: *Eodem die. Passio Cucufati martyris qui passus est in ciuitate Barchilonaci*.

A existência do arquétipo β depende somente da hipótese acima exposta. Nele terão ocorrido quer a adição de *proconsul* quer a omissão de *diaboli*, que depois se propagaram por todos os seus descendentes.

De entre eles, destaca-se em antiguidade o já mencionado códice *PI*, que não está na origem de nenhum dos manuscritos posteriores, uma vez que apresenta um conjunto de omissões que o inviabilizam como modelo:

- 1, l.10 *om.* populo
- 2, l.3 *om.* magnos
- 2, l.4 *om.* dei
- 3, l.4 *om.* uerus
- 4, l.8 *om.* caelum
- 8, l.1 *om.* ad
- 9, l.6-7 *om.* intra extraque
- 10, l.6 *om.* hanc

Investigadores Noveles en Ciencias Documentales, Juana Carlos Galende Díaz (coord.), Madrid, 2013, pp. 9-12.

¹⁵³ *Catalogus codicum hagiographicorum*, vol. 1, p. 332; Rosa Guerreiro, “Le rayonnement de l’hagiographie hispanique en Gaule pendant le haut Moyen Âge: circulation et diffusion des Passions hispaniques”, *L’Europe héritière de l’Espagne wisigothique*, Madrid, 1992, p. 144; Anna Maria Piredda, “Préambule à l’édition”, Sabine Fialon et Jean Meyers (eds.), *La Passio sanctae Salsae* (BHL 7467). *Recherches sur une passion tardive d’Afrique du Nord*, Ausonius Scripta Antiqua 72, Bordeaux, 2015, pp. 223-224.

11, 1.7 *om. ei*

11.1.9 *om. trinos*

Um pequeno grupo de lições aponta para um parentesco mais estreito entre o texto do legendário de Moissac (*M*), o fragmento catalão *Mo*, o passionário do Lorvão (*Lo*) e o legendário tardio *P4*, pressupondo um modelo comum ζ , que tenha mediado o percurso da transmissão entre β e *M Mo Lo P4*. Assim, ζ conteria as seguintes variantes:

2, 1.10 fuerit	fuisset ζ
4, 1.4 eum	<i>om.</i> ζ
4, 1.15 derelinquis	derelinquisti ζ (derelinquisti <i>Lo</i>)
6, 1.7 refrigerio	refrigerium ζ
8, 1.8 operaris	operatus es ζ (<i>Mo?</i>)

Este conjunto de variantes sugere um esforço de correcção daquele que seria o texto de Ω deduzível a partir do consenso de todos os testemunhos. Trata-se, por um lado, de ajustes dos tempos verbais, entre os quais apenas no caso de *fuerit* se pode falar de uma verdadeira correcção¹⁵⁴; por outro lado, restitui-se o acusativo regido pela preposição *in* após o verbo de movimento *induco*, na citação de Ps 65, 12. O ablativo *refrigerio* encontra-se presente em alguns manuscritos do saltério hispânico¹⁵⁵, onde também encontramos a forma verbal *induxisti*, no lugar de *eduxisti*, que é a lição da Vulgata e que o copista de *M* restitui no seu texto, sem que esta última intervenção seja seguida por *Mo* e *Lo*. Julgamos, portanto, mais prudente pressupor que Ω conteria o versículo na forma *transiuimus per ignem et aquam et induxisti nos in refrigerio*, e que ζ alteraria apenas *refrigerio* ao mesmo tempo que preservaria *induxisti*.

M partilha um pequeno número de variantes com *Mo* e *P4*, contra *Lo*, que nos sugerem a existência de uma cópia intermédia entre ζ e estes dois testemunhos (ζ_1):

1, 1.3 alacritas

claritas *M Mo*, caritas *P4*

¹⁵⁴ Veja-se, por exemplo, uma expressão semelhante que ocorre na versão de *L* da *Passio SS. Iuliani atque Basilissae et Comitum*, 61: *Sanctos vero suos Dominus ita curauit, (...), ut omnibus apparerent ut quasi nihil fuissent passi.*

¹⁵⁵ Cf. T. Ayuso Marazuela, *La Vetus Latina Hispana, V: El Salterio*, 1962, p. 682.

1, 1.3	ad	<i>om. M^{a.c.} Mo P4</i>
2, 1.2	offerri	<i>afferri M Mo P4</i>
8, 1.2	neruis	<i>om. M Mo P4</i>

O parentesco do legendário tardio *P4* e o legendário de Moissac, percebido já por Rosa Guerreiro¹⁵⁶, é confirmado pela colação do texto da *PC* nos dois códices. Para além daquelas que acabámos de listar, deste estreito parentesco são testemunho as seguintes lições, entre as quais se encontram todas as omissões relevantes em *M*:

1, 1.5	contingere] non deesse <i>M</i> , adisse <i>P4</i>
4, 1.5	de his locis an de alia regione <i>om. M P4</i>
4, 1.14	in te <i>om. M P4</i>
4, 1.15	et] ut <i>M P4</i>
6, 1.7	induxisti] eduxisti <i>M</i> , duxisti <i>P4</i>
7, 1.12	agnoscis] cognoscis <i>M P4</i>
8, 1.9	toleranda] superanda <i>M P4</i>
8, l. 10	cum ² <i>om. M To U P4</i>
10, 1.6	per] et <i>M P4</i>

P4 insere ainda no seu texto a adição *simulacra*, em 3, 1.6, que em *M* surge como correcção ou glosa sobre a linha.

Não é possível afirmar com certeza qual a proveniência de ζ, mas este manuscrito, ou um seu descendente, encontrava-se no sudoeste da Gália antes do início do século XI, talvez para ali levado por hispânicos fugindo às incursões árabes¹⁵⁷.

Quanto ao códice *Mo*, o facto de se tratar do único testemunho de origem catalã anterior ao século XII e o seu estado fragmentário não permitem determinar se estamos perante uma evidência de uma tradição textual catalã anterior, ou de uma tradição permeada já por Moissac, cujas relações com mosteiros de área catalã estão bem documentadas para o século XI¹⁵⁸.

¹⁵⁶ Rosa Guerreiro 1992, p. 44.

¹⁵⁷ Cf. Dufour 1972, p. 3.

¹⁵⁸ Cf. Ainaud de Lasarte, J., “Moissac et les monastères catalans, de la fin du X^e au début du XII^e siècle”, in *Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France*

Igualmente incerta é via pela qual um texto dependente de ζ terá chegado a território português, deixando como seu único testemunho o códice do Lorvão. Também neste caso não deve ser posta de lado a possibilidade de uma ligação francesa¹⁵⁹, mas só um estudo individual dos demais textos transmitidos pelo legendário português do século XII trará eventuais esclarecimentos a respeito da sua génese.

Os dois manuscritos tardios *To* e *U*, cronológica e geograficamente próximos, partilham entre si a maioria das suas lições próprias, omissões e transposições. No entanto, um pequeno número de omissões em *To* desencoraja-nos de pensar que *U* tenha sido copiado a partir do códice toledano:

4, 1.8 et¹ om. *To*

4, 1.9 de om. *To*

6, 1.4 libera me om. *To*

7, 1. 10 in om. *To*

Propomos, por este motivo, a existência de um códice δ presente em área toledana nos séculos XII e XIII, a partir do qual foram copiados *To* e *U*.

A respeito destes dois manuscritos, notem-se ainda as seguintes variantes:

3, 1.5 fecit] facit *M To U*

3, 1.6 add. simulacra post manufacta *M² To UP4*

8, 1.10 cum² om. *M To UP4*

Ainda que a variante *facit* e a omissão de *cum* possam ser facilmente descartadas como correcções coincidentes, a adição *simulacra*, em particular, coloca-nos alguns

méridionale, Tomo 75, nº 64, 1963, Actes du colloque international de Moissac (3-5 mai 1963), pp. 545-549.

¹⁵⁹ Uma ligação directa com Moissac seria apelativa, se relembrarmos a presença em território português de Geraldo, monge de Moissac, que ocupou o cargo de arcebispo de Braga, de 1095 a 1108. Se dermos crédito ao que nos diz Bernardo, bispo de Coimbra, na sua *Vita S. Geraldi*, Geraldo proveu a desolada sede bracarense de tesouros vários, entre eles *libros diuinos* (*Vita S. Geraldi*, 5, ed. PMH, *Scriptores*, I, Lisboa, 1856, p. 54). No entanto, o texto da *PC* contido no legendário do Lorvão não apresenta traços de uma relação estreita com o manuscrito de Moissac.

problemas. Poder-se-á considerar a possibilidade de uma contaminação de δ com um códice aparentado a *M*, no qual a glosa se encontrasse talvez já integrada no texto, como acontece em *P4*¹⁶⁰? Se assim foi, como explicar que tenha tido uma influência tão pontual no texto que encontramos em *To U*, que não apresenta nenhuma outra lição distintiva que o aproxime de ζ_1 ?

Dada a fragilidade das respostas a estas questões, não deve ser rejeitada a hipótese de se tratar de uma coincidência. O uso do neutro plural *manufacta* com valor de substantivo não é particularmente comum. No conjunto de paixões editado por Fábrega Grau, por exemplo, encontramos-lo apenas aqui e na *Passio S. Felicis*, na qual se terá inspirado o autor de *BHL* 1999. Já o substantivo plural *simulacra* é comum quer nos textos das *passiones* reunidas no passionário hispânica, quer no texto bíblico. Não seria, pois, demasiado surpreendente que a necessidade de completar o sentido do adjectivo *manufacta* com um substantivo *simulacra*, que passaria a qualificar, tivesse surgido independentemente nos dois ramos da tradição.

3.3 *PC* 8, *perductus est*: um erro de copista ou um indício de interpolação tardia?

Concluimos o estudo da transmissão de *BHL* 1999 chamando a atenção para o seguinte período do parágrafo 8 da *passio*:

Spiculatores uero, accepta sententia, eicientes eum extra ciuitatem, ut praeceptum eis fuerat, ad locum hunc Obtatiano, quod situm est a ciuitate octauo miliario, **perductus est**.

Notar-se-á de imediato a incorrecção sintáctica da oração principal, cujo predicado – *perductus est* – não concorda com o sujeito esperado – *spiculatores*. Na tradição manuscrita, apenas os códices mais tardios introduziram uma correcção na forma verbal: *duxerunt eum To U, perduxerunt P4*. Trata-se, portanto, de um erro transmitido por ω , podendo até remontar ao autor da *passio*. Por este motivo, tal como fizeram os

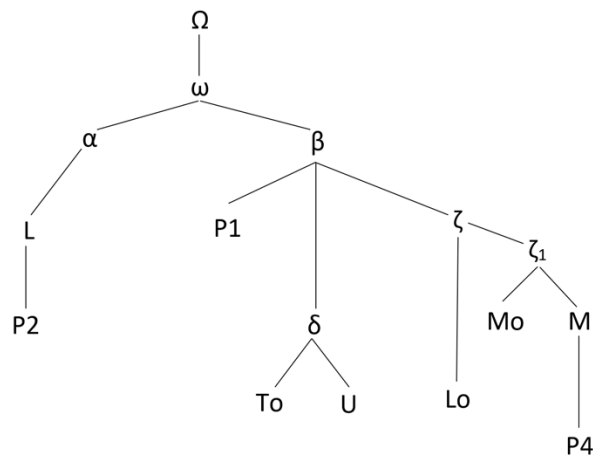
¹⁶⁰ Como para o códice do Lorvão, podíamos ver aqui um traço das relações entre Moissac e Toledo, cujo arcebispo Bernardo foi responsável pela vinda de Geraldo para a Península Ibérica e onde este esteve ao seu serviço antes de ser enviado para Braga.

editores que nos precederam, não intervimos no sentido de corrigir a lição transmitida pelos testemunhos mais antigos.

O passo em que se encontra este lapso sintáctico não pode deixar de levantar algumas suspeitas quanto à origem do erro, à luz da possibilidade já discutida de uma redacção anterior da *passio*. Uma vez que já expressámos a nossa opinião sobre a necessidade de presumir a existência de uma versão anterior da *PC*, não nos voltaremos a demorar nesta questão. Cremos, no entanto, ser salutar considerarmos por momentos essa possibilidade e perguntarmo-nos se esta não seria uma das frases que Fábrega Grau acreditava terem sido intercaladas no texto primitivo.

Com efeito, a adição de um pormenor geográfico, como o que situa o momento final do martírio em *Octavianum*, não seria inverosímil num cenário hipotético, segundo o qual o texto que nos chegou representasse uma versão adaptada em Sant Cugat del Vallès, com a intenção de associar tardiamente o mártir ao local do mosteiro. Neste caso, a frase original teria sido truncada após *ut praeceptum eis fuerat*, substituindo-se toscamente o texto eliminado por *ad locum hunc Obtatiano, quod situm est a ciuitate octauro miliario*. O predicado *perductus est* poderia assim ter pertencido correctamente à frase primitiva, mas deixado de funcionar sintaticamente após a interpolação. Em alternativa, *perductus est* pertenceria à interpolação, cujo autor não se teria preocupado em ajustar a primeira parte.

Não pondo completamente de parte esta hipótese, permanecem duas explicações porventura mais simples: a de uma *constructio ad sensum* ; ou a de *perductus est* como um erro de cópia de ω , a partir de uma lição original *perdixerunt*.



4. *BHL* 1999: TEXTO CRÍTICO

Sigla

- L London, British Library, Add. 25600 (séc. X *med.*)
- P1 Paris, BNF, nouv. acq. lat. 2180 (séc. X²)
- M PARIS, BNF, lat. 17002 (séc. XI *in.*)
- P2 Paris, BNF, nouv. acq. lat. 2179 (séc. XI)
- Mo Moyá, Archivo Notarial, capas do manual nº 4, anos 1289-1294 (séc. X)
- Lo Lisboa, ANTT, Lorrvão, C. F. Livr. 16 (séc. XII)
- To Toledo, Archivo-Biblioteca de la Catedral, 44-11 (séc. XII)
- U Madrid, BNE, 1547 (séc. XIII)
- P4 Paris, BNF, lat. 5306 (séc. XIV)

1. Magnum et admirabile ualdeque perspicuum ingensque miraculum cunctis apparuit super sanctos Dei famulos Felicem et Cucufatem martyres, quibus tanta erat alacritas animi, ut ad agonem certaminis ilico peruenirent. Et quia ab Scillitana ciuitate oriundi erant atque in eadem se parili sensu litteris imbuebant, contigit eis
5 Barcinonensem contingere ciuitatem. Inde sanctus Felix, diuina miseratione protectus, in Gerundensem ciuitatem se contulit ibique multa magnalia gerens, digne martyrium consummauit. Sanctus quoque Cucufas Barcinonensis ciuitatis dignus Deo propitio effectus est martyr tantamque in eodem Dominus suam gratiam infudit ut antequam in agone martyrii certaret per orationem suam
10 demones effugaret et multa mirabilia populo Dominus per eundem ostenderet.

2. Dum sedule in eadem ciuitatem permaneret impiissimus Galerius proconsul,

1 3-5 *Et quia ab Scillitana... contingere ciuitatem:* cf. *Passio S. Felicis*, 3-4 5-6 *Inde sanctus Felix... se contulit:* cf. *Passio S. Felicis*, 7

1 1 *add. est ante et* *PI* || mirabile *M* || prespicuum *L P2* || ingentique *To*, et ingens *P4* || miraculo *To* 2 super] ut *To U^{a.c.}*, per *U^{p.c.}* || cucufatem et felicem *transp. Mo* 2-3 tanta erat alacritas animi *non legitur L* 3 alacritas] claritas *M Mo*, caritas *P4* || ad *om. M^{a.c.} Mo P4* || agone *Mo* || superuenirent *Lo* || quia] qui *PI M* || Yscillitana *PI* 4 atque] et *To U* || eis *om. sed add. eos supra lin. U* 5 ad Barchinonensem ciuitatem peruenire *To U* || Barcinonensem *PI*, barcinonem *M*, barchinonensem *Mo*, barchilonam *P4* || contingere] non deesse *M*, adisse *P4* 6 proiectus *Lo* || ierundensem *Mo*, iherandensem *Lo*, gerundencem *P4* || magnalia] mirabilia *Lo* 7 dignae *M* || quoque] uero *P4* || barcilonensis *M^{a.c.}*, barchinonensis *Mo To*, barchilonencis *P4* 8 propicius *Mo* || tantam *To U* || *add. martirium post eodem Mo* 9 *add. diuinam post gratiam U* || infundit *PI Mo P4^{a.c.}* || antequam] -equam *n. l. P2* || agonem *L P2 Mo* || martyrio *M^{p.c.}*, martyris *Lo* || *add. et ante per¹ PI* || -i certaret per ora- *n. l. P2* 10 fugaret *Lo* || -emones effugaret et *n. l. P2* || -ta mirabilia... demonstraret *n. l. P2* || populo *om. PI* || *add. huic post populo To U* || per eundem] pro eodem *To* || per eum dominus ostenderet populo *MP4*, per eum dominus populo hostenderet *Mo*, populo per eandem ostenderet in uirtute domini nostri Ihesu Christi *Lo* || ostenderet] demonstraret *L*

2 1 Dum... impiis- *n. l. P2* || *add. Uero post dum Lo, add. ita post dum P4* || seduce *Lo* || eodem *Mo* || ciuitate *Lo To U P4* || *add. exhibens ante permaneret To U* || *add. tunc post permaneret To U* || Gallerius *P2*

directis militibus suis, sibi eum iussit offerri, cui et dixit: “Cuius te muniri existimas patrocínio, quia principum iussa non obaudis neque deos magnos adoras?” Sanctus Cucufas respondens ait: “Cur me cogis illos adorare, qui sine arbitrio Dei facti sunt tibi similes?” Statimque Galerius proconsul ira accensus grauem eum iubet subire sententiam et tradens eum tortoribus dixit: “Torquendo exalate eius spiritum.” Et dum sanctus Cucufas a militibus duodecim torqueretur et grauiter eum caederent, sic uisa sunt uiscera eius effundi in terra et omnes milites, qui eum torquebant, uidentes ea, obcaecati sunt, ac subito ita Domini misericordia illum reddidit sanum, ut quasi nullam perpessus fuerit poenam. Cumque haec pateretur sanctus Dei martyr, dixit: “Domine Iesu Christe, qui cuncta prospicis et omnia tuo praecepto fundasti, ostende uirtutem tuam incredulis, ut qui nomen tuum persecuntur confundantur, ut uidentes mirabilia tua aut credant et conuertantur aut pereant et destruantur. Impiissimum namque Galerium diuino interime gladio, qui sic insanit in seruum tuum.” Quod ita factum est et consumptus est Galerius proconsul cum omnibus idolis suis.

2 2-3 cuius... patrocínio : *Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti*, 8 4-5 qui... tibi similes: cf. Ps 113, 16 5 ira accensus: cf. *Passio S. Columbae*, 6; 7 6-8 et dum sanctus... in terra: cf. *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 23 12-13 qui nomen... pereant: cf. Ps 83, 18; Dn 3, 44 || uidentes mirabilia: cf. Sap 19, 8; Mt 21, 15

2 eum sibi *transp.* To U || offerri M Mo P4 || offerri cui et dixit] presentari et sic eum interrogans dixit To U || muneri M^{ac.} P4, munerari Lo || *transp.* existimas post patrocínio L P2 || extimas L P2 P1, estimas To U 3 add. presidio uel ante patrocínio L P2 || quia] qui To || iusso Lo || abaudis Mo, audis P4 || magnos om. P1 || magnos deos *transp.* To U 4 add. et post respondens Lo || ait] dixit To U || illos om. L P2 || adorare illos *transp.* P4 || arbitrio P4 || Dei om. P1 5 Gallerius L P2 P1 To || graue Mo || subiri M 6 add. suis post tortoribus To U || add. eum post torquendo P1 || torquendo... spiritum om. P4^{ac.} sed add. ad marg. 6-7 et dum] tunc To U 7 dum] cum Lo || a duodecim militibus *transp.* M Mo Lo, ad duodecim militibus P1, ad duodecim militibus P4 || a... torqueretur] dum torqueretur a militibus duodecim To U || sic eum grauiter Lo || sic] om. Mo, quod Lo 8 uisa] iussa Mo P4 || eius uiscera *transp.* P4 || terram Mo || in terra effundi *transp.* To U || et] tunc Lo 8-9 omnes... ea om. To U 9 ea] eum Mo, eam L P2 P4 || ac] et L P2 Mo To U || *transp.* ita post misericordia L P2 To U || reddidit illum *transp.* L P2, illum reddit Lo, eum reddidit To U || ut om. To U P4 10 add. umquam post nullam Lo || perpessus fuerit] perferens To U || fuerit] fuisset M Mo Lo P4 || poenam] iniuriam L P2 || quum P1, et cum To U || martyr om. Lo || martyr Dei *transp.* To U 11 tuo om. M^{ac.} 11-12 ostende... incredulis om. P4 12 add. in ante incredulis P1 || in incredulos istos Mo || persecun- n. l. P2 || ut] et Mo || uidentes n. l. P2 13 tua om. P4 || credant et con- n. l. P2 || et destruantur n. l. P2 14 namque] autem Lo, om. To U || Galerium diuino n. l. P2 || qui sic insanit in ser- n. l. P2 || insaniuit Mo || quod] quo Mo 14-15 ita factum est et con- n. l. P2 || consumatus Lo U, consummatus To || Gallerius P2 || add. et ante cum P1

3. Cumque haec uidisset sanctus Cucufas, extensis manibus ad caelum, fundens orationem dixit: “Gratias tibi ago, omnipotens Deus et saluator mundi, qui preces credentium te non despicias sed in aeternum permanes.” Tunc omnis populus laudem dedit omnipotenti Domino, quia ipse est Deus uerus in saecula saeculorum. Sanctus
 5 uero Cucufas ait ad populum: “Ecce uidetis quanta mirabilia fecit Dominus et ideo relinquit manufacta hominum, quae sunt sine uoce et absque auditu uel sine gressu et credite in Deo uiuo aeterno, qui omnia plasmavit ex nihilo.”

4. Tunc Maximianus impiissimus dat iussionem omnibus, ut eum comprehenderent et uinculatum suo conspectui praesentarent. Sic uiri praecellentissimi Actransius et Niloximus, comprehendentes sanctum Dei Cucufatem, cum graui pondere catenarum

3 2 saluator mundi: Io 4, 42 3 in aeternum permanes: Ps 101, 13 3-4 omnis populus... Domino : cf. Lc 18, 43 6 manufacta hominum: cf. Passio S. Felicis, 16; Dn 14, 4 || quae sunt... sine gressu: cf. Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti, 8; Dt 4, 28; Ps 113, 12-15 7 qui omnia plasmavit: cf. Passio S. Felicis, 16; Ps 73, 17

3 1 audisset *Lo* || capuphas *Mo* || extensit *P4* || effundens *L P2* 1-2 fundens orationem *om.* *To U* 2 dixit] ait *To U* 3 *add.* in ante te *PI Mo P4* || permanes] permanens eos exaudis *P4* || *add.* dē *add.* iterum post laudem sed eras. *M* 4 deo omnipotenti *L P2 To U* || domino] deo *Lo P4* || est ipse *transp.* *Lo* || uerus Deus *transp.* *To U* || deus] dominus *Mo* || uerus *om.* *PI Mo* || deus uerus] benedictus *P4* 5 uero] autem *Mo* || ad populum *om.* *To U* || uidistis *P4* || facit *M To U* || Dominus] deus *P4* 6 manufactis *M^{a.c.}*, manu hominum facta *Lo* || *add.* simulacra supra lin. post hominum *M²* || *add.* simulacra post manufacta *To U P4* || quae] qui *L P2* || sine² *om.* *Mo* 7 et *om.* *To U* || *add.* et post uiuo *Mo Lo To* || in dominum uiuum et eternum *P4* || ex nihilo *om.* *To U*

4 1 tunc *om.* *M^{a.c.}* || Maximianus *om.* *M*, Maximus *To* || *add.* qui preerat post impiissimus *Mo* 2 sui *To* || conspectu *Mo* || sic] hec *Mo* || sic uiri] tunc igitur confestim duo uiri *U* || prescellentissimi *Mo*, procellentissimi *Lo* || atransius *L P2*, adtransius *M*, hactransius *Mo Lo* 3 Niloxius *Lo* || Dei *om.* *Lo* || *add.* ferri post graui *Lo* || et catenarum *Lo*

perdixerunt eum ad eius praesentiam. Cui Maximianus ait: “Vnde es tu? De his locis
5 an de alia regione?” Sanctus Cucufas, accinctus Dei potentia, constanter respondens
ait: “Cur inquiris generationem uel patriam meam, quam tibi Dominus manifestare
noluit?” Cui ait Maximianus: “Quem deum te habere adtestaris?” Sanctus Cucufas
dixit: “Ego credo Deo uiuo, qui fecit caelum et terram, mare et omnia, quae in eis
10 sunt.” Maximianus dixit: “Si uerus deus est quem dicis, ueniat et eripiat te de
manibus meis uel de tormentis, quae tibi praeparata sunt.” Respondens sanctus
Cucufas dixit: “Quae mihi praeparata sunt, nefande?” Maximianus dixit: “Conspicio
in te, infelix, grauem esse pertinaciam et quia per artem maleficii tui deos nostros
conculcasti.” Sanctus itaque Cucufas subridens ait: “Vere, miser, arbitrabam te
15 aliquam particulam habere sapientiae sed, ut intuitus sum, summa est dementia in te,
qui derelinquis Deum uiuentem et adoras thecas daemoniorum, cui tu similis es cum
principe tuo diabolo.”

4 4-5 Vnde es... regione: *Passio S. Adriani atque Nataliae et comitum*, 4 5 accinctus Dei
potentia: cf. Ps 64, 7 8-9 Deo uiuo... in eis sunt: Ex 20, 11; Ps 145, 6; Act 4, 24 10 de
tormentis quae praeparata sunt: cf. *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 6; *Passio S.*
Felicis, 16 11 Quae... nefande: *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 6 12-13
per artem... conculcasti: cf. *Passio S. Thyrsi*, 35

4 4 perduxere *Mo* || eum *om. M Mo Lo P4* || ait] dixit *L P2 To U* 4-5 de his locis an de alia
regione *om. M P4* 5 add. uero post sanctus *P4* || potentia Dei *transp. P1* || respondens *om.*
Mo 5-6 respondit et ait *Lo* 6 generationem] generacione *Mo*, regionem *To U* || patria mea
Mo || *transp. meam ante uel To U* || quam] que *P1* 7 uoluit *M^{a.c.}* || Maximianus ait *transp. M*
|| ait *om. P4* || te deum *transp. Lo* || te habere *om. U* || te *om. P4* || adtestaris] protestaris *To U* 8
dixit] respondit *Mo*, ait *Lo* || add. in ante Deo *To U* || deo uiuo] in deum uiuum *Lo*, in dominum
P4 || add. et uero post uiuo *Mo* || caelum *om. P1* || et¹ *om. To* || terra *P1 M* 9 uerus] uere *Mo* ||
est deus *transp. M Mo Lo P4* || deus *om. To U* || add. tu post quem *P4* || de *om. To* 10 et de
tormenta *P1* || quae... sanctus *n. l. Mo* || respondit *Lo* || add. autem ante sanctus *P1* 11 add. et
ante dixit *Mo Lo* || dixit] ait *U^{p.c.}* || add. et ante quae *M Mo P4* || -ae mihi parata sunt nefan- *n. l.*
Mo || praeparata] parata *L P2 To*, preparate *M* || add. proconsul post Maximianus *P1 M Mo Lo*
To U P4 12 infex *Lo* || esse *om. To U* || et *om. P4* || maleficii tui] maleficam tuam *U* ||
nostros] meos *P4* 13 add. ne effugies post conculcasti *Mo* || itaque] uero *M P4, om. To U* ||
subridens] respondens *P4* || arbitrabar *U*, arbitrabant *P4* 14 sapientiam *P1*, sapientiam *M^{p.c.}*,
sapienciam *Mo* || ut *om. M^{a.c.} P4* || add. supra lin. tibi post est *M* || in te *om. M P4* || in te
dementia *transp. P1 Lo*, in te est demencia *Mo*, summam tuam esse demenciam *P4* 15
derelinques *P1*, derelinquisti *M Mo P4*, dereliquisti *Lo* || et] ut *M P4* || adoras] ad horas *M*,
adorares *P4* || thecas *L P2*, tecas *P1 M U*, teccas *Mo* || cui] quibus *Lo P4* || similis es] similes *P4*

5. Maximianus accensus furore iussit eum in craticula assari et super eum acetum et sinapem perfundi. Cumque completum fuisset quod iusserat, Dei misericordia praestante, nihil ista nocuerunt sancto uiro. Ministri uero poenarum ab eodem igne consumpti sunt. Cumque haec Maximiano nuntiata fuissent, furore repletus, iussit eum, ferro uinctum, suo conspectui praesentari. Cui et dixit: “Multa malorum tuorum praestigia uel maleficia praeualent. Per deos magnos, quoniam faciam te per iniqua tormenta interimi.” Sanctus uero Cucufas constanti animo respondit: “O uirosa diaboli lingua, quid mihi minaris? Minae tuae apud me nullae sunt.”

5 1 iussit... assari: cf. *Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti*, 8 4 furore repletus: *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 7; 9; 22 6-7 per deos... interimi: cf. *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 4; 6 7-8 uirosa lingua diaboli: cf. *Passio S. Vincentii*, 13; *Passio S. Felicis*, 10

5 1 add. autem post Maximianus P4 || furore accensus *transp.* Lo || graticula M^{a.c.} Mo || insuper Mo 2 sinape M || fundi P1 || add. sic ante Dei To U 3 ista] ei P4 || uiro] uiuo Mo || ministri] magistri Mo 4 haec om. Mo, hoc To U || nuntiatum P1, nuntiatum Mo To U || fuisset P1 M^{a.c.} To 5 uinctum P2 || conspectu P1 Mo || multum To U 6 uel] et Lo || add. nunc post maleficia P4 || add. et post praeualent U || add. sed ante per deos P4 || quoniam om. P4 || fatiam To 6-7 interire per iniqua tormenta To U 7 add. cui ante sanctus To U || uero om. To U 8 quid] qua Lo || add. nam ante minae L P2 To U || nulla Mo, nicil L P2, nichil Lo P4

6. Tunc Maximianus iussit ignem copiosum extra ciuitatem fieri, ut sanctum Dei martyrem concremarent. Et cum eum in ignem misissent, coepit sanctus Cucufas ex igne oculos ad caelum leuare dicens: “Domine Iesu Christe, qui tertia die a mortuis resurrexisti, qui omnia arbitrio tuo instituisti, libera me ab istius ignis ardore et da
5 confusionem huic impiissimo Maximiano.” Oratione autem completa, Domini misericordia protegente, ignis extinctus est et illesus apparuit ac psallebat dicens: “Transiuimus per ignem et aquam et induxisti nos in refrigerio.” Videns uero haec mirabilia Maximianus, confusus dixit custodibus: “Ferro uinctum ducite eum in custodia, dum excogitamus noua genera tormentorum.”

6 3-4 *qui... resurrexisti*: cf. Lc 24, 46 7 *Transiuimus... refrigerio*: Ps 65, 12 9 *dum excogitamus noua genera tormentorum*: cf. *Passio S. Felicis*, 19

6 1 *ciuitate P4* || ut] et ibi *Lo*, ut ubi *P4* 2 *concremaret L P2 To U*, *concremari Lo* || eum *om. P2* || ignem] igne *M* || *add. copiosum post ignem P4* 3 *ad celum oculos transp. L P2 U*, *leuare ad caelum transp. M P4* || dicens] et dicere *Mo* || die tertia *Mo* 4 *libera me om. To, transp. me libera post ardore U* || isti igni *Mo* || da] a *M^{a.c.}* 5 *transp. huic post Maximiano To U* || impio *L P2* || autem *om. To U* || completa] facta *L P2* 6 *transp. misericordia post protegente L P2*, *dei misericordia eum protegente Lo* || *add. ipse ante illesus P4* || *illesa Lo* || ac] *hec Mo*, et *To U* 7 *transiui To U* || et aquam... nos *om. To U* || eduxisti *M*, duxisti *P4* || *add. per ignem post duxisti P4^{a.c.}* || refrigerium *M Mo Lo P4* || uero *om. Lo To U* || haec] hanc *Mo, om. P4* 8 *uinctum Mo* 9 *custodiam M Lo P4* || excogitemus *Lo*

7. Retruditur sanctus Dei martyr cum graui ferri pondere catenarum; et cum ingrederetur carcerem, beatus ille psallebat dicens: “Dirigatur oratio mea, Domine, sicut incensum in conspectu tuo, eleuatio manuum mearum sacrificium uespertinum.” Et clauso ostio carceris, tantus splendor gratiae in eodem loco apparuit, ut custodes carceris, uidentes hoc, statim crederent in Dominum Iesum Christum. Sanctus uero Cucufas coepit gratias agere Deo dicens: “Satiasti, Christe, animas esurientium et sitientium sanguinis tui recreatione.” Cumque haec sanctus martyr oraret, Maximianus, directis militibus suis, sanctum Dei martyrem sibi iussit offerri et, dum ei oblatus fuisset, Maximianus eum interrogauit dicens: “Adhuc perseueras in insania, quam coepisti, et non reuerteris ad sanam mentem?” Sanctus Cucufas respondit: “Insania te possidet, qui patris tui diaboli iussa perficis et quis sit uerus Deus non agnoscis, unde et hanc multitudinem, quam tibi congregasti, tecum perire facis.”

7 1 *cum graui ferri pondere catenarum*: cf. *Passio S. Vincentii*, 4; *Passio S. Felicis*, 8 2-4 *dirigatur... uespertinum*: Ps 140, 2 4-5 *tantus splendor... crederent*: cf. *Passio S. Felicis*, 16 6-7 *satiasti... recreatione*: cf. Ps 106, 5; 9-10 9-10 *adhuc... insania*: cf. *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 21 10 *reuerteris ad sanam mentem*: cf. *Passio atque Nataliae et comitum Adriani*, 9 12-13 *hanc multitudinem... facis*: cf. *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 21

7 1 *add. itaque post retruditur P4 || dei om. L^{ac.} || cum om. To U || ferro L P2 || add. et post pondere Lo || -rum et cum in- n.l. Mo 2 ille] cucufatus M^{ac.}, cucufas P4 || psallebat dicens diri- n.l. Mo || dicens om. To U || domine oratio mea transp. To U P4 3 sicut] et sic P4 || in conspectu tuo ele- n.l. Mo 3-4 -cium uespertinum et n.l. Mo 4 gratiae] glorie Mo 5 uidentes hoc] ipsum uidentes P4 || hoc om. Lo || in Domino Iesu Christo crediderunt To, in Domino Iesu Christo crederent transp. U || credidere Mo 6 *add. tunc ante sanctus P4 || uero om. MP4 || caepit M || Deo gratias agere transp. To U || deo] domino P4 || Christe om. To U 7 animam P1 || esuriencium te Mo || sitientium] tinguentium P1 || et sitientium om. To U || recreationem P1 M Lo || haec om. Lo 8 *add. tunc ante Maximianus To U || suis om. P4 sed add. ad marg. || sanctum dei martyrem] eum P4 8-9 iussit sibi offerri transp. To U 9 afferre M || et dum] cumque To U || interrogauit eum transp. Lo, interrogans dixit To U || eum om. P4 10 in om. To || qua L P2 || reuertis P1 || ad] i Mo, in To || add. cui ante sanctus To U || add. uero post sanctus Mo 11 insaniam quidem tu possides To U || qui] quia M Mo Lo To U || a patre tuo P1 || diaboli om. P1 M Lo To U P4 || quis] quid P1 Mo, qui M To P4 12 uere Mo || Deus om. To U || et om. Mo || cognoscis MP4 || congregas Lo***

8. Tunc Maximianus furore repletus militibus dixit: “Caedite eum ad cardos ferreos et taureis neruis, ut exterminetur caro eius.” Sed cum sanctus Cucufas caederetur, leuans oculos ad caelum cum graui fletu ait: “Gratias tibi ago, omnipotens Deus, quia adpropinquauit ad me gratia tua. Exaudi preces serui tui et da confusionem huic
 5 impiissimo Maximiano, ut omnes, qui te credunt uerum Deum, uideant mirabilia tua et corroborentur in fide sua.” Et completa oratione, uox de caelo dixit ei: “Quodcumque petieris dabitur tibi secundum fidem tuam.” Cumque haec audisset sanctus Dei martyr, orare coepit dicens: “Confirma hoc, Deus, quod operaris in me, confirma cor meum et da uirtutem seruo tuo ad omnia inimici tela toleranda, quia te
 10 cognoui uerum Deum, et praesta, ut tyrannus princeps cum suis idolis et cum patre suo diabolo celeriter itereant.”

8 1 *furore repletus*: *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 7; 9; 22 || *caedite eum ad cardos ferreos*: cf. *Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti*, 9 1-2 *caedite... neruis*: cf. *Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum*, 7 4 *exaudi preces serui tui*: cf. II Par 6, 21; Dn 9, 17 7 *quodcumque...tibi*: cf. Mt 7, 7; 22, 21; Mc 11, 24 8 *confirma... in me*: Ps 67, 29 9 *omnia inimica tela*: cf. Eph 6, 16 9-10 *te cognoui uerum Deum*: cf. Io 17, 3; I Io 5, 20

8 1 *dixit militibus suis* *Lo* || *ad*] *om. PI P4, et Mo* || *cum cardis ferreis et neruis taureis* *Lo* || *cardis ferreis* *P4* 2 *taureis*] *taures Mo, laureis To* || *neuis PI, neruis om. M Mo P4, uirgis To U* || *add. nudo post neruis L* 3 *elebans PI* || *cum graui fletu ait om. P4* || *grau]* *grandi To U* || *tibi]* *uobis Mo* 4 *ad me]* *mihi P4* || *gratiam Mo, des. Mo excisis foliis* || *gratiam tuam To* 5 *impiissimo huic transp. L P2, huic crudelissimo To U* || *add. esse post deum P4* || *sua]* *tua PI To U* 6 *audita est uox de celo dicens Lo, uenit uox de celo dicens U* || *ei om. PI M P4* 7 *add. uero post cumque P4* 8 *dei om. PI* || *coepit orare transp. P4* || *operatus es M Lo P4* 9 *toleranda]* *superanda M P4* || *add. ego post quia M P4* 10 *cognoui te transp. P4* || *idolis om. P4* || *cum² om. M To U P4* 11 *intereat P4*

9. Maximianus autem aras ornari iussit, ut eis sacrificium offerret cum sacerdotibus, et sedens in curru in medio foro ex praecepto Dei et gloria diuinitatis cecidit in terra, crepuit et mortuus est. Idola quoque eius dimersa sunt in momento et in puluere redacta sunt. Tunc omnis populus coepit clamare et dicere: “Magnus est Deus
 5 Cucufatis et uerus omnium Christianorum et liberator eorum.” Sanctus uero Cucufas coepit dicere: “Tibi, omnipotens Deus, gratiarum actiones persoluo teque intra extraque glorifico, quia destruis incredulos et corroboras qui te diligunt.”

9 2 *sedens in curro*: cf. *Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti*, 10 3 *crepuit et mortuus est*: cf. Act 1, 18

9 1 *ornare* P1 || *add. in ante eis* P4 || *cum*] et P1 || *add. suis post sacerdotibus* Lo 2 *curro* L P2 M ^{a.c.}, *circuitu* To U || *in medio currum in foro* P1 || *ex om.* P4 || *cecidit*] *cadens* Lo 3 *add. et ante crepuit* P4 || *add. ita ante mortuus est* P4 || *dimersa*] *subuersa* P4 || *in om.* Lo || *puluerem* Lo To U 4 *redacte* M || *sunt om.* U P4 5 *add. et ante omnium* P4 || *add. tunc ante sanctus* P1 || *uero om.* P1 Lo || *Cucufatus* M 6 *coepit dicere*] *dixit* P4 || *add. clamare et post coepit* Lo || *deus om.* Lo || *persoluoque te* M || *teque*] te P4 || *intra*] *infra* U 6-7 *intra extraque om.* P1 7 *incredulo* P4 || *add. eos post corroboras* P4

10. Tunc Rufinus, qui ciuitati praeesse uidebatur, coepit suadere populum dicens: “Quare perfidi estis et generationi uestrae datis opprobrium et, derelinqentes deos magnos, adoratis quem nescitis?” Responderunt omnes et dixerunt : “Cur nos hortaris seruire diis alienis? Nam credere nos oportet in eum, quem sanctus Cucufas adorat et
 5 confitetur.” Tunc Rufinus, accensus furore diabolico, sic ait ad sanctum Cucufatem: “Tu es, qui facis multitudinem hanc blasphemare deos per nescio cuius nomen, qui dicitur Christus?” Respondit sanctus Cucufas dicens: “Nos confitemur uiuentem et adoramus immortalem. Nam uos adoratis, qui sine auditu et sine uoce sunt, cum quibus uos ipsi damnandi eritis in iudicio aeterno.”

10 4 *seruire diis alienis*: cf. Dt 7, 4

10 1 ciuitatis *PI*, ciuitatem *M* || persuadere *P4* || populo *To U* 2 *add.* tam ante perfidi *P4* || et¹] ut *P4* || uestri *PI* 3 adoretis *P4* || quae *PI M* || *add.* ei ante omnes *To U* 4 oportet *Lo* || quem] cum *P4* 6 *add.* tantam ante multitudinem *P4* || hanc *om.* *PI P4* || deos *om.* *PI M* *P4* || per] et *M P4* || per eius nomen nescio *Lo* 7 *add.* adorare ante christus *P4* || *add.* ei post respondit *To U* || respondens *Lo P4* || dixit *Lo* 8 adoremus *M P4* || *add.* eos post adoratis *Lo P4* || *add.* sine² supra lin. *L* || uoces *PI* || sine uoce sine auditu sunt *To U* 9 uos ipsi] sine uox *P4* || eritis] estis *U P4* || in *om.* *P4*

11. Audiens haec Rufinus, furore repletus, dixit spiculatoribus suis: “Istum rebellem si gladio non interfecerimus, nulla ratione uincere poterimus.” Tunc crudelissimus Rufinus dictauit sententiam dicens: “Cucufatem rebellem principum nostrorum, qui diis nostris sacrificare noluit, gladio percuti praecipimus.” Spiculatores uero, accepta
5 sententia, eicientes eum extra ciuitatem, ut praeceptum eis fuerat, ad locum hunc Obtatiano, quod situm est a ciuitate octauo miliario, perductus est. Sanctus uero Cucufas rogauit eos, ut spatium ei orandi praestarent. Cumque ei spiculatores praeuissent adsensum, prosternens se in terram orauit dicens: “Deus omnipotens, qui fecisti omnia in tua uirtute, et regnas trinus in unitate, fac misericordiam cum
10 seruo tuo et suscipe in pace animam meam.” Completa oratione, amputatum est caput eius ab spiculatoribus.

11 2-10 *tunc... caput eius*: cf. *Passio S. Columbae*, 7-8 6-7 *sanctus... praestarent*: cf. *Passio S. Christophori*, 31 10-11 *amputatum est caput eius ab spiculatoribus* : cf. *Passio S. Christophori*, 33

11 1 *add. autem post haec P4* || spiculatoribus *M* || suis *om. To U* 2 interficerimus *M*, interficeremus *P4* || *add. eum post ratione Lo P4* 3 Rufinus *om. M* || principumque uestrorum contemptorem *P4* 4 uoluit *M* 4-5 accipientes sententiam *To* 5 eis praeceptum *transp. Lo* || ei *To* || hunc] unc *M, om. P4* 5-6 ad ciuitatem hunc abtatianam quae sita est *Lo* 6 obtiano *L P2*, optaticium nomine *P4* || qui situs *P4* || miliano *M* || hunc...miliario *om. To U* || perductus est] duxerunt eum *To U*, perduxerunt *P4* 7 rogabat *To U* || eos] eis *M* || orandi praestarent] tribuerent orandi *To U* || ei *om. P1* 8 in terram orauit dicens] in orationem dixit *Lo* 9 in uirtute tua *transp. Lo* || tua *om. To U* || trinus *om. P1* || et regnas... unitate *om. To U* 10 anima mea *L P2* || *add. hac ante oratione Lo, add. autem ante oratione M P4* 11 ab] a *Lo P4* || ab spiculatores *om. To U*

12. Tunc christiani rapuerunt corpus eius et cum dignis laudibus sepelierunt. In quo loco uirtus Domini cooperatur per sanctum Dei martyrem usque in hodiernum diem. Regnante Domino nostro Iesu Christo, cuius regnum gloriosum in Trinitate unum permanet per numquam finienda saecula saeculorum. Amen.

12 1 corpus] caput *To U*, capud *U^{ac.}* || *add.* illud *post* sepelierunt *Lo P4*, *add.* eum *post* sepelierunt *To U* 2 domini] dominica *L P2* || *add.* plurimo *post* domini *P4* || quohoperatur *M*, operatur *Lo P4* || odiernumque (-um *ad marg.*) *P1* 3 *add.* est *post* cuius *M* || unum *om.* *P1 P4* 3-4 in Trinitate unum permanet per numquam finienda *om.* *M* || cui est honor et gloria in secula saeculorum *To U* 4 per numquam finienda *om.* *P4* || finiendam *P1* || *add.* in *ante* saecula *M* || *add.* semper *post* finienda *Lo* || saeculorum saecula *transp.* *Lo*

5. BHL 1999: TRADUÇÃO

1. Um grande, admirável, muito notável e ingente milagre a todos se manifestou sobre os santos servos de Deus, os mártires Félix e Cucufate, que possuíam um tal fervor de espírito que chegaram sem demora ao combate do martírio. E posto que eram oriundos da cidade de Cílio e ali, com igual disposição, se imbuíam de saber, aconteceu-lhes chegarem à cidade de Barcelona. Dali São Félix, protegido pela compaixão divina, dirigiu-se à cidade de Girona e, tendo realizado muitos milagres, ali consumou condignamente o martírio. Também São Cucufate, com o favor de Deus, se tornou digno mártir da cidade de Barcelona, e tanta foi a graça divina que o Senhor nele infundiu que, antes de ter lutado no combate do martírio, afugentava demónios com a sua oração e por meio dele muitos milagres o Senhor mostrava ao povo.

2. Estava então diligentemente naquela mesma cidade o impiíssimo procônsul Galério. Enviando os seus soldados, mandou que São Cucufate fosse trazido à sua presença, a quem disse: “Quem é aquele de cujo patrocínio te julgas tu munido, já que não obedeces às ordens dos príncipes nem adoras os grandes deuses?” Em resposta, São Cucufate disse: “Porque me forças a adorar aqueles que foram feitos à tua semelhança sem o arbítrio de Deus?” Imediatamente, o procônsul Galério, abrasado pela ira, ordenou que ele fosse submetido a uma pesada pena. Entregando-o aos algozes, disse: “Torturem-no de modo que exale o espírito.” Enquanto São Cucufate era torturado por doze soldados que o feriam gravemente, as suas entranhas foram vistas a espalharem-se pelo chão. Ao contemplá-las, todos os soldados que o torturavam ficaram cegos. E, de súbito, a misericórdia do Senhor de tal modo o restabeleceu são e salvo, que era com se ele não tivesse sofrido nenhum dano. Ao passar por estes tormentos, o santo mártir de Deus disse: “Senhor Jesus Cristo, que vês todas as coisas e que tudo estabeleceste segundo o teu mandamento, mostra o teu poder aos incrédulos, para que sejam confundidos aqueles que perseguem o teu nome: ao verem os teus milagres, ou acreditem ou se convertam, ou pereçam e sejam destruídos. E assim sendo, mata o impiíssimo Galério com o gládio divino, ele que assim desvaira contra o teu servo.” Foi isso que aconteceu, sendo o procônsul Galério consumido com todos os seus ídolos.

3. Quando São Cucufate viu tais acontecimentos, de mãos estendidas para o céu, proferiu uma oração dizendo: “Dou-Te graças, Deus onnipotente e salvador do mundo, que não desprezas as preces daqueles que acreditam em Ti, mas permaneces para a eternidade. Então, todo o povo louvou a Deus onnipotente, pois é Ele o Deus verdadeiro pelos séculos dos séculos. São Cucufate, por sua vez, disse ao povo: “Eis que vedes quão grandes milagres fez o Senhor. Por isso, abandonai os artefactos dos homens, que não têm voz, nem ouvidos, nem movimento, e acreditai no eterno Deus vivo, que tudo moldou a partir do nada.”

4. Então o impiíssimo Maximiano deu ordem a todos que o prendessem e que o apresentassem acorrentado perante ele. Assim, Atrânxio e Nilóximo, dois homens eminentíssimos, prenderam o santo de Deus, Cucufate, e conduziram-no, derreado com o enorme peso de correntes, à presença dele. Perguntou-lhe Maximiano: “De onde és? Destes lugares ou de outra região?” São Cucufate, armado com o poder dado por Deus, retorquiu-lhe com firmeza dizendo: “Porque perguntas pela minha ascendência ou pela minha pátria, que o Senhor não te quis revelar?” Disse-lhe Maximiano: “Quem afirmas tu ter como Deus?” São Cucufate respondeu: “Eu acredito no Deus vivo, que fez o céu e a terra, o mar e todas as coisas que neles se encontram.” Maximiano retorquiu: “Se é verdadeiro o Deus de quem falas, que venha e te arrebathe das minhas mãos ou dos tormentos que para ti estão preparados.” Respondendo, São Cucufate disse: “O que é que para mim está preparado, maldito?” Maximiano disse: “Infeliz, vejo que há em ti uma profunda obstinação, e que pela arte da tua feitiçaria espezinhasse os nossos deuses.” Então São Cucufate, sorrindo, disse: “Na verdade, miserável, julguei que existia em ti um pouco de sabedoria, mas, como me apercebi, é extrema a demência que há em ti, que abandonas o Deus vivo e adoras invólucros de demónios, aos quais tu com o teu príncipe, o diabo, te assemelhas.”

5. Abrasado pelo furor, Maximiano ordenou que fosse assado na grelha e que sobre ele fossem vertidos vinagre e mostarda. Quando foi cumprido aquilo que ele ordenara, tais tormentos não causaram qualquer dano ao santo homem, pois a misericórdia de Deus prestara-lhe auxílio. Mas os carrascos foram consumidos pelo próprio fogo dos castigos. Quando a Maximiano foi dada notícia do que acontera, ele, cheio de furor, ordenou que ele fosse apresentado perante si acorrentado. Disse-lhe então: “Os inúmeros embustes dos teus delitos e feitiçarias são imensamente poderosos. Juro pelos deuses magnos que

farei com que sejas morto com tormentos iníquos.” Mas São Cucufate, de ânimo firme, retorquiu: “Ó venenosa língua do diabo, porque me ameaças? Na verdade, as tuas ameaças para mim nada são.”

6. Então, Maximiano ordenou que fora da cidade fosse feita uma enorme fogueira, para queimar o santo mártir de Deus. E quando o atiraram para o fogo, São Cucufate começou a erguer do meio das labaredas os olhos para o céu, dizendo: “Senhor Jesus Cristo, que ressuscitaste de entre os mortos ao terceiro dia, que pela tua vontade estabeleste todas as coisas, livra-me do ardor deste fogo e confunde este ímpio Maximiano.” Feita esta oração, a misericórdia do Senhor protegeu-o. O fogo extinguiu-se e ele surgiu ileso. E salmodiava dizendo: “Atravessámos fogo e água e conduziste-nos ao refrigério.” Maximiano, por sua vez, vendo estes milagres, disse perplexo aos guardas: “Levai-o acorrentado para a prisão, enquanto pensamos em novos tipos de tormentos.”

7. O santo mártir de Deus foi encarcerado, carregado de pesadíssimas correntes de ferro. Ao entrar no cárcere, o bem-aventurado salmodiava dizendo: “Que a minha oração, Senhor, seja levada como incenso à tua presença, o erguer das minhas mãos como um sacrifício vespertino.” E uma vez fechada a porta do cárcere, apareceu naquele lugar um tão grande esplendor de graça, que os guardas do cárcere, ao vê-lo, imediatamente acreditaram no Senhor Jesus Cristo. São Cucufate, por sua vez, pôs-se a dar graças a Deus, dizendo: “Saciaste, Cristo, as almas dos que tinham fome e sede, com o banquete do teu sangue.” Enquanto o santo mártir dizia estas coisas em oração, Maximiano enviou os seus soldados e mandou que ele fosse trazido à sua presença. Quando lhe foi apresentado, interrogou-o dizendo: “Persistes ainda na loucura com que começaste?” São Cucufate respondeu: “A loucura apoderou-se de ti, que cumpres as ordens do teu pai, o diabo, e não reconheces quem é o verdadeiro Deus. E por isso fazes perecer contigo também esta multidão que junto de ti reuniste.”

8. Então, Maximiano, cheio de furor, gritou aos soldados: “Dilacerai-o com cardas de ferro e com correias de couro, para que a sua carne seja destruída.” Mas quando São Cucufate estava a ser dilacerado, ergueu os olhos para o céu e disse, chorando muito: “Dou graças a Ti, Deus onipotente, pois a tua graça aproximou-se de mim. Ouve as preces do teu servo e confunde este impiíssimo Maximiano, para que todos aqueles que

acreditam que és tu o Deus verdadeiro vejam os teus milagres e sejam fortalecidos na sua fé.” E completada a oração, uma voz vinda do céu disse-lhe: “O que quer que tu pedires ser-te-á dado de acordo com a tua fé.” Ao ouvir isto, o santo mártir de Deus começou a orar dizendo: Confirma, Deus, aquilo que operas em mim. Fortalece o meu coração e concede força ao teu servo para suportar todos os dardos do inimigo, pois eu reconheço-te como Deus verdadeiro. E faz com que o príncipe tirano seja rapidamente aniquilado, juntamente com os seus ídolos e com o seu pai, o diabo.”

9. Maximiano ordenou que os altares fossem preparados, para neles oferecer um sacrifício na companhia dos sacerdotes. Estava sentado num carro no meio do fórum quando, por vontade de Deus e por glória divina, caiu por terra, rebentou e morreu. Também os ídolos foram de imediato derrubados e reduzidos a pó. Então, todo o povo começou a gritar e a dizer: “Grande é o Deus de Cucufate, o Deus verdadeiro de todos os cristãos e seu libertador.” São Cucufate, por sua vez, desatou a dizer: “A Ti, Deus, ofereço acções de graças e glorifico-te no meu íntimo e em público, porque destróis os descrentes e fortaleces os que te amam.”

10. Então Rufino, que, ao que parece, era o governador da cidade, começou a persuadir o povo dizendo: “Porque é que sois pérfidos e desonrais os vossos avós e, abandonando os deuses magnos, adorais quem não conheceis?” Todos responderam, dizendo: “Porque nos exortas a servir deuses alheios? É preciso que acreditemos naquele que São Cucufate adora e proclama.” Então, Rufino, abrasado por um furor diabólico, diz assim a São Cucufate: “És tu que fazes com que esta multidão blasfeme contra os deuses, em favor de quem nem sei o nome, a quem chamam Cristo?” São Cucufate redarguiu dizendo: “Nós proclamamos e adoramos o Deus vivo e imortal. Vós, na verdade, adorais aqueles que não têm ouvidos nem voz, com os quais vós próprios sereis condenados no juízo eterno.”

11. Ouvindo estas coisas, Rufino, cheio de furor, disse aos seus carrascos: “Se não matarmos este rebelde com o gládio, não o poderemos vencer de nenhum modo.” Então o cruelíssimo Rufino pronunciou a sentença, dizendo: “Ordenamos que Cucufate, que se rebelou contra os nossos príncipes e não quis sacrificar aos nossos deuses, seja trespassado pelo gládio.” Tendo recebido a sentença, os carrascos, atirando-o para fora da cidade, tal como lhes fora ordenado, conduziram-no até a este lugar de Obtatiano,

que se situa a oito milhas da cidade. Mas São Cucufate pediu-lhes que lhe concedessem tempo para rezar. Como os carrascos consentissem, ele prostrou-se por terra e rezou, dizendo: “Deus omnipotente, que fizeste todas as coisas com o teu poder e reinas trino na unidade, tem misericórdia do teu servo e recebe a minha alma em paz.” Completada a oração, os carrascos deceparam-lhe a cabeça.

12. Depois, os cristãos furtaram o corpo dele e sepultaram-no com as honras devidas. Neste lugar, o poder do Senhor opera até aos dias de hoje por intermédio do santo mártir de Deus. Reinando Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo glorioso reino permanece uno na Trindade para os séculos dos séculos, que nunca terão fim. *Ámen.*

6. PROCESSOS DE REESCRITA DE *BHL* 1999 A *BHL* 1998

Num importante artigo de 2003¹⁶¹, Monique Goulet propôs pela primeira vez uma grelha tipológica para a análise das reescritas hagiográficas, partindo do quadro teórico desenvolvido por Gérard Genette na obra *Palimpsestes*. A reflexão ali experimentada viria a ser aprofundada pela autora, na monografia *Écriture et réécriture hagiographiques*, de 2005¹⁶². A análise que se segue da composição de *BHL* 1998 a partir de *BHL* 1999 tem justamente por base a tipologia delineada por Goulet nos trabalhos supracitados.

Do ponto de vista quantitativo e estrutural¹⁶³, a reescrita de *BHL* 1998 recorre sobretudo a um conjunto de procedimentos de aumento do hipotexto no seu todo. Omissões e modos de expressão mais concisos ocorrem pontualmente, não permitindo, no entanto, que falemos de uma verdadeira intenção de reduzir a extensão do texto de partida.

É possível isolar no texto de *BHL* 1998 três blocos que correspondem ao uso predominante de três técnicas de aumento descritas por Goulet para os textos hagiográficos:

- Extensão: consiste na simples adição de segmentos textuais originais ausentes do hipotexto¹⁶⁴. Em *BHL* 1998, podemos considerar como principais exemplos de extensão o primeiro prólogo, verdadeiro elemento paratextual, que não apresenta qualquer âncora específica à narrativa em torno de Cucufate¹⁶⁵; e o brevíssimo prólogo que introduz o nome do mártir e que, por este motivo, estabelecemos como primeiro parágrafo da *passio*.

¹⁶¹ Monique Goulet, “Vers une typologie des réécritures hagiographiques, à partir de quelques exemples du Nord-Est de la France”, in *La réécriture hagiographique dans l’Occident médiéval: transformations formelles et idéologiques*, Goulet; Heinzelmann (ed.), Stuttgart, 2003 (Beihefte der Francia, 58), pp. 109-143.

¹⁶² Monique Goulet, *Écriture et réécriture hagiographiques. Essai sur les Vies de saints dans l’Occident médiéval*, Brepols, 2005.

¹⁶³ Os aspectos quantitativos e estruturais descritos em Goulet 2005, pp. 92-4, 102-166.

¹⁶⁴ Goulet 2003, pp. 111, 113-114, Goulet 2005, pp. 107-108.

¹⁶⁵ Sintoma deste carácter facultativo é a omissão total ou parcial deste prólogo em alguns manuscritos.

- Contaminação: designa um tipo específico de extensão que resulta da convergência de dois hipotextos na composição do hipertexto¹⁶⁶. São exemplo deste procedimento os parágrafos 2 e 3 e o início do 4 de *BHL* 1998, que são fruto da contaminação do parágrafo 1 de *BHL* 1999 com alguns passos da *Passio S. Felicis* (*BHL* 2864-5).

- Amplificação: esta técnica de aumento consiste na conjugação de outras duas: a extensão, já referida, e a expansão, definida como uma dilatação estilística de partes do hipotexto¹⁶⁷. Assim, ao mesmo tempo que se adicionam novos elementos, é também reformulado sintáctica e/ou lexicalmente o hipotexto. Este é o processo de reescrita que predomina na composição de *BHL* 1998, em particular a partir do parágrafo 4.

Este esquema fica, todavia, como seria de esperar da aplicação de uma tipologia artificial, aquém da realidade complexa que emerge de uma análise mais fina de *BHL* 1998.

Neste sentido, a atribuição de uma categoria preponderante a cada parte do texto nem sempre é indiscutível. Assim, ainda que tenhamos optado por classificar a adição dos dois prólogos como uma simples extensão, é possível argumentar a favor da maior adequação de uma outra técnica mencionada por Goulet: a substituição. A substituição é, como a amplificação, o uso coordenado de duas técnicas isoladas: a excisão e a extensão. Trata-se de eliminar um segmento textual (excisão¹⁶⁸), para o substituir por novo texto alheio ao modelo (extensão). Com efeito, a primeira frase de *BHL* 1999¹⁶⁹, que como que desempenha o papel de um prólogo, não é reaproveitada no texto de *BHL* 1998. Podemos, pois, perguntarmo-nos se o acto de adição dos dois prólogos, ou talvez apenas do segundo, não terá tido para o autor da reescrita o valor de uma substituição do passo que decidiu suprimir.

De modo semelhante, o tipo de transformação pode variar de acordo com a referenciação do hipertexto a diferentes hipotextos. Este problema é particularmente

¹⁶⁶ Goulet 2005, pp. 114-118.

¹⁶⁷ Goulet 2003, pp. 111, 114-115; Goulet, 2005, pp. 109-114.

¹⁶⁸ Goulet 2003, pp. 111, 115; Goulet 2005, pp. 118.

¹⁶⁹ *Magnum et admirabile ualdeque perspicuum ingensque miraculum cunctis apparuit super sanctos Dei famulos Felicem et Cucufatem martyres, quibus tanta erat alacritas animi, ut ad agonem certaminis ilico peruenirent.*

notório nos parágrafos 2 a 4 de *BHL* 1998. Com efeito, visto na perspectiva do cotejo com *BHL* 1999, trata-se de uma extensão por contaminação. Mas toda a contaminação tem implícito um segundo hipotexto, que vem contaminar o principal. Ora, se analisarmos os parágrafos mencionados na sua relação com o texto da *Passio S. Felicis*, deveremos sobretudo falar de amplificação de passos seleccionados do hipotexto.

Importa, pois, ressaltar que a caracterização de uma secção do texto recorrendo à técnica de transformação quantitativa que nela predomina é potencialmente redutora, uma vez que o produto da reescrita se assemelha mais a um tecido complexo fruto do entretecer de vários processos distintos, nem sempre fáceis de isolar.

Dos aspectos formais não quantitativos aplicados por Goulet às reescritas hagiográficas, dois devem ser mencionados a respeito de *BHL* 1998: a transestilização e a transmodalização.

A transestilização é abordada pela investigadora não do ponto de vista do estilo próprio de um autor¹⁷⁰, mas à luz da correspondência do conceito de estilo ao termo latino *sermo*. Sob esta definição, o processo consiste na passagem de um estilo simples, de registo baixo (*sermo humilis* ou *rusticus*), a um estilo mais elevado (*sermo mediocris*, *sermo sublimis*), ou o inverso. É bem sabido que o primeiro movimento, aquele que visa o melhoramento estilístico do hipotexto, é o mais comum, caracterizando em grande medida o ímpeto de reescrita do período carolíngio, no qual julgamos poder situar a composição de *BHL* 1998. Goulet insiste sobretudo no recurso dos autores das reescritas carolíngias e posteriores ao argumento da inadequação do *sermo rusticus* dos originais, que era necessário corrigir e elevar, motivo justificativo que se encontra amiúde expresso nos prólogos das novas versões e que leva a autora a falar de uma *transtylistation anoncée*¹⁷¹.

Na composição de *BHL* 1998 não temos, porém, uma transestilização declarada. Como teremos oportunidade de comentar na análise aos prólogos, não há qualquer alusão da parte do hagiógrafo a um trabalho de reescrita. Parece antes que a intenção seria a de fazer crer ao leitor que estaria perante a primeira e única versão da *Passio S.*

¹⁷⁰ Com efeito, a autorias diferentes estão necessariamente associados estilos pessoais distintos, como é notado por Goulet 2003, pp. 119: “[...] d’un certain point de vue il faudrait considerer que tout changement d’auteur entraîne un changement de style.”

¹⁷¹ Goulet 2003, pp. 119; Goulet 2005, pp. 147.

Cucufatis. Mas se não existe uma transestilização assumida, por todo o texto transparece uma procura por um estilo mais elevado do que o do modelo, operação que é levada a cabo sobretudo por complexificação sintáctica, por substituições lexicais sinonímicas, por um esforço de *uariatio* e por intensificação adjectival e adverbial. Contudo, a respeito da transestilização observada em *BHL* 1998, podemos dizer que é, em grande medida, indissociável da amplificação, que, como vimos, inclui o recurso à dilatação estilística do texto. Não queremos com isto dizer que o melhoramento estilístico resulte inevitavelmente num aumento quantitativo do hipotexto. Pontualmente, o mesmo objectivo pode ser procurado por condensação, processo definido por Goulet como o uso coordenado da excisão, ou omissão de partes do modelo, e da concisão, reescrita sintética sem subtracção de elementos do hipotexto¹⁷². Porém, ainda que possamos encontrar exemplos de condensação em *BHL* 1998, o balanço final da reescrita consiste numa transestilização alcançada sobretudo por amplificação.

Por transmodalização Goulet designa uma mudança nos modos de representação do hipotexto, distinguindo entre transposição intermodal, se a transmodalização afectar o texto no seu todo, e transposição intramodal, se as transformações ocorrerem pontualmente no interior do hipotexto, sem que mude o modo deste último. Exemplos do primeiro tipo são a versificação e a dramatização de textos narrativos em prosa, ou o movimento inverso. Para o estudo de *BHL* 1998, importa apenas que consideremos uma categoria de transformação intramodal: a passagem de discurso indirecto para discurso directo, que, como Goulet observa, é comum em particular nas reescritas por amplificação¹⁷³.

Uma análise dos procedimentos técnicos de reescrita, cuja aplicação ao caso de *BHL* 1998 acabámos de resumir, sendo potencialmente árida, é insatisfatória se não tiver como objectivo último o descortinar das motivações que conduziam à produção de uma versão renovada de um texto preexistente. De resto, a mais pequena alteração operada sobre um texto não pode ser desprovida de valor semântico, por mais banal que este possa ser. Esta evidência é bem explicitada por Goulet, que, num primeiro momento, a coloca adequadamente no plano linguístico, quando diz que *la langue étant l'expression d'une culture et d'une mentalité, tout changement opéré dans celle-ci est porteur de signification*, para depois concluir que *les réécritures formelles cachent*

¹⁷² Goulet 2003, pp. 110-111; Goulet 2005, pp. 118-133.

¹⁷³ Goulet 2005, pp. 165.

*presque toujours des transformations sémantiques, qu'elles soient volontaires ou tout au moins conscientes et assumées [...] ou bien inconscientes*¹⁷⁴.

As transformações semânticas na passagem de *BHL* 1999 a *BHL* 1998 não são profundas: o âmbito histórico-geográfico mantém-se, o modelo de santidade representado por Cucufate não é alterado e não podemos dizer que o foco temático da paixão se desloque¹⁷⁵. Mas podemos talvez falar de uma revalorização por amplificação para descrever a intenção do autor de *BHL* 1998, termo que Gouillet aplica ao uso retórico da amplificação que visa comover a audiência¹⁷⁶. Sem perder de vista a finalidade de comover, gostaríamos de argumentar que, em *BHL* 1998, a revalorização por amplificação se verifica a vários níveis.

Há, antes de mais, uma revalorização da narrativa propriamente dita através do reforço quer da sua expressividade quer da sua coerência. A reorganização lógica de sequências narrativas, a introdução de elementos conectores mais sólidos entre secções distintas do texto, a adição de pormenores circunstanciais, entre outros, procuram dar maior definição e vivacidade aos acontecimentos relatados, aproximando-os da sensibilidade do público e indo assim ao encontro do objectivo de comover.

Central na produção de *BHL* 1998 parece ser também a revalorização da figura de Cucufate, ainda que a forma como é representado não mude substancialmente. Trata-se sobretudo de dar maior consistência à personagem do mártir, em particular através da introdução de informações mais pormenorizadas sobre a sua vida antes do martírio, aspecto que sobressairá da análise da composição dos parágrafos 2 a 4. Também ao longo de todo o texto o processo de amplificação opera no sentido de tornar mais dinâmica a presença de Cucufate na narrativa, tornando mais expressiva a sua interacção com o juiz, por um lado, e com a multidão que assiste ao martírio, por outro. Este efeito decorre, em grande parte, da reformulação das intervenções do mártir em discurso directo, mas também das dos perseguidores e da assistência. Neste sentido, podemos dizer que também os juízes e a multidão são revalorizados na reescrita. A sua revalorização, porém, reverte a favor do próprio mártir: quanto mais expressivo for o antagonismo dos perseguidores, mais se exalta o mártir na resistência que lhes oferece;

¹⁷⁴ Gouillet 2005, pp. 166.

¹⁷⁵ Estes três aspectos referem-se a alguns dos eixos principais da tipologia desenvolvida em Gouillet 2005, pp. 170-189.

¹⁷⁶ *Flectere*, nas palavras de Santo Agostinho, *Doct.*, IV, XII, 27. Cf. Gouillet 2005, pp.190.

quanto mais presente for sentida a influência salvífica do mártir na multidão, mais evidente se faz o seu papel de testemunha da fé cristã. Afinal, o objectivo último de uma revalorização do mártir é a revitalização do modelo estereotipado que ele corporiza.

A reescrita produz transformações semânticas também ao nível da funcionalidade cultural e da mensagem edificante da paixão. Quanto à primeira, trata-se sobretudo de um reforço do carácter litúrgico do texto, por meio da introdução de novas alusões bíblicas e pela amplificação das fórmulas de credo e das preces proferidas por Cucufate e pelo povo. Este desenvolvimento dos passos oracionais, conjugado com uma reconfiguração da sua relação narrativa com a protecção milagrosa concedida ao mártir supliciado, parece pretender realçar a importância da oração para a obtenção do favor de Deus. É perceptível, por fim, em vários momentos, uma preocupação da parte do autor de *BHL* 1998 em corrigir passos que, no hipotexto, poderiam suscitar alguma ambiguidade interpretativa quanto à sua ortodoxia.

A análise que faremos nas páginas seguintes da composição de *BHL* 1998 a partir de *BHL* 1999 dividir-se-á nos três blocos textuais que acima definimos: prólogos, parágrafos introdutórios sobre Cucufate e Félix e o relato de martírio propriamente dito. Na abordagem a esta última secção, que compreende a maior parte do texto e na qual o substracto de *BHL* 1999 se encontra mais presente, individuaremos os comentários aos parágrafos em que ocorrem transformações semânticas mais expressivas. As alterações estilísticas de ordem lexical e sintáctica serão também tratadas isoladamente, mas para o conjunto do texto.

6.1 Antes do martírio: Cucufate e Félix (*BHL* 1998, 2-4)

A refundição do parágrafo introdutório de *BHL* 1999 é o mais extenso aumento textual no processo de produção de *BHL* 1998, passando-se das 103 palavras do hipotexto a um total de 379 palavras no hipertexto, que correspondem aos parágrafos 2 a 4 da nossa edição. O intuito desta notável dilatação parece-nos claro: dar contornos mais definidos à figura de Cucufate, fornecendo informações mais detalhadas sobre a sua vida antes de sofrer o martírio.

Para o fazer, o redactor não se limitou a desenvolver de modo estéril o conteúdo esquelético do seu modelo. Seguiu antes a pista que a *passio* hispânica lhe dava: Cucufate fora conterrâneo e companheiro de viagem de Félix de Girona. Ora,

consultando o texto de uma versão da *Passio S. Felicis*, nele encontrou os elementos que lhe permitiriam completar a narrativa sobre Cucufate até ao momento em que os destinos dos dois mártires se separavam. Podemos assim dizer que, neste ponto da *passio*, o hagiógrafo carolíngio fez o mesmo percurso que o autor hispânico, que já se inspirara na *PF* para forjar a ligação entre Cucufate e Félix. O hagiógrafo carolíngio foi, no entanto, mais longe no recurso à narrativa sobre o mártir de Girona.

Como veremos nas páginas que se seguem, o processo não foi simplesmente o de copiar e colar trechos da *PF*, mas sim o de seleccionar, reorganizar e reescrever um conjunto de passos e ideias daquele texto, com o fim de reconstruir uma narrativa original que desse contornos mais definidos à figura de Cucufate. Temos, pois, para esta secção de *BHL* 1998, de considerar dois hipotextos principais que serviram de matéria-prima à reescrita.

No que diz respeito ao hipotexto que constitui a *PF*, a versão utilizada parece não ter sido a que circulou com o passionário hispânico, *BHL* 2864, mas sim *BHL* 2865, que, até onde pudemos averiguar, não ocorre em manuscritos hispânicos. Para demonstrar esta maior proximidade entre *BHL* 1998 e *BHL* 2865, nas tabelas sinópticas que acompanham a análise que se segue incluiremos o texto de ambas as versões da *PF*.

O tempo de companheirismo entre Cucufate e Félix é condensado pelo autor de *BHL* 1999 no segundo período do primeiro parágrafo:

Et quia ab Scillitana ciuitate oriundi erant atque in eadem se parili sensu litteris imbuebant, contigit eis Barcinonensem contingere ciuitatem.

Em rigor, é neste breve período que o redactor de *BHL* 1998 vai injectar a grande maioria dos elementos recolhidos na *PF*.

O ponto de partida é o mesmo: a origem cilitana de Cucufate. Mas esta referência à sua cidade natal vai ser complementada com nova informação, a saber, a ascendência nobre, aristocrática, do futuro mártir, superada apenas pela nobreza dos seus costumes e da sua fé cristã:

BHL 1998, 2: Qui beatissimus domini athleta, Scillitana ciuitate nobilissimis et singulari magnificentia inter suos ditissimis natalibus oriundus, nobiliorem se moribus et fide Christi insignem exhibuit.

Este não é um elemento imediatamente identificável nas duas versões da *PF*, cujos autores em nenhum momento afirmam de forma tão veemente a nobreza secular de Félix. Ainda assim, ambas as narrativas não deixam muito espaço para que se acredite que o mártir fosse de origens modestas. Por um lado, um certo estatuto social parece estar implícito na sua dedicação ao estudo das *liberales litterae*, da *philosophia huius mundi*¹⁷⁷. Por outro lado, no parágrafo 9 de ambas as versões, Rufino afirma que o seu superior Daciano se regozija com a chegada de Félix à sua província, por este ser *talis ac tantus*. Segue-se uma tentativa de demover a constância do mártir com a promessa de riquezas e de um matrimónio condigno. Neste ponto, o texto de *BHL* 2864 é mais expressivo, referindo a procura de uma esposa que esteja à altura da *facultas*, dos *mores* e da *nobilitas* de Félix. Em todo o caso, atribuídas ao perseguidor que procura seduzir o cristão com *blanditiae*, estas sugestões de estatuto social elevado são marginalizadas e colocadas sob uma luz negativa.

A extracção nobre do mártir, de resto, embora presente em alguns textos¹⁷⁸, não parece ser um aspecto de relevo nas paixões hispânicas. É-o, porém, como é bem sabido, nos textos hagiográficos merovíngios e carolíngios. Não é, pois, de estranhar que o hagiógrafo de *BHL* 1998, ao adaptar uma paixão hispânica para um público carolíngio do século IX, tenha introduzido no início da sua narrativa uma declaração tão hiperbólica do berço aristocrático de Cucufate, sem que necessitasse de colher a ideia na *PF*¹⁷⁹.

Quando o autor do texto hispânico associou Cucufate à ocupação principal de Félix, o estudo das artes liberais, optou por omitir a estadia em Cesareia, capital da província da Mauritânia, à qual Félix se deslocou com o intuito de aprofundar a sua erudição junto dos *sapientes* daquela cidade. De feito, no passo já citado de *BHL* 1999,

¹⁷⁷ *PF*, 2.

¹⁷⁸ Eulália de Mérida é *provinciae... senatricem* (*Passio S. Eulaliae Emeritensis*, 7). A narrativa da sua homónima de Barcelona toma emprestada a mesma caracterização social, apresentada de forma mais clara logo no início da *passio: nobilis genere* (*Passio S. Eulaliae Barcinonensis*, 2). Também Leocádia de Toledo é *genere nobilissima* (*Confessio S. Leocadiae*, 4).

¹⁷⁹ A expressão utilizada pode, no entanto, ter sido sugerida pela descrição da matrona Plácida em *BHL* 2865, 8: *ex nobilibus natalibus ortam*.

os dois mártires dedicam-se às *litterae* na sua cidade natal, Cílio. O texto de *BHL* 1998 recupera o pormenor de Cesareia, inspirando-se claramente em *BHL* 2865¹⁸⁰:

<i>BHL</i> 1998	<i>BHL</i> 2865	<i>BHL</i> 2864
2 [...] Quique una cum sancto Felice ipsius ciuitatis aequae illustrissimo Caesaream, quae est in litore Mauritaniae in ipso maris magni margine <i>sita</i> , studio liberalium litterarum migravit. Quo cum uacantes scolis peruulgata fama comperissent [...]	2 [...] Contigit autem eum Caesaream ciuitatem pergere, quae est in litore Mauritaniae , ubi sapientes studiis atque liberalibus litteris uacabant [...]	2 [...] Qui cum ad ciuitatem pergeret Caesaream, quae est in Mauretaniae litore constituta , quae eius metropolis nuncupatur, ubi liberalium litterarum studia praefulgebant [...]

¹⁸⁰ O texto de *BHL* 2865 transmitido pelo manuscrito Paris, lat. 5310 (*PI*) apresenta, nos passos que citaremos em seguida, algumas correspondências mais estreitas com *BHL* 1998. Este manuscrito é o testemunho mais antigo da adição no parágrafo 2 *in ipso maris magni crepidine sita*, quase idêntica à mesma especificação geográfica em *BHL* 1998, 2: *in ipso maris magni margine sita*. Também nas palavras finais em *BHL* 2865, 4, *sine elemosynis* é substituído naquele manuscrito por *sine elemosinarum largitione*, expressão que ecoa as *elemosinarum largitionibus* em *BHL* 1998, 3. O estudo da transmissão manuscrita de *BHL* 2865 não sugere que estas lições se encontrassem já no arquétipo. Vamos encontrá-las de novo apenas num manuscrito do séc. XI, de Saint-Maur-des-Fossés, Paris, lat. 11884 (*Ma*), que para a *PF* apresenta afinidades estreitas com *PI*. *PI*, por sua vez, é excepcional na tradição manuscrita de *BHL* 2865 e *BHL* 1998 por ser o único em que a primeira *passio* se segue imediatamente à segunda. Um conjunto de omissões próprias de *PI* não nos permite concluir que *Ma* o tenha como modelo, pelo que é provável que estas lições tenham tido a sua origem num antepassado comum aos dois manuscritos. Se, tal como em *PI*, nesse hipotético antepassado as duas paixões se encontrassem lado a lado, é bem possível imaginar um cenário em que o copista, que acabara de copiar *BHL* 1998, tenha contaminado a sua cópia de *BHL* 2865 com expressões do texto anterior, tendo-se acaso apercebido da correspondência entre as secções iniciais de ambas as paixões. Ainda que nos pareça menos plausível, não podemos, todavia, descartar a hipótese de o texto da *PF* a partir do qual o autor de *BHL* 1998 trabalhou na sua reescrita ser um antepassado de *PI*.

Em *BHL* 1999, descartada a etapa de Cesareia, a chegada a Barcelona é retirada do contexto que a motiva na *PF*, quase como se de um acaso se tratasse. O hagiógrafo de *BHL* 1998, por sua vez, reconstrói as circunstâncias da viagem, a partir de *BHL* 2865.

Neste texto, bem como em *BHL* 2864, a narrativa desenvolve-se do seguinte modo: Félix encontra-se em Cesareia, quando aos seus ouvidos chegam notícias de que a perseguição aos cristãos alastrara até à Hispânia; constatando a futilidade das suas ambições de erudição secular, decide direccionar os seus esforços para o alcançar da vida eterna (*PF*, 2). Fingindo ser comerciante, embarca num navio mercantil rumo às costas da Hispânia, indo parar a Barcelona. O texto de *BHL* 1998 retoma estas ideias ajustando alguns pormenores, reescrevendo e reorganizando o material recolhido na *PF*: Cucufate e Félix, ocupando-se dos seus estudos em Cesareia, ouvem falar da perseguição que devasta a cristandade nas regiões orientais do império. Tal como na *PF*, decidem abandonar a costa africana numa frota mercantil, assumindo a identidade de mercadores. Chegam assim a Barcelona, onde se apercebem que a Grande Perseguição não está confinada ao Oriente, grassando já por todo o Ocidente.

Na composição deste episódio, o autor de *BHL* 1998 faz confluír, em primeiro lugar, o parágrafo introdutório de *BHL* 2865 com a frase do segundo parágrafo que nos diz que Félix toma conhecimento da perseguição em Cesareia.

<i>BHL</i> 1998	<i>BHL</i> 2865	<i>BHL</i> 2864
<p>2 [...] Quo, cum uacantes scolis <i>peruulgata fama comperissent persecutionis feruorem nimio aestu urgentem sub</i> ministris diaboli, Diocletiano uidelicet et Maximiano imperatoribus, <i>orientibus partibus</i> efferbuisse [...] Sicque Barcinonam appelentes repererunt adeo usquequaque praedictorum principum impietatem male grassari, ut nec in occiduis terrae oris</p>	<p>1 In diebus illis sub Diocletiano et Maximiano imperatoribus talis orta est persecutio christianis ut non solum <i>in orientali parte</i> ubi dominabantur sed etiam in occiduis partibus constitutis talis ab eis emanabat impiissima iussio ut non esset ciuitas, uicus aut possessio ubi non idolum erigeretur.</p> <p>2 [...] Ilico aduenientibus</p>	<p>1 In diebus illis sub Diocletiano et Maximiano consulibus, tempore quo in christianis saeua persecutionis crudelitas crassabatur, ita in uniuerso orbe terrarum positis, siue in orientalium prouinciis siue in occiduis partibus constitutis impiorum principum iussio seruabatur, ut non esset ciuitas aut castellum, <i>ubi non idola colerentur</i> et</p>

esset ciuitas, municipium quoque uel **uicus** siue **possessio quo idolum non erigeretur**, et nulli dabatur facultas quippiam commeandi aut commodi alius impertiendi seu percipiendi nisi turificaret.

classibus nauium nuntiatur ei eo quod christianis exorta esset grauis **persecutio** in omne litus Spaniae.

nefarie demonibus uictimae caederentur.

2 [...] Igitur cum ante nauigium inaudita opinione per populos diulgaretur eo quod in Spaniarum litore *grauis in christianis* **persecutio crassaretur**, qua sanctus Felix opinione **comperta** [...]

Esta reconfiguração do conteúdo do hipotexto constrói uma ideia ausente na *PF*: a progressão no conhecimento do âmbito geográfico da perseguição. Esta inovação parece-nos infeliz, pois obscurece potencialmente a motivação da viagem. Na *PF*, Félix parte para a Hispânia justamente por ficar a saber, em Cesareia, que os edictos imperiais contra os cristãos estão a ser ali cruelmente aplicados. Mas porque vão Cucufate e Félix para Barcelona, se, de acordo com *BHL* 1998, antes de partirem sabem apenas que a perseguição assola o oriente? Talvez a interpretação subjacente do hagiógrafo seja a de que a viagem pretendida pelos dois companheiros fosse inicialmente em direção a oriente, tendo sido interrompida durante a escala em Barcelona, ante a constatação de que a perseguição já atingira aquelas paragens.

A interdição expressa nas palavras com que encerra o parágrafo 2 de *BHL* 1998, apresentado na tabela anterior – *nulli dabatur facultas... nisi turificaret* – evoca um passo do parágrafo 80 da *Passio S. Sebastiani et comitum* (*BHL* 7543)¹⁸¹, acrescentando à pluralidade de modelos (bíblicos, hagiográficos) que confluem na reescrita.

O motivo da viagem sob o disfarce de comerciantes é inserido e elaborado neste mesmo parágrafo de *BHL* 1998 a partir do parágrafo 3 da *PF*:

¹⁸¹ *P. Sebastiani et comitum*, 80 (edição de Fábrega Grau 1955, p. 168): [...] *facta est persecutio talis, ut nullus emeret vel venundaret aliquid, nisi qui, staticulis positus in eo loco, ubi emendi gratia ventum fuisset, thuris exhibuisset incensum. Circa insulas, circa vica, circa nimfea quoque erant conplures positi, qui nec manendi copiam darent, aut haurientibus aquam facultatem tribuerent, nisi qui idolis delibassent.*

BHL 1998

2 [...] mox cum maxima et paene apud dilectores mundi incomparabili *mercium pretiosarum* et **diuersa** specierum atque diuitiarum uarietate ac copia, non paucis etiam **nauium** numero, occidentali plagae, *nomen et speciem praetendentes negotiatorum*, ut re uera erant Ihesu Domini ueri negotiatores, se contulerunt. [...]

BHL 2865

3 Statimque **nauem** cum **diuersis commerciis** conscendens Deo fauente Barcilonensis ciuitatis contigit litus. Qui *confingens se negotiatorem esse*, coepit intra se cogitare quomodo posset ad culmina regni caelorum conscendere.

BHL 2864

3 Igitur **nauem** quae cum **diuersis mercimoniis** ire ad Spaniam properabat, Deo fauente, conscendit, quo auxiliante, prospera navigatione in Barcinonensem adpulsus est ciuitatem. Qui cum se rerum uenialium **negotiatorem simularet**, coepit intra semetipsum quaerere qualiter posset ad regna caelestia peruenire et fastigia uitae perennis attingere.

Como é frequente ao longo de *BHL* 1998, a reescrita hiperbólica ressalta à vista neste passo: de uma só *nauem* passa-se a um *non paucis...nauium numero*, carregado não apenas de *diuersis commerciis*, mas de *maxima et paene... incomparabili mercium pretiosarum et diuersa specierum atque diuitiarum uarietate ac copia*. Demais, o contraste entre os dois homens de Deus e aqueles entre os quais viajam é sublinhado com a especificação *apud dilectores mundi*.

A incompatibilidade subentendida entre a profissão de mercador e o caminho da beatitude perseguido por Félix é resolvida na *PF* pela afirmação com que encerra o parágrafo: ainda que temporariamente sob a aparência de comerciante, a sua vida interior continuou centrada no desejo do reino celestial e na meditação sobre o modo de o alcançar. A preocupação do hagiógrafo de *BHL* 1998 parece ser diversa: como encaixar na perfeição moral dos santos o recurso à dissimulação, à mentira? A conciliação é tentada no campo metafórico: Cucufate e Félix não estão a construir deliberadamente uma falsidade ao fazerem-se passar por comerciantes, pois são-no na verdade, não de mercadorias materiais, mas dos bens espirituais de Deus – *ut re uera*

*erant Ihesu Domini ueri negotiatores*¹⁸². A insistência no adjetivo *uerus* trai a preocupação com a falsidade implícita no comportamento dos mártires.

O parágrafo 3 de *BHL* 1998 aprofunda a ligação entre os dois santos, fazendo Cucufate partilhar das virtudes e das pias acções de Félix, tal como descritas em *PF* 4:

<i>BHL</i> 1998	<i>BHL</i> 2865	<i>BHL</i> 2864
3 [...] coeperunt operibus pietatis et elemosinarum largitionibus quibus sedulo fuerant adsueti largius insistere, et fide, castitate, sobrietate, mansuetudine et <i>inaestimabili caritate</i> atque erga <i>omnes</i> benignitate quin immo uniuersarum uirtutum splendore, ueluti maxima duo caeli luminaria effulgere omniumque se mentibus et amori officiosissime ac gratiose infundere, necnon uerbum salutis priuatim et per domos ad se confluentibus praedicare, donec uniuersa quae attulerant misericordiae officiiis potuissent expendere, et sic demum publica uoce Dominum Nostrum Ihesum Christum confitentes se ip-	4 [...] coepit se exercere in diuinis uoluminibus et iugiter se carum exhibebat uniuerso populo. Erat enim uir diuina gratia opulentissimus, amator fidei, castus, sobrius, mitis, pacificus uerax, elemosynis iugiter in pauperibus extensis manibus euacabat , hospitalis <i>cunctis</i> fratribus uero superuenientibus cum tanto gaudio amoris se praebebat occursibus eorum, ut Abrahae patriarchae coequaretur, qui dum saepius suo hospitio aduentantes de diuersis locis susciperet et apostolica mandata impletet. Ita docebat dicens: “Non oportet animam christianam apparere ante creatorem suum iugiter uacuum sine elemosynis .”	4 [...] coepit se cum uoluminibus diuinis exercere et iugi oratione desiderans ut carus populo esse mereretur orabat. Erat enim amator fidei, castus, sobrius, mitis, mansuetus, pacificus et uerax, elemosinas iugiter pauperibus erogabat , hospitalis supra modum, <i>cunctis</i> fratribus aduenientibus cum toto amoris gaudio se in eorum praebebat occurso, ut Abrahae meritis aequaretur, qui Dominum suum in hospitio probatus est suscepisse. Hoc cunctos specialiter commonebat, dicens fieri omnis modis elemosinas oportere et omnem mundi substantiam pauperibus erogare, iracundiam quoque ante solis

¹⁸² O motivo, inspirado na parábola do negociante (Mt 13, 45), é evocado a respeito de Félix nos parágrafos 6 e 7 de ambas as versões da *PF*. Sobre a possível influência do passo bíblico na criação hagiográfica da identidade de comerciante assumida por Félix, cf. García Rodríguez 1966, p. 310.

sos, ut rei exitus declarauit,
quiuisent superimpendere.

occasum esse placandam et
omnem maliuolentiam bo-
nitate uincendam.

Para além da dimensão estilística da reescrita¹⁸³, omnipresente na relação de *BHL* 1998 com os seus hipotextos, o autor procede também aqui a algumas alterações de conteúdo.

Na *PF*, a chegada à Hispânia é retratada como um ponto de viragem na vida de Félix, antes preocupado apenas com a sua erudição secular, agora devotado ao estudo dos *uolumines diuini*, à oração e à caridade para com o povo. Mas para os mártires de *BHL* 1998, os *opera pietatis* e as *elemosinarum largitiones* não são novidade, como deixa entender a relativa *quibus sedulo fuerant adsueti largius insistere*. Não há qualquer sugestão de uma *conuersatio* no modo de vida de Félix e Cucufate, cuja perfeição de costumes parece agora passar a abarcar todo o período das suas vidas.

No que ao rol de virtudes de Félix diz respeito, ambas as versões da *PF* destacam a sua hospitalidade, comparável à do patriarca Abraão. O autor de *BHL* 1998, por sua vez, prefere ofuscar no seu texto este aspecto, substituindo-o em grande medida pela pregação do *uerbum salutis* levada a cabo pelos santos¹⁸⁴.

Esta valorização da actividade evangelizadora dos mártires como que se concretiza mais tarde no reforço do carácter litúrgico da *passio*, sobretudo através da reescrita das várias falas de Cucufate ao longo do martírio, e que, como teremos oportunidade de evidenciar, parece ser uma das principais preocupações do hagiógrafo.

Não podemos também deixar de notar como a importância dada a este aspecto, em detrimento da mensagem principal do hipotexto, se poderá melhor adequar a um modelo de perfeição cristã do século IX e ao novo ímpeto cristianizador do período carolíngio.

Consideremos agora, nas duas paixões, o âmbito geográfico dos *opera pietatis* de Félix e de Cucufate:

¹⁸³ Note-se sobretudo a substituição dos verbos no imperfeito por uma sucessão de quatro orações infinitivas dependentes de *coeperunt*.

¹⁸⁴ Não pretendemos, contudo, afirmar que esta ideia se encontra ausente da *PF*. É expressa sobretudo no parágrafo 5, onde vemos Félix instigando o povo à busca pela *uita beata* na superação das ameaças de Daciano, e no parágrafo 6, com a alusão às *bonas margaritas* semeadas pelo santo entre o povo e às *matronae* que se regozijavam com a pregação de Félix.

BHL 1998	BHL 2865	BHL 2864
<p>4 Quocirca ex unanimi con- dicto beatus Felix ad Impu- ritanam indeque ad Ge- rundensium ciuitatem transmeauit <i>quo huiusmodi</i> <i>diuinis muniis se exercens</i> gloriosum martyrium per- petrauit.</p>	<p>4 Cumque impiissimus Da- tianus persecutionem inferret christianis, tunc Felix nauigans de Barcinona ad Impuritanam ciuitatem transmeauit [...]</p> <p>6 Igituri cum bonas doctri- nae margaritas seminaret in populo, contulit se in Ge- rundensem ciuitatem ibi- que similia gerens [...]</p>	<p>4 Interea coepit impiissi- mus Datianus persecutio- nem christianis inferre. Sanctus igitur Felix nau- igans de Barcinona <i>ad Im- purias commigrauit</i> [...]</p> <p>6 Igitur cum bonas marga- ritas seminaret in populo, in Gerundensi ciuitate successit, <i>ibique similia</i> <i>gerens</i> [...]</p>

Na *PF*, o comportamento cristão exemplar do mártir é descrito quando este se encontra já na cidade de Ampúrias, que alcançou por mar a partir de Barcelona. Na verdade, Barcelona é, na *PF*, um mero entreposto na viagem do santo africano. É sobretudo em Ampúrias, e depois em Girona, onde sofrerá o martírio, que a parte mais importante da sua actividade é situada. O autor de *BHL 1998*, por sua vez, atrasa a partida de Félix para Ampúrias, transportando a acção conjunta dos mártires para Barcelona.

Esta reconfiguração geográfica parece-nos justificada em termos de economia e coerência da narrativa. A prioridade do autor de *BHL 1998* seria associar Cucufate àquele momento do percurso de Félix, em detrimento da fidelidade à ordem geográfica do hipotexto. Se se tivesse mantido fiel a esta última, Cucufate teria de ser retratado a viajar até Ampúrias na companhia de Félix, para posteriormente regressar a Barcelona, onde tinha forçosamente de ser situado o seu martírio. Outra solução teria sido a substituição de Barcelona por Ampúrias como primeiro local de desembarque na Hispânia, o que nenhuma versão das duas paixões autorizava¹⁸⁵. Conjecturados estes cenários possíveis, parece-nos que o caminho escolhido pelo hagiógrafo emerge como o mais simples, implicando apenas a transposição da oração *Felix ad Impuritanam ciuitatem transmeauit* para um momento posterior da narrativa.

¹⁸⁵ Relembre-se que *BHL 1999* não faz qualquer alusão a Ampúrias. Os mártires desembarcam em Barcelona, de onde Félix parte para Girona.

É, por fim, interessante notar que, no confronto de *BHL* 1999 com a *PF*, o autor de *BHL* 1998 preferiu preservar na sua versão o silêncio quanto a Daciano.

Após a breve menção da partida de Félix e ao seu martírio em Girona, a narrativa passa a focar-se exclusivamente em Cucufate e a *PF* parece não voltar a servir como hipotexto de *BHL* 1998. O esforço de reescrita passa assim a exercer-se directamente sobre o texto de *BHL* 1999.

6.2 Transformações semânticas no relato do martírio (*BHL* 1998, 5-15)

BHL 1999, 2 > *BHL* 1998, 5

O episódio de Galério pode ser dividido em dois momentos principais, sobre os quais o trabalho de recomposição foi exercido de modo distinto: o interrogatório e o suplício.

A reescrita da sequência de perguntas do juiz e respostas do mártir faz-se sobretudo ao nível da reformulação estilística (lexical, sintáctica). Observam-se, contudo, alguns reforços ou desenvolvimentos semânticos de ideias apenas subentendidas no modelo:

- *Cuius te muniri existimas patrocínio* > *Cuius numinis [...]rebellio patrocínium excolis*

– Em *BHL* 1998, a adição de *numinis* determina *cuius* no sentido de tornar explícito que o juiz pagão se refere a uma entidade divina. A substituição do verbo *munio* por *excolo* transporta também o sentido, de forma mais inequívoca, para o plano religioso. Por fim, o ablativo *rebellio*, do vocábulo não muito comum *rebellium*, posiciona mais claramente a opinião de Galério quanto à recusa do mártir em sacrificar aos deuses, se dúvidas pudessem restar de que a consideraria um acto de rebelião.

- *Cur me cogis illos adorare, qui sine arbitrio Dei facti sunt tibi similes?* > *Quorum me [...] simulachra iubes adorare et quibus me cultum imperas exhibere, qui non Dei arbitrio sed astu iniquissimae fraudis diabolicae et stoliditate stultissimorum hominum tibi que similia sunt adinuenti atque compacti?* – A amplificação da resposta impertinente de Cucufate a Galério desenvolve o tema da inanidade dos deuses pagãos, recorrente na paixão, mas menos estruturada neste passo em *BHL* 1999. O hagiógrafo de *BHL* 1998, ao criar a antítese entre o *Dei arbitrio* e o *astu iniquissimae fraudis*

diabolicae aliado à *stoliditate stultissimorum hominum*, procura completar e reforçar a mensagem do modelo: não basta afirmar que os ídolos foram criados à imagem do homem sem intervenção da vontade divina; é necessário deixar claro que são fruto da astúcia fraudulenta do demónio, actuando por intermédio da ignorância dos homens. Também a substituição do simples *facti sunt* pelo par verbal *adinuenti atque compacti* realça a artificialidade dos ídolos.

A segunda parte do parágrafo em análise, que tem início após a ordem de tortura e de execução, é talvez o exemplo mais completo e mais bem-sucedido do trabalho de reescrita em *BHL* 1998. Processo fundamental neste passo é a reorganização da ordem narrativa. Para melhor ilustrarmos como se dá esta reordenação, podemos individualizar os elementos narrativos seguintes:

- A – Doze soldados golpeiam Cucufate.
- B – Exposição das vísceras do mártir.
- C – Cegueira dos soldados.
- D – Cura milagrosa do mártir.
- E – Prece de Cucufate.
- F – Morte de Galério e destruição dos ídolos.

Consideremos agora a disposição destes seis elementos no hipotexto e no hipertexto:

***BHL* 1999**

[A] Et dum sanctus Cucufas a militibus duodecim torqueretur et grauiter eum caederent, [B] sic uisa sunt uiscera eius effundi in terra [C] et omnes milites, qui eum torquebant, uidentes ea, obcaecati sunt; [D] et subito Domini misericordia ita reddidit illum sanum, ut quasi nullam perpessus fuerit iniuriam. [E] Cumque haec pateretur sanctus Dei martyr, dixit:

***BHL* 1998**

[A] Sanctus autem Domini cum a duodecim militibus uicissim prolixius et exquisita crudelitate grauissime torqueretur [B1] in tantum ut eius interanea nimia et durissima flagellorum tortione corpore disrupto parerent, [E] clamauit uoce magna dicens: “Domine Ihesu Christe, qui omnia tuo praecepto fundasti et me de fragilissimo limi puluere in solidam materiem et intellegibilem creaturam

“Domine Iesu Christe, qui cuncta prospicis et omnia tuo praecepto fundasti, ostende uirtutem tuam incredulis ut, qui nomen tuum persecuntur, confundantur, ut uidentes mirabilia tua aut credant et conuertantur aut pereant et destruantur. Impiissimum namque Gallerium diuino interime gladio, qui sic insanit in seruum tuum.” [F] Quod ita factum est, et consumtus est Gallerius proconsul cum omnibus idolis suis.

formasti, ut omnipotentiam tuam intellegens haec pro te ualeam et libentissime desiderem sustinere, qui cuncta prospicis et me pro tuo sancto nomine certantem cum diabolo et ministris eius atque doloribus carnis attendis, ostende uirtutem tuam incredulis, qui nomen tuum persequantur, ut uidentes mirabilia tua aut credant et conuertantur aut pereant et destruantur. Impiissimum uero Gallerium qui sic rabide insaniuit in seruum tuum si non est praedestinatus ad uitam diuino citius interime gladio.” [B2] Cumque impiissima caesura uiscera eius in terram effusa essent et haec ab eo uerba orationis completa fuissent, [C] uidentes milites qui eum torquebant intestina sancti uiri profusa in terram caecati sunt; [F] et Gallerius proconsul cum omnibus idolis suis quibus electum Domini sacrificare cogebat repente consumptus est. [D] Beatus quoque martyr Christi uiscera in aluum ad horam recepta citius est dicto operatione diuina sanatus.

O aspecto central da nova ordem dos acontecimentos em *BHL* 1998 parece-nos ser a antecipação do pedido de Cucufate a Cristo (E), que passa a preceder o castigo dos carrascos (C) e a cura de Cucufate (D), antecedendo, deste modo, todas as manifestações da graça divina que ocorrem neste episódio. Se, em *BHL* 1999, aquela é dispensada antes e depois da súplica, na nova versão os *mirabilia* surgem necessariamente como uma resposta imediata às palavras do mártir. Demais, o âmbito do pedido é alargado. No texto hispânico este tem como única consequência a *ultio diuina* sobre Galério, ao passo que no episódio reescrito passa a abranger explicitamente

a totalidade dos *mirabilia*. Para melhor firmar esta interpretação, o autor introduz a sequência de milagres com a oração circunstancial *cumque [...] haec ab eo uerba orationis completa fuissent*, chamando a atenção para a estreita relação entre os dois elementos. Estabelece-se ainda uma nova hierarquia dos três milagres, que se sucedem imediatamente uns aos outros: ao castigo dos carrascos segue-se a morte do seu superior e a destruição dos ídolos; em última posição, é destacada a recuperação de Cucufate, que coroa agora triunfantemente o episódio.

Nesta configuração a mensagem torna-se mais clara: o auxílio divino é concedido apenas após a demonstração de fé contida nas palavras do mártir. O castigo dos infiéis e, sobretudo, a salvação do crente comprovam a funcionalidade e eficácia da oração. Esta noção está presente no parágrafo 6 de *BHL* 1999, no qual as chamadas em torno do mártir são milagrosamente apagadas apenas após completada a oração, e ainda nos parágrafos 8 e 9, em que à oração se segue a morte de Maximiano. Ao operar as alterações que acabámos de descrever, bem como as que abaixo descreveremos para *BHL* 1998, 8, o autor uniformiza assim todos os momentos de suplício seguidos de intervenção divina de acordo com esta mensagem sobre o valor da oração.

A súplica é também ela revalorizada internamente com a amplificação dos dois eixos doutrinários contidos no hipotexto. O tópico do Deus criador – *qui [...] omnia tuo praecepto fundasti* – é posto na primeira posição e desenvolvido com a alusão à criação do homem enquanto criatura dotada de intelecto. Este novo pormenor inclina o discurso de Cucufate para uma justificação de si próprio enquanto modelo de fé cristã: Deus dotou-o de intelecto para que ele tomasse conhecimento da onnipotência divina e desejasse em seu nome suportar todos os suplícios no combate contra os agentes do mal. Passando para segundo lugar, a oração relativa que declara a onisciência divina – *qui cuncta prospicis* – é reajustada ao novo contexto: Deus está atento ao sofrimento do seu mártir. Facilmente transponíveis do contexto de martírio para as provações da vida ascética e monástica, estas ideias introduzem nas palavras do mártir uma mensagem edificante que não se encontra expressa no hipotexto.

Depois da invocação, o pedido introduzido pelo imperativo *ostende* mantém-se muito próximo do modelo, assinalando-se, contudo, uma curiosa adição: a oração condicional real *si non est praedestinator ad uitam*, referindo-se a Galério. Em *BHL* 1999, se, por um lado, Cucufate contempla duas possibilidades para o castigo dos perseguidores dos cristãos – *aut credant et conuertantur aut pereant et destruantur* – é, por outro lado, implacável quanto ao futuro de Galério. O veemente imperativo *interime*

não deixa dúvidas quanto ao único destino desejável aos olhos do mártir para o juiz pagão. A condicional introduzida em *BHL* 1998 vem matizar a violência presentida no pedido e resolver a potencial ambiguidade do comportamento do mártir. O destino de Galério não depende da vontade de Cucufate, mas sim da vontade divina. O mártir de *BHL* 1998 reconhece explicitamente este facto no momento em que formula o pedido, que é agora redireccionado para a concretização daquilo que já está compreendido nos desígnios imperscrutáveis de Deus.

A expressividade narrativa do episódio é também alvo de melhoramento. Vejamos, a este respeito, como é tratado na reescrita o elemento B – o derrame das vísceras. Condensado em *BHL* 1999 na frase *sic uisa sunt uiscera eius effundi in terra*, é desdobrado na reescrita em dois momentos distintos. Num primeiro momento, a gravidade dos golpes desferidos pelos soldados e a suas consequências são ampliados pela reformulação sintáctica – *sic > in tantum ut* – e pela intensificação circunstancial com expressões em ablativo – *nimia et durissima flagellorum tortione corpore disrupto*. O verbo *effundo* é adiado e substituído por *parerent*. Ao contrário do que acontece no texto hispânico, no qual Cucufate é de imediato curado, em *BHL* 1998 é com as entranhas expostas, mas ainda não derramadas por terra, que Cucufate se entrega à sua súplica. O simples *dixit* do hipotexto é substituído pela expressão *clamauit magna uoce dicens*, mais adequada a introduzir palavras proferidas em grande sofrimento. Terminada a prece, o estado do mártir é actualizado: as suas vísceras caíram por terra – *cumque impiissima caesura uiscera eius in terram effusa essent* – tornando-se o instrumento da *ultio diuina* sobre os verdugos. Quando Cucufate é finalmente curado, o hagiógrafo carolíngio não deixa ainda de descrever como o movimento das vísceras se inverte milagrosamente, regressando aquelas ao ventre – *uiscera in aluum ad horam recepta*.

Ao reaproveitar e desenvolver este motivo comum nos relatos de martírio, formulado de forma breve no hipotexto, o autor da reescrita confere nova vivacidade e maior densidade dramática à narrativa.

***BHL* 1999, 3 > *BHL* 1998, 6**

A reescrita do terceiro parágrafo de *BHL* 1999 é um exemplo expressivo da revalorização da funcionalidade cultural da paixão, recorrendo-se à amplificação para reforçar o tom litúrgico já presente no hipotexto.

A acção de graças proferida por Cucufate é ligeiramente reformulada e consideravelmente ampliada pela adição de novos elementos:

BHL 1999

Gratias tibi ago, omnipotens Deus et saluator mundi, qui preces credentium te non despicias sed in aeternum permanes.

BHL 1998

Gratias tibi ago omnipotens Deus et saluator mundi, qui ab aeterno et nunc et **permanes in aeternum, qui in te credentium preces non despicias**, qui ubique totus mihi hic adesse dignaris, qui ea manu potentiae qua me primo plasmasti modo iterum quasi a nouo tua omnipotenti gratia reformasti et persecutores tui nominis euertisti et dispersisti.

Note-se, antes de mais, a procura de uma maior coerência semântica: em *BHL 1999*, a adversativa *sed in aeternum permanes* justifica-se mal na sua relação com a oração anterior, em que se afirma que Deus ouve as preces os fiéis. Esta debilidade semântica é resolvida em *BHL 1999*, substituindo a adversativa por uma oração relativa que passa agora a integrar uma sequência cumulativa de atributos divinos: Deus omnipotente, Deus salvador e Deus eterno.

Na adição que se segue em *BHL 1998*, completa-se a formulação teológica das qualidades divinas com menção da sua omnipresença (*ubique totus*), que enquadra o reconhecimento do privilégio que representa a assistência divina ao crente num ponto determinado no tempo e no espaço (*hic*). Este reconhecimento é expresso pela expressão verbal *adesse dignaris*, de ressonância litúrgica¹⁸⁶. Especificam-se também os motivos das graças dirigidas a Deus: a recuperação dos ferimentos, introduzida por nova alusão a Deus criador do Homem, para logo depois ser retratada como um segundo acto de criação (*reformasti*); e o castigo infligido aos perseguidores (*euertisti et dispersisti*).

¹⁸⁶ Uma busca pelo uso do verbo *dignor* com Deus como sujeito no índice das *Clausulae Orationum* do *Corpus Orationum* (Tomus XI, Corpus Christianorum, Series Latina CLXI, Brepols, 1999) bastará para verificar a sua frequência na linguagem oracional.

A inovação mais expressiva na reescrita do parágrafo em análise é, porém, a transformação intramodal representada pela concretização em discurso directo do louvor a Deus vertido pela multidão:

BHL 1999

Tunc omnis populus laudem dedit
omnipotenti Domino, quia ipse est
Deus uerus in saecula saeculorum.

BHL 1998

**Tunc omnes populi dederunt lau-
dem Deo** et cum omni uirtute tollen-
tes uoces in caelum dicebant: “Tu es
uerus Deus, quem sanctus Cucufas
colit. Tu es Deus et non est alter, qui
facis mirabilia haec. Tu es **Deus**
uiuus et **uerus** regnans **in saecula**
saeculorum.”

A curta doxologia em discurso indirecto (*quia ipse...*), onde se insiste apenas na noção do Deus cristão enquanto Deus verdadeiro, é desenvolvida em *BHL 1998* numa construção anafórica trimembre que apresenta os três aspectos da natureza do Deus cristão que o distinguem dos ídolos: o Deus verdadeiro, único e vivo. O modo de expressão do novo passo remete para o texto bíblico: Is 45, 6, *ego Dominus et non est alter*; Ps 76, 15, *tu es Deus qui facis mirabilia*.

A exortação de Cucufate, em resposta ao louvor do povo, é também ela alvo de alguns reajustes semânticos:

BHL 1999

Ecce uidetis quanta mirabilia fecit
Dominus et ideo relinquit
manufacta hominum, quae sunt sine
uoce et absque auditu uel sine gressu
et credite in Deo uiuo aeterno, qui
omnia plasmavit ex nihilo.

BHL 1998

Ecce ipsi **uidetis quanta mirabilia**
fecit Deus uerus quem praedico
uobis. **Et ideo**, fratres carissimi,
relinquite manufacta hominum
quae sunt sine uoce, sine auditu,
sine gressu et sine aliquo intellectu
atque aliena omni uirtute, quae sibi
non possunt consulere et colentibus
se probantur perditionem aeternam
adquirere.

Começando pelo segundo membro da exortação em *BHL* 1999, observe-se que este é omitido. Podemos, neste caso, falar de excisão, pois a mensagem principal contida no imperativo *credite* deixa de estar presente de todo. No entanto, reparar-se-á que os conceitos do Deus vivo e do Deus criador não foram eliminados do parágrafo, mas sim incorporados e reelaborados nas palavras anteriores do povo e de Cucufate, respectivamente. Esta redução da exortação no hipotexto é compensada pela adição de novos elementos que desenvolvem o argumento da natureza inane e artificial dos deuses pagãos, rematado agora pela declaração do nefasto destino a que estão votados aqueles que lhes prestam culto.

Dois elementos novos neste passo são representativos do sentido da reescrita deste parágrafo: a relativa *quem praedico uobis* e o vocativo *fratres carissimi*. Na primeira, o uso do verbo *praedico* confirma a representação do mártir enquanto pregador da fé cristã. O segundo remete para a linguagem homilética e reforça a relação entre orador e audiência. O mesmo objectivo de conferir maior expressividade à interacção entre Cucufate e a multidão está por detrás do pormenor circunstancial com que é introduzida a exortação – *Tunc sanctus Cucufas silentium annuens cum ab huiuscemodi clamoribus populi quieuisent ait* – onde ecoa o texto bíblico de Act 12, 17 – *annuens autem eis manu ut tacerent*.

***BHL* 1999, 4 > *BHL* 1998, 7**

As transformações de ordem semântica mais relevantes neste parágrafo verificam-se em três das quatro respostas de Cucufate ao interrogatório de Maximiano, que são alvo de uma considerável amplificação:

***BHL* 1999**

“Ego credo Deo uiuo, qui fecit caelum et terram, mare et omnia, quae in eis sunt.”

***BHL* 1998**

“Quare sub dubietate de Deo interrogas quasi aut plures dii sint aut ipse qui est Deus diuisus sit? **Ego** enim Deum alium nescio praeter Dominum qui est **Deus uiuus** et uerus, **qui fecit caelum et terram, mare et omnia quae in eis sunt,**

“Quae mihi praeparata sunt, nefande?”

“Vere, miser, arbitrabam te aliquam particulam habere sapientiae sed, ut intuitus sum, summa est dementia in te, qui derelinquis Deum uiuentem et adoras thecas daemoniorum, cui tu similis es cum principe tuo diabolo.”

No primeiro caso, que responde à interrogativa *quem deum te habere adtestaris?* (BHL 1999) / *et quem Deum te habere fateris?* (BHL 1998), a nova versão faz Cucufate retorquir com uma nova pergunta, alinhando a atitude do mártir nesta segunda resposta com a anterior e com a que se segue. O novo elemento expõe a insensatez da pergunta do juiz pagão, que pressupõe a pluralidade de divindades. A segunda possibilidade desacreditada nas palavras de Cucufate – *aut ipse qui est Deus diuisus sit* – é interessante na medida em que é estranha ao universo interno da narrativa. Sendo uma clara referência à doutrina trinitária, ao *Deus in Trinitate unus* da doxologia final em BHL 1999, torna-se pouco relevante se dirigida a uma autoridade romana pagã do tempo das perseguições, pois pertence menos ao âmbito do antagonismo entre cristãos e pagãos do que às tensões teológicas no seio do Cristianismo. Neste sentido, a sua introdução pelo autor da reescrita responderá meramente a uma preocupação em

quem corde credo, ore confiteor et omni studio praedico.”

“Et **quae mihi praeparata sunt, nefandissime?** Te enim et patrem tuum diabolum cum omnibus exquisitis suppliciis, quae mihi ut minister Satanae irrogaueris, irrideo, insulto atque per uirtutem nominis Domini mei Ihesu Christi despicio.”

“**Vere, miser, arbitrabar te aliquam particulam habere scientiae, sed ut intueor summae dementiae es** et extremae miseriae, **qui derelinquisti** uelis nolis Dominum **Deum** tuum **et adoras thecas daemoniorum, quibus** secundum imprecationem scripturae **tu similis es**, quorum ducatum tenet princeps uester diabolus. Insuper etiam minis terreri aestimas seruum Dei.”

enriquecer o conteúdo doutrinal da paixão e em retratar o mártir agindo de acordo com uma ortodoxia inquestionável.

A profissão de fé que se segue é desenvolvida conseqüentemente com a introdução da premissa do Deus único - *Deum alium nescio praeter Dominum* – e completada com a fórmula inspirada em Rm 10, 8-10.

A terceira resposta de Cucufate a Maximiano, que no modelo se resume à pergunta que subentende a indiferença do mártir à promessa de suplícios, é ampliada com uma diatribe que antecipa, repetindo-a, a representação do perseguidor como filho e ministro de Satanás. O desprezo manifestado é tornado mais presente por meio da sucessão cumulativa das formas verbais *irrideo*, *insulto*, *despicio*, verbos frequentemente atribuídos aos mártires.

Das transformações à última intervenção de Cucufate neste parágrafo, destacamos, antes de mais, o reforço da intertextualidade com o texto bíblico através da introdução de *secundum imprecationem scripturae*, que remete para Ps 113, 16 – *similes illis fiant qui faciunt ea et omnes qui confidunt in eis*. As adições *extremae miseriae* e *insuper etiam minas terri aestimas seruum Dei* acentuam ambas tanto a insipiência do juiz, quanto, novamente, a indiferença do mártir perante as ameaças de tortura.

Tomadas no seu conjunto, estas alterações dão novo vigor à atitude antagônica do mártir no *certamen* em que é vitorioso desde o primeiro momento. A esta revalorização do papel desempenhado por Cucufate, corresponde uma desvalorização da posição de Maximiano, cujas intervenções recebem comparativamente pouca atenção no trabalho de reescrita deste parágrafo.

BHL 1999, 5 > BHL 1998, 8

Neste parágrafo, a adição de um novo momento de oração, em que Cucufate é representado a salmodiar a oração de David do Salmo 17, acarreta um realinhamento da mensagem edificante que reitera aquele já observado em *BHL 1998, 5*:

BHL 1999

Maximianus accensus furore iussit eum in craticula assari et super eum acetum et sinapem perfundi.

BHL 1998

Tunc Maximianus, furia daemonicae arreptus insaniae, iussit eum in craticula assari et ambustum sinapi

Cumque completum fuisset quod iusserat, Dei misericordia praestante, nihil ista nocuerunt sancto uiro. Ministri uero poenarum ab eodem igne consumpti sunt.

et aceto perfundi. Sanctissima autem Domini hostia, inuictissimus scilicet miles Christi Cucufas, psallebat dicens: “*Exaudi Domine iustitiam meam, intende deprecationem meam, auribus percipe orationem meam, non in labiis dolosis*” et sequentia usque ad finem psalmi. Cumque explicuisset salmum, ita sanus est factus uelut is qui **nihil est nocitus. Ministri uero poenarum ab eodem igni consumpti sunt.**

O contexto é semelhante: trata-se do segundo momento de tortura aplicada ao mártir, desta feita, a grelha. Em *BHL* 1999, 5, a constatação da invulnerabilidade do mártir e o castigo dos carrascos por meio das mesmas chamas destinadas à sua vítima são inseridos imediatamente após o cumprimento das ordens do juiz, atribuindo-se, é certo, o milagre à misericórdia divina – *Dei misericordia praestante*. Não havendo, no hipotexto – como acontecia em *BHL* 1999, 2 – um momento de oração que pudesse ser transposto para posição mais significativa, o autor de *BHL* 1998 inseriu uma nova cena que produz o mesmo efeito semântico neste episódio: o salmo proferido por Cucufate vem configurar uma nova relação de causalidade entre a prece vertida por entre o tormento e as manifestações do poder divino que se seguem, fazendo destas uma consequência da primeira. A construção temporal-causal que se segue é reaproveitada, mas é ajustada ao novo elemento que a precede: refere-se não à concretização da ordem de Maximiano – *cumque completum fuisset quod iusserat* – mas sim ao completar da enunciação do salmo – *cumque explicuisset salmum* – que passa a ser central para o significado de toda a cena. As consequências da oração são agora introduzidas por *ita*, pormenor não insignificante para o novo sentido.

Mas a procura por coerência não fica por aqui. Note-se a diferença entre hipotexto e hipertexto no que diz respeito à evolução do estado do mártir: em *BHL* 1999, lemos que Cucufate não sofreu quaisquer danos ao ser posto na grelha – *nihil ista nocuerunt sancto uiro* – pelo que não se trata de um milagre de cura, mas, como já dissemos, de invulnerabilidade. Ora, esta circunstância adequa-se mal à nova sucessão de acontecimentos elaborada em *BHL* 1998. Para que a invulnerabilidade fosse uma

consequência explícita da prece, Cucufate teria de terminar esta última antes de receber o dom da primeira. Tal como em *BHL* 1998, 5 vemos o mártir orar durante a tortura, também aqui nos parece ser intenção do hagiógrafo representá-lo salmodiando durante o espaço de tempo em que se encontra sobre a grelha. Para esta leitura pode apontar o imperfeito *psallebat*. A introdução de *sanus est factus* transforma inequivocamente o motivo da incolumidade do mártir numa cena de regeneração milagrosa dos ferimentos sofridos, em resposta a uma oração. A expressão da invulnerabilidade presente no modelo é adaptada ao novo contexto, formando uma oração comparativa, que serve para qualificar a perfeição da acção regenerativa da graça divina – *uelut is qui nihil est nocitus*.

***BHL* 1999, 6 > *BHL* 1998, 9**

De novo, é a prece contida neste parágrafo que apresenta as transformações mais dignas de nota:

***BHL* 1999**

Domine Iesu Christe, qui tertia die a mortuis resurrexisti, qui omnia arbitrio tuo instituisti, libera me ab istius ignis ardore et da confusionem huic impiissimo Maximiano.

***BHL* 1998**

Adesto nunc mihi, **Domine Iesu Christe**, qui in fornace ignea tribus fidelibus tuis pueris adfuisti et in te credentibus aeternos et intolerabiles ignes gehennae tuo sanguine extinxisti, ad quos pergere non timet **impiissimus** praeses **Maximianus**, qui uisa modo tua potentia **confundatur**.

Uma vez que do hipotexto apenas é preservado o pedido de perturbação para Maximiano, podemos afirmar que o processo de reescrita que domina este passo é a substituição. Assim, o pedido *libera me ab istius ignis ardore* é substituído por *adesto*

nunc mihi, fórmula que, sobretudo colocada em primeira posição, inscreve de forma mais evidente a prece de Cucufate no universo da linguagem litúrgica¹⁸⁷.

As duas orações relativas do hipotexto são também substituídas por dois novos motivos. O primeiro remete para o episódio veterotestamentário de Dn 3, frequentemente invocado nas *passiones* como paradigma do suplício pelo fogo¹⁸⁸ e da sua superação por intervenção divina, e o segundo para a redenção dos fiéis através do sacrifício de Cristo, aqui representada pela imagem do apagar, pelo sangue do redentor, das chamas eternas do inferno.

Estes dois novos elementos vêm reorientar a leitura do milagre que se segue segundo ideias fundamentais nas narrativas hagiográficas em geral e no género dos relatos de martírio em particular. Em primeiro lugar, a de que a graça divina é imutável, transcendendo a História mas nela se manifestando sob formas semelhantes em tempos distintos. É neste sentido que o milagre da extinção das chamas da fogueira de Cucufate deve ser lido como uma reiteração, uma renovação do auxílio divino prestado em tempos imemoriais aos três *pueri* do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, o milagre é legitimado pelo seu paralelo bíblico¹⁸⁹.

O segundo elemento prende-se também com o que acabámos de dizer, porquanto o sacrifício de todos os mártires reitera também, de certo modo, o de Cristo. Através dele, o mártir não só obtém a sua salvação, como também presta um testemunho de fé que incita aqueles que o presenciam ou que dele tomam conhecimento a procurarem o caminho para a vida eterna. Este episódio retira daqui toda a sua carga simbólica: a extinção das chamas físicas da fogueira a que o mártir é submetido na vida terrena é uma prefiguração daquilo que verdadeiramente está em jogo uma vez cumprido o martírio, isto é, a fuga aos tormentos eternos após a morte.

¹⁸⁷ O imperativo *adesto* introduz, como é bem sabido, um grande número de orações da liturgia antiga.

¹⁸⁸ Veja-se, por exemplo, *Passio S. Felicis Nolani*, 13; *Passio S. Euphemiae*, 11; *Passio S. Eugeniae et comitum*, 8.

¹⁸⁹ Sobre esta noção de continuidade ver Marc Van Uytfanghe, “Le culte des saints et l’hagiographie face à l’Écriture: les avatars d’une relation ambiguë”, *Santi e demoni nell’alto medioevo occidentale (secoli V-XI)*, Settimani di studio XXXVI, Spoleto, 1989, pp. 177-184.

BHL 1999, 8 > BHL 1998, 11

Neste parágrafo, chamamos a atenção para a seguinte interpolação na prece de Cucufate:

BHL 1999

Confirma hoc, Deus, quod operaris in me, confirma cor meum et da uirtutem seruo tuo ad omnia inimici tela toleranda, quia te cognoui uerum Deum, et praesta, ut tyrannus princeps cum suis idolis et cum patre suo diabolo celeriter itereant.

BHL 1998

Confirma hoc Deus quod operatus es in nobis. Corroborata cor meum et da uirtutem seruo tuo ad superanda omnia tela nequissimi inimici, quia ego te uerum Deum cognoui. Praesta Domine ut tyrannus Maximianus, **si tuo iusto iudicio ut saluetur non potest conuerti**, intereat celeriter cum patre suo diabolo et omnibus idolis suis.

Este passo, que constitui um duplicado daquele que analisámos em *BHL 1999, 2 / BHL 1998, 5*, é alvo de uma adição equivalente à que foi ali comentada - *si non est praedestinatus ad uitam*. É, por este motivo, um bom exemplo do esforço de coerência semântica que subjaz ao processo de reescrita.

BHL 1999, 9 > BHL 1998, 12

Tal como em *BHL 1999, 3 / BHL 1998, 6*, a acção de graças é também aqui ampliada, numa continuação da tendência para intensificar o carácter litúrgico das intervenções de Cucufate, através da adição de novo trecho doxológico:

BHL 1999

Tibi, omnipotens Deus, gratiarum actiones persoluo teque intra extraque glorifico, quia destruis incredulos et corroboras qui te

BHL 1998

Tibi laus, Domine Deus meus Ihesu Christe, tibi gloria, tibi omnis debetur honor et adoratio, tibi Deus omnipotens

diligunt.

gratiarum actiones persoluo, te
intra extraque glorifico qui
incredulos destruis et te diligentes
glorificas.

BHL 1999, 10 > BHL 1998, 13

Uma pequena transformação observada neste parágrafo demonstra a preocupação do hagiógrafo em esclarecer ambiguidades que pudessem obscurecer o conteúdo teológico da narrativa:

BHL 1999

Cur nos ortaris seruire **diis**
alienis?

BHL 1998

Cur nos hortaris seruire **illis qui**
non sunt dii, sed opera manuum
hominum?

6.3 Algumas tendências nas transformações estilísticas de ordem lexical e sintáctica

6.3.1 Transformações lexicais e morfológicas

Substituição lexical e *uariatio*

A substituição sinonímica de vocábulos do hipotexto apresenta uma especial incidência sobre as formas verbais, optando-se sobretudo por verbos distintos, mas por vezes também por variantes compostas de um mesmo verbo:

1999, 3: extensis	>	1998, 6: expansis
4: adtestaris	>	7: fateris
4: praesentari	>	7: exhiberent
4: comprehendentes	>	7: corripientes
6: misissent	>	9: proiecissent

6: leuare	>	9: eleuans
6: uidens	>	9: cernens
6: ducite	>	9: reducite
7: apparuit	>	10: refulsit
7: congregasti	>	10: adgregasti
8: leuans	>	11: suspiciens
8: confirma	>	11: corroborata
9: dimersa sunt	>	12: corruentes
10: derelinquentes	>	13: deserentes
11: interfecerimus	>	14: animaduerterimus
11: praestarent	>	14: concederent

Subjacentes às substituições acima enumeradas entrevêm-se motivações diversas. A título de exemplo, a preferência por *animaduerterimus*, em lugar de *interfecerimus*, denota a busca por um modo de expressão mais comum nas *passiones*, onde a sentença do juiz contém amiúde a expressão *gladio animaduertere*¹⁹⁰. Uma melhor adequação semântica ao contexto pode explicar a substituição de *misissent* por *proiecissent* e de *apparuit* por *refulsit*: no primeiro caso, o verbo *proicio* tem maior força do que *mitto* para descrever o acto de lançar o mártir às chamas; no segundo caso, o uso de *refulsit* é mais expressivo, por proximidade semântica ao sujeito *splendor*, do que o vago *apparuit*.

A forma *apparuit*, contudo, surge duas vezes no hipotexto num intervalo de poucas linhas: no passo supracitado e pouco antes, em *BHL* 1999, 6 (*illesus apparuit*), referindo-se a Cucufate. Assim, podemos também entender a sua substituição no âmbito de um procedimento de elevação estilística a que o autor de *BHL* 1998 recorre em vários momentos: a diversificação lexical, ou *uariatio*, da narrativa. Esta parece ser a intenção do hagiógrafo em muitas das transformações lexicais assinaladas – *corripientes*, *cernens*, *suspiciens*, *corroborata*, *deserentes*, *concederent*.

Esta diversificação não se circunscreve à substituição directa de vocábulos do modelo. Veja-se, por exemplo, na passagem de *BHL* 1999, 2 a *BHL* 1998, 5, o caso de *uiscera*. O trabalho de amplificação deu azo, no hipertexto, à necessidade de aludir por três vezes às entranhas de Cucufate, mencionadas no hipotexto uma só vez. Mas o

¹⁹⁰ Com estas palavras é enunciada a sentença já na *Passio S. Cypriani*.

hagiógrafo tem o cuidado de não usar mais do que uma vez *uiscera*, recorrendo aos sinónimos *interanea* e *intestina*.

A evidência mais curiosa de uma procura consciente de *uariatio* encontra-se na atenção dada à reformulação das descrições do estado alterado do juiz perante a resistência inamovível do mártir:

1999, 2: ira accensus > **1998, 5:** nimio furore succensus et se ipsum ab ira non capiens

5: accensus furore > **8:** furia daemonicae arreptus insaniae

5: furore repletus > **8:** furorem furore adaugens

8: furore repletus > **11:** hanc autem responsionem grauissime ferens

10: accensus furore > **13:** diaboli exagitatus dementia
diabolico

11: furore repletus > **14:** *om.*

Para contrariar a monotonia do hipotexto nestes passos, o hagiógrafo carolíngio serve-se tanto da amplificação (2/5; 5/8), como da substituição (5/8; 8/11; 10/13) e da excisão (11/14).

Intensificação adjectival e adverbial

O uso enfático de adjectivos e advérbios no grau superlativo, ou de expressões de valor equivalente, é uma das características recorrentes do discurso hagiográfico¹⁹¹. Nas narrativas de martírio, estes elementos servem sobretudo quer para elevar a perfeição do mártir, quer para acentuar a iniquidade do perseguidor e a crueldade dos tormentos que ordena. Na versão hispânica da *PC*, o autor faz um uso moderado deste recurso estilístico. Demasiado moderado para o gosto do hagiógrafo da *passio* carolíngia, que multiplica consideravelmente o número destes elementos partindo dos já presentes no modelo e adicionando outros novos no processo de amplificação.

Com efeito, a superlativização de adjectivos e advérbios do hipotexto foi uma preocupação do autor ao longo de toda a reescrita:

¹⁹¹ Cf. Marc Van Uytvanghe, “La formation du langage hagiographique en Occident latin”, *Cassiodorus*, 5, 1999, p. 154.

1999, 2: grauem	>	1998, 7: grauissimam
2: grauiter	>	5: grauissime
4: graui	>	7: grauissimo
4: nefande	>	7: nefandissime
5: iniqua	>	8: iniquissimis
7: graui	>	10: grauissimo
8: sanctus	>	11: sanctissimus
10: sanctum	>	13: sanctissimo

Mais longa seria a lista dos adjectivos e advérbios no grau superlativo acrescentados à narrativa. A comparação entre os parágrafos correspondentes *BHL* 1999, 2 e *BHL* 1998, 5 é representativa da importância deste procedimento na reescrita: o hipertexto contém doze formas superlativas, contra apenas duas no hipotexto.

Outros exemplos de intensificação não implicam a introdução de formas superlativas propriamente ditas, ainda que o efeito produzido seja semelhante:

1999, 4: uinculatum	>	1998, 7: cum <u>summa</u> districtione uinculatum
9: crepuit	>	12: <u>miserabiliter</u> crepuit
9: coepit clamare et dicere	>	12: <u>intolerabili ferme</u> uociferatione coepit [...]
10: multitudinem	>	13: <u>tantam</u> multitudinem

6.3.2 Transformações sintácticas

Considerada na sua totalidade, a narrativa de *BHL* 1998 tende para uma maior complexificação sintáctica em relação ao seu modelo, em particular nos passos em que o processo de amplificação altera mais profundamente o hipotexto.

Nos passos em que o hagiógrafo carolíngio modifica de forma mais pontual e directa o texto hispânico, as transformações sintácticas são assaz variadas e não especialmente sistemáticas, por vezes não ocorrendo onde as esperaríamos.

Merecem a pena, contudo, ser referidos alguns exemplos que traem uma tentativa de tornar mais conspícuo o uso independente do ablativo, sobretudo em detrimento de construções preposicionais:

1999, 3: cumque... uidisset	>	1998, 6: his ita gestis
4: cum graui pondere	>	7: grauissimo... pondere fatigatum
4: per artem	>	7: arte
5: super eum acetum et sinapem	>	8: ambustum sinapi et aceto perfundi
5: per iniqua tormenta	>	8: iniquissimis tormentis
7: uidentes hoc	>	10: eodem lumine... uiso
8: ad cardos ferreos	>	11: cardis ferreis
9: sedens in curro in medio medio foro	>	12: ascenso curro illoque tendens in medio fori

7. AS ANTÍFONAS E RESPONSÓRIOS PARA O CULTO DE CUCUFATE EM SAINT-DENIS DE PARIS

O códice LXXXVIII da Biblioteca Capitulare de Verona transmite, nos fólhos 76r-79r, uma sequência de 14 antífonas, 12 pares de responsórios e respectivos versículos e seis antífonas *in laudes* para a celebração litúrgica de São Cucufate¹⁹². O núcleo do manuscrito (cadernos II a X), no qual se inserem os fólhos mencionados, foi copiado em meados do séc. IX, muito provavelmente em Saint-Denis de Paris¹⁹³, proveniência que justifica a presença de um ofício para o dia de São Cucufate. Se os capítulos do diurnal em que se inserem as antífonas e os responsórios foram de facto copiados por volta de 850, apenas cerca de quinze anos teriam passado desde a trasladação para Saint-Denis das relíquias do mártir de Barcelona. Menos tempo teria talvez passado desde a composição do ofício, baseado no texto de *BHL* 1998, também ele provavelmente redigido não muito depois da trasladação do ano 835.

O único outro testemunho conhecido para este conjunto litúrgico é o manuscrito Paris, BNF, lat. 17296, um antifonário de Saint-Denis, de meados do século XII. Com apenas algumas ligeiras variantes textuais, o texto apresentado é idêntico ao transmitido

¹⁹² Este manuscrito foi alvo de um estudo aprofundado em G. G. Meersseman, *Les capitules du diurnal de Saint-Denis (Cod. Verona cap. LXXXVIII, saec. IX)*, Spicilegium Friburgense 30, Fribourg, 1986. Veja-se também J. B. Borders, “A Frankish Bishop’s Book in the Verona Capitulare Library: Cod. LXXXVIII and its Context”, in *Music from the Middle Ages through the Twentieth Century – Essays in Honor of Gwynn McPeck*, Comberiat, P. C, Steel, M. C. (eds.), 1988, pp. 3-20. Ambos os autores editam em anexo as antífonas a São Cucufate segundo este códice. O artigo de Borders, aparentemente redigido sem conhecimento da obra de Meersseman, é de pouco interesse, em virtude das inúmeras imprecisões e equívocos que apresenta.

¹⁹³ Ver Meersseman 1986, pp. 10-11, que segue a opinião que Bischoff expressou em carta de 26 de Julho de 1975. Borders ignora a relação directa com Saint-Denis, assumindo que o núcleo mais antigo do manuscrito foi copiado em Verona, provavelmente por Hilduíno, bispo franco daquela cidade de 928 a 932. No entanto, apenas o primeiro caderno do manuscrito pode ser paleograficamente atribuído ao *scriptorium* de Verona.

pelo códice de Verona, à exceção de uma antífona adicional *in euangelio* presente apenas em lat. 17296, como observou também Meersseman¹⁹⁴.

Todas as antífonas e quase todos os responsórios¹⁹⁵ preservados nestes dois manuscritos seguem textualmente de muito perto a *passio BHL* 1998. Com efeito, são, na grande maioria dos casos, versões abreviadas, inalteradas ou ligeiramente reescritas, de passos da paixão. A sua organização tende, em geral, a respeitar a ordem narrativa: as primeiras 14 antífonas, depois de começarem por um passo do parágrafo 5 da paixão, usam, por ordem, passos dos parágrafos 2, 4, 5, 6 e 12; os responsórios recorrem, também por ordem, aos parágrafos 2, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12 e 14; as antífonas *ad laudes* remetem para os parágrafos 7, 9 e 12. Assim, apenas ficam de fora os prólogos e os parágrafos 3, 13 e 15.

De entre os parágrafos da paixão utilizados como modelo para os textos corais, destacam-se os parágrafos 5 e 6, que são a fonte de cerca de 37% das antífonas e responsórios. É curioso notar que estes dois parágrafos receberam também especial atenção no processo de transformação de *BHL* 1999 em *BHL* 1998. É lícito que nos perguntemos se este não será um indício de que as antífonas tenham sido adaptadas a partir da paixão pelo próprio autor desta última. Se este tiver sido o caso, a preocupação do hagiógrafo em amplificar os passos de tom litúrgico na paixão pode ter tido justamente em vista a composição do ofício coral. Com efeito, cerca de 65% do conjunto coral utiliza passos oracionais da paixão.

¹⁹⁴ Meersseman 1986, p. 93. As antífonas transmitidas no antifonário de Saint-Denis encontram-se editadas em R. J. Hesbert, *Corpus antiphonale officii*, I-VI (= *Rerum ecclesiasticarum documenta*, Fontes VII-XI), Roma, 1963-1975. Meersseman remete, em aparato à sua edição, para os números que são atribuídos a cada antífona e a cada responsório nos volumes III e IV do *Corpus antiphonale*, respectivamente.

¹⁹⁵ O responsório 20 é uma exceção, tendo como referência o passo bíblico de Ier 15, 21.

8. A TRANSMISSÃO MANUSCRITA DE *BHL* 1998

8.1 Os códices γ (*Fl Ca O Ma Co A P2 B1 B2 B3 Fo H Ch Cl P3 R*)

Fl ORLÉANS, Bibliothèque Municipale, 331 (280).

Legendário da segunda metade do séc. X¹⁹⁶ ou do séc. XI¹⁹⁷, oriundo de Fleury. A *PC* encontra-se nos ff. 304-309r, entre a *Passio Abitinensium* (*BHL* 7492)¹⁹⁸ e a *Passio S. Polychronii* (*BHL* 6884). Título: *Eodem die passio sancti Cucufati*. Transmite a versão breve da *translatio*, no f. 309.

Ca CAMBRAI, Bibliothèque Municipale, 863 (767. I).

Primeiro volume de um legendário produzido em Cambrai (Saint-Sépulcre), no séc. XI (1076 e 1092), cuja segunda parte corresponde ao códice Cambrai, BM, 864 (767. II)¹⁹⁹. A *PC* encontra-se nos ff. 178v-181v, entre a *Passio S. Eustachii* (*BHL* 2760) e a *Passio S. Valentini* (*BHL* 8466b). Esta última peça hagiográfica foi, todavia, copiada apenas no fólio seguinte. Imediatamente após o final da *PC*, foi copiado o hino atribuído a Anselmo *Ad Nocturnam, Lux quae lucet in tenebris*²⁰⁰. Título: *Passio Cucuphatis martyris quae est VIII kalendas augusti. Prologus*. Transmite a versão breve da *translatio*, no f. 181v.

¹⁹⁶ C. Lanéry, “La tradition manuscrite de la *Passio Sebastiani* (Arnohe le Jeune, *BHL* 7543), *Revue d’histoire des textes*, t. VII, 2012, p. 57 (ms. n° 268).

¹⁹⁷ W. Levison, “Conspectus Codicum Hagiographicorum”, *MGH, Script. rer. Meroving.* 7, Hanover -Leipzig, 1920, p. 555; F. Dolbeau, “Notes sur la genèse et sur la diffusion du *Liber de Natalitiis*”, in *Revue d’histoire des textes*, t. 6, 1976, p. 170.

¹⁹⁸ Designada na *BHL* como *Passio SS. Saturnini, Felicis, Dativi, Apelius et soc.*

¹⁹⁹ A. Molinier, *Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements*, t. XVII, *Cambrai*, Paris, 1891, pp. 343-348; Muzerelle, D.; Grand, G., collab., Lanoe, G., collab., Peyrafort-Huin, M., collab., *Manuscrits datés des bibliothèques de France, Cambrai*, Paris, CNRS, 2000 (Catalogue des manuscrits dates, France, 1), p. 102-103.

²⁰⁰ Anselm. Cant., *Hymni*, Sp. 1037.

O PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 3789.

Legendário do séc. XI, originário de Orléans²⁰¹. A *PC* encontra-se nos ff. 170r-175r. Os três primeiros fólhos encontram-se mutilados, tendo-se perdido assim uma coluna de texto por página, vicissitude que deixou as seguintes lacunas no texto da *passio*: de *Prol.* 1.9, *fragilitatem* até 1, 1.4, *potentiae*; de 3, 1.4, *coeperunt* até 5, 1.2, *rebellio*. O texto da paixão é precedido, no f. 169v, por uma homilia apócrifa de Beda (*CLP* 1368) dedicada aos *uincula* de S. Pedro. À *PC* segue-se uma versão da *Passio S. Victoris et sociorum* (*BHL* 8570). Título: *Incipit passio sancti Cucuphatis martyris quae est VII kalendas augusti*.

Ma PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 11884.

Os ff. 37-160 desta recolha de fragmentos pertencem a um legendário de Saint-Maur-des-Fossés, datado do séc. XI, de que também fazem parte os ff. 122-125 do códice Paris, BN, lat. 13089²⁰². A desordem em que se encontram os fólhos do legendário fazem com que o início do primeiro prólogo da *PC* até *ueneratur et* se encontre no fólio 72v, continuando depois nos ff. 61r-62v até *ad Maximiani praesidis*, no parágrafo 7. O texto da *passio* prossegue depois nos ff. 73r-74v. Título: *Item VIII kalendas augusti passio sancti Cucufatis martyris*. A versão longa da *translatio* é transmitida nos ff. 74v-75r.

Co LE MANS, Bibliothèque Municipale, 227.

Parte (Julho-Setembro) de um legendário de Saint-Pierre de La Couture, datado de finais do séc. XI²⁰³. Os códices Le Mans, BM, 214 e 217 fariam parte do legendário original, cobrindo o santoral de Janeiro e de Fevereiro-Abril, respectivamente. A *PC* encontra-se nos ff. 42v-43v, precedida pela *Passio S. Christinae* (*BHL* 1749). Nenhum

²⁰¹ Levison, p. 634; Dolbeau 1979, p. 193.

²⁰² Dolbeau 1979, p. 222.

²⁰³ C. Couderc, “Manuscrits de la bibliothèque du Mans”, *Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements*, Série in-8°, t. XX, Paris, 1893, pp. 156-163; Dolbeau, 1976, p. 153.

texto foi copiado imediatamente após a *PC*. O fôlio seguinte, em falta, conteria o início da *Vita S. Iacobi* (BHL 4057). Como o fôlio 42 perdeu o seu quarto superior, o texto legível da *PC* começa com a palavra *fortitudo*, em pleno segundo prólogo (1, 1.2). A julgar pelo espaço disponível antes de o fôlio ter sido cortado, o primeiro prólogo terá sido omitido pelo copista. Transmite a versão longa da *translatio*.

A ANGERS, Bibliothèque Municipale, 806 (722).

Legendário do séc. XII²⁰⁴, cuja proveniência talvez deva ser associada à do códice *Co*, dada a grande proximidade textual entre os dois manuscritos no caso da *PC*. Esta encontra-se nos ff. 67r-69v, entre a *Passio S. Christophori* (BHL 1772) e a *Passio S. Christinae* (BHL 1749). Omite o primeiro prólogo. Título: *Eodem die passio sancti Cucufatis martyris*. Transmite a versão longa da *translatio*, no f. 69v.

P2 PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 5323.

Legendário de meados do séc. XII, talvez da região de Poitiers²⁰⁵. A *PC* encontra-se nos ff. 151v-152r entre a *Passio Christophori* (BHL 1772) e a *Passio Pantaleonis* (BHL 6440). Omite o primeiro prólogo. Título: *Passio Sancti Cucufatis martyris*. Transmite a versão longa da *translatio* no f. 152r.

B1 BRUXELLES, Bibliothèque Royale, lat. II 1181 (VdG 3303).

Legendário proveniente de Stavelot, datado da 1ª metade do séc. XII²⁰⁶. A *PC* encontra-se nos ff. 132v-134v, entre a *Vita S. Iacobi* (BHL 4057) e a *Passio S. Felicis* (BHL 2865), cujo início se perdeu. Título: *Incipit passio sancti Cucufatis martyris quae celebratur VIII kalendas augusti*. Transmite o início da versão longa da *translatio*, no f.

²⁰⁴ A. Molinier, “Manuscrits de la bibliothèque d’Angers”, *Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements*, t. XXXI, Paris, 1898, pp. 450-453.

²⁰⁵ F. Dolbeau, “Recherches sur les oeuvres littéraires du pape Gélase II. A. Une vie inédite de Grégoire de Nanzianze (BHL 3668d), attribuée à Jean de Gaète”, *Analecta Bollandiana*, 107, 1989, p. 84, n. 65; Joseph-Claude Poulin, *L’hagiographie bretonne du Haut Moyen Age. Répertoire raisonné*, Beihefte der Francia 69, Ostfildern (Thorbecke) 2009, pp. 338-339, 345.

²⁰⁶ Lanéry 2012, p. 45 (ms. n° 79).

134v, mas o texto encontra-se truncado, pela perda de um fólio, após as palavras *kalendas martias* (*Translatio*, l. 5).

B2 BRUXELLES, Bibliothèque Royale, lat. 9290 (VdG 3223).

Segundo volume de um legendário proveniente de Saint-Laurent de Liège, datado do séc. XII e cujo primeiro volume corresponde ao manuscrito Bruxelles, BR, lat. 9289²⁰⁷. A *PC* encontra-se nos ff. 148v-150v, entre a *Passio S. Christophori* (*BHL* 1772) e a *Passio S. Pantaleonis* (*BHL* 6442). Omite o primeiro prólogo. Título: *Passio sancti Cucuphatis*.

B3 BRUXELLES, Bibliothèque Royale, lat. 18018 (VdG 3239).

Legendário do séc. XII, proveniente de Saint-Pierre de Lobbes²⁰⁸. A *PC* encontra-se nos ff. 163v-166r, entre a *Vita S. Martini* de Alcuíno (*BHL* 5625) e a *Vita SS. Sabiniani et Potentiani* (*BHL* 7416). Título [Prólogo]: *Prologus in Passione sancti Cucufatis martyris qui passus est Barcinona ciuitate*. Transmite a versão breve da *translatio*, no f. 166r.

Fo PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 5271.

Legendário do último quartel do séc. XII²⁰⁹, proveniente de Trois-Fontaines. A *PC* encontra-se nos ff. 61r-65r, entre a *Passio Christophori* (*BHL* 1766) e a *Passio Septem Dormientes* (*BHL* 2315). Título [Prólogo]: *Incipit praefacio in Passione Sancti Cucufatis martiris*.

²⁰⁷ J. Van den Gheyn, *Catalogue des manuscrits de la Bibliothèque royale de Belgique*, t. V, 1905, pp. 204-209.

²⁰⁸ Van den Gheyn 1905, t. V, pp. 244-247.

²⁰⁹ *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum antiquiorum saeculo XVI qui asservantur in Bibliotheca nationali Parisiensi*, vol. I, Bruxelles, 1889, p. 411; Lobrichon, G., "Le dossier magdalénien aux XIe-XIIIe siècles. Edition de trois pièces majeures", *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire des Ecoles Françaises de Rome. Moyen-Age*, 104/1, 1992, p. 164.

H HEILIGENKREUZ, Stiftsbibliothek, Cod. 013.

Terceiro volume de um exemplar do *Magnum legendarium austriacum*, proveniente da Baixa Áustria e datado de finais do séc. XII²¹⁰. A *PC* encontra-se nos ff. 55v-56r entre a *Passio S. Christophori* (BHL 1771) e uma versão da *Vita Liborii episcopii*. Título: *Eodem die Cucufati martyris*.²¹¹

Ch PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 16734.

Exemplar do *Liber de natalitiis* proveniente de Chaâlis e datado de finais do séc. XII²¹². A *PC* encontra-se nos ff. 48v-50v entre a *Passio Christophori* (BHL 1765) e a *Passio Septem Dormientes* (BHL 2315). Título: *Incipit Passio Sancti Cucuphatis celebranda VIII kalendas augusti*. Transmite a versão breve da *translatio* no f. 50v.

Cl MONTPELLIER, B. U. méd., H 1, t. IV.

Quarto volume do legendário de Clairvaux, do séc. XII, que representa um estado arcaico do *Liber de natalitiis*²¹³. A *PC* encontra-se nos ff. 53v-55r, entre a *Passio Christophori* (BHL 1765) e a *Passio Septem Dormientes* (BHL 2315). Título: *Incipit Passio Sancti Cucufati celebranda VIII kalendas augusti*. Transmite a versão breve da *translatio* no fólio 55r.

P3 PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 17005.

Quarto volume de um exemplar do *Liber de natalitiis*, muito provavelmente proveniente de Notre-Dame-du-Val²¹⁴ e datado de finais do séc. XII ou início do XIII. A *PC*

²¹⁰ A. Poncelet, “De magno legendario austriaco”, *Analecta Bollandiana* 17, 1898, pp. 27-28; D. Ó Riain, “The *Magnum Legendarium Austriacum*: A New Investigation of One of Medieval Europe’s Richest Hagiographical Collections”, *Analecta Bollandiana* 133, 2015, p. 109.

²¹¹ Agradeço a Diarmuid Ó Riain por me ter amavelmente cedido uma reprodução dos fólhos relevantes deste manuscrito.

²¹² Dolbeau 1976, p. 158.

²¹³ Dolbeau 1976, p. 167.

²¹⁴ Dolbeau 1976, p. 163.

encontra-se nos ff. 42r-43v, entre a *Passio Christophori* (BHL 1765) e a *Passio Septem Dormientes* (BHL 2315). Título : *Incipit Passio Sancti Cucuphatis celebranda VIII kalendas augusti*. Transmite a versão breve da *translatio* no fólio 43v.

R PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 11758.

Quarto volume de um exemplar do *Liber de natalitiis*, proveniente de Royaumont e datado do séc. XIII²¹⁵. A *PC* encontra-se nos ff. 48r-50r, entre a *Passio Christophori* (BHL 1765) e a *Passio Septem Dormientes* (BHL 2315). Título : *Incipit Passio Sancti Cucuphatis celebranda VIII kalendas augusti*. Transmite a versão breve da *translatio* no fólio 50v.

Não existem variantes que nos permitam determinar com segurança a relação entre γ e ε . Temos, no entanto, magros indícios de que γ não descenderá de ε :

3, l.2 ipsi γ <i>Pa</i> (<i>Ca?</i> ; <i>om. Co A; B1?</i> ²¹⁶)	sibi ε (<i>D1?</i>)
5, l.16 potentiam γ <i>Pa</i> (<i>prouidentiam Ca</i>)	omnipotentiam ε

Por outro lado, uma adição no parágrafo 3 sugere que ε não descende de γ :

3, l.11 confitentes ε <i>Pa</i> (<i>O B1 H?</i> ²¹⁷)	confitentes et praedicantes γ
--	--------------------------------------

De nenhuma destas três lições podemos dizer que seja incorrecta, o que dificulta ao editor uma tomada de decisão na *constitutio textus*. No primeiro caso, todavia, a escolha de *ipsi* em lugar de *sibi* parece-nos tornar o texto mais claro, mas não podemos, ainda assim, pôr definitivamente de lado a possibilidade de *sibi* ser a lição de Ω . Quanto à leitura *et praedicantes*, transmitida por todos os manuscritos de γ , incluí-la ou excluí-la não afecta particularmente o sentido do passo em questão

²¹⁵ Dolbeau 1976, pp. 162-163.

²¹⁶ *B1* omite mais de metade do prólogo, após *Ihesum Christum Dominum nostrum*, na l. 6.

²¹⁷ *B1* omite o passo em que se encontra a adição, de *et sic demum* até *superimpendere*.

Em 6, 1.11, a adição de *credere uos oportet in eum et ipsum adorare* em *Fl Ca Ma B3 R Ch Cl P3* permite-nos postular um antepassado comum a estes manuscritos, θ . A frase neles acrescentada é, com toda a verosimilhança, uma duplicação espúria daquela que encontramos em 13,5, na resposta do povo ao juiz Rufino, e que é fruto da reescrita do passo equivalente em *BHL* 1999, 10, onde se lê *nam credere nos oportet in eum*.

As antífonas, tal como transmitidas pelo leccionário de Verona (Biblioteca Capitolare, cod. LXXXVIII) do século X, e pelo Antifonário de Saint-Denis (Paris, BN, lat. 17296), do século XII, constituem um testemunho indirecto desta mesma adição. Podemos supor que ou as antífonas foram compostas a partir de um manuscrito aparentado a *Fl Ca Ma B3*, ou que, inversamente, a inovação surgiu na redacção das antífonas, tendo sido depois transferida para uma cópia da *passio*.

Esta última possibilidade afigura-se-nos especialmente apelativa, uma vez que as antífonas, ao abreviarem radicalmente a *passio*, reescrevem amiúde os passos que utilizam e prestam-se a repetições e a ligeiras alterações da ordem narrativa do texto de que partem. Com efeito, o passo em que, na *passio*, ocorrem as palavras *credere uos oportet in eum et ipsum adorare*, ditas pelo povo, não se encontra representado nas antífonas. É fácil, porém, imaginarmos o interesse do redactor em aproveitar aquela frase tão adequada a um texto litúrgico, transpondo-a para o passo em que o mártir exorta a audiência a abandonar o culto dos ídolos, depois de ter testemunhado os *mirabilia* do Deus cristão.

Os códices *R Ch Cl P3* são exemplares do *Liber de natalitiis*, afinidade plenamente corroborada pelo texto da *PC* neles transmitido, que nos permite propor a sua origem a partir de um modelo intermédio v , definido pelo seguinte conjunto de lições:

Prólogo, 1.13-14	ad imitationem] dimicationem v <i>B3</i>
1, 1.1	breui <i>om.</i> v
2, 1.14	terrae oris] territoriis v
4, 1.2	gerundensium] ierundensem v
6, 2	permanes in aeternum] in eternum permanens v
6, 1.3	qui <i>om.</i> v
7, 1.12	uiuus et <i>om.</i> v
8, 1.6	nocitus] lesus v

- 10, 1.7 satia Christe] saciasti pane v
 13, 1.9 ei om. v

Quase todos os códices descendentes de θ contêm a versão breve da *translatio*. A exceção é *Ma*, que transmite a versão longa, partilhada com *Co A P2* e com *B1*.

O legendário de Saint-Pierre de la Couture, *Co*, está intimamente relacionado com *A* e *P2*, com os quais forma um grupo geograficamente coerente, proveniente do oeste de França (La Couture, Angers e Poitiers). Os três manuscritos apresentam um elevado número de variantes próprias contra todos os outros testemunhos de *BHL* 1998. Uma vez que *Co* é mútilo no início da *PC*, não podemos confirmar que, tal como *A* e *P2*, omitisse o prólogo. No entanto, suspeitamos que assim fosse, dada a quase completa correspondência textual entre os três manuscritos, que, para além disso, e como já referimos, transmitem uma mesma versão da *translatio*. Demais, *A* e *P2* partilham um pequeno conjunto de lições próprias que o separam de *Co*. Na impossibilidade de verificarmos se *Co* terá sido modelo de *A*, e este, modelo de *P2*, reunimos os três testemunhos sob um possível arquétipo η .

Ascendência comum (φ) parecem ter também os textos da *PC* no legendário de Saint-Laurent de Liège (*B2*) e no de Trois-Fontaines (*Fo*):

- 4, 1.1 ex unanimi] ex uno animi φ
 4, 1.9 aegrimonia] egritudine φ
 5, 1.22 interime] interimatur φ
 6, 1.11 carissimi om. φ
 8, 1.8 furori om. φ
 12, 1.3 miserabiliter] mirabiliter φ
 13, 1.6 confitetur] ueneratur φ
 14, 1.9-10 cum patre om. Φ

Finalmente, é menos segura a inserção do grupo ζ , representado pelo exemplar do *Magnum Legendarium Austriacum* (*H*) e pelo legendário de Stavelot (*B1*), neste ramo do *stemma*, uma vez que ambos os códices omitem o final do parágrafo 3 (*et sic demum... superimpendere*), justamente o passo onde se encontra a adição *et praedicantes*, que constitui o principal argumento para a existência de γ .

8.2 Os códices ε (P1 Fe D1 D2 Or¹ Or²)

P1 PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 5310.

Legendário produzido em Reims no terceiro quartel do séc. IX²¹⁸. A PC encontra-se nos ff. 139v-144v, entre a *Passio S. Hippolyti* (BHL 3961) e a *Passio S Felicis* (BHL 2865).

Título: *Incipit passio sancti Cucufatis quae celebratur VIII kalendas augusti.*

Fe ROUEN, Bibliothèque Municipale, 1400 (U. 3).

Legendário proveniente da abadia da Trindade de Fécamp, onde terá sido produzido na segunda metade do séc. XI²¹⁹. A PC encontra-se nos ff. 71r-71v, precedida pela *Passio S. Christophori* (BHL 1770). Perderam-se os fólhos que transmitiriam o texto da *passio* após as palavras *in aeternum*, em 6, l.2-3. Título: *Eodem die incipit prologus in passione sancti Cucufatis martyris.*

D1 DOUAI, Bibliothèque Municipale, 837.

Legendário proveniente da abadia de Anchin, Douai, e datado do séc. XII²²⁰. A PC encontra-se nos ff. 117r-118r, precedendo a *Passio Septem Dormientes* (BHL 2316). Perderam-se os fólhos que transmitiriam o início da *passio*. O texto começa em 3, l.8, com as palavras *per domos*.

²¹⁸ B. Bischoff, *Katalog der festländischen Handschriften des neunten Jahrhunderts, Teil III: Padua – Zwickau*, Harrassowitz Verlag, Wiesbaden, 2014, p. 108, n° 4360.

²¹⁹ C. Samaran, R. Marichal, R., *Catalogue des manuscrits en écriture latine portant des indications de date, de lieu ou de copiste. Tome VII. Ouest de la France et pays de Loire*, vol. 7, 1985, p. 327.

²²⁰ C. Dehaisnes, “Manuscrits de la bibliothèque de Douai”, *Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements*, Série in-4°, t. VI, Paris, 1878, pp. 572-576.

D2 DOUAI, Bibliothèque Municipale, 846.

Legendário proveniente da abadia de Marchiennes, Douai, datado do séc. XII²²¹. A *PC* encontra-se nos ff. 72v-77r, entre a *Passio SS. Iohannis et Pauli* (BHL 3236) e a *Passio S. Stephani* (BHL 7845). Título: *Incipit passio sancti Cucufatis martyris*.

Or¹ SAINT-OMER, Bibliothèque d'agglomération, 716, t. VI.

Tomo sexto de um legendário em oito volumes proveniente da abadia de Clairmarais, Saint-Omer, de finais do séc. XII ou inícios do XIII²²². A *PC* é a última peça hagiográfica do volume, ocupando os ff. 137v-139v após a *Passio SS. Timothei et Apollinaris* (BHL 8300). Título: *Incipit passio sancti Cucufatis martyris quae est VIII kalendas augusti*.

Or² SAINT-OMER, Bibliothèque d'agglomération, 716, t. VII.

Tomo sétimo do legendário supramencionado. A *PC* é transmitida uma segunda vez nos ff. 60v-63r, entre um conjunto constituído pela *Passio S. Praxedis* (BHL 6920k) e uma versão da *Vita S. Praxedis* (BHL 6920), e um grupo de textos dedicados a Maria Madalena, deixando-se um espaço em branco de cerca de meia página após o final da *PC*. Título: *Incipit passio sancti Cucufatis martyris quae est VIII kalendas augusti*.

²²¹ C. Dehaisnes, C., “Manuscripts de la bibliothèque de Douai”, *Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements*, Série in-4°, t. VI, Paris, 1878, pp. 591-593. O manuscrito terá sido composto num momento posterior a meados dos anos 60 do séc. XII, se aceitarmos a datação proposta para um dos textos nele incluídos, os *Miracula sanctae Rictrudis* (Cf. W. Cahn, *Romanesque Manuscripts, The Twelfth Century*, vol. 2, Harvey Miller, London, 1996, p. 148).

²²² M. Michelant, “Manuscripts de la bibliothèque de Saint-Omer”, *Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements*, Série in-4°, t. III, Paris, 1861, p. 317; S. Staats, “A partial reconstruction of Saint-Bertin’s late-eleventh-century legendary: Saint-Omer, 715, vol. 1 and its *membra disiecta*”, *Scriptorium*, 52, 1998, 2, p. 360; P. Chiesa, L. Castaldi (eds.), *La trasmissione dei testi latini del Medioevo / Mediaeval Latin Texts and their Transmission. Te.Tra. 4*, Florença, SISMEL: Edizioni del Galluzzo, 2012, p. 346.

Do conjunto dos seis manuscritos colacionados que podemos isolar em oposição a γ através das lições já acima apresentadas, o legendário de Fécamp (*Fe*) não nos permite observações conclusivas quanto à sua posição em relação aos restantes três, uma vez que nele o texto se encontra truncado no início do parágrafo 6. Por outro lado, cremos que *PI* é um testemunho de grande importância para a história da reescrita carolíngia da *PC*.

Talvez não deva surpreender que *PI* seja o códice mais antigo que temos para *BHL* 1998, dada as estreitas relações entre Saint-Denis com Reims. Com efeito, o próprio Hilduino, principal responsável pelo culto de Cucufate em Paris, celebrou, em 838, uma aliança espiritual entre o seu mosteiro parisiense e a abadia de Saint-Remi, em Reims, liderada pelo abade Franco²²³. Alguns anos mais tarde, em 845, o monge de Saint-Denis e discípulo de Hilduino, Hincmar, tornar-se-ia arcebispo de Reims²²⁴. Podemos, pois, estar a falar de uma cópia muito próxima no tempo de ω , colocando ε numa posição privilegiada em relação a γ .

Os textos dos legendários de Douai e do de Saint-Omer parecem partilhar um antepassado comum com *PI*, π , a julgar pelas seguintes lições:

12, 1.4-6 tunc... liberator eorum] *om. PI DI D2 Or¹ Or²*

12, 1.7 namque] autem *PI DI D2 Or¹ Or²*

14, 1.4 uero *om. PI DI D2 Or¹ Or²*

14, 1.9 fecisti] facis *PI DI D2 Or¹ Or²*

No interior deste grupo, o texto copiado duas vezes no legendário de Saint-Omer é mais próximo daquele que encontramos no legendário de Marchiennes:

6, 1.2-3permanes in aeternum] usque in eternum permanes *D2 Or¹ Or²*

7, 1.1 datque idem] qui mox dedit *D2 Or¹ Or²*

7, 1.10 habere] colere *D2 Or¹ Or²*

8, 1.6 uelut is qui nihil est nocitus] uelut si nichil fuisset nocitus *D2 Or¹ Or²*

10, 1.2 *add. in carcerem post oneratus D2 Or¹ Or²*

²²³ J. Vézin, “Les relations entre Saint-Denis et d’autres *scriptoria* pendant le haut Moyen Âge”, *The Role of the Book in medieval Culture*, P. Ganz (ed.), I, Turnhout, 1986, p. 34.

²²⁴ Vézin 1986, p. 35.

10, 1.9 ei] illi $D2 Or^1 Or^2$

14, 1.7 illi] sibi $D2 Or^1 Or^2$

Nenhum dos códices descendentes de ϵ transmite uma narrativa de trasladação, ficando por confirmar se Fe a conteria.

8.3 Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 15437: Um testemunho isolado?

Pa PARIS, Bibliothèque Nationale, lat. 15437.

Legendário do séc. XI, proveniente de Paris²²⁵. A PC encontra-se nos ff. 22v-26r, entre a *Passio Christophori* (BHL 1766) e a *Passio Nazarii et Celsi* (BHL 6042). Título: *Passio sancti Cucufatis martyris quae est VIII kalendas augusti*. Transmite a versão longa da *translatio* nos ff. 25v-26r.

Este códice parisiense não ocupa um lugar confortável em nenhum dos ramos do *stemma*. Se, por um lado, não apresenta a adição *et praedicantes* em 3, 1.11, que é distintiva de γ , por outro, transmite *ipsi* (3, 1.2) e *potentiam* (5, 1.16) contra todos os manuscritos ϵ . Uma vez que nos parece difícil aceitar a possibilidade de uma contaminação tão pontual, optamos por propor que Pa derivará de ω , por via independente de γ e ϵ . As lições de Pa nos três passos mencionados poderão, assim, representar o texto de ω .

8.4 Resumo da circulação de BHL 1998: Uma tentativa de *stemma*

Após a reescrita da *passio* hispânica realizada provavelmente em data posterior a 835, em Saint-Denis, sob a alçada de Hilduino, uma cópia ϵ , contendo as lições *sibi* em 3, 1.2 e *omnipotentiam* em 5, 1.16, terá sido feita pouco depois. Este texto serviu de modelo a um exemplar π , caracterizado sobretudo pela omissão de *tunc... liberator eorum*, em 12, 1.4-6, e que se encontraria em Reims ainda no séc. IX, como o atesta o testemunho PI .

²²⁵ J-C. Poulin, *L'hagiographie bretonne du Haut Moyen Âge. Répertoire raisonné*, Thorbecke, 2009, p. 357.

O códice π , ou um seu descendente, terá viajado para norte até Douai, onde, no século XII, foi utilizado como fonte do legendário da abadia de Anchin. Um outro descendente de π , que designamos por π_1 , serviu, por sua vez, também no séc. XII, como modelo do texto da *PC* que encontramos no legendário da abadia de Marchiennes, em Douai, tendo, talvez um pouco mais tarde já no séc. XIII, dado origem à dupla cópia da *passio* feita na abadia de Clairmarais, em Saint-Omer.

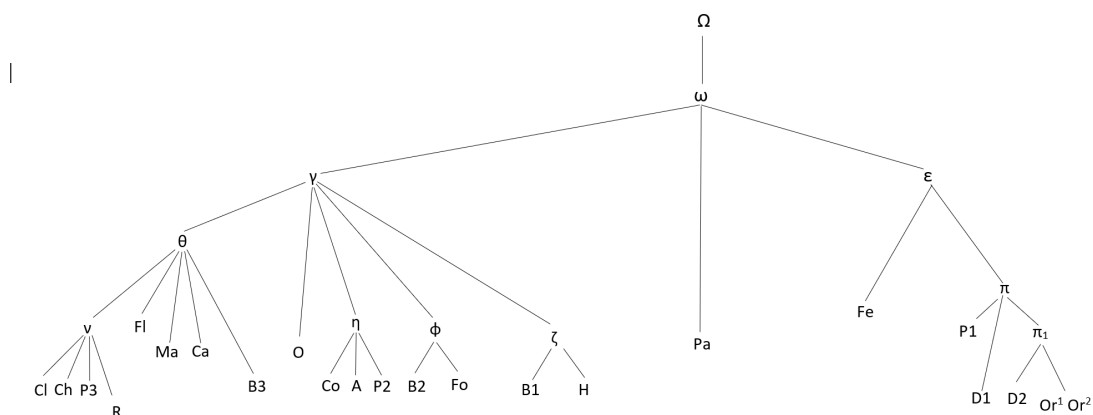
Da cópia que encontramos no séc. XI na abadia da Trindade de Fécamp, não podemos afirmar que não descendesse também de π , pois as lições distintivas deste arquétipo encontram-se todas na parte do texto que se perdeu em *Fe*.

Uma segunda cópia de ω , que designamos por γ , terá introduzido a adição *et praedicantes* em 3, l.11. Este arquétipo, de que deriva uma grande parte dos testemunhos de *BHL* 1998, foi muito provavelmente produzido no séc. IX. Dos seus descendentes, o mais notável é θ , que acrescenta ao texto da *passio* a adição *credere uos oportet in eum et ipsum adorare*, em 6, l.11. Se, como acima propusemos, aceitarmos que se trata de uma influência da redacção das antífonas, θ poderá ter sido copiado em Saint-Denis no séc. IX ou, o mais tardar, no séc. X, uma vez que é deste último que data o seu primeiro descendente, em Fleury. A distribuição dos textos derivados de θ apresenta-se dispersa, com exemplares em Saint-Maur-des-Fossés e na abadia do Saint-Sépulchre de Cambrai, no séc. XI, e em Saint-Pierre de Lobbes, na actual Bélgica, no séc. XII. Em θ tem também origem o texto ν , que foi difundido nas cópias da colecção hagiográfica cisterciense, o *Liber de natalitiis*.

No séc. XII, η , uma cópia de γ com um conjunto numeroso de lições próprias circulou no oeste de França, deixando descendência em Saint-Pierre de La Couture, em Angers e na região de Poitiers.

Também do séc. XII datarão outros dois descendentes de γ : φ , representado por um exemplar da abadia cisterciense de Trois-Fontaines e por outro de Saint-Laurent de Liège; por fim, ζ , que parece ter circulado fora do território actualmente francês, deixando descendência em Stavelot, na Bélgica, e provido o texto que circularia no *Magnum Legendarium Austriacum*, representado na nossa colacção pelo exemplar de Heiligenkreuz, oriundo da Baixa Áustria.

Um texto independente de ε e γ poderá estar representado no manuscrito parisiense do séc. XI, *Pa*, a menos que se deva considerá-lo um produto da intersecção dos dois ramos principais da tradição textual de *BHL* 1998.



8.5 A transmissão das *translationes*

Muito pouco pode ser dito sobre a circulação das duas notícias de trasladação das relíquias de Cucufate para Paris. Não nos parece muito provável que qualquer um destes dois textos tenha sido composto no acto de composição de *BHL* 1998, sendo antes elementos independentes passíveis de serem incluídos ou excluídos facilmente ao longo da transmissão da *passio* propriamente dita.

Ainda assim, a versão breve, que, como já tivemos oportunidade de comentar, poderá ser apenas uma apropriação da entrada do martirologio de Adon, surge exclusivamente associada aos manuscritos derivados de θ . No entanto, é bem exemplificativo da mobilidade destes textos o facto de, num destes manuscritos, *Ma*, ter sido substituída pela versão longa, que nele e em *Pa* aparece pela primeira vez no *stemma*, no séc. XI.

A transmissão desta segunda versão é mais difícil de traçar: podemos dizer que se encontrava muito provavelmente em η , mas não sabemos como foi parar a *Ma* e a *Pa*, nem porque aparece em *B1* mas não em *H*.

9. *BHL* 1998: Texto Crítico

Sigla

- P1 Paris, BNF, lat. 5310 (séc. IX)
- F1 Orléans, Bibliothèque Municipale, 331 (280), (séc. X²-XI)
- Ca Cambrai, Bibliothèque Municipale, 863-864 (767) (1076-1092)
- Fe Rouen, Bibliothèque Municipale, 1400 (U. 3) (séc. XI²)
- O Paris, BNF, lat. 3789 (séc. XI)
- Ma Paris, BNF, lat. 11884 (séc. XI)
- Pa Paris, BNF, lat. 15437 (séc. XI)
- Co Le Mans, Bibliothèque Municipale, 227 (séc. XI *ex.*)
- A Angers, Bibliothèque Municipale, 806 (722) (s. XII)
- P2 Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 5323 (séc. XII *med.*)
- B1 Bruxelles, Bibliothèque Royale, lat. II 1181 (3303) (Phillips 12461), (séc. XII¹)
- B2 Bruxelles, Bibliothèque Royale, lat. 9290 (s. XII)
- B3 Bruxelles, Bibliothèque Royale, lat. 18018 (séc. XII)
- Fo Paris, BNF, lat. 5271, (séc. XII ⁴/₄)
- H Heiligenkreuz, Stiftsbibliothek, Cod. 013 (séc. XII *ex.*)
- Ch Paris, BNF, lat. 16734 (séc. XII *ex.*)
- C1 Montpellier, BU Médecine, H 001, t. IV (séc. XII ³/₄)
- P3 Paris, BNF, lat. 17005 (séc. XII ³/₄)
- D1 Douai, Bibliothèque Municipale, 837 (séc. XII)
- D2 Douai, Bibliothèque Municipale, 846 (s. XII)
- Or¹ Saint-Omer, Bibliothèque Municipale, 716, t. VI (séc. XII *ex.*-XIII)
- Or² Saint-Omer, Bibliothèque Municipale, 716, t. VII (séc. XII *ex.*-XIII)
- R Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 11758 (séc. XIII)

PROLOGUS

Gloriosos sanctorum triumphos praeconiis deuotis attollere et scriptis ad
posterorum notitiam tradere multis modis probatur esse utilimum ac salutare; tum
praecipue cum Ille in gloria eorum laudatur, qui in sanctis suis mirabilis, mirabiliter
suorum militum certamine referens triumphato hoste uictoriam, spiritu orthodoxo
5 ueneratur et colitur. Cuius laus adeo fore salubris experitur ut in ea quodam iure
priuato sit iter perueniendi ad societatem angelicam et salutare Dei, qui est caput
membrorum felicitum omnium, scilicet electorum suorum, Ihesum Christum
Dominum nostrum. Sed et cum constantissima fortitudo dominici agminis
bellatorum retexitur, tepidae nostrae mentes, suam fragilitatem gementes, se ipsas
10 aut ad poenitentiae lacrimas feruentissime excitant, quia eum malis actibus
exacerbauerunt propter modicas et ad nihil utiles uoluptatum carnalium illecebras,
cui fidem, amorem et oboedientiam hi per tam immanissima seruauere tormenta,
aut quantum possunt sibi hortamina multa diuini auxilii proponentes ad
imitationem accendunt. Huc accedit quia fidelis mens quos plura et acerbiora norit

3 *in sanctis suis mirabilis*: Ps 67, 36 6 *iter... salutare Dei*: cf. Ps 49, 23

1 tollere *Ca*^{a.c.} 2 notitiam] notiam *Ma*^{a.c.} || multimodi *Pa* || utilimum *Ma*, utilissimum *Fo*
p.c. *H*^{p.c.} *Cl*^{p.c.} *Or*² || tum] tunc *Pa Fo*, dum *H* 3 cum] quia *Ca Ma B1 Fo H Ch Cl P3 R Fe*
D2 Or¹ Or² Pa || ille *om.* *Ca*^{a.c.} 4 certamine] certamen *Fl*, certamina *Fo H, om. Pa* || *add.*
glorificatus *ante* referens *Fo* || *add.* de *ante* triumphato *Fo* || *add.* et *post* hoste *Fl* || orthodoxorum
Ca 4-5 spiritu... colitur *om. Fo* 5 recolitur *H* || laus] uictoria *Ca* || adeo fore] a deo ferre
Pa || expeditur] excolitur *Ca*, expetitur *Cl* || ea] eo *Ma* 6 angelicam] angelorum *Ca* || *add.*
supra lin. ad *ante* salutare *B1* || caput *om. D2*^{a.c.} 7 scilicet omnium *transp. Fl* || *add.* felicitum
post suorum *H*^{a.c.} 7-8 Ihesus Christus dominus noster *Fe* 8-28 sed et cum... sempiternam
om. B1 8 cum *om. Ma Pa* 8-9 retexitur bellatorum dominici agminis *Fo* 9 retexitur]
exercitus *O*, retexatur *H* || tepidae] trepide *P3* || nostrae] nostras *O* || *post* suam *des. O excisso*
folio || fragilitatem suam *transp. D2 Or¹ Or²* 10 feruentissime *om. B3* || eum] cum *H* 11
nichilum *H* || carnalium uoluptatum *transp. Ca* 12 *add.* et *post* fidem *D2 Or¹ Or²* || hi per
tam] expertam *Fl*, compertam inter *Fo*, inpertitam *H*, ii per tot *Fe* || tormenta seruauere *transp.*
Ca || seruare debuerant *Fo*, seruauerunt *Pa* 13 possunt] potuerunt *Fl* || sibi possunt *transp.*
Pa || multa diuina auxilia diuini hortaminis *Pa* || multa hortamina *transp. Ca Ma B3 Cl P3 R D2*
Or¹ Or², multa hortamenta *H* 13-14 ad imitationem accendunt] imitatione se accendunt *Fl* ||
ad imitationem] dimicationem *B3 Ch Cl P3 R* 14 accedunt *Fo Pa*, accedent *H*^{a.c.}, accendant
H^{p.c.} || huc accedit] hunde [h *expunctum*] accidit *Fl*^{a.c.} || quia] quod *Pa* || norit *om. P1*, *add.*
supra lin. Fe, nouit *D2 Or¹ Or² Pa*

15 pro Christo pertulisse supplicia, hos ampliore senatus siderei honore potiri et quae
petierint sciat scriptura teste facilius adipisci. Quin etiam quos propinquius fonti
pietatis et misericordiae totius, nostro uidelicet saluatori, quamquam ipse prope sit
omnibus inuocantibus se, in ueritate uelut singulari tamen priuilegio inhaerere
confidit, hos proniores et promptiores esse ad humilitatis nostrae suspiria
20 exaudienda et diuinae clementiae offerenda ac dignitatis suae precibus
commendanda non inaniter credit. Qua de re et obnixius, remota omnis inertiae
suae segnitia cum quorum libet eorum gesta seu passiones cognouerit, uotis eos
deposcit et sibi conciliare quibuscumque ualet obsequiis satagit. Quo fit ut et illos
propitios mereatur, quoniam nefas est autumare ut qui persequentibus et ingratis
25 beneficia pietatis contulerant deuotis atque se inuocantibus benignitatis suffragia
denegent, et sacrosanctis eorum intercessionibus hic in beneplacito Domini studio
uitam ducat et post omni poena carens ipsorum consortio aggregata gloriam
possideat sempiternam.

15-16 *quae petierint... adipisci*: cf. Mt 18, 19

15 ampliore] ampliori *Fl* || siderei] fide rei *B3 P1 D2 Or¹ Or²* || quae] quod *Fo* 16
petierint] petierit *Ca*, pecierit *Pa* || sciat *om. Ca* || facilius] falius *Fl* || propinquus *Ca P1 Fe D2*
^{a.c.} 17 uidelicet *om. Ca^{a.c.}* 18 se inuocantibus *transp. Ca* || inuocatibus *Fl* || priuilegio *Ma*
^{a.c.} 19 promptioresque *B3*, proniores *Pa* 20 offerenda ac *om. Or¹ Or²* 21 credidit *H* ||
obnoxius *Fl Ca H Ch^{a.c.}* || remota] reddenda *H* 22 segnitie *B3*, segnitie *Pa* || *add. iste post*
segnitia *Fo* || eorum] quorum *Pa* || cognouit *H*, agnouerit *Pa* 23 et *eras. Pa* || quibuscumque
sibi conciliari *transp. Ca* || conciliari *Fo* || ualet *om. H* 24 proprios *Ma* || est *om. R* || qui] *add.*
supra lin. Fl || *add. pro ante persequentibus H* || perquentibus *Fl^{a.c.}* || ingratis] gratias *Fl^{a.c.}* 26
denegant *Fl^{a.c.}* 27 ducant *Ma^{a.c.}* || omnia *Fe* || carens *om. Fl*, caret *H*, carant *H^{p.c.}* || aggregat
R, aggregati *H* 28 possideant *H^{p.c.}* || sempiterna *Ma* || explicit prologus *Ca Fe*, finit prologus
B3, explicit praefatio *Fo*

1. Igitur beati Cucufatis gloriosissimi martyris pro nomine Christi agones breui stilo temptemus attingere. Cuius merita, immo etiam certaminis fortitudo, humanam linguam et eorum fidem uidetur excedere qui non credunt diuinae potentiae et cuicumque credenti omnia possibilia esse.

2. Qui beatissimus domini athleta, Scillitana ciuitate nobilissimis et singulari magnificentia inter suos ditissimis natalibus oriundus, nobiliorem se moribus et fide Christi insignem exhibuit. Quique una cum sancto Felice ipsius ciuitatis aequae illustrissimo Caesaream, quae est in litore Mauritaniae in ipso maris magni margine
5 sita, studio liberalium litterarum migravit. Quo, cum uacantes scholis peruulgata fama comperissent persecutionis feruorem nimio aestu urgentem sub ministris diaboli, Diocletiano uidelicet et Maximiano imperatoribus, orientibus partibus efferbuisse, mox cum maxima et paene apud dilectores mundi incomparabili mercium pretiosarum et diuersa specierum atque diuitiarum uarietate ac copia, non
10 pauco etiam nauium numero, occidentali plagae, nomen et speciem praetendentes negotiatorum, ut re uera erant Ihesu Domini ueri

1 4 *credenti... esse*: cf. Mt 19, 26; Mc 9, 22

2 4-5 *Caesaream... liberalium litterarum*: cf. *Passio S. Felicis*, 2 5-8 *peruulgata... efferbuisse*: cf. *Passio S. Felicis*, 1-2 9-12 cf. *Passio S. Felicis*, 3

1 1 incipit passio *Ca* (*ad marginem*) *B3*, Incipit Passio Sancti Cucufatis Martyris *Fo Fe* || Igitur] incipit *B1* || beati igitur *transp. A P2* || Cucufati *Fl* || martyris gloriosi *A P2* || breui *om. Ch Cl P3 R* 2 temptamus *A P2 B3* || attingere] aggredi *H* || merita] meritum *Ch Cl P3 R* || etiam *om. A P2 Pa* || fortitudo] incipit *Co post excisum folium* 3 humanae linguae *B2* || *add.* testimonium *supra* eorum fidem *B2* || uidentur *Co A P2* || non *om. Pa* 4 omnia] nomina *Fl* || et cuicumque] *abhinc subuenit O*

2 1 qui] hic quidem *Fo* || dei *B3* || *add.* de ante scillitana *Fo* || cillitana *Fl*, scyllitana *B3* || ciuitate] urbe *Pa* 2 se nobiliorem *transp. B3* 3 insignem *om. P2* || *add.* se post insignem *Fo* || quique] quibus *Or¹ Or²* || una *om. B1 H* || sancto] beato *Pa* 4 mauritaniam *Fl*, mautarie *Ch P3 R* || in] et *H* || ipso *om. B3* || maris *om. Pa^{a.c.}* || magni *om. Ca^{a.c.} P2* 5 quo] qui *Fl^{p.c.}* 6 nimio feruore aestu *transp. Ca* || urgentem *Fl* 7 diacletiano *Fl*, deocliciano *Pa* || uidelicet *om. P2* || orientis *Ca Ma Co A P2 B1 B3 Fo H Ch Cl P3 R D2 Or¹ Or² Pa*, in orientis *B2* 8 efferuisse *Ma* || maxima] magna *Ca*, maximo *B2 Fo* || incomparabili *PI^{a.c.}*, incumparabili *D2* 9 precio *B1 Fo* || et] ac *Or¹ Or²* || specierumque *P2* || atque] at- *n. l. Co*, ac *B3* || ac] et *B3* || copio *PI^{a.c.}* || pauco *n. l. Co*, pauca *H* || *add.* octo post numero *Pa* || occidentalis *H* || plaga *B1 Pa* || nomen] -m- *n. l. Co* || praetendentes] preferentes *Co A P2*, precedentes *B2 Pa* 11 negotiatorium *H* || ut] et *Ca* || uera] ue- *n. l. Co*

negotiatores, se contulerunt. Sicque Barcinonam appellentes reppererunt adeo usquequaque praedictorum principum impietatem male grassari, ut nec in occiduis terrae oris esset ciuitas, municipium quoque uel uicus siue possessio quo idolum
 15 non erigeretur, et nulli dabatur facultas quippiam commeandi aut commodi alicuius impertiendi seu percipiendi nisi turificaret.

3. Vnde intelligentes deuoti cultores Domini tempus imminere quo uirtus Dei et Domini Nostri Ihesu Christi manifestaretur, et ipsi breui tempore, secundum quod satio se haberet, in lacrimis seminarent quatenus in gaudio perpetuo meterent, coeperunt operibus pietatis et elemosinarum largitionibus quibus sedulo fuerant
 5 assueti largius insistere, et fide, castitate, sobrietate, mansuetudine et inaestimabili caritate atque erga omnes benignitate quin immo uniuersarum uirtutum splendore, ueluti maxima duo caeli luminaria effulgere omniumque se mentibus et amoris officiosissime ac gratiose infundere, necnon uerbum salutis priuatim et per domos

2 12-15 *adeo... erigeretur*: cf. *Passio S. Felicis*, 1 15-16 *nulli... turificaret*: cf. *Passio S. Sebastiani*, 80

3 3 *in lacrimis... meterent*: cf. Ps 125, 5 4-12 cf. *Passio S. Felicis*, 4 7
ueluti... luminaria: cf. Gn 1,16 8-9 *priuatim et per domos... praedicare*: cf. Act 20, 20

2 12 *se om. Fe^{a.c.} || contulerunt] -tu- n. l. Co || appulentes Fl^{a.c.} O H Pl^{a.c.}, appellantes Cl, appelantes Fe^{a.c.}, appulsi B2 Fo, applicantes B3 Pa^{p.c.} || repperunt Pa^{p.c.} 13 usquequaque Fl, usquequaque Pl^{a.c.} || praedictorum principum impietatem om. Ca || impietatem] im- n. l. Co || grassari Fl^{a.c.} O Co Fe || nec] ne Ch Cl P3 R || occidus Fl^{a.c.} 14 terrae oris] territoriis Ch Cl P3 R || terrae] te- n. l. Co || municipium] mancipium B1 || uel] u- n. l. Co, siue D2 Or¹ Or² || quo om. Fl^{a.c.} 15 erigeretur] -re- n. l. Co || add. requies uel post dabatur H || facultas dabatur transp. Ca || quopiam B3 Fe || commeandi om. Ma, c- n.l. Co || aut] seu B3 || add. uendendi emendi ante commodi H || aut commodi om. Pa || commodi] commo Fl^{a.c.} 16 impertiendi seu om. Co A P2 || seu] su Fl^{a.c.}, aut B3, siue Fo || seu percipiendi om. Pa || add. prius post nisi B2 H*

3 1 deuote Ch^{a.c.} 2 ipsi] sibi Pl Fe^{a.c.} D2 Or¹ Or² || add. in ante breui D2 Or¹ Or² 2-3 et sibi... meterent om. Co A P2 3 sati Fl || haberent D2 || perpetuo om. O Pa || post meterent des. O excisso folio 5 add. sed ante et fide Fe || add. in ante fide Fl D2 || et²] atque H 6 atque] et H || omnes erga transp. Ma || quin] qui Pa || splendore uirtutum transp. Ca 7 uelut B3 || duo maxima transp. Ca || duo om. H^{a.c.} || add. studebant post caeli Fe || omnium Pa || se mentibus] sumentibus Pa || add. coeperunt post amoris Fe 8 gratiosissime Cl R, gratiosissime Ch P3 || necnon] nam B3 || uerbum salutis om. Pa || priuatim Ch^{a.c.} || per om. Fl^{a.c.} || per domos] incipit D1 post excissum folium || domus D1

ad se confluentibus praedicare, donec uniuersa quae attulerant misericordiae
10 officiiis potuissent expendere et sic demum publica uoce Dominum Nostrum
Ihesum Christum confitentes, se ipsos, ut rei exitus declarauit, quiuissent
superimpendere.

4. Quocirca ex unanimi condicto beatus Felix ad Impuritanam indeque ad
Gerundensium ciuitatem transmeauit, quo huiusmodi diuinis muniis se exercens
gloriosum martyrium perpetravit. Eximius autem Cucufas agonista diuinus, in
Barcinona populosissima remanens urbe, profligatis temporaliter temporalibus ut
5 aeterna reciperet in aeternum multimodis et multiplicibus, una cum constantissima
et apertissima atque irresistibili uerae fidei praedicatione, coepit prodigiorum
resplendere miraculis, quia lumen diutius non potuit latere in tenebris. Et ita in
omnium gratiam curationum excreuit ut nemo ab eo fideliter de quacumque
aegrimonia aut uexatione salutem exposceret, qui non sine mora in nomine et
10 uirtute Domini Christi perciperet. Daemones quoque solo uerbo pellebat et
confitentes uirtutem Domini etiam a credentium finibus perturbabat.

4 1-2 *beatus Felix... transmeauit*: cf. *Passio S. Felicis*, 4 7 *lumen... in tenebris*: cf. Mt 5,
14; Lc 8, 16-17; Io 1, 5; 8, 12

3 9 confluentium *Co A P2*, confugientibus *B3* || praedicabant *B3* 10 potuissent] *incipit*
Ca post excissum folium || expendere] impendere *Ca* || et sic] sique *Fe* || daemum *Fl* || publica
uoce *om. Pa* || nostrum *om. Co A Fo Pa* 10-12 et sic demum... superimpendere *om. B1 H*
11 Christum *om. Pa* || *add.* et predicantes post confitentes *Fl Ca Ma Co A P2 B2 B3 Fo Ch Cl*
P3 R || *transp.* se ipsos ante quiuissent *Fo* || *add.* sicut post ut *Fo* 12 inpendere *Fe^{a.c.}*
4 1 ex uno animi *B2 Fo* || ex *om. Cl P3 R* || inparitanam *H* 2 Ierundensium *Ca Ma H P1*
D1 Or¹ Or², hierundensium *Fl*, ierundensem *Ch Cl P3 R* || quo] ubi *Co A P2 Ch Cl P3 R*, qui *B1*
Fo H || huiusmodi *om. Co A P2 Ch Cl P3 R* || muneribus *Pa* 3 perpetravit] consummauit *Co*
A P2 Ch Cl P3 R, perpeussus est *D1^{a.c.}* || Cucufatus *H* 4 parcinona *H* || populosa *Co A P2 Ch*
Cl P3 R, popusissima *B1^{a.c.}* || remanes *Fo* 5 aeterna] uitam aeternam *D2 Or¹ Or²* || multis
modis *Fo* || cum *om. Pa* 6 et apertissima *om. H* || inrestibili *D2* 7 in tenebris latere
transp. Ca || in² *om. P1 Fe^{a.c.}* 8 curationum gratiam *transp. A* || curatonum *R* || fideliter *om.*
B2 || de quacumque *om. Fe^{a.c.}* 9 aegrimonia] egritudine *B2 Fo* || salutem] satem *Fl* ||
transp. exposceret post fideliter *B3* || non *om. Pa* 9-10 *transp.* et uirtute post Christi *Co A*,
post Domini *B3* 10 Domini] Ihesu *A Fo*, *add.* nostri Ihesu supra lin. *Ca*, *add.* Ihesu post
Domini *B2 D2*, *add.* nostri Ihesu post Domini *Or¹ Or²* || Christi *om. Ch R* || perciperet] exciperet
Pa || quoque] uero *Pa* || pellebat] ponebat *B1*, expellebat *Ch P3 R* 11 *add.* non ante
confitentes *Fl* || uirtutes *Ma* || Domini] Christi *Co A P2* || a *om. Ca Fo* || etiam... perturbabat] eos
ab obsessis corporibus perturbabat *B2* || etiam *om. Pa* || finibus *om. Pa* || ac turbabat *Pa*,
proturbabat *B3*

5. Quae audiens proconsul Galerius directis militibus sibi eum iussit offerri. Cui suis tribunalibus assistenti dixit: “Cuius numinis, insanissime, rebellio patrocinium excolis, qui, ut comperi, inuictissimorum principum iussis oboedire contemnis et deorum maximorum omnipotentiae cultum impendere refugis?” Ad quem sanctus Cucufas ingenti constantia respondens: “Quorum me,” inquit “insipientissime, simulachra iubet adorare et quibus me cultum imperas exhibere, qui non Dei arbitrio sed astu iniquissimae fraudis diabolicae et stoliditate stultissimorum hominum tibi que similium sunt adinuenti atque compacti?” Qua uoce responsionis Galerius proconsul, nimio furore succensus et se ipsum ab ira non capiens, grauissimam eum iubet subire sententiam tradensque illum tortoribus dixit: “Tamdiu torquete eum quousque spiritum eius extorquetis ab eo.” Sanctus autem Domini, cum a duodecim militibus uicissim prolixius et exquisita crudelitate grauissime torqueretur in tantum ut eius interanea nimia et durissima flagellorum tortione corpore disrupto parerent, clamauit uoce magna dicens: “Domine Ihesu Christe, qui omnia tuo praecepto fundasti et me de fragilissimo limi puluere in solidam materiem et intellegibilem creaturam formasti, ut potentiam tuam intellegens haec pro te ualeam et libentissime desiderem sustinere, qui cuncta prospicis et me pro tuo sancto nomine certantem cum diabolo et ministris eius atque doloribus carnis attendis, ostende uirtutem tuam incredulis,

5 15 *omnia...fundasti*: cf. Ps 88, 12 15-16 *me...formasti*: cf. Gn 2, 7

5 1 quae... offerri *om. B1, add. Galerius proconsul supra suis tribunalibus B1² || Galerius consul B2 || Galerius proconsul transp. Pa || add. suis post militibus B3 Pa || offerri] exhiberi Co A P2, praesentari iussit B2, offerre B3 2 assistenti Or¹ || cui Co || rebellio om. D2 || patrocinium] abhinc subuenit O 4 potentiae D1 || ad] at H 5 cucufas R || add. cum ante ingenti Co A P2 B2 || respondens] respondit Co A P2 || quorum] quae H || insipientissime om. Ca 6 iubet Co 7 astu] fastu Fl, astucia O, arte B2 Fo Ch Cl P3 R || iniquissimae] nequissime B2 P3 R, iniquissimo H || fraudis Fo || stoliditate Fe^{a.c.} 8 aduenti Ca B1^{a.c.}, inuenti A P2 Or¹ Or² 9 proconsul om. Co A P2 || ab] prae B2 || non capiens] concapiens Fl 10 eum om. Pa || add. illum post subire Pa || sententiam Fo || tradensque] tradens Ca || illum] eum B3 12 domini om. Fo || a om. B1^{a.c.} 13 interanea eius transp. B3 || interanea] interiora Ca A^{p.c.} B2 H^{p.c.} D1, interiora eius Pa 13-14 flagellorum tortione] flagellatione portiorum B1 14 parerent] paterent Fo P3 R D2 15 praecepto tuo transp. B2 16 materiem Fl Ca, materiam Co A Or²^{a.c.}, om. P2 || telligibilem Fl^{a.c.} || omnipotentiam P1 Fe D1 D2, prouidentiam Ca 18 nomine sancto transp. Ma || certantem] certamen Fo || add. certamen post certantem B3 19 dolibus Pa^{a.c.} || attendis] arcendis H*

20 qui nomen tuum persequuntur, ut uidentes mirabilia tua aut credant et conuertantur
aut pereant et destruantur. Impiissimum uero Galerium qui sic rabide insaniuit in
seruum tuum, si non est praedestinatus ad uitam, diuino citius interime gladio.”
Cumque impiissima caesura uiscera eius in terram effusa essent et haec ab eo uerba
orationis completa fuissent, uidentes milites qui eum torquebant intestina sancti uiri
25 profusa in terram caecati sunt; et Galerius proconsul cum omnibus idolis suis
quibus electum Domini sacrificare cogebat repente consumptus est. Beatus quoque
martyr Christi uiscera in aluum ad horam recepta citius est dicto operatione diuina
sanatus.

6. His ita gestis beatus Cucufas expansis ad caelum manibus ait: “Gratias tibi ago
omnipotens Deus et saluator mundi, qui ab aeterno et nunc et permanes in
aeternum, qui in te credentium preces non despicias, qui ubique totus mihi hic
adesse dignaris, qui ea manu potentiae qua me primo plasmasti modo iterum quasi
5 a nouo tua omnipotenti gratia reformasti et persecutores tui nominis euertisti et

6 2-3 *ab aeterno... in aeternum*: cf. I Par 16, 36 3 *ubique totus*: Aug. *conf.* 1.3.3

5 20 ut] et *B1^{a.c.} P2* || et] au *H* 20-21 et conuertantur *om. B2* 21 pereant et *om. B1* ||
et] aut *H* || impiissimus uero galerius *B2* || uero] autem *Pa* || rabide] rapide *Fl* 22 cicius *O*
Pa || interime] perime *Co A P2*, interimatur *B2 Fo* 23 *add. in supra lin. ante impiissima B1* ||
caesura] cesaria *B1*, censura *Ch* || uiscera... essent] effusa in terram essent interanea *B3* || terram]
terra *O Co* || *transp.* in terram *post* essent *Ca* || fuissent effusa *Co A P2* 24 esset *H^{p.c.}* ||
completa] inpleta *Pa* || milites *om. Fo* 25 in *om. H^{a.c.}* || excecati *Co A P2 Fo* || idolis] diis *Ma*
a.c. 26 dilectum *Pa* || repente *om. H* || quoque] uero *B2* 27 uisceribus *Ca B2 B3 Fo Ch P3*
R D1 D2 Or¹ Or² Pa || *transp.* ad horam *post* uiscera *P2* || aluum] altum *P1*, aluo *D1^{p.c.} Or¹ Or²*
|| recepta] receptis *Ca B2 B3 Fo Ch P3 R D1 D2 Or¹ Or² Pa* || citius dicto est *Ca*, dicto citius
diuina est operatione saluatus *Co A P2*, dicto est citius *Fo*, dicto citius est *R P3 Ch, transp.* est
post sanatus *D1 D2 Or¹ Or²*

6 1 cuphas *Ca^{a.c.}*, Cucufatus *H^{p.c.}* || *add. iterum ad caelum post manibus Ca^{a.c.}, transp. ad*
caelum *post* manibus *Ma B2 Fo D2* || ago tibi *transp. Pa* 2 *add. es ante ab Ca Ma* || et nunc
et] eternus *H* || et² *om. B1^{a.c.} Fo* || et³ *om. D1 B2 B3* || *add. semper ante permanes Pa* ||
permanens *Fl* 2-3 in aeternum] *des. Fe excisso folio* || *add. usque supra in aeternum Ca*, in
eterno permanes *Co*, in eternum permanens *transp. A P2*, in eternum permanens *Ch Cl P3 R*,
usque in eternum permanens *D2 Or¹ Or²* 3 qui *om. R P3 Ch Cl* 4 qui ea] quia *Co A P2* ||
add. tuae post potentiae Co A Cl || qua] qui *P1^{a.c.}* || primum *Co* || iterum *om. Ca* 5 a] de *Or²*
|| noua *Pa* || potenti *Fo* || et¹ *om. P2*

dispersisti.” Tunc omnes populi dederunt laudem Deo et cum omni uirtute tollentes uoces in caelum dicebant: “Tu es uerus Deus, quem sanctus Cucufas colit. Tu es Deus et non est alter, qui facis mirabilia haec. Tu es Deus uiuus et uerus regnans in saecula saeculorum.” Tunc sanctus Cucufas silentium annuens cum ab
 10 huiusmodi clamoribus populi quieuisent ait: “Ecce ipsi uidetis quanta mirabilia fecit Deus uerus quem praedico uobis. Et ideo, fratres carissimi, relinquit manufacta hominum quae sunt sine uoce, sine auditu, sine gressu et sine aliquo intellectu atque aliena omni uirtute, quae sibi non possunt consulere et colentibus se probantur perditionem aeternam acquirere.”

7. Interea perlata sunt haec ad praesidis Maximiani notitiam, datque idem iussionem omnibus rei publicae agentibus actiones ut sacratissimum testem Domini comprehendentes cum summa districtione uinculatum suae exhiberent praesentiae. Quem uiri et potestate et crudelitate caeteris in officio

6 7-8 *Tu es Deus et non est alter*: cf. Is 45, 6 8 *qui facis mirabilia haec*: cf. Ps 76, 15 9 *silentium annuens*: cf. Act 12, 17

6 7 uoces] laudes *O*, uocem *H* || in] ad *Pa* || coelo *B3* || cucufas sanctus *transp.* *B1* 7-8 Tu es uerus Deus... colit *om.* *Pa* || Tu es uerus Deus... mirabilia haec *om.* *Co A P2* 9 *add.* manu ante annuens *D2* || innuens *B2 Fo H DI* || cum *om.* *Pa* || ab] ad *DI* 10 huiusce *O B1 B3*, huiusmodi *Cl*, huius *H* || clamorem *DI* || *add.* ut supra lin. ante populis *Pa^{p.c.}* || populi] saeculi *H* || quiescent *Fl^{a.c.}* || mirabilia *om.* *B1 sed add. ad marginem* 11 facit *Co A P2 Ch Cl P3 R* || uerus deus *transp.* *Ca* || uobis] nobis *R* || *add.* credere uos oportet in eum et ipsum adorare post uobis *Fl Ca Ma B3 Ch Cl P3 R* || *transp.* ideo post fratres *Fo* || carissimi *om.* *B2 Fo* 12 *add.* idola ante manufacta *B3 Or¹ Or²* || gressum *A^{a.c.}* || et *om.* *Ma* || aliquo *om.* *H* 13 intellectu *om.* *B1* || *add.* ab ante omni *B2 Fo H D2 Or¹ Or²* || non] nec *B1* || se colentibus *transp.* *B1* || colentibus] dolantibus *DI* || aeternam perditionem *transp.* *H* 14 aeternam perditionem probantur *transp.* *Co A P2* || acquirere] dare *Ca*
 7 1 maxima *Pa^{a.c.}*, maximiniani *D2^{a.c.}* || notitiam] nocenciam *Pa^{a.c.}* || datque idem] qui mox dedit *D2 Or¹ Or²* 2 puplice *Cl* || actionem *H* || actionem agentibus *Ca* || domini teste *transp.* *D2* 3 comprehendentes *D2^{a.c.}* || praesentiae] potentiae *Ca*, sententiae *B1* 4 ceteros *B2*, ceterorum *Pa*

5 praecellentissimi Actransius et Niloximus corripientes, grauissimo catenarum
 pondere fatigatum, ad Maximiani praesidis concilium perduxerunt. Cui
 Maximianus ait: “Vnde es tu? De istis locis an de alia regione?” Sanctus Cucufas
 accinctus Dei potentia respondit: “Cur inquiris generationem et patriam meam
 quam tibi Deus manifestare non uoluit?” Cui ait Maximianus: “Et quem Deum te
 10 habere fateris?” Sanctus Cucufas dixit: “Quare sub dubietate de Deo interrogas
 quasi aut plures dii sint aut ipse qui est Deus diuisus sit? Ego enim deum alium
 nescio praeter Dominum qui est Deus uiuus et uerus, qui fecit caelum et terram,
 mare et omnia quae in eis sunt, quem corde credo, ore confiteor et omni studio
 praedico.” Maximianus dixit: “Si uerus Deus est ille tuus quem dicis, modo ueniat
 15 et eripiat te de manibus meis et de praeparatis tibi tormentis.” Respondens sanctus
 Cucufas dixit: “Et quae mihi praeparata sunt, nefandissime? Te enim et patrem
 tuum diabolum cum omnibus exquisitis suppliciis, quae mihi ut minister satanae
 irrogaueris, irrideo, insulto atque per uirtutem nominis Domini mei Ihesu Christi
 despicio.” Maximianus dixit: “Conspicio in te, infelix, grauem esse pertinaciam

7 13-14 quem corde... praedico: cf. Rm 10, 8-10

7 5 praecellentissimi] precedentissimi *Fl*, praecellentes *B2* || et nilonixius actransius *Fl*,
 niloxius ac trasius *B3* || actraxius *Ca B2 Fo*, actrasius *O R P1 D1 D2 Or¹ Or²*, atrasius *Co A P2*
Ch Cl P3 Pa, actraspnos *B1*, acipasius *H* || inloximus *Pa* 6 presi *Or²* || consilium *P1 D1* ||
 perduxerunt concilium *transp. Co A P2* 7 an de] unde *Fl^{a.c.}* 8 accinctus Dei potentia *om.*
Ca || potentia] patientia *H* || respondens] ait *Fo* || cur] cum *H^{a.c.}* || *add.* meam *post* generationem
Pa || *transp.* meam *post* generationem *Ca Co A P2 Fo* 9 *transp.* tibi *post* manifestare *Fo* ||
 manifestare Deus *transp. Fl Co B1 B3 Cl P3 R*, Deus tibi manifestare *transp. A*, manifestare tibi
 deus *P2* || Deus *om.* *Ma* || nolui *Ma*, noluit *Co A P2 B3* || *add.* ait *post* Maximianus *Ca*, cui
 Maximianus dixit *Co A P2* || te] tu *O* 10 habere] colere *D2 Or¹ Or²* || habere te *transp. A B1*
P2 || fateris] asseris *Co A P2* || dixit] respondit *Ma Co A P2*, ait *D1* || de deo *om. D1^{a.c.}*, *transp.*
post quare *B2* 11 aut¹ *om. H* || sint] sunt *P2^{a.c.}* || aut² *om. D2^{a.c.}* || deus est *transp. B2* || Deus
om. B3 || alium deum *transp. Co A P2 B2 Fo H* || alium] alienum *Ch^{a.c.}* 12 praeter] propter
Fl || et uerus *om. Ca*, unus et uerus Deus *Co A P2*, uiuus et *om. Ch Cl P3 R* 13 mare *om. P1*
D1 D2 || credo corde *transp. Co* || *add.* et *post* credo *D1 D2* 14 dixit] ait *D2* || uerus est deus
transp. Ch Cl P3 R || uerus] uere *Ch^{a.c.}* || *add.* et *post* credo *Or¹ Or²* || dixit] ait *Or¹ Or²* || *transp.*
 tuus *post* Deus *B2 Fo* || *add.* ille *post* tuus *sed expunctum Co* || tuus *om. Ca* || *add.* tu *post* quem
Ca || dicis] colis *Pa* 15 te eripiat *transp. B2* || *add.* autem *post* respondens *O* || sanctus *om. A*
 16 dixit] ait *Ca* || *add.* a te *post* quae *Pa* || mihi *om. B3* || parata *Pa* || *add.* non timeo *post*
 nefandissime *Pa* 17 *transp.* omnibus *post* exquisitis *A* || supplicis] tormentis *B2* || mihi ut
om. Pa 18 interrogaueris *Pa* || uirtutem] uir *B1^{a.c.}* || nominis *om. Ma Pa* || mei] nostri *Ma B1*
 19 conspicio *Or¹* || *transp.* in te *post* grauem *Ca* || in *om. Pa* || *add.* in *ante* grauem *Pa* ||
 conperticaciam *P2*

20 quoniam arte maleficii tui deos nostros conculcasti.” Sanctus itaque Cucufas
 subridens ait: “Vere, miser, arbitrabar te aliquam particulam habere scientiae, sed
 ut intueor summae dementiae es et extremae miseriae, qui derelinquisti uelis nolis
 Dominum Deum tuum et adoras thecas daemoniorum, quibus secundum
 imprecationem scripturae tu similis es, quorum ducatum tenet princeps uester
 25 diabolus. Insuper etiam minis terri aestimas seruum Dei.”

8. Tunc Maximianus, furia daemonicae arreptus insaniae, iussit eum in craticula
 assari et ambustum sinapi et aceto perfundi. Sanctissima autem Domini hostia,
 inuictissimus scilicet miles Christi Cucufas, psallebat dicens: “*Exaudi, Domine,*
iustitiam meam, intende deprecationem meam, auribus percipe orationem meam,
 5 *non in labiis dolosis*” et sequentia usque ad finem psalmi. Cumque explicuisset
 psalmum, ita sanus est factus uelut is qui nihil est nocitus. Ministri uero poenarum
 ab eodem igni consumpti sunt. Nuntiantur nihilominus et ista praesidi Maximiano.
 Qui furorem furori adaugens iubet triumphantem Domini bellatorem ferro uinctum
 suis aspectibus praesentari, cui et dixit: “Multum malorum tuorum praestigia
 10 praeualent. Per deos magnos faciam te iniquissimis tormentis interimi.”

7 23-24 quibus secundum... similis es: Ps 113, 16 8 3-5 Exaudi... dolosis: Ps 16, 1

7 20 nostros] meos B2 || cucaphas Ch 21 ait arridens Ca || aliqua P1 || particulam] partem
 Ca, -ar- n. l. B1 || transp. habere post te Pa 22 ut n. l. B1 || intueor Fl P1, perspicio Co A P2 ||
 qui] quid P1 ^{a.c.} || uelis nolis eras. P1, om. B1 B2 B3 Fo Ch Cl P3 R D1 D2 Or¹ Or² 23
 demonium Co, demonum Cl 24 imprecationem] praedicationem B2 Fo, precatationem B3 ||
 add. diuinae ante scripturae Co A Ch Cl P3 R || tu om. Ca 25 existimas B3, estimans H ^{a.c.}
 8 1 tum Ch Cl P3 R || transp. daemonicae post arreptus Ca || daemonicae B2 Fo H Or¹ Or¹
 || caticula P1 ^{a.c.} || transp. eum post assari Ca 2 combustum Ch P3 R || sinape Co A P2 P1
 D1 D2 Pa, synape Or¹ Or¹, synapi B1 || Domini] dei Co A P2 || hostia Domini transp. Ca 3
 scilicet] uidelicet Or² || miles] martyr B2 4 deprecationem] orationem Pa 5 ad] in Ca Ch
 P3 R || transp. psalmi post sequentia Co A P2 || cum B3 || explesset Fo, expleuisset Or² 6
 est] add. supra lin. Ca || factus] effectus Co A P2 ^{p.c.} B2 Fo || factus est transp. B3 || uelut is]
 quasi Co A P2, ueluti Pa || uelut si nichil fuisset nocitus D2 Or¹ Or² || his Fl || est] esset Co A ||
 nocitus] lesus Ch Cl P3 R 7 eodem] dem H ^{a.c.} || igne Co A B2 D1 Pa || nuntiauerunt H ||
 transp. nihilominus post et ista B2 || maximiano praesidi transp. Pa || praesidi] praesuli B1 8
 furori om. B2 Fo || adaugens] adiungens Co A P2 D1 Pa 10 ualent Co A P2 || iniquissis Pa
 || interimi] finiri Fo

Sanctus Cucufas respondit: “O uirosa lingua diaboli, ut quid sine actu minaris?
Quae acturus es age, quoniam nullae sunt apud me minae tuae.”

9. Tunc Maximianus iussit ignem copiosum extra ciuitatem fieri, ut sanctum Dei
martyrem concremaret. Cumque eum officiales proiecissent in ignem, eleuans
beatus Cucufas ad caelum oculos dixit: “Adesto nunc mihi, Domine Ihesu Christe,
qui in fornace ignea tribus fidelibus tuis pueris adfuisti et in te credentibus aeternos
5 et intolerabiles ignes gehennae tuo sanguine extinxisti, ad quos pergere non timet
impiissimus praeses Maximianus. Qui uisa modo tua potentia confundatur.”
Oratione autem completa ita omnis ignis extinctus est ut nec tepor quidem incendii
superesset et ipse beatissimus ab omni uapore flammae illesus atque intactus
apparuit. Qui erumpens in laudis diuinae uocem ait: “*Transiuimus per ignem et*
10 *aquam et eduxisti nos Domine in refrigerium.*” Cernens haec Maximianus confusus
dixit custodibus: “Ferro uinctum reducite eum in custodiam donec excogitemus
noua genera tormentorum.”

9 4 *qui in fornace ignea... adfuisti: cf. Dn 3*

8 11 respondit] dixit *H* || diaboli lingua *transp. A* || diaboli *om. D2^{a.c.}* 12 *transp. sunt*
post me H || *me om. Or¹* || minae] irae *Ca* || minae tuae] in metu *H*
9 1 tum *O Ma H^{a.c.} P1 Fe D2* || copiosum *om. Pa* || *transp. fieri post ignem Pa* || extra *n. l.*
B1 2 in ignem proiecissent *transp. Or¹ Or²* || eleuatis *B3* 3 oculos ad celum *transp. D2*
Or¹ Or², eleuans ad celum *transp. Pa* || oculos] *om. Pa^{a.c.}*, *add. supra lin. post ad celum Pa^{p.c.}*,
oculis *B3 Cl* || nunc *om. B3* || mihi nunc *transp. Ca Fo Ch Cl P3 R* 4 *transp. pueris post*
adfuisti *Ca* 5 ignes *om. Pa^{a.c.}*, *add. ad marg. post gehennae Pa^{p.c.}* || gehennae ignes *transp.*
B2 || extinsisti *Pa* || pergere] perungere *Ca^{a.c.}* 6 qui] ut *Co A P2 Ch Cl P3 R* || *add. iterum*
impiissimus *Ca^{a.c.}* || modo *om. Pa* || *add. magna ante potentia Ca* || potencia tua *Pa* || potentia]
magnificentia *Co A P2* || confundantur *P1^{a.c.}* 7 ignis] *om. H* 8 superesset] remaneret *Co A*
P2 || beatissimus] sanctus *B2* || flammae] flamine *Ca* || *transp. atque intactus post apparuit B2*
9 *transp. uocem post erumpens Pa* || diuinae] dominicae *B2*, diuina *Pa* 10 *transp. Domine*
post refrigerium Ca || Domine *om. Co A P2 B2 Pa* || *transp. confusus post custodibus Co A P2* ||
dixit] ait *Co A* || ferro] ferre *P2* || uinctum *Ca^{a.c.}* || reducite] adducite *P2^{a.c.}*, ducite *Pa* || donec]
done *Fl* || excogitem *Co A P2*, excogitetis *H*

10. Retruditur equidem sanctus Dei martyr grauissimo ferri et catenarum pondere
 oneratus. Et cum ingrederetur uesperis carcerem psallebat dicens: “*Dirigatur,
 Domine, ad te oratio mea sicut incensum in conspectu tuo, eleuatio manuum
 mearum sacrificium uespertinum.*” Clauso siquidem ostio carceris tantus splendor
 5 ibidem refulsit ut eodem lumine custodes carceris uiso crederent in Dominum
 Ihesum Christum. Sane sanctus Cucufas post multa fidei documenta coepit gratias
 agere Deo dicens: “Satia Christe animas esurientium te et sitientium sanguinis tui
 recreationem.” Cum haec sanctus martyr oraret, ualde diluculo Maximianus,
 transmissis apparitoribus, beatum Dei famulum sibi iussit offerri; cumque ei fuisset
 10 oblatum interrogauit illum dicens: “Adhuc perseueras in insania tua quam coepisti et
 non reuerteris ad sanam mentem tuam?” Sanctus Cucufas respondit: “Insania te
 possidet, qui patris tui diaboli iussa perficis et quis sit uerus Deus agnoscere
 dedignaris, unde et hanc multitudinem quam tibi aggregasti tecum perire facis.”

10 1 retraditur *Fl^{a.c.}* || equidem] autem *B2 Fo, om. P1 D1*, itaque *D2* || grauissime *O* || ferri et
om. B2, transp. post martyr Fo || et *om. H* || pondera *Fl* 2 honeratus *Ca* || *add.* in carcerem
post oneratus D2 Or¹ Or² || uespere *Ca Co A H* 3 *transp.* Domine *post ad te Ch Cl P3 R* ||
transp. ad te *post mea D1* || ad te *om. B2 Pa* || sicut *Pa* 5 refulsit ibidem *transp. B2 Fo* ||
 custos *B1* || uise *Fl^{a.c.}* || uiso carceris *transp. D2* || crederet *B1* || in *om. Ca* || *add.* nostrum *post*
 Dominum *Ca* 6 documenta] *add. supra lin. Ca* 6-7 agere gratias *transp. Ca* 7 satia
 Christe] saciasti pane *Ch Cl (sat-) P3 R* || te *om. B1* || tui sanguinis *transp. Ca Co A P2* 8
 recreationem] remunerationem *Co A P2*, recreatione *Ch Cl P3 R H* || orasset *Co A P2* ||
 Maximianus *om. B1* 9 missis *B1 H D1^{a.c.}* || *add.* suis ante apparitoribus *Co A P2* ||
 aparitoribus *P1^{a.c.}* || *add.* praecepit ante beatum *B2* || iussit *om. B2* || iussit sibi *transp. H* ||
 offerri] ostendi *Co A P2* || ei] illi *D2 Or¹ Or²* || fuisset ei *transp. H* || exhibitus fuisset *Co A P2*
 10 illum] eum *Co A P2 Cl* || tua *om. Co A P2 B2 B3* || qua *Ch Cl P3 R* 11 tuam *om. Co A*
B2 || respondit] dixit *H* 12 quis] qui *Ma Co A P2 B1 B3 P1*, quid *Pa* || diaboli *om. Ca* || Deus
 uerus *transp. Co A Fo B3 Ch R H* 13 multitudinem] similitudinem *H* || facias *B2 Ch^{a.c.}*

11. Hanc autem responsionem grauissime ferens Maximianus dixit militibus: “Caedite eum cardis ferreis et taureis, ut exterminetur caro eius.” Dumque seruus Domini caederetur suspiciens in caelum cum grandi fletu dixit: “Gratias tibi ago omnipotens Domine meus Ihesu Christe quia appropinquauit mihi gratia tua.

5 Exaudi Domine preces serui tui et da confusionem huic impiissimo Maximiano, ut omnes qui credunt te uerum Deum uideant mirabilia tua et corroborentur in fide sua.” Cumque complisset orationem audita est uox de caelo dicens: “Quodcumque petieris dabitur tibi secundum fidem tuam.” Et cum hoc audisset sanctissimus Dei martyr orare coepit dicens: “Confirma hoc Deus quod operatus es in nobis.

10 Corroborata cor meum et da uirtutem seruo tuo ad superanda omnia tela nequissimi inimici, quia ego te uerum Deum cognoui. Praesta Domine ut tyrannus Maximianus, si tuo iusto iudicio ut saluetur non potest conuerti, intereat celeriter cum patre suo diabolo et omnibus idolis suis.

12. Maximianus denique aras ornari iusserat, ut idolis sacrificia offerret cum sacerdotibus, et ascenso curru illoque tendens in medio fori, nutu diuino, in terram cecidit et miserabiliter crepuit sicque mortuus est. Idola quoque quibus ire

11 1 autem *om.* B2 Pa 2 eum *om.* B1 || *add.* cum *ante* cardis Co A P2 || cordis Ca || taureris Ch^{a.c.} || caro eius *om.* Ca || cumque Or¹ Or² 3 Domini] dei Co A Or¹ Or² || in *om.* Ma, ad Ca B1 B3 H Ch Cl P3 R Pa || dixit] ait Or¹ Or² 4 *add.* deus *post* Domine B1 || Domine] Deus Ch D1, *om.* P1 D2 Or¹ Or² || meus *om.* Fo || adpropinquabit B1 5 praeces P1^{a.c.} 6 te credunt *transp.* B1 || deum uerum *transp.* Ch P3 R D2 || corroborentur] corrientur H^{a.c.} 7 sua] tua Fl^{p.c.} Ca Co A P2 B3 Fo D1 || de caelo *om.* Pa 8 fidem tuam] cor tuum Pa || et *om.* Co B2 || et cum] cumque A P2 Ch P3 R || hoc] haec O H, *transp.* ante dei B1 || audisset] dixisset Pa || sanctissimus] sanctus Ca B2, beatissimus A, -antissimus n. l. B1 *sed supra lin.* *add.* sanctus cucufas B1² 9 orare coepit] orauit B2 || dicens n.l. B1 *sed add. supra lin.* B1² || oportatus Ca^{a.c.}, -tus es n.l. B1 *sed add. supra lin.* B1² 10 et da n. l. B1 *sed add. supra lin.* B1² || superanda] -a n.l. B1 *sed add. supra lin.* B1² || tela omnia *transp.* Ma || nequissimi *om.* Pa 11 ego n.l. B1 *sed add. supra lin.* B1² || deum uerum *transp.* B2 || Domine *om.* Pa || *add.* mihi *post* praesta Pa || ut] n.l. B1 *sed add. supra lin.* B1², *om.* H^{a.c.} 12 iusto] -sto n.l. B1, *add.* detur *supra lin.* B1² || iudicio iusto *transp.* H || conuerti] -uerti n.l. B1, *add.* dat ut *supra lin.* B1² 13 *transp.* suo *ante* patre Ca^{p.c.} || idolis] dolis H || suis] eius B2

12 1 denique] itaque D2 || aras] oras Pa || *transp.* aras *post* iusserat B2 || iussit H^{a.c.} || idolis *om.* H || *transp.* idolis *post* sacrificia A P2 2 ascens Ma^{a.c.} || illique Fl^{p.c.}, illo A^{a.c.} B2 Or¹ Or², illo qui H || tendens] tendus Fl^{a.c.}, pergens Co A P2 || medium H^{p.c.} || foro Co A P2 B1 3 cecidit] decidit H || miserabiliter] mirabiliter B2 Fo || quoque] uero Co A P2 || ire *om.* B2 B3 Fo H^{a.c.} || 3-4 quibus ad immolandum ire uolebat Co A P2 Ch Cl P3 R

perrexerat immolare corruentes in puluerem sunt redacta. Tunc omnis populus
 5 intolerabili ferme uociferatione coepit adorans clamare et dicens: “Magnus est
 Deus Cucufatis et uerus Dominus Christianorum ac potentissimus liberator eorum.”
 Sanctus namque Cucufas ita exorsus ait: “Tibi laus, Domine Deus meus Ihesu
 Christe, tibi gloria, tibi omnis debetur honor et adoratio, tibi Deus omnipotens
 gratiarum actiones persoluo, te intra extraque glorifico qui incredulos destruis et te
 10 diligentes glorificas.”

13. Tunc Rufinus, qui ciuitati praeesse uidebatur, coepit suadere populo dicens:
 “Quare degeneres paterni cultus et perfidi estis et generationi uestrae datis
 opprobrium deserentes deos magnos et adoratis quem nescitis?” Responderunt
 omnes et dixerunt: “Cur nos hortaris seruire illis qui non sunt dii, sed opera
 5 manuum hominum? Nam credere nos oportet in eum et ipsum adorare quem
 sanctus Cucufas adorat et confitetur.” At Rufinus, diaboli exagitatus dementia, sic
 ait ad sanctissimum Cucufatem: “Nequissime, ut quid facis tantam multitudinem

12 4 perrexerat] ceperat *Pa* || corruentes] corruentia *Ca P2 B2 B3 Fo Ch Cl P3 R D1 D2 Or¹ Or² Pa* || *transp.* sunt ante in puluerem *B2* || redacta sunt *transp.* *Co A P2* 4-6 tunc... liberator eorum *om. P1 D1 D2 Or¹ Or²* 5 ferme] *om. Ca, fere Co* || uociferatione *Ch* || dicens et clamare *H* || dicens] dicere *Fo Ch P3 R* 6 Cucufatis *om. Co A P2* || et *om. H* || *add.* est post uerus *Ch P3 R* || christianorum dominus *transp. Ca, transp.* christianorum post Deus *Co A P2* || et] ac *Co A P2* || ac] et *Co A P2* 7 *transp.* namque post Cucufas *H* || namque] quoque *Co A P2 Ch Cl P3 R*, itaque *B2*, autem *P1 D1 D2 Or¹ Or²* || Deus *om. Ca B1 Pa B2* || Deus meus *om. H* || meus] mi *Ca* 8 debetur omnis *transp. Ca Ch P3 R* || adoratio] oratio *Ca Pa* || Deus omnipotens *om. Ca* 9 intra extraque glorifico *om. Co A P2*, intra intraque *B1* || intraque] utquam *H* || te *om.*

13 1 ciuitate *Fl A^{a.c.} P1* || praeesse uidebatur] praeerat *B2* || praeesse ciuitati *transp. Ca* || uidebatur] uidebatu- *n.l. B1, add.* dinoscit *supra lin. B1²* || populum *Fl* 2 quare *n.l. B1, add.* cur uos *supra lin. B1²* || *add.* et post degeneres *Pa* || paterni *Fl^{a.c.}* || perfidis *n.l. B1* || generationis *Ca*, generacionis *Pa* 2-3 datis opprobrium *om. Ca* 3 opprobrium *n. l. B1* || magnos deos *transp. Pa* || *transp.* et ante deserentes *Or¹ Or²* || adoratis] ador- *n.l. B1, sed add. supra lin. B1²*, adorantes *B2 H Pa* 4 omnes *n.l. B1, sed add. supra lin. B1²* || *transp.* omnes post dixerunt *Ca* || *add.* credere et post hortaris *Co A* || illis seruire *transp. Pa* || seruire] ser- *n.l. B1, sed add. supra lin. B1²* || *add.* credere et post hortaris *Co A* || opera] o- *n.l. B1, sed add. supra lin. B1²* 4-5 cur... hominum *om. D2^{a.c.}* 5 nos *om. Ca* 6 adorat et *om. Ca* || confitetur] ueneratur *B2 Fo* || at] aut *A^{a.c.}* || exagitatus diaboli dementia *transp. Co A P2* || dementia] clemencia *Pa* 7 sanctissimum] sanctum *A P2 Ch Cl P3 R* || nequissime] o impiissime *Co A P2*

deos maximos blasphemare et nescio cuius nomen qui dicitur Christus confiteri?”
Respondit ei sanctus Cucufas dicens: “Nos confitemur uiuentem et adoramus
10 immortalem. Vos uero adoratis eos qui sine auditu et uoce sunt, cum quibus
damnandi estis in iudicio sempiterno.”

14. Audiens haec Rufinus dixit spiculatoribus: “Istum rebellem nisi gladio
animaduerterimus nequaquam uincere poterimus.” Et dictauit sententiam dicens:
“Cucufatem rebellem nostrorum principum qui diis magnis sacrificare despexit
gladio praecipimus percuti.” Spiculatores uero, accepta sententia, eicientes eum
5 extra ciuitatem, perduxerunt illum octauo ab urbe miliario in locum qui dicitur
Optianus, ut ibi eum iuxta praeceptum praesidis decollarent. Sanctus autem
Cucufas rogauit eos ut illi modicum spatium orandi concederent. Cumque petitis
lictiores praeuissent assensum, prosternens se in terram, orauit dicens: “Deus
omnipotens, Domine Ihesu Christe, qui fecisti omnia in uirtute tua et regnas cum
10 patre in sancti spiritus unitate, fac misericordiam mecum seruo tuo et suscipe
animam meam in pace, sciens quia te desiderauit ex toto corde.” Et cum complisset
orationem amputatum est ab spiculatoribus caput eius.

13 8 maximos *om. Co A P2* || *transp.* blasphemare *post* multitudinem *B3* || et nescio...
confiteri *om. Ca* || nomine *O* || Christi *Fl* 9 ei *om. Ch Cl P3 R* || respondit... dicens]
respondens sanctus cucuphas ait *Ca* || dicens *om. Ma* || *transp.* uiuentem *post* immortalem *H*
10 uero *om. Ca* || et uoce *om. Ca* || sunt *transp. post* qui *Fl Co A P2* 11 dampnabimini *Ca* ||
eterno *Ca*

14 1 haec audiens *transp. Pa* 2 animaduerterimus] *peremerimus Ca*, animaduerti
fecerimus *Co A P2*, aduerterimus *H*, animaduertimus *Ch Cl P3 R* || *add. ei post* dictauit *A* 3
cucuphantem *P3^{a.c.}* || principum nostrorum *transp. Ma Or¹ Or²* || principem *D2^{a.c.}* || despexit]
contempsit *A P2 B2 Fo* 4 uero] autem *B2 Fo, om. P1 D1 D2 Or¹ Or²* 5 illum] eum *Co A*
P2 H, om. B2 || octauo *om. O* || loco *P2^{a.c.}* 6 eum] *om. D1*, illum *B2* || iuxta praeceptum
praesidis *om. Ca* || decollarent] occiderent *Ca* || autem] uero *Co A P2* 7 illi] sibi *D2 Or¹ Or²* ||
modicum illi spacium *transp. Co A P2*, orandi spacium *transp. B2 Fo* || concederent]
condonarent *Fo*, concederent darent *H*, concederent *expunctum H^{p.c.}* || petitis] ei *Co*, illi *A P2*,
petitioni eius *D2 Or¹ Or²*, petiti *B3, om. R P3 Ch Cl* 8 praeberent *Ca* || assensum praeuissent
transp. B2 Fo || prosternens se in terram] prostratus *Ca* || se *om. Pa^{a.c.}* || terram] orationem *Co A*
P2 8-9 *transp.* deus omnipotens *post* Christe *Co A P2* 9 fecisti] facis *P1 D1 D2 Or¹ Or²*
9-10 cum patre *om. B2 Fo* 10 in] *om. Fl Ch Cl P3 R*, et *H* || *transp.* misericordiam *post*
seruo tuo *Pa* || mecum] cum *Co A P2 H^{p.c.}* *Ch Cl P3 R P1 D1 D2 Or¹ Or²* || seruo tuo *om. B2*
11 sciens *om. Co A P2*, scias *H* || desiderauit te *transp. Ca* || desidero *Co A P2* || in toto corde
meo *H* 12 ab] a *A P2 B2 Fo H Ch Cl P3 R* || *transp.* caput eius *post* amputatum *P2 H*

15. Christiani uero rapuerunt corpus eius et conditum aromatibus digna cum ueneratione sepelierunt eum die VIII kalendas augustas. In quo loco sepulturae eius uirtus Domini nostri Ihesu Christi per sanctum suum martyrem petentibus benignum praestat auditum et piae petitionis largitur effectum ad laudem et gloriam nominis
5 sui. Qui cum patre et spiritu sancto uiuit et regnat Deus per omnia saecula saeculorum. Amen.

15 1-2 cum ueneratione] conueneratione *Fo* 2 eum] *om. B2*, illud *D2 Or¹ Or² Pa* || die *om. Ca*, die VIII kalendas augustas *om. Fl*, die VII kalendas augusti *O*, die octauo *Ma*, octauo kalendas augusti *Co R Ch*, VIII kalendas augusti *A P2 B2 Fo B3 Cl Pa*, die octauo kalendarum augustarum *D1* 3 *transp.* uirtus *post loco H* || nostri *om. Ca* || *add.* spiritum *post per P2* || martireem suum *B3* 4 petitionibus *B1* || largitur *Ma*, largiter *B1^{a.c.}* || nomini *A* 5 cum... amen *om. H* || Deus *om. Ca* || et regnat Deus *om. B1* || omnia *om. B1^{a.c.}*

10. *BHL* 1998: TRADUÇÃO

Prólogo

De inúmeras maneiras se prova que é muito útil e salvífico exaltar com louvores devotos os gloriosos triunfos dos santos e dá-los a conhecer por escrito às gerações vindouras; e é-o sobretudo quando na glória deles é louvado Aquele que, admirável nos seus santos, admiravelmente levando a vitória uma vez vencido o inimigo graças ao combate dos seus soldados, com espírito ortodoxo é venerado e adorado. O seu louvor verifica-se vir a ser de tal forma salvífico que nele, por uma sorte de direito pessoal, está o caminho para alcançar a companhia dos anjos e a salvação de Deus, Jesus Cristo Nosso Senhor, que é a cabeça dos bem-aventurados membros, isto é, de todos os seus eleitos. Mas também, quando se recompõe a constantíssima fortaleza daqueles que pelejam no combate do Senhor, as nossas tépidas mentes, lamentando a sua fragilidade, ou se motivam a si mesmas com grande ardor para as lágrimas da penitência, porque agravaram com más acções, por causa de insignificantes e em nada úteis seduções dos prazeres carnis, Aquele para quem os mártires conservaram a fé, o amor e a obediência no meio de tantos ingentíssimos tormentos, ou tanto quanto podem inflamam-se para a imitação, oferecendo a si mesmas os muitos incentivos do divino auxílio. A isto acresce que a mente crente tenha ficado a saber que aqueles que mais numerosos e mais acerbos suplícios sofreram por Cristo são os que mais amplamente tomam posse da honra da assembleia celestial, e que saiba que mais facilmente alcançam aquilo que pedirem, de acordo com o testemunho da Escritura. Demais, não é sem razão que crê estarem mais inclinados e mais predispostos a ouvirem os suspiros da nossa humildade e a fazerem valer, por meio de preces, os dons da clemência divina e da sua dignidade aqueles que acredita estarem arreigados à verdade como se se tratasse de um privilégio individual, estando eles mais perto da fonte de toda a piedade e misericórdia, isto é, do nosso Salvador, ainda que Ele esteja próximo de todos os que o invocam. Motivo pelo qual não só mais firmemente os reclama com votos, depois de removida toda a sua indolente inércia ao ter tido conhecimento dos actos ou paixões daqueles de quem é bom conhecê-los, como também se esforça por associar-se a quaisquer obséquios que conseguir. O que faz com que mereça que também eles lhe sejam propícios – porque é ímpio julgar que aqueles que concederam os benefícios da piedade a perseguidores e ingratos neguem aos devotos e aos que os invocam os sufrágios da benevolência – e com que

não só neste mundo conduza com devoção uma vida no beneplácito do Senhor, como também, livre de qualquer sofrimento, possua a glória sempiterna quando se tiver juntado ao consórcio dos santos.

1. Tentemos, pois, em estilo breve, ocupar-nos dos combates que o bem-aventurado Cucufate, mártir gloriosíssimo, travou em nome de Cristo. Os seus méritos, ou melhor, a sua fortaleza na luta parece exceder a linguagem humana e a fé daqueles que não acreditam que tudo é possível para o poder divino e para quem quer que creia.

2. Este muito bem-aventurado atleta do Senhor, oriundo da cidade de Cílio e nascido, com especial magnificência entre os seus, de berço riquíssimo e nobilíssimo, mostrou-se mais nobre nos costumes e insigne na fé de Cristo.

Ele, na companhia de São Félix, daquela mesma cidade e igualmente ilustríssimo, mudou-se para Cesareia – que se encontra situada na costa da Mauritânia, na mesma margem do Mediterrâneo – para estudar as artes liberais. Ali frequentando as aulas, ao ficarem a saber pelas notícias que corriam que o fervor da perseguição, premindo com grande ardor, fervilhava nas províncias orientais sob os ministros do Diabo – isto é, os imperadores Diocleciano e Maximiano –, dirigiram-se de imediato para a costa ocidental; assumindo o título e o aspecto de comerciantes – como eram na verdade comerciantes do verdadeiro Senhor Jesus Cristo –, partiram com uma enorme e, junto dos amantes do mundo, quase incomparável quantidade e variedade de mercadorias valiosas e de vários tipos de riquezas, e também um número nada pequeno de embarcações.

E assim aportando em Barcelona, souberam que a impiedade dos príncipes supramencionados alastrava violentamente por toda a parte, de tal modo que não havia cidade, município, nem mesmo povoação ou propriedade, onde não fosse erguido um ídolo; e não era dada a quem quer que fosse permissão para viajar ou para fornecer ou abastecer de bens, a menos que sacrificasse.

3. Daí que os devotos adoradores do Senhor, compreendendo que estava iminente o momento em que o poder de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo seria revelado, e em que eles próprios, dentro de pouco tempo, conforme se desse a sementeira, semeariam em lágrimas para que colhessem em eterna alegria, começaram a dedicar-se prodigamente às obras de piedade e à generosa distribuição de esmolas que se haviam

habitado a praticar com diligência. E como dois máximos astros do céu, refulgiam com fé, castidade, temperança, brandura, inestimável caridade e bondade para com todos, ou melhor dizendo, com o esplendor de todas as virtudes. Começaram a entranhar-se muito delicada e obsequiosamente nas mentes e no amor de todos, e também a pregar a palavra da salvação aos que a eles acorriam, em privado e de casa em casa, até que conseguissem gastar em trabalhos de misericórdia tudo aquilo que haviam trazido e, assim, confessando publicamente Nosso Senhor Jesus Cristo, lograssem sacrificar-se a si próprios, como no fim acabou por acontecer.

4. Por conseguinte, por acordo mútuo, o bem-aventurado Félix foi para Ampúrias e dali fez a travessia até Girona, onde, ocupando-se de tais officios divinos, consumou o glorioso martírio. Mas o exímio combatente divino Cucufate, permanecendo na populosíssima cidade de Barcelona, derrotadas por breve tempo as coisas passageiras para que recebesse, de muitas maneiras e em maior número, as eternas, ao mesmo tempo que pregava a verdadeira fé com grande constância e de forma muito clara e irresistível, começou a resplandecer em prodigiosos milagres, porque a luz não se pôde esconder por muito tempo nas trevas. E tornou-se tão eminente na graça de todas as curas, que não havia ninguém que, sofrendo de qualquer doença ou mal, com fé lhe rogasse por saúde e não a recebesse de imediato em nome e pelo poder de Cristo Senhor. Também expulsava demónios com uma só palavra e até afastava do meio dos crentes aqueles que acreditavam no poder do Senhor.

5. Tendo ouvido estas coisas, o procônsul Galério enviou os soldados e mandou que lhe trouxessem São Cucufate. Estando este perante o seu tribunal, perguntou-lhe: “De que divindade, insaníssimo, veneras em rebelião o auxílio, tu que, como fiquei a saber, desdenhas obedecer às ordens dos príncipes invictíssimos e recusas dedicar-te ao culto da onipotência dos deuses máximos?” Ao que São Cucufate, com enorme constância, lhe respondeu: “De quem são, grande insensato, as estátuas que me mandas adorar e às quais ordenas que preste culto, que foram inventadas e fabricadas não pela vontade de Deus, mas pela astúcia da iniquíssima fraude diabólica e pela estupidez de homens estultíssimos e semelhantes a ti?” A esta resposta, o procônsul Galério, inflamado por um enorme furor e não contendo a ira, ordenou que ele fosse submetido a uma pesadíssima pena. Entregando-o aos algozes, disse: “Torturem-no até lhe arrebatarem a alma.” Ao ser copiosamente torturado por doze soldados à vez, com grande violência e

requintada crueldade, de tal maneira que as suas entranhas apareciam no seu corpo lacerado pela ingente e duríssima tortura dos flagelos, o santo do Senhor clamou gritando: “Senhor Jesus Cristo, que com o teu mandamento tudo estabeleceste e que do fragilíssimo pó da terra me formaste como matéria sólida e criatura inteligível, para que, compreendendo o teu poder, tivesse forças para desejar suportar estas coisas com toda a minha vontade, Tu que tudo vês e estás atento ao meu combate em teu santo nome contra o diabo e os seus ministros e contra as dores da carne, mostra o teu poder aos incrédulos que perseguem o teu nome, para que, ao verem os teus milagres, ou acreditem e se convertam ou pereçam e sejam destruídos. Quanto ao impiíssimo Galério, que assim raivosamente desvairou contra o teu servo, mata-o antes com o gládio divino, se não está predestinado à vida. Como as suas vísceras se espalhassem por terra por causa dos impiíssimos golpes e aquelas palavras fossem por ele concluídas, os soldados que o torturavam, ao verem as entranhas do santo homem derramadas por terra, ficaram cegos. E o procônsul Galério sucumbiu subitamente com todos os seus ídolos, aos quais forçava o eleito do Senhor a sacrificar. E demais, o bem-aventurado mártir de Cristo, recebidas naquele mesmo instante as vísceras no ventre, foi curado por acção divina mais rápido do que pode ser dito.

6. Feitas estas coisas, o bem-aventurado Cucufate, de mãos erguidas para o céu, disse: “Dou-Te graças, Deus onipotente e salvador do mundo; Tu que agora e para os séculos dos séculos permaneces; Tu que não desprezas as preces dos que em ti acreditam; Tu que, estando todo em toda a parte, te dignas a estar aqui presente para mim; Tu que, com a mesma mão com a qual primeiro me criaste, agora de novo me voltaste a dar forma com a tua graça onipotente, como que pela primeira vez, e derrubaste e dispersaste os perseguidores do teu nome.” Então todos na multidão ergueram as vozes ao céu com toda a força, dizendo: “Tu és o Deus verdadeiro, que São Cucufate venera. Tu és Deus e não há outro, Tu que fazes estes milagres. Tu és o Deus vivo e verdadeiro, reinando para os séculos dos séculos.” Então São Cucufate pediu silêncio e, quando o povo parou de clamar daquela maneira, disse: “Eis que vós próprios vedes quão grandes milagres fez o Deus verdadeiro que eu vos predico. E por isso, caríssimos irmãos, abandonai os artefactos dos homens, que não têm voz, nem ouvidos, nem movimento, nem qualquer entendimento, e são alheios a todas as virtudes, eles que não podem cuidar de si próprios e que se prova obterem a perdição eterna para aqueles que lhes prestam culto.

7. Entretanto, estes acontecimentos foram transmitidos ao governador Maximiano, e ele deu ordem a todos os magistrados públicos para que prendessem a sacratíssima testemunha do Senhor e o levassem à sua presença acorrentado com grande constrição. Atrânsio e Nilóximo, homens mais eminentes em poder e crueldade do que todos os demais naquela função, agarraram-no e conduziram-no, derreado pelo enormíssimo peso das correntes, ao tribunal do governador Maximiano. Maximiano perguntou-lhe: “De ondes és? Destes lugares ou de outra região?” São Cucufate, armado com o poder de Deus, retorquiu: “Porque perguntas pela minha ascendência e pela minha pátria, que Deus não te quis revelar?” Disse-lhe Maximiano: “E quem declaras tu ter como Deus?” São Cucufate respondeu: “Porque me interrogas com incerteza sobre Deus, como se existissem vários deuses ou como se Deus estivesse dividido? Com efeito, eu não conheço outro deus para além do Senhor, que é o Deus vivo e verdadeiro, que fez o céu e a terra e todas as coisas que neles se encontram, Ele em quem acredito com o coração, que confesso com a voz e predico com toda a dedicação.” Maximiano retorquiu: “Se é verdadeiro esse teu deus de quem falas, que venha agora e te arrebate das minhas mãos e dos tormentos para ti preparados.” Respondendo, São Cucufate disse: “E o que é que para mim está preparado, grande maldito? É que a ti e ao teu pai, o diabo, com todos os requintados suplícios que tu, como um ministro de Satanás, me infliges, eu escarneço, insulto e desprezo pelo poder do nome do meu Senhor Jesus Cristo.” Maximiano disse: “Infeliz, vejo que há em ti uma profunda obstinação, pois que com a arte da tua feitiçaria espezinhasse os nossos deuses.” Então, São Cucufate, sorrindo, disse: “Na verdade, miserável, julguei que existisse em ti um pouco de sabedoria, mas, como me apercebo, é enorme a tua demência e extrema a tua desgraça, tu que abandonaste, quer queiras quer não, o Senhor teu Deus e adoras invólucros de demónios, aos quais tu, segundo a imprecação das Escrituras, te assemelhas, e cujo comando o vosso príncipe, o diabo, detém. E ainda por cima, julgas aterrorizar com ameaças o servo de Deus.

8. Então Maximiano, arrebatado pela fúria de uma loucura demoníaca, ordenou que fosse assado na grelha e que, queimado, sobre ele fossem vertidos vinagre e mostarda. A santíssima vítima do Senhor, isto é, o invictíssimo soldado de Cristo, Cucufate, salmodiava dizendo: “*Ouve, Senhor, a minha justiça, considera a minha súplica, recebe com teus ouvidos a minha oração, não em lábios mentirosos*”, e o que se segue até ao fim do salmo. Ao terminar o salmo, foi curado como quem não tivesse sofrido nenhum

dano. Mas os carrascos foram consumidos pelo próprio fogo dos castigos. Estes acontecimentos foram igualmente anunciados ao governador Maximiano. Ele, aumentando o furor com o furor, ordenou que o triunfante guerreiro do Senhor fosse apresentado ante si acorrentado, e disse-lhe: “Muito poderosos são os embustes dos teus delitos. Juro pelos deuses magnos que farei com que sejas morto com tormentos iniquíssimos!” São Cucufate retorquiu: “Ó venenosa língua do diabo, porque ameaças sem agir? Aquilo que vais fazer, fá-lo, porque as tuas ameaças para mim nada são.”

9. Então, Maximiano ordenou que fora da cidade fosse feita uma enorme fogueira, para queimar o santo mártir de Deus. Quando os oficiais o lançaram ao fogo, o bem-aventurado Cucufate, erguendo os olhos para os céus, disse: “Acode-me agora, Senhor Jesus Cristo, tu que no forno ardente acudiste aos três rapazes teus fiéis e que para os que em ti acreditam extinguiste com teu sangue as intoleráveis chamas eternas do inferno, em direcção às quais o impiíssimo governador Maximiano não teme avançar. E que agora mesmo fique perplexo ao ver o teu poder. Feita esta oração, todo o fogo se extinguiu, de tal modo que do incêndio não restou sequer um pouco de tepidez, e o próprio muito bem-aventurado surgiu ileso e intocado pelo calor das chamas. Ele, rompendo em palavras de louvor a Deus, disse: “Atravessámos fogo e água e conduziste-nos ao refrigério.” Ao presenciar estas coisas, Maximiano, perplexo, disse aos guardas: “Levai-o acorrentado de volta para a prisão, até que pensemos em novos tipos de tormentos.”

10. O santo mártir de Deus foi então encarcerado, carregado de pesadíssimas correntes de ferro. Ao entrar no cárcere ao anoitecer, salmodiava dizendo: “Que a minha oração, Senhor, seja levada como incenso à tua presença, o erguer das minhas mãos como um sacrifício vespertino.” Ora, uma vez fechada a porta do cárcere, resplandeceu naquele lugar um tão grande esplendor, que os guardas, ao verem aquela luz, acreditaram no Senhor Jesus Cristo. São Cucufate, por certo depois de tantas demonstrações de fé, pôs-se a dar graças a Deus, dizendo: “Sacia, Cristo, as almas dos que têm fome e sede do poder restabelecendor do teu sangue.” Enquanto o santo mártir dizia estas coisas em oração, Maximiano expediu os soldados e mandou que o servo de Deus fosse trazido à sua presença. Quando ele lhe foi apresentado, interrogou-o dizendo: “Ainda persistes nessa tua loucura com que começaste? Não voltarás à tua sanidade mental?” São Cucufate respondeu: “A loucura apoderou-se de ti, que cumpres as ordens do teu pai, o

diabo, e recusas reconhecer quem é o verdadeiro Deus. E por isso fazes perecer contigo também esta multidão que junto de ti congregaste.

11. Maximiano recebeu muito mal esta resposta, e disse: “Dilacerai-o com cardas de ferro e de couro, para que a sua carne seja destruída.” Enquanto o servo do Senhor estava a ser dilacerado, olhou para o céu num grande pranto e disse: “Dou graças a ti, Jesus Cristo, meu Senhor onnipotente, pois a tua graça aproximou-se de mim. Ouve as preces do teu servo e confunde este impiíssimo Maximiano, para que todos aqueles que acreditam que és Tu o Deus verdadeiro vejam os teus milagres e sejam fortalecidos na sua fé.” Quando completou a oração, ouviu-se uma voz do céu que disse: “O que quer que tu pedires ser-te-á dado de acordo com a tua fé.” E ao ouvir isto, o santo mártir de Deus começou a orar dizendo: “Confirma, Deus, aquilo que operaste em nós. Fortifica o meu coração e concede força ao teu servo para resistir a todos os dardos do iniquíssimo inimigo, pois eu reconheço-te como Deus verdadeiro. Senhor, se, pelo teu justo parecer, ele não pode ser convertido para que seja salvo, faz com que o tirano Maximiano seja rapidamente aniquilado juntamente com os seus ídolos e com o seu pai, o diabo.

12. Por fim, Maximiano ordenara que os altares fossem preparados, para oferecer com os sacerdotes sacrifícios aos ídolos. E subindo para um carro e dirigindo-se nele para o meio do fórum, por vontade divina caiu por terra, rebentou miseravelmente e assim morreu. Também os ídolos aos quais persistia em ir imolar desabaram e foram reduzidos a pó. Então, todo o povo, num clamor quase intolerável, começou a gritar e a dizer em adoração: “Grande é o Deus de Cucufate, o Deus verdadeiro de todos os cristãos e seu poderosíssimo libertador.” Com efeito, São Cucufate principiou a dizer assim: “A ti o louvor, Senhor meu Deus, Jesus Cristo, a ti a glória, a ti é devida toda a honra e adoração; a ti, Deus onnipotente, ofereço acções de graças e glorifico-te no meu íntimo e em público, Tu que destróis os incrédulos e glorificas os que te amam.”

13. Então, Rufino, que parecia governar a cidade, pôs-se a persuadir o povo dizendo: “Porque sois pérfidos e degenerais do culto paterno e desonrais os vossos antepassados desertando dos deuses magnos, e adorais quem não conheceis?” Todos responderam, dizendo: “Porque nos exortas a servir aqueles que não são deuses, mas obras das mãos dos homens? Com efeito, é preciso que acreditemos, adorando-o, naquele que São Cucufate adora e proclama.” Mas Rufino, perturbado pela demência do diabo, disse

assim ao santíssimo Cucufate: “Iniquíssimo, porque fazes esta tão grande multidão blasfemar contra os deuses magnos e proclamar aquele cujo nome nem sei, a quem chamam Cristo?” São Cucufate redarguiu-lhe dizendo: “Nós proclamamos e adoramos o Deus vivo e imortal. Vós, porém, adorais aqueles que não têm ouvidos nem voz, com os quais estais condenados no juízo sempiterno.”

14. Ouvindo estas coisas, Rufino disse aos carrascos: “A menos que punamos este rebelde com o gládio, não o poderemos vencer de nenhuma maneira.” E pronunciou a sentença, dizendo: “Ordenamos que Cucufate, que se rebelou contra os nossos príncipes e desdenhou sacrificar aos deuses magnos, seja trespassado pelo gládio.” Tendo recebido a sentença, os carrascos, atirando-o para fora da cidade, conduziram-no ao lugar a que chamam Optiano, a oito milhas da cidade, para que, de acordo com a ordem do governador, ali o degolassem. Mas São Cucufate pediu-lhes que lhe concedessem um momento para rezar. Como os carrascos lhe consentissem o que pedira, ele prostrou-se por terra e rezou, dizendo: “Deus onipotente, Senhor Jesus Cristo, que fizeste todas as coisas com o teu poder e reinas com o Pai na unidade do Espírito Santo, tem misericórdia de mim, teu servo, e recebe a minha alma em paz, sabendo que te desejei com todo o meu coração.” E quando completou a oração, os carrascos deceparam-lhe a cabeça.

15. Mas os cristãos furtaram o corpo dele e, depois de lhe aplicarem unguentos perfumados, sepultaram-no com a devida veneração no oitavo dia das calendas de Agosto. E no lugar da sua sepultura, o poder do Nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio do seu santo mártir, ouve com benevolência aqueles que pedem e concede a concretização dos pedidos piedosos, para louvor e glória do seu nome. Ele que vive e reina com o Pai e com o Espírito Santo, Deus para todos os séculos dos séculos. *Ámen.*

11. *TRANSLATIONES*: TEXTO CRÍTICO

Sigla

- F1 Orléans, Bibliothèque Municipale, 331 (280), (séc. X²-XI)
- Ca Cambrai, Bibliothèque Municipale, 863-864 (767) (1076-1092)
- B3 Bruxelles, Bibliothèque Royale, lat. 18018 (séc. XII)
- Ch Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 16734 (séc. XII *ex.*)
- Cl Montpellier, BU Médecine, H 001, t. IV (séc. XII ³/₄)
- P3 Paris, BNF, lat. 17005 (séc. XII ³/₄)
- R Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 11758 (séc. XIII)

Translatio breuior

Qui passus est quidem in Hispania, sed post multum tempus, Deo disponente, sanctum corpus eius in pagum Parisiacensem translatum apud beatorum martyrum Dionisii, Rustici et Eleutherii coenobium debito cum honore est reconditum.

1 hispania *Ch Cl P3* || sanctum *om. Ca* 2 martirum *B3 Ch* 3 conditum *P3 R* || *add.*
regnante domino nostro ihesu christo qui uiuit et regnat in secula seculorum amen *Ch Cl P3 R*

Sigla

- Ma Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 11884 (séc. XI)
Pa Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 15437 (séc. XI)
Co Le Mans, Bibliothèque Municipale, 227 (séc. XI *ex.*)
A Angers, Bibliothèque Municipale, 806 (722) (s. XII)
P2 Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 5323 (séc. XII *med.*)
B1 Bruxelles, Bibliothèque Royale, lat. II 1181 (3303) (Phillips 12461), (séc. XII¹)

Translatio longior

Passus est autem beatissimus Cucufas gloriosa confessione Christi nominis et
sepultus apud Barcinonam, ut diximus, octauo kalendas augustas. Indeque
translatum est honorabile corpus ipsius a Fulrado, reuerentissimo et religioso
abbate coenobii sanctorum martyrum Dionisii preciosissimi Rustici et Eleutherii,
5 quarto decimo kalendas martias, in cellam eiusdem cenobii quam idem Fulradus in
suo proprio munificentia diuae memoriae domni Karoli imperatoris construxit et
patrono suo gloriosissimo Dionisio tradidit, quae sita est in saltu Vosagi et
appellatur Lebraha. Quo tempore in modico inhumatum ut allatum fuerat iacens
expeditiore consilio religiosi patris atque praefati monasterii abbatis Hilduini
10 sollerti studio et deuotissimo desiderio Dei et Sanctorum ut erat amator et cultor, in
cripta ante pedes ipsius beatissimi Dionisii sociorumque eius, quam idem
Hilduinus in honore Dei et sanctae atque incontaminatae genetricis eius
sanctorumque omnium aedificauit anno incarnationis dominicae octingentesimo
tricesimo quinto, die autem octauo decimo kalendarum septembrium ueneratur
15 humatum.

1 beatissimus autem *transp. A* || cucufas *BI* 2 augusti *Pa Co A P2* 4 abate *Pa* ||
 Λ YONISII *BI* || preciosi *Pa*, preciosissimi *om. Co A P2* 4 marci *Co A P2* || *post martias des.*
BI excisso folio 6 munificentia] magnificencia *Pa* || *add. magni post Karoli Co A P2*
7 glorioso *Pa* || *add. martyri post Dionisio Co A P2* || quae] quo *Ma* || uosagy *P2* || ebraha *Ma*,
libraha *Pa* || in] non *Co A P2* 9 expeditiori] prudentiori *Co A P2* 11 beatissimi *om. Pa*
12 honorem *Co A P2* || atque incontaminatae *om. Co A P2* || incontaminatae] intemerata *Pa* ||
add. dei supra lin. post sanctae P2 || eius] mariae *Co A P2* 13 *add. ab post anno Ma Pa^{a.c.}* ||
nongentesimuo *Ma* 14 kalendas septembris *Co A P2*

12. TRANSLADAÇÕES: TRADUÇÃO

Transladação Breve

Ele sofreu o martírio na Hispânia, mas, muito tempo depois, por disposição de Deus, o seu corpo foi transladado para o burgo parisiense e sepultado, com a honra devida, no mosteiro dos bem-aventurados mártires Dionísio, Rústico e Eleutério.

Transladação longa

O muito bem-aventurado Cucufate sofreu o martírio na gloriosa confissão do nome de Cristo e foi sepultado em Barcelona, como dissemos, no oitavo dia das calendas de Agosto. Daí foi transladado por Fulrado – reverentíssimo e devoto abade do mosteiro dos santos mártires Dionísio valorosíssimo, Rústico e Eleutério –, no décimo quarto dia das calendas de Março, para a capela daquele mosteiro que o mesmo Fulrado construiu na sua propriedade e entregou ao seu gloriosíssimo patrono Dionísio, com a munificência do imperador Carlos, senhor de divina memória, a qual fica no vale dos Vosges e se chama Lièpvre. Ali jazeu por pouco tempo, tendo sido sepultado quando para ali o trouxeram. Por mais expedita decisão de Hilduíno, padre devoto e abade do mosteiro já referido – e pelo seu zelo sagaz e desejo de Deus, e porque adorava e cultuava os santos –, foi sepultado no décimo oitavo dia das calendas de Setembro do octingentésimo trigésimo quinto ano da incarnação do Senhor, aos pés do próprio muito bem-aventurado Dionísio e dos seus companheiros, na cripta que o mesmo Hilduíno erigiu em honra de Deus, da sua santa e incontaminada mãe e de todos os santos, onde é venerado.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

AYUSO MARAZUELA, T., *La Vetus Latina Hispana, V: El Salterio*, 1962.

BASTIAENSEN, A. A. R. et al. 1987. *Atti e passioni dei martiri*. Milão, Fondazione Lorenzo Valla / Arnoldo Mondadori Editore, 1987.

Chartes originales antérieures à 1121 conservées en France, Cédric GIRAUD, Jean-Baptiste RENAULT et Benoît-Michel TOCK, eds., Nancy : Centre de Médiévistique Jean Schneider; edição electrónica : Orléans : Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, 2010. (Telma).

CUNNINGHAM M. P., *Prudentius Carmina*, Corpus Christianorum Series Latina 167, Turnhout, 1966.

DUBOIS, J., RENAUD, G., *Le Martyrologe d'Adon, ses deux familles, ses deux recensions*, Paris, CNRS, 1984.

FÁBREGA GRAU, A., *Pasionário Hispánico (siglos VII-XI)*, 2 vol., Madrid-Barcelona, CSIC, 1953-1955.

FALQUE, E. (ed.), *Historia Compostellana*, Emma Falque, Turnhout, 1988.

HELM, R., *Die Chronik des Hieronymus. Hieronymi Chronicon, 3, Eusebius Werke, VII*, Berlim, Akademie -Verlag, 1984 (Die Griechischen Christlichen Schriftsteller der Ersten Jahrhunderte 33).

HESBERT, R. J., *Corpus antiphonalium officii*, I-VI (= *Rerum ecclesiasticarum documenta*, Fontes VII-XI), Roma, 1963-1975.

MANFREDONIA, R., D'ANGELO, E. (eds.), *La Passione di Felice martire, vescovo di Nola (BHL 2869)*, Florença, SISMEL: Edizioni del Galluzzo, 2013.

MARTÍN, J. C., “Dos versiones inéditas de la *Passio S. Zoili* (BHL 9022) y la inventio S. Zoili (BHL 9024d) em manuscritos de origen leonés”, *Habis*, 44, 2013, pp. 305-322.

NASCIMENTO, Aires A., FERNÁNDEZ CATÓN, José M. (eds.), *Liber testamentorum coenobii laurbanensis (estudios)*, León, Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro», 2008 (= col. *Fuentes y estudios de historia leonesa*, nº. 125).

Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores, I, Lisboa, 1856.

QUENTIN, H., *Les martyrologes historiques du Moyen age*, Paris, 1908.

RIESCO CHUECA, P., *Pasionário Hispánico*, Sevilla, 1995.

RODRIGUES, MANUEL AUGUSTO, *Livro Preto: Cartulário da Sé de Coimbra*, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1999.

SAXER, V., *Saint Vincent, diacre et martyr. Culte et legendes avant l'An Mil*, Bruxelles, 2002 (Subsidia hagiographica 83).

RUINART, T., *Acta martyrum*, Regensburg, 1859.

TESSIER, G., *Recueil des Actes de Charles II le Chauve*, t. 2, Paris, 1952a.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

AINAUD DE LASARTE, J., *Supervivencias del Pasionario Hispánico en Cataluña*, in *Analecta Sacra Tarraconensia*, 28, 1995, pp. 11-24.

- “Moissac et les monastères catalans, de la fin du X^e au début du XII^e siècle”, in *Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France*

méridionale, Tomo 75, nº 64, 1963, Actes du colloque international de Moissac (3-5 mai 1963), pp. 545-549.

ALARCÃO, Jorge de, *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Coimbra, 2008.

ALARCÃO, J., ETIENNE, R., MAYET, F., “Os monumentos cristãos da villa de S. Cucufate”, IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica, Lisboa, 1992, Barcelona, 1995, pp. 383-387.

ALMODÓVAR CHAPARRO, G., “Un pasionario protogótico en la Biblioteca Nacional de España: breve aproximación al estudio del ms. 1547”, in *Funciones y Prácticas de la Escritura. I Congreso de Investigadores Noveles en Ciencias Documentales*, Juana Carlos Galende Díaz (coord.), Madrid, 2013, pp. 9-12.

ARTIGUES, P. L., BLASCO, M., RIU-BARRERA, E. e SARDÁ, M., “La fortaleza romana, la basílica i el monestir de Sant Cugat del Vallès o d’Octavià (Cataluña). Les excavacions de 1993-1994, *Annals de l’Institut d’Estudis Gironins* 37, *Hispania i Roma. D’August a Carlmay. Congrès d’Homenatge al Dr. Pere de Palol*, Girona, pp. 1081-1115.

BARRAL I ALTET, Xavier, “La basilique paléochrétienne et visigothique de Sant Cugat del Vallès (Barcelone). Dossier archéologique et essai d’interprétation.”, *Mélanges de l’Ecole française de Rome. Antiquité*, t. 86, nº 2, 1974, pp. 891-928.

BELTRÁN DE HEREDIA, J., “La cristianización del suburbium de Barcino, in D. Vaquerizo (ed.), *Las áreas suburbanas en la ciudad histórica. Topografía, usos, función*, Monografías de Arqueología Cordobesa 18, Grupo de investigación Sísifo de la Universidad de Córdoba, Córdoba, 2010, pp.363-395.

BISCHOFF, Bernhard, *Katalog der festländischen Handschriften des neunten Jahrhunderts (mit Ausnahme der wisigotischen). I. Aachen-Lambach*, Wiesbaden, 1998.

- *Katalog der festländischen Handschriften des neunten Jahrhunderts (mit Ausnahme der wisigotischen). II. Laon-Paderborn*, Wiesbaden, 2004.

- *Katalog der festländischen Handschriften des neunten Jahrhunderts (mit Ausnahme der wisigotischen)*. III. Padua-Zwickau, ed. Birgit Ebersperger, Wiesbaden, 2014.

BORDERS, J. B., "A Frankish Bishop's Book in the Verona Capitular Library: Cod. LXXXVIII and its Context", in *Music from the Middle Ages through the Twentieth Century – Essays in Honor of Gwynn McPeck*, Comberiati, P. C, Steel, M. C. (eds.), 1988, pp. 3-20.

BRATOŽ, Rajko, "Christenverfolgung in den Donau- und Balkanprovinzen", in *Diokletian und die Tetrarchie. Aspekte einer Zeitwende*. Alexander Demandt, Andreas Goltz e Heinrich Schlange-Schöningen (ed.), Berlin – New York, 2004, pp. 115-140.

CAHN, W., *Romanesque Manuscripts, The Twelfth Century*, vol. 2, Harvey Miller, London, 1996.

Catalogus codicum hagiographicorum latinorum antiquiorum saeculo XVI qui asservantur in Bibliotheca Nationali Parisiensi, vol. 3, 1893.

Catalogus codicum hagiographicorum latinorum antiquiorum saeculo XVI qui asservantur in Bibliotheca Nationali Parisiensi, vol. 1, 1889.

Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements, t. XXXI, Paris, 1898.

Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements, Série in-8°, t. XX, Paris, 1893.

Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements, Série in-4°, t. VI, Paris, 1878.

Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements, Série in-4°, t. III, Paris, 1861.

CHIESA, P., CASTALDI, L. (eds.), *La trasmissione dei testi latini del Medioevo / Mediaeval Latin Texts and their Transmission. Te.Tra. 4*, Florença, SISMEL: Edizioni del Galluzzo, 2012.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C, “Consideraciones sobre el Oracional Visigótico de Verona”, *Petrarca, Verona e l’Europa. Atti del Convegno internazionale di studi (Verona, 19-23 sett. 1991)*, G. Billanovich - G. Frasso (eds.), Padova, 1997, pp. 13-29.

- *Códices Visigóticos en la Monarquía Leonesa. Fuentes y Estudios de Historia Leonesa*, 31, León, 1983.

- *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*, Vol. I, Salamanca, 1958.

- “Correcciones y conjeturas al Pasionário Hispánico”, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 63, 1957, pp. 453-465.

DOLBEAU, F., “Recherches sur les oeuvres littéraires du pape Gélase II. A. Une vie inédite de Grégoire de Nanzianze (BHL 3668d), attribuée à Jean de Gaète”, *Analecta Bollandiana*, 107, 1989, pp. 65-127.

- “Anciens possesseurs des manuscrits hagiographiques latins conservés à la Bibliothèque nationale de Paris.”, *Revue d’histoire des textes*, 9, 1979, pp. 183-238.

- “Notes sur la genèse et sur la diffusion du *Liber de Natalitiis*”, in *Revue d’histoire des textes*, t. 6, 1976, pp. 143-195.

DUFOUR, J., *La bibliothèque et le scriptorium de Moissac*, Genebra – Paris, Librairie Droz, 1972.

FERNANDES, Hermenegildo, *Entre Mouros e Cristãos. A sociedade de fronteira no sudoeste peninsular interior (séculos XII-XIII)*, Universidade de Lisboa, 2009.

FIALON, S., MEYERS J. (eds.), *La Passio sanctae Salsae (BHL 7467). Recherches sur une passion tardive d'Afrique du Nord*, Ausonius Scripta Antiqua 72, Bordeaux, 2015.

FLÓREZ, H., *España Sagrada*, t. XXIX, Madrid, 1775.

- *España Sagrada*, t. XV, Madrid, 1759.

GAIFFIER, B. de, "Relations religieuses de l'Espagne avec le Nord de la France. Transferts de reliques (VIII^e-XII^e), in *Recherches d'hagiographie latine*, Bruxelles, 1971, pp. 8-11.

GAIFFIER, B. de, "Sub Daciano Praeside: étude de quelques passions espagnoles", *Analecta Bollandiana* 72, 1954, pp. 379-396.

GARCÍA RODRÍGUEZ, C., *El culto de los santos en la España Romana y Visigoda*, Madrid, 1966.

GOULLET, M., *Ecriture et réécriture hagiographiques. Essai sur les Vies de saints dans l'Occident medieval*, Brepols, 2005.

- "Vers une typologie des réécritures hagiographiques, à partir de quelques exemples du Nord-Est de la France", in *La réécriture hagiographique dans l'Occident médiéval: transformations formelles et idéologiques*, Goulet; Heinzelmann (ed.), Stuttgart, 2003 (Beihefte der Francia, 58), pp. 109-143

GUERREIRO, R., "Le rayonnement de l'hagiographie hispanique en Gaule pendant le haut Moyen Âge: circulation et diffusion des Passions hispaniques", *L'Europe héritière de l'Espagne wisigothique*, Madrid, 1992, pp. 137-157.

Inventario general de manuscritos de la Biblioteca Nacional, vol. 4: 1101 a 1598, Madrid, 1958.

JANINI, J., GONZÁLVEZ, R. (con la colaboración de A. M. Mundo), *Catálogo de los manuscritos litúrgicos de la Catedral de Toledo* (= *Publicaciones del Instituto*

Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos. Serie Tercera. Estudios, Catálogos, Repertorios, 11), Toledo, 1977.

JANINI, J., SERRANO, J., *Manuscritos Litúrgicos de la Biblioteca Nacional*, Madrid, 1969.

JÁRREGA, R., “Transformaciones urbanísticas a las ciutats de la costa central catalana durant l’Antiguitat Tardana”, VI Reunión de Arqueología Cristiana Hispánica (Valencia, 2003), Barcelona, 2005, pp. 153-159.

JUNYENT E., *Diplomataris i escrits literaris de l’abat i bisbe Oliba*, Anscari M. Mundó (ed.), Institut d’Estudis Catalans, Barcelona, 1992.

LANÉRY, C., “La tradition manuscrite de la *Passio S. Sebastiani* (Arnohe le Jeune, *BHL* 7543), *Revue d’histoire des textes*, t. VII, 2012, pp. 37-116.

LEVISON, W., “Conspectus Codicum Hagiographicorum”, *MGH, Script. rer. Meroving.* 7, Hanover-Leipzig, 1920, pp. 529-706.

LIEBMAN, Ch. J., *Étude sur la Vie en Prose de Saint Denis*, Nova Iorque, 1942.

LOBRICHON, G., "Le dossier magdalénien aux XIe-XIIe siècles. Edition de trois pièces majeures", *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire des Ecoles Françaises de Rome. Moyen-Age*, 104/1, 1992, pp. 163-180.

MARTÍN, J. C., “Códices hagiográficos latinos de origen hispánico de los siglos IX-XIV, con un apéndice sobre el siglo XV. Ensayo de inventario.”, *Analecta Bollandiana*, 127, nº 2, 2009, pp. 303-363.

MEERSSEMAN, G. G., *Les capitules du diurnal de Saint-Denis (Cod. Verona cap. LXXXVIII, saec. IX)*, Spicilegium Friburgense 30, Fribourg, 1986.

MILLARES CARLO, A. et al. (eds), *Corpus de Códices Visigóticos, 1: Estudio*, Las Palmas, 1999.

MOLINIER, A., *Catalogue général des bibliothèques publiques de France. Départements*, t. XVII, Cambrai, Paris, 1891.

MULON, Y., “Les voyages de saint Cucufat: Espagne, Alsace, Ile-de-France”, in *Actes du 92^e congrès national des sociétés savantes*. Strasbourg e Colmar, 1967, pp. 233-244.

MUZERELLE, D.; GRAND, G., collab., LANOE, G., collab, PEYRAFORT-HUIN, M., collab., *Manuscrits datés des bibliothèques de France, Cambrai*, Paris, CNRS, 2000 (Catalogue des manuscrits dates, France, 1).

NASCIMENTO, AIRES A., “Um novo testemunho do Passionário Hispânico: um códice lorvanense da primeira metade do século XII (Lisboa, ANTT, Lorvão, C. F. Livr. 16)”, in Manuela Domínguez García et al (ed.), *Sub luce forentis calami – Homenaje a Manuel C. Díaz y Díaz*, Santiago de Compostela, 2002, p. 452-477.

Ó RIAIN, D., “The *Magnum Legendarium Austriacum*: A New Investigation of One of Medieval Europe’s Richest Hagiographical Collections”, *Analecta Bollandiana* 133, 2015, pp. 87-165.

PARDO I SABARTÉSPÉREZ DE URBEL, J., M., *Mensa episcopal de Barcelona (878-1299)*, Barcelona, Fundació Noguera, 1994.

PÉREZ DE URBEL, J., “Origen de los himnos mozárabes”, *Bulletin Hispanique*, 28, 1926, pp. 204-245.

PONCELET, A., “De magno legendario austriaco”, *Analecta Bollandiana* 17, 1898, pp. 24-96.

PORTELA SILVA, E., “La piedad impía: Sobre el uso político del culto a las reliquias”, in Carlos Guardado da Silva (coord.), *O Imaginário Medieval*, Turres Veteras XVI, Torres Vedras, 2014, pp. 101-107.

POULIN, J-C., *L’hagiographie bretonne du Haut Moyen Age. Répertoire raisonné*, Beihefte der Francia 69, Ostfildern (Thorbecke) 2009.

RIUS, José, *Cartulario de "San Cugat" del Vallés*, t. I, Barcelona, 1945.

SAMARAN, C., MARICHAL, R., *Catalogue des manuscrits en écriture latine portant des indications de date, de lieu ou de copiste. Tome VII. Ouest de la France et pays de Loire*, vol. 7, 1985.

SAXER, V., "Les notices hispaniques du martyrologe hiéronymien: première approche et bilan provisoire.", in *Spania. Estudis d'antiguitat tardana oferts en homenatge al professor Pere de Palol i Palells*, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 12, Barcelona, 1996, pp. 235-242.

SAXER, V., "Archéologie et hagiographie à propôs des martyrs de la Tarraconaise inscrits dans le Martyrologe Hiéronymien", in *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. Maó, 12-17 de setembre de 1988*, Institut d'Estudis Catalans, Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica II, Barcelona, 1994, pp. 453-462.

SCHREIBER, Georg, "Katalanische Motive in der deutschen Volksfrömmigkeit", in *AST* 12, 1936, pp. 85-112.

STAATS, S., "A partial reconstruction of Saint-Bertin's late-eleventh-century legendary: Saint-Omer, 715, vol. 1 and its *membra disiecta*", *Scriptorium*, 52, 1998, 2, pp. 349-364.

STOCLET, A., *Autour de Fulrad de Saint-Denis (v. 710-784)*, Genebra, Librairie Droz, 1993 (*École Pratique des Hautes Études. Sciences historiques et philologiques*, V. *Hautes études médiévales et modernes*, 72).

VAN DEN GHEYN, J., *Catalogue des manuscrits de la Bibliothèque royale de Belgique*, t. V, 1905.

VAN UYTFANGHE, M., "La formation du langage hagiographique en Occident latin", *Cassiodorus*, 5, 1999, pp. 73-113.

- “Le culte des saints et l’hagiographie face à l’Écriture: les avatars d’une relation ambiguë”, *Santi e demoni nell’alto medioevo occidentale (secoli V-XI)*, Settimani di studio XXXVI, Spoleto, 1989, pp. 156-202.

VERRANDO, G. N., “*Passio SS. Xysti Laurentii et Yppoliti*. La trasmissione manoscritta delle varie recensioni della cosiddetta *Passio vetus*”, *Recherches Augustiniennes* 25, 1991, pp. 181-221.

VÉZIN, J., “Les relations entre Saint-Denis et d’autres *scriptoria* pendant le haut Moyen Âge”, *The Role of the Book in medieval Culture*, P. Ganz (ed.), I, Turnhout, 1986, pp. 17--39.

VIVANCOS GÓMEZ, M. C., “El oracional visigótico de Verona: notas codicológicas y paleográficas”, *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios Latinos*, 26, nº 2, 2006, pp. 121-144.

INDEX LOCORUM SACRAE SCRIPTURAE

Gn 1, 16	149	140, 2	83
2, 7	151	145, 6	80
Ex 20, 11	45, 80	Sap 19, 8	78
Dt 4, 28	79	Is 45, 6	115, 153
4, 29	49		
7, 4	86	Ier 15, 21	129
I Par 16, 36	152	Dn 3	156
		3, 44	78
II Par 6, 21	84	9, 17	84
		14, 4	79
Ps 16, 1	155		
49, 23	146	Mt 5, 15	150
64, 7	80	7, 7	84
65, 12	70, 82	13, 45	106
67, 29	84	18, 19	147
67, 36	146	19, 26	148
73, 17	79	21, 15	78
76, 15	115, 153	22, 21	84
83, 18	78		
88, 12	151	Mc 9, 22	148
101, 13	79	11, 24	84
106, 5	83		
106, 9-10	83	Lc 8, 16-17	150
113, 12-15	49, 79	18, 43	79
113, 16	78, 118, 155	24, 46	82
125, 5	149		

Io 1, 5	150
4, 42	79
8, 12	150
17, 3	84
19, 9	27, 42
Act 1, 18	49, 85
4, 24	45, 80
12, 6-7	40
12, 6-10	59
12, 17	116, 153
14, 15	45
20, 20	149
Rm 10, 8-10	118, 154
Eph 6, 16	84
I Io 5, 20	84

INDEX LOCORUM

Agostinho		
<i>conf.</i> 1.3.3		152
<i>Annales Mettenses Priores</i> , A. 752		18
Bernardo de Coimbra		
<i>Vita S. Geraldi</i> , 5		72
<i>Confessio S. Leocadiae</i> , 3		34
4		101
Euquério de Lyon		
<i>Passio Acaunensium martyrum</i> , 13		14-15
<i>Historia Compostellana</i> , I. 15		25
Jerónimo		
<i>chron.</i> A. 308		35
Lactâncio		
<i>De mortibus persecutorum</i> , 33		49
<i>Passio SS. Adriani atque Nataliae et comitum</i> , 3		47
4		42, 43, 49, 81
6		43, 44, 81
7		46, 81, 84
9		45, 46, 81, 83, 84
17		47
19		44
21		45-46, 83
22		43, 46, 81, 84
23		46, 78
<i>Passio SS. Apostolorum Petri et Paulo</i> , 31		48
 <i>Passio S. Columbae</i> , 6		 78
7		51, 78
7-8		87
8		51
<i>Passio SS. Cosmae et Damiani</i> , 2		34
3		42
<i>Passio S. Christophori et comitum</i> , 28		43
31		52, 87

	33		52, 87
<i>Passio S. Erasmi</i> , 8-9			35
<i>Passio S. Eugeniae et comitum</i> , 8			121
<i>Passio S. Eulalia Barcinonensis</i> , 2			101
	5		39
	13		41
<i>Passio S. Eulalia Emeritensis</i> , 7			34, 101
	8		39, 66
<i>Passio S. Euphemiae</i> , 11			121
<i>Passio SS. Facundi et Primitivi</i> , 5			42
<i>Passio S. Felicis Gerundensis</i> , 1			103, 149
	1-2		148
	2	34, 38, 101, 102, 103, 104, 148	
	3	38-39, 103, 105, 148	
	3-4		77
	4	66, 102, 106-107, 108, 149, 150	
	5		107
	6	39, 106, 107, 108	
	7		77, 106
	8		83, 101
	10		41-42, 66, 81
	11		39
	12		39
	16	40, 44, 50, 79, 80, 83	
	19		39, 66, 82
<i>Passio S. Felicis Nolani</i> , 13			121
<i>Passio Innumerabilium Caesaragustanorum</i> , 4			34
<i>Passio SS. Iuliani atque Basilissae et comitum</i> , 13			34
	35-36		41
	52		39
	61		39, 70
	63		49
<i>Passio SS. Iustae et Rufinae</i> , 1			50
<i>Passio S. Quirini</i> , 1			35
<i>Passio S. Romani et comitum</i> , 2			34
	3		46

	8	46
<i>Passio S. Sebastiani et comitum</i> , 2		34
	3	39
	61	41
	80	104, 149
	104	63
<i>Passio SS. Syriaci et Paulae</i> , 4		43
Tertuliano		
<i>Ad mart.</i> 2, 4		40
<i>Passio S. Theodosiae</i> , 2		34
<i>Passio S. Thyrsi et comitum</i> , 11		41
	12	39
	35	80
	45	49
	51	42
	55	49
	63	39
	66	49
	67	39
<i>Passio SS. Valeriani, Tiburtii, Maximi et Ceciliae</i> , 43		41
<i>Passio S. Vincentii</i> , 4		41, 83
	11	41
	12	42
	13	41, 81
	17	42
	18-19	41
<i>Passio SS. Vincenti, Sabinae et Christetae</i> , 3		34
<i>Passio SS. Xysti, Laurentii et Hippolyti</i> , 2		50
	5	50
	8	47, 48, 65, 78, 79, 82
	9	49, 84
	10	49, 85

